

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
DOUTORADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FILOSOFIA, SAÚDE E SOCIEDADE**

SÔNIA LORENA SOEIRO ARGÔLLO FERNANDES

**O QUOTIDIANO COM SEUS LIMITES E FORÇAS PARA O SER
SAUDÁVEL: UM ENCONTRO DA ENFERMAGEM COM A POTÊNCIA
PARA CONTORNAR A VIOLÊNCIA NO DIA-A-DIA**

2007

SÔNIA LORENA SOEIRO ARGÔLLO FERNANDES

**O QUOTIDIANO COM SEUS LIMITES E FORÇAS PARA O SER
SAUDÁVEL: UM ENCONTRO DA ENFERMAGEM COM A POTÊNCIA
PARA CONTORNAR A VIOLÊNCIA NO DIA-A-DIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito final para obtenção do título de Doutor em Enfermagem - Área de Concentração: Filosofia, Saúde e Sociedade.

Linha de Pesquisa: O cotidiano e o imaginário no processo saúde-doença

Orientadora: Dra. Rosane Gonçalves Nitschke

2007

Ficha Catalográfica

F363q Fernandes, Sônia Lorena Soeiro Argôllo
O cotidiano com seus limites e forças para o ser saudável: um encontro da enfermagem com a potência para contornar a violência no dia-a-dia / Sônia Lorena Soeiro Argôllo Fernandes — Florianópolis (SC): UFSC/PEN, 2007.
312 p. il.

Inclui bibliografia.
Possui diagramas.

1. Promoção da Saúde. 2. Enfermagem. 3. Violência. 4. Interacional. I.
Autor.

CDD 21^a ed. – 306.870 981


SÔNIA LORENA SOEIRO ARGÔLLO FERNANDES

O QUOTIDIANO COM SEUS LIMITES E FORÇAS PARA O SER SAUDÁVEL: UM ENCONTRO DA ENFERMAGEM COM A POTÊNCIA PARA CONTORNAR A VIOLÊNCIA NO DIA-A-DIA

Esta TESE foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do Título de:


DOUTOR EM ENFERMAGEM

e aprovada em 19 de abril de 2007, atendendo às normas da legislação vigente da Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Área de Concentração: **Filosofia, Saúde e Sociedade.**

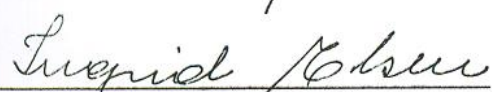


Dra. Marta Lenise do Prado
Coordenadora do Programa

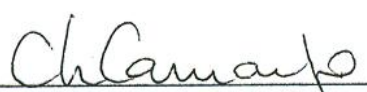
Banca Examinadora:



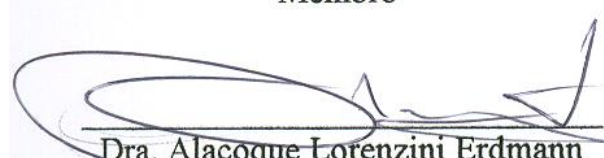
Dra. Rosane Gonçalves Nitschke
- Presidente -




Dra. Ingrid Elsen
- Membro -



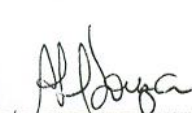
Dra. Climene Laura de Camargo
- Membro -



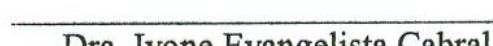
Dra. Alacoque Lorenzini Erdmann
- Membro -



Dra. Jussara Gue Martini
- Membro -



Dra. Ana Izabel Jatobá de Souza
- Suplente -



Dra. Ivone Evangelista Cabral
- Suplente

*Dedico este trabalho à minha família...
Grande incentivadora e alicerce da minha vida...
Adoro vocês!!!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

A **Deus**, que sempre iluminou o meu caminho e me conforta a todo instante.

Ao meu esposo **André**, pelo amor, carinho, companheirismo e incentivo em todos os momentos.

À minha filha **Gabriela**, minha eterna razão de viver.

À minha mãe **D. Sônia**, exemplo de amor, caráter e sabedoria, incentivadora do meu crescimento pessoal e profissional.

Ao meu pai **Zaluar** (*in memoriam*), sei que onde estiver estará torcendo por mim...,

Aos meus irmãos **Paulo, Cristhy e Mayra**, pelo amor e compreensão nas horas ausentes.

Ao meu avô **Aymar** (*in memoriam*) e à minha avó **Marina**, “mãe ao quadrado”, que sempre me deram amor, carinho e incentivo e que, pelos limites do viver humano, não podem “presenciar” a minha eterna gratidão.

Aos **tios e primos**, em especial **tio Luís e tia Neuza**, pelo incentivo e presença constante.

Aos meus **cunhados e cunhadas**, pelo incentivo e admiração.

À minha orientadora, Profa. **Dra. Rosane Gonçalves Nitschke**, “ser de luz”, obrigada pelo carinho, amizade e confiança,

À **Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia**, pelo incentivo e apoio na capacitação docente.

Ao **Programa de Pós-graduação em Enfermagem da UFSC**, pela oportunidade, convivência e oportunidades de aprendizado, em especial à coordenadora Profa. **Dra. Marta Lenise do Prado**.

À **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)** e ao **Programa de Qualificação Institucional (PQI)**, pelo financiamento dos meus estudos neste Doutorado.

Às **pessoas que participaram deste estudo** com tanto carinho, consideração e contribuições.

À Equipe do **NEI ACOLHEDOR**, pelo acolhimento, oportunidade e confiança, em especial **Teka e Márcia**.

À **Carlinha**, bolsista do Projeto NINHO, pela grande ajuda nas transcrições e apoio nas Oficinas.

À **Ana Paula**, pelo apoio nas Oficinas.

A **todas e todos os colegas da Turma de Doutorado 2003 PEN/UFSC**, em especial às amigas **Raimunda, Celina, Gladys, Leonor, Zídia, Edite, Luzia, Eliana, Lourdinha, Jadete, Ana Lúcia, Tânia, Albertina, Giovana, Adriana**, com as quais compartilhei alegrias, ansiedades, amizade e aprendizagem.

A **todos os professores e professoras da Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC**, pelo carinho, apoio e confiança, em especial às Profas. Dras. **Maria Itayra, Marta Prado, Vânia Backes, Alacoque Erdmann, Jussara Martini, Ângela Ghiorzi, Lúcia Takase, Maria do Horto, Marisa Monticelli** e ao Prof. **Tony**, que me receberam de “braços abertos” nessa Ilha da Magia.

A **todos os funcionários e funcionárias da Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC**, pela atenção e disponibilidade, em especial a **Claudia, D. Odete, Sr. Jorge, Diogo e Lidyani**.

Aos **membros da Banca de Qualificação**, Profas. **Dras. Rosane, Ingrid, Alacoque, Jussara**, pelas contribuições e incentivo.

Aos **colegas do NUPEQUIS** – Núcleo de Pesquisa em Enfermagem, Cotidiano, Imaginário e Saúde, pelos maravilhosos momentos de discussão e compartilhamento de experiências profissionais e humanas, que contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional

Aos **membros da Banca de Sustentação de Tese**, pela disponibilidade que demonstraram ao meu convite para análise do relatório final da pesquisa, e pelas contribuições ao seu aprimoramento.

Aos **novos amigos de Floripa, José Pedro e Celina, Cristiane e Paulo, Luana, Cristina e Alexandre, Ieda e Adriano, Helena**, que acolheram a mim, o meu esposo e a minha filha, fazendo-nos sentir “em família”.

Às **colegas da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia**, às colegas do **DECOM - Departamento de Enfermagem Comunitária** e às colegas de disciplina **Climene, Marinalva, Eloína, Maristela e Noélia**, pelo incentivo e apoio.

E a todos que de alguma forma contribuíram para essa fase tão especial da minha vida.

Muito Obrigada!

FERNANDES, Sônia Lorena Soeiro Argôllo. **O cotidiano com seus limites e forças para o ser saudável**: um encontro da enfermagem com a potência para contornar a violência no dia-a-dia, 2007. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 312 p.

Área de Concentração: Filosofia, Saúde e Sociedade

Linha de Pesquisa: O cotidiano e o imaginário no processo saúde-doença

Orientadora: Dra. Rosane Gonçalves Nitschke

RESUMO

Esta tese revela a *compreensão do cotidiano, identificando os limites e as forças para o ser saudável no dia-a-dia, e apreensão do significado da violência que se mostra no cotidiano identificando a potência para contornar a violência na construção do ser saudável*. O encontro teórico-epistemo-metodológico com a Sociologia Compreensiva de Michel Maffesoli permitiu olhar o que de fato “é”, apreendendo o subjacente das aparências expressas na singularidade e profundidade do cotidiano, pela razão sensível. Realizou-se um estudo descritivo com abordagem qualitativa, do qual participaram 44 pessoas, entre funcionários, familiares de alunos, estudantes de enfermagem e pesquisadores vinculados a um Núcleo de Educação Infantil de Florianópolis, por meio de entrevista e Oficinas de Criatividade e Sensibilidade, no período de julho a dezembro de 2005. Os dados foram agrupados em classes e ligações-chaves formando duas conjunções “**O Cotidiano que se mostra para algumas pessoas**”, envolvendo *o cotidiano contemporâneo; os limites e as forças do cotidiano* e “**Mergulhando no cotidiano de algumas pessoas e encontrando a violência**”, integrando *as violências que se mostram no cotidiano e as forças para contorná-las*. O tipo, ritmo, local e com quem se trabalha, além da satisfação e o reconhecimento deste; o lazer; a vivência da maternidade; problemas de saúde pessoal e familiar; superação dos desafios da vida; satisfação na vida profissional e familiar e a maneira de cuidar de si e do outro revelam a dimensão singular e estética do cotidiano. Os **limites do cotidiano** são: saudade dos amigos e familiares; problemas de saúde pessoal e familiar; dificuldades na relação familiar e profissional; falta de organização para cuidar de si e dos outros; sobrecarga de trabalho e pressão institucional. **As forças que se mostraram são**: persistência; força de vontade; fé; esperança; conhecimento da doença ou alteração de saúde individual e familiar; redes familiares e sociais. A **violência no cotidiano mostra-se** com tudo e com todos; estando em todo lugar; banalizada e relacionada ao poder; sendo enfrentada com deficiência pela sociedade... É polimorfa e cíclica; trazendo conseqüências para a saúde. As **forças para contornar a violência** revelam: entender para melhorar; evitar ler e ouvir sobre a violência; falar da violência; o cuidado; força em Deus, fé e esperança; não reproduzir violência; ter otimismo e determinação; amar e perdoar; família e amigos; manter a paz e cultivar a felicidade; ser otimista; diminuir o ritmo de vida; desenvolver redes familiares e sociais. Destaca-se a **importância em mergulhar no cotidiano, considerando os limites e as forças das pessoas. Este revela micro violências que colocam em risco o processo de viver e ser saudável. A significação da violência no cotidiano, por si só, mostra a força das pessoas**

para o reconhecimento, compreensão e criação de possibilidades para contornar esta violência, tornando o cotidiano mais saudável. O conhecimento aqui produzido poderá ser utilizado pela enfermagem e outras áreas no cuidado às pessoas, reforçando a necessidade de criação de espaços para a reflexão sobre o seu cotidiano, buscando sua potência que contorna limites e a construção de maneiras de viver saudável no dia-a-dia.

Palavras-Chave: Cotidiano e Processo Saúde-Doença; Limites e Forças na Promoção do Ser Saudável; Potência Social e Promoção da Saúde; Prevenção da Violência; Enfermagem; Sociologia Compreensiva de Michel Maffesoli

FERNANDES, Sônia Lorena Soeiro Argôllo. **The day-to-day with its limits and forces for the healthy being**: a meeting of nursing with the power to skirt the day-to-day violence. 2007. Thesis (Doctorate in Nursing) – Postgraduate Nursing Course, Federal University of Santa Catarina, Florianópolis. 312 p.

ABSTRACT

This thesis discloses the understanding of the day-to-day, identifying the limits and the forces for a healthy day-to-day, and learning the meaning of violence that shows itself daily, identifying the power to skirt violence in the construction of a healthy being. The meeting of the theoretical-epistemo-methodological with the Comprehensive Sociology of Michel Maffesoli permitted a look at what in fact “is”, identifying the underlying appearances expressed in the singularity and profoundness of the day-to-day, through sensible reason. A descriptive study with qualitative approach, in which 44 individuals among them employees, nursing students and their relatives and researchers connected to the Nucleus of Child Education of Florianópolis, through interviews and Creativity and Sensibility Workshops, in the period from July to December 2005 was conducted. The data were grouped in classes and key links forming two conjunctions “**the day-to-day that appears to some people**”, involving the contemporary day-to-day; the limits and the forces of the day-to-day and “**Entering into the day-to-day of some individuals and finding the violence**”, integrating the violence that is seen in the day-to-day and the forces to skirt it. The type, rhythm, place and with whom one works, in addition to the satisfaction and the recognition thereof; the leisure; the experience of maternity; problems of personal and family health; overcoming of the life’s challenges; satisfaction in professional and family life and the manner of caring for oneself and others reveals the singular and aesthetic dimension of the day-to-day. The **limits of the day-to-day** are: homesickness for friends and family; problems of personal and family health; difficulties in family and professional relationships; lack of organization to care for oneself and others; work overload and institutional pressure. **The forces that showed themselves are**: persistence; willpower; faith; hope; knowledge of the illness or alteration of personal and family health; family and social links. The **violence in the day-to-day shows itself** in full force and to all; present in all places; commonplace and related to power; faced ineffectively by society... it is polymorphic and cyclical; bringing consequences to health. The **forces to skirt the violence** reveal: understand to improve; avoid reading and hearing about violence; to speak of violence; caution; force in God, faith and hope; do not reproduce violence; be optimistic and show determination; to love and pardon; family and friends; keep the peace and cultivate happiness; be optimistic; slow down; develop family and social networks. The importance of **immersing in the day-to-day, considering the limits and the forces of the individuals stands out. This reveals micro violence that places at risk the process of living and being healthy. The meaning of violence in the day-to-day itself shows the force of individuals for recognition, comprehension and creation of possibilities to skirt this violence, making the day-to-day healthier.** The

knowledge produced here can be used by nursing and other areas of personal care, strengthening the need for the establishment of spaces for reflection on the day-to-day; seeking the power that skirts limits and that builds the means to live healthfully from day-to-day.

Key-words: Day-to-day and Healthful Living; Limits and Forces in the Promotion of a Healthy Individual; Social Power and Promotion of Health; Prevention of Violence; Nursing; Comprehensive Sociology of Michel Maffesoli

FERNANDES, Sônia Lorena Soeiro Argôllo. **El cotidiano con sus límites y fuerzas para el ser saludable**: una reunión del oficio de enfermera con la energía de contornear la violencia en el día a día, 2007. Tesis (Doctorado en el oficio de enfermera) - curso de la Post - Graduación en el oficio de enfermera, universidad federal de Santa Catarina, Florianópolis. 312 p.

RESUMEN

Esta tesis *divulga la comprensión de lo cotidiano, identificando los límites y las fuerzas para el ser saludable en el día a día, y la aprehensión del significado de la violencia que se muestra en su cotidiano, identificando la potencia para contornear la violencia en la construcción del ser saludable*. El encuentro teórico-epístemometodológico con la Sociología Comprensiva de Michel Maffesoli permitió observar lo que de hecho “es”, aprendiendo el subyacente de las apariencias expresas en la singularidad y profundidad del cotidiano, por la razón sensible. Se realizó un estudio descriptivo con abordaje cualitativo, del cual participaron 44 personas, entre empleados, familiares de alumnos, estudiantes de enfermería e investigadores vinculados a un Núcleo de Educación Infantil de Florianópolis, por medio de entrevista y de talleres de creatividad y de sensibilidad, en el período de julio a diciembre de 2005. Los datos fueron agrupados en clases y *ligar-llaves* formando dos conjunciones “**el cotidiano que se demuestra para algunas personas**”, envolviendo lo contemporáneo de lo cotidiano; los límites y las fuerzas del cotidiano y “**Zambulléndose en el cotidiano de algunas personas y encontrando la violencia**”, integrando las violencias que se demuestran en el cotidiano y las fuerzas para contornearlas. El tipo, el ritmo, el lugar y con quién se trabaja, más allá de la satisfacción y de su reconocimiento; el ocio; la experiencia de la maternidad; los problemas de salud personal y familiar; la superación de los desafíos de la vida; la satisfacción en lo profesional, en la vida familiar y la manera de tomar cuidado de sí mismo y del otro revelan la dimensión singular y estética del cotidiano. **Los límites del cotidiano** son: echar de menos a los amigos y familiares; los problemas de salud personal y familiar; las dificultades en la relación familiar y profesional; la falta de organización para tomar cuidado de sí mismo y de los otros; la sobrecarga de trabajo y la presión institucional. **Las fuerzas que se demostraron** son: la persistencia; la fuerza de voluntad; la fe; la esperanza; el conocimiento de la enfermedad o la alteración de la salud individual y familiar; los vínculos familiares y sociales. **La violencia en lo cotidiano se muestra** en todo y para todos; encontrándola en todo lugar; banalizada y relacionada al poder; siendo enfrentada con deficiencia por la sociedad. Ella es polimorfa y cíclica; trayendo consecuencias para la salud. **Las fuerzas para contornearla revelan**: entenderla para mejorar; evitar leer y oír sobre la violencia; hablar de ella; sobre el cuidado; la fuerza en Dios, la fe y la esperanza; no reproducir violencia; tener optimismo y determinación; amar y perdonar; la familia y los amigos; guardar la paz y cultivar la felicidad; ser optimista; disminuir el ritmo de vida; desarrollar vínculos familiares y sociales. Se destaca **la importancia de zambullirse en lo cotidiano, teniendo en cuenta los límites y de las fuerzas de la gente**. Esto revela micro violencias que ponen en riesgo el proceso de vivir y ser saludables. El significado de la violencia de lo cotidiano, por sí mismo, demuestra

la fuerza de la gente para el reconocimiento, la comprensión y la creación de posibilidades para contornear esta violencia, convirtiendo su cotidiano más saludable. El conocimiento producido aquí podrá ser utilizado por el oficio de la enfermera y en otras áreas del cuidado a la gente, consolidando la necesidad de crear espacios para la reflexión sobre su cotidiano, buscando su potencial para contornear los límites y la construcción de formas de vida saludables en el día a día.

Palabras-Llaves: Salud-Enfermedad de lo Cotidiano y del Proceso; Límites y fuerzas en la promoción de ser saludable; Energía y promoción sociales de la salud; Prevención de la violencia; Oficio de enfermera; Sociología comprensiva de Michel Maffesoli

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: O cotidiano que se mostra para algumas pessoas do NEI ACOLHEDOR...	87
Imagem 2: O cotidiano contemporâneo para algumas pessoas do NEI ACOLHEDOR	89
Imagem 3: Mergulhando no cotidiano de algumas pessoas do NEI ACOLHEDOR e encontrando a violência	186
Imagem 4: Violências que se mostram no cotidiano	188

LISTA DE FIGURAS

Figura II: Representação do “Combate às Doenças” para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.....	147
Figura III: Representação do “Combate às Drogas” para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.....	148
Figura IV: Representação do “Controle do tempo” para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.....	150
Figura V: Expressão da “Força de Amar” para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.....	167
Figura VI: Expressão da Força “Família e Amigos” para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.....	169
Figura VII: Expressão do “Otimismo e Força de Vontade” para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.....	170
Figura VIII: Expressão da “Fé, Crença e Esperança” para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.....	172
Figura IX: Expressão do “Buscar outras maneiras de viver” para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.....	175
Figura X: Expressão do “Descobrir as próprias forças” (Estrada) para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.....	179
Figura XI: Expressão do “Descobrir as próprias forças” (Criança) para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.....	180
Figura XII: Expressão do “Descobrir as próprias forças” (Olhar) para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.....	183
Figura XIII: Expressão de “Como a violência se mostra no dia-a-dia” para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.....	226

SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS	13
LISTA DE FIGURAS	14
CAPÍTULO 1	17
1 PREPARANDO O ENCONTRO.....	17
CAPÍTULO 2	28
2 O ENCONTRO COM A LITERATURA.....	28
2.1 Algumas nuances da pós- modernidade.....	28
2.2 Alguns aspectos do cotidiano	32
2.3 Algumas nuances da violência.....	39
2.4 Implicações da violência no processo saúde-doença e seu cuidado.....	45
CAPÍTULO 3	48
3 O ENCONTRO COM A SOCIOLOGIA COMPREENSIVA PARA UM ENTRELAÇAMENTO METODOLÓGICO	48
3.1 Direcionando o olhar da sociologia compreensiva no encontro com o quotidiano.....	48
3.2 O encontro entrelaçado metodologicamente.....	52
3.2.1 O cenário do encontro.....	53
3.2.2 Os interatores.....	56
3.2.3 Os encontros: da consolidação da entrada em campo à realização da coleta de dados.....	57
3.2.4 Coletando os dados do encontro.....	57
3.2.5 A ética permeando o encontro.....	73
3.2.6 Registrando o encontro.....	74
3.2.7 Analisando o encontro.....	76
CAPÍTULO 4.....	86
4 “O QUOTIDIANO QUE SE MOSTRA PARA ALGUMAS PESSOAS”.....	86
4.1 O cotidiano contemporâneo	88
4.1.1 Como está o cotidiano	88
4.2 Limites do cotidiano.....	129
4.2.1 O que é limite	129
4.2.2 Como é o limite	131
4.2.3 Limites do cotidiano.....	132
4.2.4 Limites necessários ao ser saudável	142
4.3 Forças do cotidiano.....	153
4.3.1 O que é força.....	154
4.3.2 Como é a força.....	156
4.3.3 Forças do cotidiano	158
4.3.4 Forças necessárias ao ser saudável.....	165
CAPÍTULO 5	185
5 “MERGULHANDO NO QUOTIDIANO DE ALGUMAS PESSOAS E ENCONTRANDO A VIOLÊNCIA”	185

5.1	Violências que se mostram no cotidiano	187
5.1.1	O que é violência	189
5.1.2	Com quem ou com o que se apresenta a violência	193
5.1.3	Onde está a violência	205
5.1.4	Como está a violência	213
5.1.5	Como é a violência: formas e tipos	221
5.2	Forças para o contorno da violência no cotidiano	237
CAPÍTULO 6	253
6	REFLETINDO SOBRE O ENCONTRO	253
BIBLIOGRAFIA	262
APÊNDICES	273
ANEXOS	309

CAPÍTULO 1

1 PREPARANDO O ENCONTRO

Ao longo de toda a sua existência, a sociedade tem sido permeada por importantes transformações que, por sua vez, passam a influenciar a conduta humana. Muitas destas transformações contribuíram de forma relevante para o desenvolvimento da humanidade. É o caso, por exemplo, dos avanços da ciência e da tecnologia, como a clonagem, as descobertas sobre as células-tronco, entre outras. Por outro lado, alguns fenômenos que muitas vezes permeiam estas transformações históricas, como é o caso da violência, nos reiteram cotidianamente as fragilidades do ser humano.

O presente estudo parte do pressuposto de que a violência é um fenômeno inerente ao ser humano e estrutural da sociedade. Afeta indistintamente os indivíduos, seu ciclo vital, suas relações consigo e com o mundo que os cerca. Ainda que abordada por diversos estudos, as explicações atribuídas à mesma mostram-se insuficientes. Além disso, parece mobilizar setores sociais cada vez mais amplos sem que isso, contudo, implique maior controle da mesma.

Pretendemos neste estudo compreender o cotidiano, identificando os limites e as forças para o ser saudável no dia-a-dia e apreender o significado da violência que se mostra no cotidiano, identificando a potência para contornar a violência na construção do ser saudável.

A escolha de tal objeto deve-se à relevância do fenômeno da violência nas relações interpessoais, que tendem a refletir nas ações e interações cotidianas dos indivíduos, bem como de toda uma sociedade. Trata-se de um fenômeno que em muitos momentos revela-se em comportamentos individuais, em contextos microsociais, como familiares, em escolas e comunidades, a sociedade, sendo o micro relativizado o tempo todo com o macro e se interconectando. Por violência entendo ser uma relação desigual de poder de uma pessoa contra a outra ou contra algo, com a finalidade de prejudicar, coibir, machucar, causar danos ou destruir, por seus próprios

meios, interesses e prazeres, não levando em consideração a vontade, o consentimento e o direito que esta outra pessoa ou algo possui.

Acredito ser possível, através deste estudo, desenvolver uma racionalidade sensível, que conforme Penna (1997, p.26), “propõe tornar relativo emoção e razão, as micro-atitudes quotidianas e as macro-ações da história, que compõem a existência da humanidade”.

Sou enfermeira desde 1997. O meu interesse pela temática da violência surgiu durante o curso de Especialização em Enfermagem na Atenção à Saúde da Criança e do Adolescente, concluído em 1997. Naquele período, tive a oportunidade de fazer aproximações com o tema da violência. Desenvolvi um estudo em que foram identificadas situações de risco que envolviam bebês recém-nascidos, filhos de mães violentadas durante o período gestacional. Foram abordadas 32 mulheres puérperas e seus respectivos filhos recém-nascidos. Mais da metade das mulheres referiu vivência de violência doméstica ao longo do período gestacional (65,63%). Foram mais comuns os atos violentos psicológicos (83,3%), seguidos pelos físicos (12,5%) e sexuais (4,2%). Também foi verificado nascimento de crianças prematuras (37,5%) e com baixo peso ao nascer (31,25%) (ARGÔLLO; CAMARGO, 1999).

Há uma década passei a integrar o Grupo de Estudos sobre a Saúde da Criança e do Adolescente (Grupo CRESCER), na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Desde então, venho participando de discussões relativas a processos de saúde-doença no público infanto-juvenil. O compartilhamento de experiências com os demais integrantes do Grupo CRESCER, somado ao aprofundamento teórico acerca desta temática, vem subsidiando a minha prática enquanto docente da Escola de Enfermagem da UFBA, no ensino, pesquisa e atividades de extensão. Além disso, desde o início o contato com este campo do saber permitiu deitar outros olhos sobre o atendimento de crianças e adolescentes. Tornei-me mais atenta a questões relacionadas à violência, a fim de identificar sua ocorrência e inter-relações sócio-econômicas, políticas e culturais, bem como as repercussões sobre a saúde.

Minhas reflexões sobre a violência e seus agravos foram intensificadas durante a realização do Mestrado em Enfermagem na Universidade Federal da Bahia, no campo da atenção à saúde da criança e do adolescente, sendo o título da dissertação:

“Violência doméstica na gestação e baixo peso ao nascer”. Apesar de não ter identificado associação significativamente estatística entre violência doméstica vivenciada pela mãe durante o período gestacional e baixo peso ao nascer, o estudo revelou pontos relevantes para a compreensão do problema da violência. O que mais nos chamou a atenção foram as consequências da vivência dos atos violentos sobre a saúde materno-fetal. O estudo fez parte de um projeto mais amplo, desenvolvido em quatro capitais do Nordeste (Salvador, Aracaju, Maceió e Recife) e contou com o financiamento da Fundação Ford (FERNANDES, 2000, p.61). Ele abordou questões relacionadas à violência e suas repercussões sobre a saúde feminina e do recém-nascido.

Em outro estudo intitulado “Baixo peso ao nascer e características maternas de recém-nascidos de maternidade pública de Salvador- Ba”, Fernandes e Santos (2002, p. 18) identificaram que a violência doméstica correspondeu a 66,70% dos casos de violência na gestação, sendo as mais comuns as modalidades física e psicológica.

O aprofundamento da temática da violência continua aqui, a partir da compreensão do seu significado, bem como da potência e do cotidiano de algumas pessoas de um Núcleo de Educação Infantil, sendo o estudo que realizei, enquanto bolsista do Programa de Qualificação Institucional- PQI- CAPES. O doutorado, também em Enfermagem, foi realizado no âmbito do convênio celebrado entre a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A inserção do projeto de pesquisa na área de concentração “Filosofia, Saúde e Sociedade” estimulou a abordagem da temática da violência a partir das perspectivas daqueles que a vivenciavam. E o fato de ter integrado a linha de pesquisa “O Cotidiano e o Imaginário no Processo Saúde- Doença”¹ contribuiu para que fossem contemplados a potência e o cotidiano das pessoas que participaram do estudo.

Ao longo do doutoramento, tive a oportunidade de desenvolver alguns estudos independentes relacionados à temática da Família² e da Violência³, junto com a Professora Doutora Ingrid Elsen. Neste período, também comecei a me interessar por

¹ Linha de Estudos: O cotidiano do processo de viver e das práticas de saúde e enfermagem, nos diferentes contextos e correntes de pensamento, enfatizando a razão sensível, crenças, valores, o simbólico e o imaginário. Inclui abordagem da pós-modernidade e da micro-sócio-antropologia. (PEN, 2004. p. 11).

² Estudo Independente “Concepções de Família e Violência Familiar” desenvolvido no segundo semestre de 2003.

³ Estudo Independente “Violência Intra-familiar sobre uma perspectiva interdisciplinar” desenvolvido no primeiro semestre de 2004.

estudos que tinham o cotidiano como objeto, já que os indivíduos constroem nele suas experiências de vida. Interessa-me a perspectiva de Maffesoli, sociólogo francês, que vem realizando estudos sobre a Sociologia do Cotidiano e a Sociologia Compreensiva. Desde o segundo semestre, quando cursei a disciplina “O Cotidiano e o Imaginário no Processo Saúde- Doença”, até a atual participação no Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre o Cotidiano, Imaginário e Saúde de Santa Catarina (NUPEQUIS-SC), sob a orientação da Profa. Dra. Rosane Gonçalves Nitschke, venho buscando aprofundar a temática.

Para Maffesoli (1984, p. 20)

o minúsculo cotidiano é importante para apreender o que chama de socialidade, que, por sua vez, é a potência social que tenta se exprimir. Além disso, a socialidade reside num misto de sentimentos, paixão, imagens, diferenças, que incitam a tornar relativo as certezas estabelecidas e a uma multiplicidade de experiências coletivas.

Convivendo, os indivíduos costumam construir e reproduzir símbolos e significados em um movimento que chamamos de socialidade. Os seres humanos trazem em sua essência um papel determinante no desenvolvimento da sociabilidade, da afetividade e do bem-estar individual e social. A socialidade é exercida em diversos ambientes sociais, onde são realizadas ações, interações e trocas entre aqueles que habitam o mesmo espaço. Conforme Althoff (2001, p. 84) “[...] ao conviver, compartilhamos crenças, valores e interesses. Conviver é interagir, reconhecer as diferenças e reforçar as semelhanças.” Acreditamos que é através da socialidade e espacialidade que se dá a existência humana. Ambas são compostas de histórias, bem como por significados e símbolos atribuídas às ações e interações cotidianas.

Nesse sentido, Maffesoli (1984, p.58) revela que

a espacialidade, onde tudo junto adquire corpo é um lugar dinâmico, feito de ódio e amores, de conflitos e distensões; é uma casa objetiva e subjetiva onde uma socialidade é vivida diariamente na palidez e no brilho fundada, como toda situação mundana, no limite.

O presente estudo concentra-se em vivências cotidianas constantemente ameaçadas pela violência. Corroboramos a colocação de Minayo (1994) quando ela se refere à violência como um fenômeno a que se pode atribuir significados variáveis, de acordo com a sociedade a que nos referimos, suas concepções e práticas e o momento histórico considerado. Além disso, considera-se que a forma pela qual a violência se manifesta reflete o tipo de sociedade e os estímulos que desta provêm.

Desde a década de 80, a violência vem sendo objeto de interesse de profissionais da área da saúde; e discutida, tanto por aqueles que atuam no campo da prática social, na área do cuidado humano, quanto no campo da docência e pesquisa.

Ao buscar a origem conceitual do termo violência, Ferreira (2004) diz que a palavra, “origina-se do latim *violentia*, qualidade de violento, ato violento, ato de violentar [...] juridicamente, designa-se constrangimento físico ou moral [...] uso da força; coação” (FERREIRA, 2004, p.2065).

Cabe enfatizar que a noção de violência assume diferentes definições e limites a depender da sociedade e do tempo histórico de que se fala. Seguindo esta lógica, esta investigação concorda com o fato da violência se constituir como um fenômeno complexo, cuja investigação requer, uma abordagem multiprofissional e interdisciplinar.

Dentre as várias raízes da violência, o filósofo Roland Corbisier enfatiza o que ele chama de “natureza humana” (CORBISIER, 2000, p. 146) ao descrever o ser humano como “[...] um ser contraditório, incoerente, desequilibrado e não harmônico, dotado de instintos além da razão e em constante conflito com os outros e com ele próprio [...]”. Em segundo lugar, Corbisier (2000, p.146) cita “[...] a estrutura da sociedade”, pela sua divisão em classes por ser baseada em processos de opressão e espoliação de classes.

O presente estudo entende a violência como constituída no seio de uma relação de poder entre pessoas ou grupos sociais. Ela é exercida através da força física ou qualquer outro tipo de ação psicológica, que vise desrespeitar, agredir, prejudicar, negligenciar ou submeter o outro a uma relação de dependência ou destruição. Pode ocorrer em espaços sociais diversos, sejam ele domiciliares, escolares, laborais, ou a rua, por exemplo.

Esta definição concorda com Agudelo (1992). Para ele, a violência pode ser

caracterizada como um problema de poder, um problema assimétrico ou uma antiação:

como um problema de poder: quando a violência é praticada direta ou indiretamente por uma pessoa ou grupo de pessoas, contra outra pessoa, grupo de pessoas ou coisas. Embora a força exista em si e para si, é sempre usada a serviço do poder, portanto um problema que não só se restringe à força; é o instrumento ou a expressão do poder; como um problema assimétrico: os processos de apropriação e a estrutura resultante da dinâmica de poder justificam a diferenciação e criação de classes e níveis. O desequilíbrio entre entidades heterogêneas é essencial como pré-condição para a violência, sendo a desigualdade proporcional ao potencial de violência; como antiação: a força exibida como violência é uma força destrutiva, mata, mutila, fere, desfigura o corpo e altera as funções orgânicas; produz desequilíbrio emocional, medo, difamação e destruição, conjuntamente, das estruturas individuais e coletivas; como pró-ação: essa forma de poder, exercida pela força, não almeja apenas destruir ou negar uma ordem ou sistema legal; pode também ser exercida para afirmar ou defender um direito ou construir uma ordem ou sistema legal, como resposta do corpo social. (AGUDELO, 1992, p. 366)⁴

Para Chauí (1985), a violência deve ser compreendida primordialmente,

[...] como conversão de uma diferença e de uma assimetria numa relação hierárquica de desigualdade com fins de dominação, exploração e opressão, isto é, a conversão dos diferentes em desiguais e a desigualdade na relação entre superior e inferior. Em segundo lugar, como uma ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio, de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência (CHAUÍ, 1985, P. 28).

Para Maffesoli (2001, p. 46) “a violência constitui-se em força e potência, motor principal do dinamismo social, que remete ao confronto e ao conflito (...) a luta é o fundamento de toda relação social e se manifesta em instabilidade, espontaneidade, multiplicidade, desacordos, recusas”. Ainda para esse autor “é do confronto da relação poder- potência que nasce a socialidade”. A socialidade é por si só a potência do indivíduo e da sociedade.

Nas relações quotidianas podemos perceber que quem detém o poder encontra-se “passivo” ou “acomodado” no seu papel desempenhado, mas quem “sofre” o poder desenvolve um papel de submissão ou “está pronto para a mudança”. Conforme

⁴ Grifos da Autora.

Maffesoli (2001, p. 74) “no momento em que a vida é posta em jogo, onde potencialmente o destino é enfrentado, o que era submissão se converte em afirmação e em processo de potência, e isso é que convirá estudar no mecanismo da violência”. Assim é que a potência gera ação.

Ao analisar a produção científica relacionada ao tema da violência entre os anos 1960 e 1980 no Brasil, Minayo (1990) constatou que antes dos anos 70 o índice era de apenas 3%; nos anos 70 passou para 11%; e, nos anos seguintes, para 86%. Segundo ainda este autor, o aumento percentual desta produção pode estar relacionado à conscientização social por parte dos pesquisadores. Eles passaram a se interessar pelos fatores que influenciam o fenômeno da violência. Além disso, passaram a levar em conta que se trata de um evento que atinge indivíduos de todas as camadas sociais, independente de idade, sexo, raça, religião e cultura.

Seguindo esta lógica, a Organização Mundial da Saúde (OMS), em seu Relatório Mundial sobre Violência e Saúde (OMS, 2003), adotou uma resolução na qual declara que a violência constitui um dos principais problemas de saúde pública do mundo. Segundo o documento, “[...] falar de violência implica abordar problemas complexos, como moral, ideologia e cultura, que se esbarram na resistência tanto de ordem formal e informal” (OMS, 2003, p.8). Dentre outras coisas, o relatório propõe a necessidade de “[...] quebrar o silêncio, os interditos e o sentimento de incapacidade de lutar envolvendo os comportamentos violentos e encorajar o debate para se compreender melhor um fenômeno tão complexo” (OMS, 2003, p.8).

O interesse de pesquisadores da área da saúde sobre a violência está diretamente relacionado às repercussões negativas deste fenômeno sobre o estado de saúde dos indivíduos e o lugar dela nas relações sociais. Segundo Agudelo (1992, p. 366), “A violência representa um risco maior para a realização do processo vital humano, ameaça à vida, altera a saúde, produz enfermidades e provoca morte como realidade ou como possibilidade próxima.”

O presente trabalho acredita que, pelo seu papel no âmbito das relações sociais, o tema da violência deve ser incluído na produção e formação acadêmica no campo da saúde. Profissionais de saúde, como os(as) enfermeiros(as), para além de cuidar das seqüelas resultantes dos conflitos entre os indivíduos, precisam atuar na prevenção e

identificação da violência. Desta forma, podem contribuir para a promoção da saúde nos seus mais diversos espaços de atuação.

Desde o início da década de 1980, a violência tem tido destaque nas estatísticas brasileiras de morbimortalidade. Trata-se de um cenário preocupante. Segundo Minayo (2004, p. 21), “[...] violência e acidentes são fenômenos responsáveis pela segunda causa de mortalidade geral no Brasil e pela primeira na extensa faixa etária de 05 a 49 anos”.

Para Arendt (1994):

[...] a violência apenas dramatiza causas: causas sociais, causas econômicas, causas culturais, causas subjetivas. Essas são muito mais profundas e arraigadas e precisam ser analisadas em toda a sua complexidade. É dever do estado e dos cidadãos se debruçarem sobre seu sentido e sobre as possibilidades de sua superação. (ARENDDT, 1994, p. 7).

A cada ano, a violência tem vitimado um número cada vez maior de pessoas. Dados de uma pesquisa realizada pelo Laboratório de Estudos da Criança da Universidade de São Paulo (LACRI) indicou que no período de 1996 a 2004 foram notificados 110.250 casos de violência contra crianças e adolescentes em algumas regiões do Brasil. Destes, 473 casos foram de violência fatal. Atos de negligência ocuparam o primeiro lugar da lista de causas, seguidos por violências física e psicológica. A violência sexual correspondeu a uma total de 11.238 casos, e aproximadamente 80% das vítimas foram do sexo feminino (AZEVEDO et al, 2004).

Os seres humanos trazem em sua essência um papel determinante no desenvolvimento da sociabilidade, da afetividade e do bem-estar individual e social.

Concordamos com Prado (1988) quando ele compreende a violência como “[...] toda e qualquer privação de algum bem, seja ele bens materiais ou a vida, a integridade do corpo ou do espírito, a dignidade e a liberdade (de expressão, de movimento ou de opção), pelo uso ou não da força física” (PRADO, 1988, p.35).

Podemos perceber que a violência não é simples, e possui várias faces, manifestando-se tanto por agressões físicas, quanto psicológicas ou morais e mesmos negligenciais. Abrange, ainda, a violência sexual, que compreende outras formas de

violência (agressão física, psicológica e moral). É um dos atos delitivos mais complexos que nossa sociedade enfrenta na contemporaneidade.

Os conflitos existentes nas relações interpessoais podem surgir a partir de fatos ou ações que geram uma escala de tensão emocional, desde ameaças, agressões verbais, discussões, agressões físicas (nas diferentes modalidades), psicológicas e negligenciais nos diferentes espaços sociais. O fenômeno da violência é também um problema relacionado ao campo dos Direitos Humanos (DDHH). Envolve, portanto, competências e responsabilidades sociais. De acordo com o artigo 3º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1991, p. 16), “[...] todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal”.

Apesar de alguns estudos sobre violência identificarem as suas diferentes modalidades e o perfil de vítimas e agressores, ainda são poucos os que buscam apreender significados atribuídos à violência através de uma abordagem do cotidiano e que se relacionem isto ao tema da promoção da saúde.

É preciso sensibilizar as pessoas para a violência, ou seja, fazer com que elas percebam a gravidade do problema, reconhecer que esta não é uma realidade distante, mas algo que acontece aqui, agora, ao nosso redor nos nossos micro-espacos, na nossa maneira de viver e conviver no dia-a-dia. Uma coisa é saber que a violência é prejudicial ao crescimento e desenvolvimento dos seres humanos, outra é sentir a preocupação a respeito deste assunto, com interesse na sua prevenção, identificação e controle, enfatizando e reforçando a promoção da saúde.

Cabe aos profissionais de enfermagem serem cuidadores comprometidos com a vida, com a busca da compreensão e soluções para os problemas sociais e com o exercício da cidadania. Em relação à violência cabe ao enfermeiro e à enfermeira a compreensão desta, fazendo o seu reconhecimento, o acompanhamento dos casos, o cuidado aos envolvidos e os encaminhamentos necessários. (MOTTA, 1999, p.318). Trabalhar com esse universo exige muito mais do que conhecimento técnico exige compreensão⁵, sensibilidade⁶ e ética⁷, enfim razão sensível!

⁵ Compreensão tem o sentido de perceber o outro nas suas diversas atitudes, comportamentos, expressões e relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

⁶ Sensibilidade refere-se à capacidade de perceber modificações e reações do outro e do ambiente.

⁷ De acordo com Ferreira (2004, p. 842) a palavra ética vem do latim *ethica*, que filosoficamente é o estudo dos juízos de apreciações referentes à conduta humana susceptível de qualificação em determinada sociedade.

O projeto que deu origem a esta pesquisa foi delineado paulatinamente. O aprofundamento realizado ao longo do doutorado, o meu envolvimento com o NUPEQUIS-SC e as reflexões acerca da minha experiência profissional contribuíram sobremaneira para o refinamento do estudo. Tudo isto tem contribuído para a transformação do meu olhar sobre a temática da violência. *Olhar com outros olhos* permitiu-me a aproximação de atitudes, gestos, símbolos, resistências e potencialidades cotidianas das pessoas abordadas ao longo da investigação. Desta forma, tornou-se possível o levantamento de significados que as mesmas atribuíam ao tema.

Entendendo a violência como uma relação de poder, portanto da “ordem de dominação”, pretendo resgatar nesse estudo a “potência dos sujeitos”, logo o que é da “ordem de libertação”. Portanto, pretendo trabalhar com as forças que o ser humano tem, ou seja, com as suas potencialidades.

Dentro de uma perspectiva de uma maior aproximação dos fenômenos cotidianos que se relacionam com o processo de viver humano é assim que trago de que: *compreender o cotidiano com seus limites e potencialidades, relacionados ao processo saúde-doença, significando a violência como um dos seus limites, resgata a potência para contornar a violência e a construção do ser saudável.*

Para tanto, faço o seguinte questionamento: Como construir um cotidiano saudável e contornar a violência, a partir da compreensão do cotidiano (com seus limites e forças) e da significação da violência?

Tendo como objeto de estudo a compreensão do cotidiano e a significação da violência para a construção do ser saudável e do contorno da violência no cotidiano temos como objetivos: **compreender o cotidiano, identificando os limites e as forças para o ser saudável no dia-a-dia, e apreender o significado da violência que se mostra no cotidiano, identificando a potência para contornar a violência na construção do ser saudável.**

Concordo com Nitschke (1994, p. 183), para quem “[...] o enfermeiro, para cuidar das pessoas [...] precisa conhecer suas percepções, expectativas, bem como suas crenças e valores, ou seja, o significado que as coisas têm para eles”. Compreendendo os significados atribuídos pelos indivíduos conhecemos o mundo que o cerca, a

realidade vivenciada, sua história de vida, seu viver cotidiano.

Entendo que somente assim poderemos prestar um cuidado efetivo e de melhor qualidade, que atenda às necessidades dos indivíduos que participarão desse estudo. E, no caso específico da violência, isso se torna ainda mais primordial, visto que a mesma não pode ser encarada como um problema único e isolado, pelo contrário é um fenômeno dinâmico, multifacetado, inserido num contexto que sofre diversas influências de cunho micro e macro social.

CAPÍTULO 2

2 O ENCONTRO COM A LITERATURA

2.1 Algumas nuances da pós- modernidade

A sociedade contemporânea passa por transformações cada vez mais acentuadas. Diante das atuais transformações por que passa a sociedade, existe certa divergência entre autores sobre o fato de ainda estarmos situados na modernidade ou já estarmos vivendo a pós-modernidade. Esta subsecção apresenta a posição de diferentes autores sobre a temática e defende a posição de que a sociedade contemporânea está permeada pelo paradigma da pós-modernidade.

Para Ferreira (2004, p. 1608), pós-modernismo (De pós- + modernismo) “é a corrente que, nas artes, literatura, arquitetura, ou na filosofia e nas ciências humanas, defende a validade dos princípios pós-modernos”. Ainda para esse autor, “pós-moderno é o que, nas últimas décadas do século XX, adota uma postura independente, em face das transformações profundas ocorridas na ordem socioeconômica”.

Segundo Lima (2004, p.1), a idéia de pós-modernismo,

surgiu pela primeira vez no mundo hispânico, na década de 1930, uma geração antes de seu aparecimento na Inglaterra ou nos EUA. Em sua origem, pós-modernismo significava a perda da historicidade e o fim da grande narrativa, ou seja, aquilo que no campo estético significou o fim de uma tradição de mudança e ruptura, o apagamento da fronteira entre alta cultura e da cultura de massa e a prática da apropriação e da citação de obras do passado.

Em seu livro “As origens da pós-modernidade”, Perry Anderson (1999, p.105) diz que “[...] o modernismo era tomado por imagens de máquinas (as indústrias), enquanto que o pós-modernismo é usualmente tomado por máquinas de imagens, da televisão, do computador, da Internet e dos shopping centers”..

Segundo Gianni Vattimo (1996, p.6) “a modernidade era marcada por uma

intensa confiança na razão, nas grandes narrativas utópicas de transformação social, e no desejo de aplicação mecânica de teorias abstratas à realidade”. Já a pós-modernidade

aparece como uma espécie de Renascimento dos ideais banidos e cassados por nossa modernidade racionalizadora. Esta modernidade teria terminado a partir do momento em que não podemos mais falar da história como algo de unitário e quando morre o mito do Progresso. É a emergência desses ideais que seria responsável por toda uma onda de comportamentos e de atitudes irracionais e desencantados face aos valores fundamentais da modernidade. (VATTIMO, 1996, p.6)

O pensador brasileiro Sérgio Paulo Rouanet, no seu estudo “As origens do Iluminismo” (ROUANET, 1987, p. 8), oportunamente observa que “[...] o prefixo *pós* tem muito mais o sentido de exorcizar o velho (a modernidade) do que de articular o novo (o pós-moderno)”. Rouanet considera que há uma consciência de ruptura, mas não uma ruptura real.

[...] depois da experiência de duas guerras mundiais, depois da Hiroshima, vivendo num mundo ameaçado pela aniquilação atômica, pela ressurreição dos velhos fanatismos políticos e religiosos e pela degradação dos ecossistemas, o homem contemporâneo está cansado da modernidade. Todos esses males são atribuídos ao mundo moderno. Essa atitude de rejeição se traduz na convicção de que estamos transitando para um novo paradigma. O desejo de ruptura leva à convicção de que essa ruptura já ocorreu, ou está em vias de ocorrer. (ROUANET, 1987, p. 9).

São vários os sinais que demonstram que vivemos na pós-modernidade. De acordo com Lima (2004, p. 4), alguns destes sinais podem ser observados em quatro campos: o da moral, da educação, da filosofia e da epistemologia.

Quanto ao campo da moral, Lima (2004) afirma existir certa tendência à tolerância e ao respeito às diferenças humanas. Trata-se de um pluralismo radical, ou seja, “[...] respeito [total] à diversidade de princípios” (LIMA, 2004, p.4). Por vezes, também pode-se observar uma atitude de neutralidade moral frente às discussões que se encaminham para polarizações (bem e mal, por exemplo).

O campo da educação é permeado por um discurso favorável ao ensino e à

pesquisa inter ou transdisciplinares. O culto ao progresso, à ciência e à razão, bem como o desprezo a outras formas de conhecimento, são características da modernidade, do iluminismo e seus efeitos colaterais puderam ser sentidos ao longo do século XX. Alguns destes efeitos, causados pelo progresso científico e industrial, tiveram lugar no meio ambiente, na violência urbana e na pobreza dos homens.

No campo da filosofia, Lima (2004) afirma ser visível a oposição à tradição essencialista e a adoção da pluralidade de argumentos. No que diz respeito ao campo epistemológico, pode-se dizer que o sujeito pós-moderno desconfia dos “grandes sistemas teóricos” ou da “grande idéia”. (LIMA, 2004, p. 4)

Segundo Rouanet (1987)

[...] o moderno essencialmente como contraditório revela que a sociedade pós-moderna favorece o surgimento de um hedonismo socializado pela mídia e, de certa forma, respondida pela própria sociedade como sintoma sociedade espetáculo. (ROUANET, 1987, p. 12).

Isso nos remete às imagens que costumamos ver diariamente na televisão. A sua produção não parece respeitar a privacidade das pessoas. Elas anulam a dimensão do privado, convertendo-o em público. Conforme Zizek (2004, p. 13) “[...] na pós-modernidade tudo se tornou demasiadamente próximo, promíscuo, sem limites, deixando-se penetrar por todos os poros e orifícios”.

Esta característica da pós-modernidade, de “tornar público o privado”, pode ser percebida como uma aliada ao contorno da violência. A justificativa para isso é que, por exemplo, a elevada estatística da violência intrafamiliar pode ser atribuída não apenas ao aumento da problemática, mas ao movimento de tornar visíveis conflitos existentes na esfera familiares, antes contidos em ambientes pertencentes, exclusivamente, ao âmbito privado.

[...] na sociedade pós-moderna, operam-se mecanismos de promoção da visibilidade do que era privado, como se decretasse o fim do segredo ou o fim da intimidade, a exemplo: o cotidiano dos ansiosos por fama nos programas televisivos, aos já famosos das revistas de entretenimento, ou mesmo aos “anônimos” que expõem a “sua história” em programas de denúncias em busca de algum tipo de justiça. (LIMA, 2004, p. 4, grifos nossos).

Para Lima (2004, p. 6), a pós-modernidade.

[...] marca o declínio da Ordem, cujo efeito mais imediato no social é a anomia, onde a perversão se vê livre para se manifestar em diversas formas, como na violência urbana, no terrorismo, nas guerras ideologicamente consideradas justas, limpas ou cirúrgicas. (LIMA, 2004, p. 6).

Na pós-modernidade, a violência, o estresse e o medo podem ser percebidos como sintomas resultantes da “falta-da-lei”, da “falta-de-justiça”, da “falta-de-tempo”, e da “falta-de-perspectiva de futuro”, porque “tudo vem se desmoronando”. Mas a fé e a esperança permanecem como potência das pessoas para contornar as adversidades e dificuldades em seu dia-a-dia.

As diferentes formas que assumem a violência em nossa sociedade, dentre elas a violência doméstica, a violência intrafamiliar, a violência contra a criança, mulher e idoso, nos remete à sensação de angústia, medo e ansiedade. Trata-se de um tema que vem sendo abordado há pouco tempo. Atualmente, sabemos que ela pode se apresentar no dia-a-dia: na família e vizinhança, em ambiente laboral ou de lazer. Pode permear a relação dos indivíduos com o mundo à sua volta e os pequenos contornos da vida cotidiana.

Maffesoli (1994, p. 81) defende que “[...] vivemos numa sociedade da imagem. Esta é a marca da pós-modernidade. O termo pós-modernidade é provisório e não precisa ser usado como um encantamento; pós-moderno significa apenas aquilo que está após a cultura moderna”.

No âmbito da modernidade foi reproduzida uma ideologia de progresso, sempre futurista, que desloca o bom, o belo, o bem e a felicidade para o devir. Já na pós-modernidade pontua-se o “presenteísmo”, ou o viver aqui e agora, como o lugar e o tempo em que se precisa ser feliz (REZENDE, 1996, p.5). Para Maffesoli (1994, p. 21) o “[...] interesse no presente constitui-se num dos elementos importantes da pós-modernidade.”

Rezende (1996, p. 4) corrobora esta informação quando afirma que no tempo pós-moderno “[...] a vida cotidiana vai negando frouxamente, solapando as grandes propostas de futurismo e vai-se afirmando um desejo de viver com intensidade o

momento presente.”

A pós-modernidade, caracterizada como um contexto de intensa diversidade, relatividade e pluralidade de valores, tem-se tornado objeto de interesse de uma diversidade de áreas, pois abrange as mais diversas transformações que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea.

Este trabalho compartilha da noção de que a pós-modernidade é permeada por características definidas como consciência de ruptura, respeito ao pluralismo, interdisciplinaridade, desconfiança do instituído, privado tornando-se público, entre outras. Além disso, considera o presenteísmo que também envolve a atenção, que se volta ao cotidiano, enquanto objeto de estudo.

Diante das características de “consciência de ruptura”, “respeito ao pluralismo”, “interdisciplinaridade”, “desconfiança do instituído”, “privado tornando-se público”, entre outras, considero a pós-modernidade como o tempo em que vivemos, no momento, no aqui e agora expressos pela heterogeneidade, pluralidade, onde o cotidiano é vivido pelas pessoas que pretendo estudar.

2.2 Alguns aspectos do cotidiano

Para Ferreira (2004, p. 566), *quotidiano* é um termo originário do latim “quotidianu”, que significa “[...] aquilo que se faz ou sucede todos os dias; diário; que se pratica habitualmente; que ocorre todos os dias” (FERREIRA, 2004, p. 566). Esta definição sugere movimento, repetição e continuidade.

Cabe lembrar que a repetição automática de gestos simples no dia-a-dia (como tarefas domésticas ou rotinas de trabalho) pode, às vezes, ser banalizada ou naturalizada. Diante disso, supomos que em contextos onde o aprendizado de novos gestos se conforma como uma atividade contínua, vive-se um constante reaprender. Funcionalmente, esta repetição pode assegurar o controle sobre ações diárias; e a sensação de movimento pode oportunizar mudanças em nosso viver cotidiano.

Por outro lado, se a violência é um fenômeno presente no cotidiano dos indivíduos, podemos inferir que atitudes agressivas diariamente repetidas, podem ser

compreendidas pelos sujeitos envolvidos, vítima(s) e agressor(es), como uma forma de assegurar o controle da relação. Conforme Rezende (1996, p. 5) “[...] a repetição assegura o controle, e se este controle, já assegurado, não nos libertar para nada, ele só será normatização.” Daí a violência poderia ser percebida como uma “norma” ou “regra” presente no cotidiano de muitas relações interpessoais.

A partir de Nitschke (2003), o cotidiano

é entendido como a maneira de viver dos seres humanos que se mostra no dia-a-dia, expressa por interações, crenças, valores, imagens, significados e símbolos, estando relacionada à cultura em que estão inseridos, que vai construindo seu processo de viver, num movimento de ser saudável e adoecer, delineando seu ciclo vital”. Assim, “se expressa por interações experimentadas diariamente, que possibilitam ou não, o ser humano crescer e se desenvolver ao longo de sua vida.

Além das características de “movimento” e “repetição” nos chamam atenção outros aspectos de focar o cotidiano. Os pequenos acontecimentos do dia-a-dia adquirem importância por meio dos qual a vitalidade do grupo se manifesta e se mantém, nessa ótica a análise política, ideológica, econômica é relativa. Destacam-se nos sentimentos, nas paixões, nas imagens, nas fantasias, sendo a análise voltada para a experiência e práticas sociais.

Maffesoli (1988, p. 194), mostra-nos que “o cotidiano manifesta-se por meio da fala, do riso e do gesto, os quais se esgotam nos próprios atos, que impregnam o dia-a-dia, os quais são vividos no presente e nele se esgotam”. É o que ele denomina de “ética do instante”, ou seja, é o aqui e agora.

Nascimento corrobora esta informação (1994, p. 19) ao revelar que “[...] ao levar a sério a multiplicidade dos aspectos que compõem o dia-a-dia, esse cotidiano confere importância ao politeísmo de valores”. Na sua análise, também merece destaque a fala, o riso e o gesto”, conforme já destacamos”.

Ao adotarmos o enfoque no cotidiano, buscamos a compreensão de um sujeito concreto e plural, inserido em um espaço e em um tempo. Este último, o tempo, pode ser linear e histórico, ou vivido e circular. Enquanto no tempo histórico a dinâmica recai sobre o futuro; no segundo, o que importa é o presente.

Ao integrar sujeitos plurais, esta noção de cotidiano não se constitui através de esquemas preestabelecidos de análise, que teriam a função de enquadrá-lo e impor limites à sua existência. Nos aspectos significantes do cotidiano, encontra-se o qualitativo, cuja análise deixa ser aquilo que se quer apreender.

Neste trabalho pretendo estudar o fenômeno da violência por meio do discurso cotidiano, buscando compreender o significado que as pessoas abordadas atribuem a este fenômeno em sua prática diária e o resgate da sua potência.

Nascimento (1994, p.19) revela que “ao levar a sério a multiplicidade dos aspectos que compõem o dia-a-dia, esse cotidiano confere importância ao politeísmo de valores. Portanto, na sua análise, também merece destaque a fala, o riso e o gesto”, conforme já destacamos.

O cotidiano que pretendo estudar busca abordar o fenômeno da violência por meio do discurso, ou seja, compreender o significado que as pessoas atribuem a esse fenômeno em seu cotidiano e o resgate da sua potência.

De acordo com Nascimento (1994, p. 18), compreender implica, de algum modo, perceber uma ação que parte de dentro, do centro que a anima; significa apreender o outro por meio de si mesmo e apesar do que o diferencia de si. Estar disponível à compreensão significa, pois, buscar uma possibilidade de entendimento. Neste processo, o outro não é o que o um projeta no outro, mas uma parte de si mesma igual e diferente dele. Uma parte igual, pois se pode ver no outro o que sabe que é de si, sendo ele (o outro) o espelho em que o sujeito (ele próprio) se vê refletido. Todavia, é diferente, pois se trata do outro, e não de si: ele está lá, enquanto o sujeito encontra-se aqui.

A intenção é buscar compreender como o cotidiano se apresenta no contexto familiar. E isso não pode ser reduzido a uma simples definição, mas como concentração de ações e relações da dinâmica familiar na qual a violência pode ou não fazer parte, manifestar-se ou não.

Para Maffesoli (1987),

[...] o espaço é um lugar privilegiado onde ocorrem as interações, o lugar físico, material, real que circunscreve um outro espaço, imaginário, simbólico, espaço vida. O tempo é o instante presente, repetitivo, cíclico e mítico, que na sua repetição, se coloca frente ao tempo linear- do nascer, viver e morrer.. (MAFFESOLI, 1987, p. 170)

Nesse estudo pretendo ressaltar as atitudes, os gestos, os símbolos, o comportamento, a fala, os sentimentos que dizem respeito aos acontecimentos corriqueiros, aos pequenos fatos e acontecimentos que emergem na vida de todos os dias dessas pessoas, além das forças que as impulsionam.

Para Maffesoli (1986, p.328) “o símbolo é causa e efeito de toda a vida societal (...) o simbolismo, refere-se à proeminência do grupo, sendo também preciso observar que os símbolos nascem no grupo e são responsáveis pelo sentimento e pela continuidade do sentimento que o grupo tem de si mesmo”.

A socialidade está presente no cotidiano e pode ser traduzida neste “ser-estar-junto-com” baseada numa solidariedade orgânica, ou seja, o prazer em estar junto. Como afirma Maffesoli (1984),

[...] a socialidade é feita de pequenas ações consideradas banais, sem finalidade, que se esgotam em si próprias [...]; elas são realizadas hoje e agora, porque o amanhã se torna repetitivo e a construção dessa vida se dá na fugacidade do instante. (MAFFESOLI, 1984, p. 95).

Ao privilegiar a experiência coletiva- a socialidade- em sua abordagem e não o sujeito individual, Maffesoli (1984, p. 25) propõe as seguintes categorias para análise da vida cotidiana: a aceitação da vida ou do destino; a solidariedade orgânica; a duplicidade, a máscara e o jogo duplo; a astúcia e o silêncio. Estas são formas de resistência que também podem ser consideradas como mecanismos para harmonizar o contorno da violência.

Segundo Maffesoli (1987), a **aceitação da vida ou do destino** é:

[...] um aspecto da vitalidade que anima a sociedade [...]; só é possível porque o tempo da vida cotidiana é cíclico. Neste não existe fim absoluto a ser perseguido, mas a busca de formas de se contornar a precariedade e a permanência de um mundo que se mostra em toda sua ambivalência. (MAFFESOLI, 1987, p. 115).

Esta aceitação inclui a **passividade fecunda** que se traduz por pequenos desvios da vida cotidiana. Trata-se de *jeitinhos* que, sem ruídos, tentam driblar valores e

normas impostas.

Já a solidariedade orgânica “[...] calca-se em laços sociais afetivos e na ambigüidade básica da estruturação simbólica, garantindo a coesão do grupo, a partilha sentimental de valores, de lugares, de idéias (MAFFESOLI, 1984, p. 96).” A solidariedade mecânica, por sua vez, seria da ordem do instituído.

Para Teixeira (1990, p. 26), é “[...] devido à existência da solidariedade orgânica [...] que a duplicidade, o jogo duplo, máscara, a astúcia e o silêncio podem ser usados como forma de resistência, como aceitação de um destino vivido.”

A duplicidade, a máscara e o jogo duplo, por sua vez,, são “[...] meios de proteção contra todas as formas de absolutização, na medida que permitem não a contestação, mas a contornação dos valores que se mostram incômodos” (MAFFESOLI, 1984, p. 118). A duplicidade “[...] é uma atitude lúcida” (MAFFESOLI, 1984, p. 118) e a máscara, “[...] a parte integrante do indivíduo e não um elemento que lhe é sobreposto” (MAFFESOLI, 1984, p. 118).

A duplicidade permite o jogo duplo; ao tempo, em que é a ambivalência natural das pessoas. Muitas vezes, um indivíduo faz jogo duplo valendo-se da sua ambigüidade, ou seja, da duplicidade ou ambivalência.

Em um primeiro momento, ao se defrontar com a máscara, ou jogo duplo, uma pessoa pode se assustar. Todavia,

[...] é por meio da noção da duplicidade que se pode compreender o conjunto social como um todo, ao mesmo tempo contraditório e ordenado, onde os indivíduos, de forma ambígua, comportam-se de acordo com as normas estabelecidas, criando também suas próprias regras pontuais para cada situação. (TEIXEIRA, 1990, p. 27).

Ainda para essa autora, “[...] a resistência é sinal de sabedoria e saúde social” (op. cit. p. 27?). Por exemplo, o ato de “[...] desligar a TV para não assistir a violência” (usuário do NEI Acolhedor) pode ser considerada uma resistência para contornar a violência que se mostra no dia-a-dia.

Podemos perceber que, em determinados casos, uma vítima de agressão pode passar a evitar situações que possam desencadear outras condutas violentas por parte

dos seus agressores. Isso se dá porque já passou a identificar momentos ou atitudes que inibem, desencadeiam ou exacerbam a violência. Neste trabalho, considera-se isto como um tipo de resistência passiva ou jogo duplo utilizado para se proteger. A resistência passiva demonstra novas formas de agir ou de desempenhar atividades, ou seja, uma criação indicativa da potência que essa pessoa assume para driblar o instituído. Em outras palavras, o “jogo duplo” pode ser visto como uma proteção contra a opressão, um modo de sobrevivência individual e grupal.

A astúcia e o silêncio são considerados por (Maffesoli, 1984, p. 118) como meios de existência e de resistência. Ambos são responsáveis pela abertura de brechas/ou caminhos alternativos de sobrevivência?/ no espaço social dominado pelos poderes constituídos. Desta forma, permitem a manutenção da identidade e do reconhecimento na socialidade.

A violência presente no dia-a-dia em relações interpessoais pode ser resultante da constante desigualdade de poder entre seus elementos. Nestas situações, muitas vezes os agredidos tentam apenas resistir e sobreviver. É como se esta tentativa de sobrevivência fosse uma expressão da transgressão à ordem instituída, cotidiana à relação entre agressor e vítima. Esta característica pode ser associada à astúcia, referida anteriormente, para a garantia da vida, na tentativa de driblar a violência.

A violência pode gerar angústia e um sentimento de imoralismo ético. Como refere Maffesoli (1994),

[...] não há um valor (moral, intelectual, religioso) único ao qual cada um precisa se curvar, mas, ao contrário, um pluralismo de apreciações, uma diversidade de opiniões; assim, importa mais é a dinâmica relacional, comunicacional do que o aspecto dominante da ideologia. (MAFFESOLI, 1994, p. 28).

Assim, existem atitudes de um “imoralismo ético”, práticas que são “imorais”, do ponto de vista da moral dominante. O código de honra dos presos, por exemplo, é imoral em relação à moral circundante, mas segue uma ordem ética. Certas vezes, a moral universal predomina; mas, em outras, proliferam particularidades de éticas paralelas a ela (MAFFESOLI, 1994, p. 28).

Nas relações conflituosas, pode não ser evidente a contestação a imposições que o agressor impõe à vítima. Nestes casos, elas podem aparecer sob forma de “pequenos desvios” ou “saídas estratégicas”, ou mesmo “jeitinhos”. Todos estes podem se constituir como atos-ações de sobrevivência e sinais de vitalidade destes sujeitos. Até podem não interiorizar as normas, rotinas, valores, mas podem “fazer de conta” que acreditam nas mesmas e que as aceitam.

Como refere Simmel (1983, p. 123),

[...] o conflito está destinado a resolver dualismos divergentes e se pode com certeza traçar um paralelo, ao fato do mais violento sintoma de uma doença ser o que representa o esforço do organismo para se livrar dos distúrbios e dos estragos causados por eles. (SIMMEL, 1983, p. 123)

Há casos em que se constitui uma oposição velada, muitas vezes não consciente. Ela pode ser detectada se houver suficiente sensibilidade ou disposição para observar e tentar compreender a situação que se mostra. Através da abordagem da vida cotidiana, pode-se perceber como diferentes pessoas driblam normas instituídas nas suas relações interpessoais.

Para Maffesoli (2001, p. 79)

o termo ‘vida cotidiana’ parece correlato com a noção de potência [...] no sentido que ela se parece com os diversos elementos da labilidade social ou individual num ‘interesse do agora’. É o viver no presente da utopia, em contraste com a banalidade na unidimensionalidade e do conformismo [...] essa concentração da vida corrente traduz a existência da socialidade, isto é, da reciprocidade e da circulação. É o que permite designar um outro elemento da potência, o coletivo, isto é, a unidade da comunidade, sua ‘composição’, seu ordenamento.

Corroboramos com Maffesoli (2001, p. 84) de que “a potência é a alternativa! Face à pressão da morbidez, essa parte de sombra da realidade social, ela se afirma como vida, ela afirma a vida, luta pela vida, e é desse combate que se trata no dinamismo, o que Gurvitch chamava de ‘dinamismo promotéico’ capaz de romper as estruturas sociais que têm tendência a sempre se ossificar”.

Ainda para esse autor “potência é a pulsão, no sentido simples do termo, que se manifesta em todos os níveis da existência individual e social. Expansão, desenvolvimento social e orgânico que se vive no presente e que exprime a auto-afirmação de todos os elementos do micro e macrocosmos, o que não deixa de lembrar a vontade de potência [...]” (MAFFESOLI, 2001, p. 66). Enquanto a lógica do poder é a dominação, a redução ao uno, a lógica da potência conduz ao pluralismo, à diversidade do real que estrutura inteiramente a vida social em sua labilidade. (MAFFESOLI, 2001, p.45,50).

O cotidiano contemporâneo transpira micro-violências violentando o processo de viver, colocando em risco o ser saudável no dia-a-dia. Deste modo, é preciso que a enfermagem integre-o na sua práxis, no seu ensinar-aprender-pesquisar-cuidar, como já destacaram em seus trabalhos as pioneiras Ana Lúcia Magela de Rezende (1991) e Estelina Nascimento (1994), em seus diversos trabalhos, sendo seguidas por Penna (1997), Nitschke (1999), Pereira (1999), Santana (1998), Erdmann (1996), Belatto, (1998), entre outros, só para citar alguns trabalhos e autores que tem trazido contribuições deste entrelaçamento entre o cotidiano e o processo saúde-doença na enfermagem, na perspectiva aqui adotada .

2.3 Algumas nuances da violência

Ao longo da história, diversos autores, tais como (Arendt, 1985; Engels, 1981; Girard, 1990; Maffesoli, 2001; Minayo, 1992; Zaluar, 2004, entre outros) têm se preocupado com o fenômeno da violência. Como revela Simmel (1983), trata-se de um fenômeno estrutural e estruturante da sociedade,

[...] para alcançar uma determinada configuração, [a sociedade] precisa de quantidades proporcionais de harmonia e desarmonia, de associação e competição, de tendências favoráveis e desfavoráveis [...] sociedades definidas, verdadeiras, não resultam apenas das forças sociais positivas e apenas na medida em que aqueles fatores negativos não atrapalhem [...] a sociedade, tal como a conhecemos, é o resultado de ambas as categorias de interação, que se manifestam desse modo como inteiramente positivas. (SIMMEL, 1983, p. 124).

Para Faleiros (1995),

[...] a violência é um fenômeno que se desenvolve e dissemina nas relações sociais e interpessoais, implicando sempre uma relação de poder que não faz parte da natureza humana, mas que é a da ordem da cultura e perpassa todas as camadas sociais de uma forma tão profunda que, para o senso comum, passa a ser concebida e aceita como natural a existência de um mais forte dominando um mais fraco, processo descrito como fabricação da obediência_(FALEIROS, 1995, p. 476).

A violência conota sempre uma relação assimétrica de poder, e costuma ser exercida com a finalidade de dominação, exploração e opressão.

[...] a conversão dos diferentes em desiguais e a desigualdade na relação entre superior e inferior. [...] a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como uma coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência. (CHAUÍ, 1985, p. 19).

Para Camargo e Buralli (1998, p. 26-27)

geralmente, percebe-se a violência ostensiva, a que deixa marcas e a que mata, passando despercebida a que faz calar, a que coisifica o sujeito. [...] encontramos atos cada vez mais violentos na relação do ser humano com a natureza, com o meio ambiente, e na relação do homem com o próprio homem, seja nas relações de trabalho, nas relações sociais ou nas relações familiares.

A violência é considerada por Maffesoli (1987, p.21) “como elemento estrutural do fato social e inscreve-se num duplo movimento de destruição e construção, ou ainda, que ela é reveladora de uma desestruturação social relativamente manifesta, e que ela invoca uma nova construção”. Essa característica da violência pode ser considerada como algo construtivo, ou seja, algo é desfeito para que se construa uma nova realidade, uma nova ideologia, um novo comportamento.

Ainda para esse autor

não é possível analisar a violência de uma única maneira, ou seja, tomá-la

como fenômeno único [...] a violência é um problema multifacetado, presente em todas as sociedades, influenciada por diversos fatores sócio-político-econômico e cultural (MAFFESOLI, 1987, p.15).

Sendo um fenômeno inerente ao homem, a violência não é privilégio da atualidade, visto que não há período na história sem algum ato violento; ela sempre se fez presente nas conquistas humanas.

A violência se apresenta como um “elemento estrutural do fato social e não com um resto anacrônico de uma ordem bárbara em vias de desaparecimento” (MAFFESOLI, 1987, p.21). Portanto, não se trata de se perguntar se hoje existe mais ou menos violência, mas de reconhecer que a violência está em todo lugar, trata-se de uma estrutura constante do fenômeno humano e a violência representa um papel na vida em sociedade.

Para Maffesoli (1987, p.437)

fica evidente que a violência não pode se reduzir à sua estrutura utilitária; existe nela alguma coisa de inaceitável que a faz rejeitar moralistas de todas as correntes, porque ela é incompreensível, excessiva, sem finalidade (ao menos na sua atualização) – e sempre inquietante (...) acaba sempre por iniciar uma nova ordem (revolucionária), uma nova norma (artística, literária).

A violência, como categoria de interação, é um fenômeno positivo, mesmo que para muitas pessoas pareça ser inaceitável pensá-la como tal. Entretanto não se pode iludir, de que como refere Penna (1997, p.109) “exista entre os homens sempre a escolha entre o bem ou o mal, entre a guerra ou a paz, entre o amor ou o ódio, entre a harmonia ou a desarmonia”. O viver cotidiano mostra que existe, sim, a presença do bem e do mal, da guerra e da paz, isto é, de um e do outro e não a existência de um ou do outro. Desta forma, a violência se reafirma como estruturante de uma sociedade.

A violência assume uma posição central nas relações que estruturam a vida dos indivíduos em sociedade. Segundo Maffesoli (1987), ao desempenhar este papel, a violência pode se expressar através de diferentes modalidades: a violência dos poderes instituídos, a anômica e a banal. A violência dos poderes instituídos é aquela

monopolizada por uma estrutura dominante (Estado, partido político, organização criminosa ou terrorista): Tem como finalidade o seu próprio desenvolvimento. Maffesoli (1987) não a vê como de caráter “construtivo”, pois não parte de uma solidariedade de massa, sendo antes imposta.

Já a violência anômica tem um caráter construtivo, inscreve-se no duplo movimento de destruição e construção, que se constitui no vaivém incessante entre a ordem e a desordem (que segue até atingir um ponto de equilíbrio), fundamento da estruturação social. Se um dos pólos for bloqueado, rompe-se o equilíbrio. Os processos revolucionários são exemplos de violência anômica: nestes contextos, indivíduos ou grupos são revestidos de um novo esplendor e tornam-se criadores ou reformadores de uma nova estruturação social. Isto explica muitos períodos de intensas mudanças sociais, como a revolução industrial, por exemplo.

A violência banal também é construtiva. Ela pode ser analisada a partir de uma perspectiva dionisiaca. Segundo esta perspectiva, a paixão social é veículo de “[...] resistência de massa” ante os poderes constituídos. Esta violência se expressa através de uma “passividade ativa da massa”: a “banalidade”, que é o que alicerça e cimenta o prazer de estar juntos; é a “participação afetiva” que possui um caráter aglomerativo, constituindo este entrecruzamento das múltiplas e minúsculas paixões que constituem a socialidade. A violência que ocorre durante o carnaval de Salvador e entre torcidas fervorosas de futebol exemplifica este tipo de violência.

Cabe lembrar que o termo banal, como é utilizado neste trabalho, não se refere a julgamento de valor, mas à afetividade, ao impulso de uma participação afetiva. Reconhecemos que dados de morbimortalidade no carnaval em Salvador mostram que a violência que ocorre nesse período não pode ser classificada como banal, mas como uma importante estatística reveladora desse fenômeno na atualidade.

Maffesoli (1987) chama de vetores alguns meios através dos quais se dá a agressão. Os vetores citados por Maffesoli são: a fala, o riso e a festa. Segundo ele, a fala ou a palavra são uma erupção perigosa/podem irromper perigosamente, já que contêm o poder de romper a segurança do instituído. É o que responde e o que elucida. A palavra é o paradigma da relação social: é o elemento estruturante da relação social e efetivamente fonte de poder. Ela é campo de troca simbólica por excelência, pois

permite o acordo ou o confronto de subjetividades. Pode-se perceber estes aspectos quando nos reportamos a conflitos conjugais que surgem diante de questionamentos de paternidade. Na maioria das vezes, é a mulher quem sabe da paternidade da criança. E, em alguns casos, ela se aproveita disto para insinuar desconfianças no parceiro, atitude que pode resultar em violência.

Como releva Durant (ano apud MAFFESOLI, 1987, p. 61)), “[...] a palavra é luz, ela é fogo”. A palavra abre caminho à circulação de idéias e de informações. Ela é, por excelência, o ponto de partida de muitos pensamentos e discussões.

O riso é irrepreensível, contagioso e agregador. Em determinadas situações, ele pode se manifestar enquanto uma reação à imposição mortífera do poder. De acordo com Maffesoli (1987, p. 67), o riso “[...] rompe a clausura, permite o escoamento torrencial de um desejo de viver que se tenta refrear.”

A festa ou orgiasmo é relativo às formas que incluem o excesso de circulação de bens, de sexo e de falas. O orgiasmo é, talvez, o lugar do simbólico por excelência: é nele que, na perspectiva da violência como modo de expressão do social, a fala e o riso desembocam e adquirem todo seu sentido. A orgia resume tecnicamente os fenômenos de efervescência social; ela representa a relação com o desgaste, o desperdício, a dissolução (MAFFESOLI, 1987)

As considerações “provocativas”, feitas por Maffesoli (1987), enfocam o caráter positivo da violência, ou seja, o seu aspecto construtivo e estruturante. A sua discussão nos remete à idéia de que a violência, presente em nosso dia-a-dia e estampada nos meios de comunicação, revela que o que a realidade em que vivemos não satisfaz, precisa ser modificado para que o mundo melhore e que as relações humanas se tornem mais saudáveis.

Como a violência pode ser construtiva? Ela faz parte do ser humano, é uma dimensão do mesmo e depende da condição sócio-econômica, política e cultural. Esta é uma reflexão bastante relevante, e que precisa ser considerada. Pensar a violência enquanto um fenômeno estruturante da sociedade merece um olhar relativista. Isto porque a violência também é destrutiva: ela ceifa vidas e ordens sociais.

Por sua amplitude e disseminação desde as últimas três décadas, a violência vem adquirindo gradativa visibilidade no campo acadêmico, entre outros. Desde então,

ela tem sido discutida e estudada por diferentes setores da sociedade brasileira, todos preocupados em compreendê-la, e identificar os fatores que a determinam, com o objetivo de encontrar maneiras de contornar e solucioná-la.

Como já ressaltamos, o fenômeno violência parece não ter origem e ser cíclico e inesgotável, presente em todas as sociedades humanas. A violência é algo inerente ao ser humano, presente em inúmeras ações desapercibidas no cotidiano.

Sobre o tema da violência na organização familiar, destaca-se a reflexão de May (1981, p. 95) “[...] a violência tem mais probabilidade de ocorrer entre pessoas que estão inteiramente vinculadas, no plano emocional e, portanto reciprocamente vulneráveis”. Como afirma Francisquetti (1999, p. 15), “[...] a violência nas relações, principalmente nas familiares, é muito antiga. O fato recente é problematizar a violência como um problema de saúde pública”.

Quando se adentra no campo da violência, diagnosticando-se o quadro familiar, encontramos-nos frente a uma situação complexa, permeada de antagonismos, principalmente porque membros familiares têm direito a uma convivência familiar harmoniosa e respeitosa.

A violência doméstica e a violência intrafamiliar derivam de violências que marcam e são marcadas pelas diferentes relações interpessoais de classe, gênero, raça-etnia. Para Saffioti (1997, p. 3)

a violência doméstica, instala-se entre pessoas que não necessariamente mantêm vínculos de consangüinidade ou afetivos, enquanto que, a violência intrafamiliar ocorre entre pessoas com vínculos consangüíneos e afetivos, havendo, em comum, entre estas modalidades o espaço doméstico.

No entanto, a própria autora afirma que eles são parcialmente sobrepostos, uma vez que “a violência familiar pode estar contida na doméstica quando o agressor é parente da vítima, trata-se via de regra, de violência familiar e doméstica” (SAFFIOTI, 1997, p.05).

2.4 Implicações da violência no processo saúde-doença e seu cuidado

São escassas as investigações que abordam implicações indiretas e complementares da violência sobre processos de adoecimentos mais complexos ou sobre os efeitos de quem a vivencia ou testemunha a violência entre pessoas conhecidas. Um dos possíveis motivos para isso é a dificuldade de isolar o efeito da violência entre indivíduos, em processos que envolvem fatores de risco relacionados entre si, nos quais o estabelecimento de hierarquia entre os mesmos é problemático.

No Brasil, a violência é considerada pelo Ministério da Saúde como um problema de saúde pública. A importância atribuída é tal que a Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências, promovida por este Ministério, determina como devem ser tratadas e notificadas ocorrências deste tipo. O documento, endossa preocupações daqueles que, em função das atividades que exercem, deparam-se cotidianamente com seus efeitos e conseqüências, como profissionais de saúde e da justiça.

Reportamo-nos à prática da enfermagem, assim como outros profissionais de saúde que, no seu cotidiano, depara-se com situações relacionadas às conseqüências da violência em seu campo de atuação. A abordagem às pessoas e o fortalecimento dos laços entre os profissionais de saúde e a população atendida, constituem importantes estratégias que podem contribuir para a prevenção, identificação e intervenção em situações de violência.

Para Boff (1999), cuidar de pessoas inclui, necessariamente, o envolvimento afetivo com quem é cuidado “[...] é mais que um ato; é uma atitude, portanto abrange mais que um momento de atenção, de zelo, e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, de preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro” (BOFF, 1999, p. 63).

Diferentes modalidades de violência não são expressões da modernidade; fazem parte da própria história cultural das sociedades desde os tempos mais antigos. O que tem contribuído para que hoje ela seja mais visível talvez seja o que Deslandes (1994) chama de “[...] desenvolvimento de uma consciência social [...] e a crescente mobilização em torno dos direitos humanos, nos últimos vinte anos” (DESLANDES,

1994, p. 178).

Daí não ser mais possível ignorar a presença da violência no cotidiano de muitas crianças, mulheres e idosos. Isto indica a necessidade de concretização de propostas e programas interdisciplinares, da sensibilização de profissionais de saúde e da justiça, prevenção e tratamento dos seus desastrosos efeitos.

As conseqüências da violência na saúde dos seres humanos podem ser classificadas por dois eixos (Moraes et al, 1999). O primeiro discerne as conseqüências traumáticas, sejam elas físicas, emocionais ou afetivas. O segundo eixo classifica as conseqüências em função do tempo decorrido entre a exposição à violência e o aparecimento do agravo. Neste sentido, as conseqüências podem ser imediatas, mediatas ou de longo prazo.

Vale ressaltar que, por vezes, não é possível conhecer o momento exato em que tem início o fenômeno da violência entre os indivíduos. Ademais, diante da associação entre diferentes tipos de violência, torna-se difícil distinguir qual delas mais influencia o processo saúde-doença.

Quanto aos aspectos psicológicos, Beissman (1994, p.12) ressalta a importância do ambiente familiar no equilíbrio do comportamento das crianças e adolescentes e, portanto, dos futuros adultos. Para o autor,

o ambiente familiar fornece a matriz dentro da qual o indivíduo é moldado e se desenvolve; é o cerne para que ligações emocionais mais fortes sejam formadas; é o primeiro grupo dinâmico ao qual a criança é exposta e, nele, ela tem suas primeiras experiências e transações interpessoais. Quando ela é perturbada, fornece identificações e experiência de aprendizagem patológicas. Logo, as atitudes e comportamento dos pais como a saúde física e mental destes, tem um impacto decisivo no ajustamento psicossocial de um filho (BEISSMAN, 1994, p.12)

O processo de apego ou Teoria do Apego, estudo das trocas entre os membros familiares possui fatores pertinentes para compreender a transmissão da violência dos pais para os filhos. Um pai violento e muito negligente pode afetar não só a relação com o filho, a criança, como também pode construir para si e para todos os outros familiares uma concepção de mundo imprevisível que não seja gratificante para os seus diferentes membros.

Quando o ciclo da violência é instaurado nas relações interpessoais, especialmente nas que envolvem crianças, alguns dos membros constituintes da relação podem generalizar esta construção para todos os campos da sua vida.

[...] para a criança o que acontece em casa é basicamente o que vai acontecer fora de casa [...] crianças agredidas no período da infância ou adolescência, tornam-se agressores na vida adulta, ou atores sociais dependentes do ciclo da violência. (BIGAS, 1999, p. 60).

Dentre as implicações da violência na saúde de crianças e adolescentes estão aquelas relacionadas às dificuldades de aprendizagem relativas a distúrbios globais no desenvolvimento e àquelas representadas por condutas anti-sociais. Há riscos de que esta tendência anti-social seja transformada em delinquência. O processo pode surgir por conta da privação de cuidados a que crianças criadas de forma negligente podem estar expostas. O processo se agrava quando lhes faltam parâmetros de família, principalmente nos primeiros anos de vida; e quando não se percebem integrantes de um ambiente acolhedor e confiável, capaz de dar suporte ao seu desenvolvimento emocional (CARIOLA, 1988; SILVA, 1995).

Quanto a crianças que sofrem algum tipo de negligência, Barudy (1997) afirma que elas podem sofrer de retardo do crescimento, principalmente quando a negligência inclui má nutrição ou a carência afetiva.

Na abordagem aqui desenvolvida, não se pode deixar de citar a violência sexual. Esta pode ocasionar às suas vítimas conseqüências físicas, como lesões genitais, doenças sexualmente transmissíveis; e psicológicas, como depressão, timidez e medo das pessoas (BARREIRA et al, 1999).

Quando a violência compromete a integridade física ou psicológica de quem a vivencia, a busca de atendimento em serviços de saúde e outras instituições, como empresas, escolas, creches e associações), torna-se uma alternativa viável para minimizar a problemática vivida cotidianamente. No entanto é importante que os profissionais saibam reconhecer as marcas da violência, sejam elas físicas ou psicológicas sem, no entanto, deixar desapercibidos outros sinais e sintomas significativos expressos pela fala ou através de gestos.

CAPÍTULO 3

3 O ENCONTRO COM A SOCIOLOGIA COMPREENSIVA PARA UM ENTRELACAMENTO METODOLÓGICO

3.1 Direcionando o olhar da sociologia compreensiva no encontro com o cotidiano

Quando buscamos compreender o significado da violência e da potência no cotidiano de pessoas, pensa-se logo na dinâmica e relação interpessoal, nas ações, interações e potencialidades que estas desenvolvem no dia-a-dia. Para tanto há de se escolher um modelo teórico e um método que subsidie a compreensão desse fenômeno.

Com base na premissa de que o comportamento humano é influenciado pelo contexto micro e macro no qual se situa e através do aprofundamento qualitativo do dia-a-dia das pessoas representativas desse contexto, é que desenvolvemos este estudo qualitativo apoiado na proposta epistemológica do sociólogo francês, Michel Maffesoli, que propõe uma Sociologia Compreensiva.

A Sociologia Compreensiva proposta por Maffesoli (1988, p. 25) “propõe descrever o vivido naquilo que é, contentando-se assim, em discernir as visadas dos diferentes atores envolvidos”. Compreensiva porque não tem a pretensão de explicar, mas de compreender o que se apresenta, ou seja, os contornos, os limites e as necessidades das situações e das representações que constituem a vida cotidiana.

São cinco os **pressupostos teóricos da sensibilidade abordados por Maffesoli**, em sua obra “O Conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva” (MAFFESOLI, 1988, p. 22-49):

Primeiro pressuposto: **a crítica do dualismo**

A sociologia, como toda forma de pensamento, para Maffesoli (1988, p. 22)

passa ao longo por duas atitudes complementares que são a razão e a imaginação. De um lado, enfatiza-se a construção, à crítica, ao mecanismo e à razão e de outro lado insiste-se na natureza, no sentimento, no orgânico e na imaginação.

Enquanto alguns intelectuais repousam na abstração, outros buscam a empatia. Maffesoli defende a possibilidade de “movimento pendular entre o farejador social, atento ao instituinte, ao subterrâneo e o taxinômico, que classifica as formas ou as situações instituídas e sociais” (MAFFESOLI, 1988, p. 22).

Para ele tudo o que se refere à vida cotidiana e à sua análise acaba por realçar os limites de uma instrumentação sociológica mais elaborada para explicar formas sociais macroscópicas do que para compreender tudo o que faz sentido, sem finalidade, na vida de todo dia. É assim que propõe um ciência de dentro, na qual o pensador, ou seja, “aquele que pensa o mundo”, não tem de se abstrair, pois ele faz parte daquilo que descreve, ele está no interior, podendo, deste modo, ter uma visão desde dentro, uma “intuição”.

Segundo pressuposto: **a forma**

Nesse pressuposto, Maffesoli (1988, p. 26) traz sua noção de formismo, entendendo que esta permite

descrever os contornos de dentro, os limites e a necessidade das situações e as representações que constituem a vida cotidiana, temperando-se, assim, a rigidez do estruturalismo, com o cuidado de manter a sua perspectiva, pertinente, de invariância; trata-se de uma modulação temperada que permite apreender a labilidade e as correntes quentes da vivência.

Para Maffesoli, a forma é formante e não formal, ou seja, para dar relevo à variedade dos fenômenos sociais precisa haver a necessidade de metodologias que recorram a um específico que faça sobressair a variedade dos fenômenos sociais, indicando, deste modo, a perspectiva qualitativa. Para ele, um recurso metodológico que se apóie na forma é “inteiramente pertinente para dar conta da socialidade cada vez mais estruturada pela imagem”. (MAFFESOLI, 1988, p. 27).

Observando as obras de Habermas, Maffesoli (1988, p. 27) sugere que “a

compreensão hermenêutica precisa empregar categorias gerais para apreender um sentido individual”. Na perspectiva qualitativa, essas acentuações são fios condutores que permitem conferir às metáforas um inegável valor cognitivo.

Também se pretendemos salientar a polissemia do dado social precisamos assinalar as suas formas estruturantes.

Ao propor o formismo Maffesoli (1988, p.29) refere que “o que está em jogo é a organização metódica das constelações morfológica [...] todo fenômeno, seja qual for, por um lado é passível de múltiplas explicações, por outro lado, pode ser elemento explicativo de outras constelações”.

Terceiro pressuposto: **uma sensibilidade relativista**

Para Maffesoli não há realidade única, mas meios diferentes de conceber a realidade. A clássica instrumentação psicossociológica já não basta para descrever uma “constelação societal em que a imagem e o símbolo ocupam lugar de escolha” (MAFFESOLI, 1988, p. 32).

Lembrando Max Weber, Maffesoli (1988, p.33) refere que “toda obra científica acabada, não possui outro sentido que o de suscitar novas indagações”. A sensibilidade relativista trata-se de proceder por vias de aproximação à chamada busca sem fim. Ao promover o jogo de análises formistas, sabe que a verdade é sempre momentânea e factual. Além do mais quando consideramos o dado social como um todo complexo, precisamos lembrar que a humildade é uma virtude para reconhecer aquilo que não sabemos. Para Maffesoli (1988, p.35) “é preciso saber ouvir o mato crescer, ou seja, estar atento a coisas simples e pequenas que constituem o conhecimento”.

Quarto pressuposto: **uma pesquisa estilística**

Neste pressuposto, o autor nos traz o alerta de que a ciência precisa de se expressar de modo “a saber dizer o seu tempo”. Para Maffesoli (1988, p. 36) “há um estilo do cotidiano feito de gestos, de palavras, de teatralidade, de obras em caracteres maiúsculos e minúsculos, do qual é preciso que se dê conta, ainda que para tanto seja necessário em contentar-se em tocar de leve, em afagar contornos”.

Ele propõe que a ciência se mostre através de uma troca constante entre a

empatia e a forma, com uma escrita mais aberta, polifônica que, simultaneamente, reflita sobre si mesmo, e, sem perder o seu rigor científico, interesse aos protagonistas sociais.

Dentro desta proposta é que Maffesoli apresenta a analogia e a metáfora como elementos essenciais do que denomina de procedimento, sendo preciso que se encontre um modo de expressar a polissemia dos sons, gestos e das situações que compõem a “trama social”.

Para Maffesoli, o pensamento, metaforicamente comparado à vida, tecida por mil fios estrançados, precisa se fazer dinâmico. Ainda integrando este pressuposto, Maffesoli desperta-nos para o aspecto de se deixar um problema em aberto, pois suscita debate e outros olhares, podendo até ser contraditórios, fazendo emergir assim toda a diversidade que palpita no viver e no conviver. Para Maffesoli (1988, p. 40), com efeito, “quem propõe se expõe; assim é que está bem”.

Quinto pressuposto: **um pensamento libertário**

Em seu quinto e último pressuposto, Maffesoli (1988, p. 41) afirma que “bem mais fecundo é trabalhar pela liberdade do olhar”. Dessa forma um pensamento que sabe preservar a flexibilidade e mesmo as próprias imperícias é rico em qualidade e em criação original.

O pensamento libertário tem apoio na noção de typicalidade, desse modo, o autor considera o pesquisador como ator e participante, ressaltando que em algumas metodologias há uma certa interação que se estabelece entre o observador e seu objeto de estudo. Assim há convivência, às vezes cumplicidade e empatia. É nesse momento que Maffesoli, compartilha a noção de compreensão, que pretendo nesse estudo. Para ele “a compreensão envolve generosidade de espírito, a proximidade, a correspondência [...] podemos apreender ou pressentir as sutilezas, os matizes, as discontinuidades de tal ou qual situação social” (MAFFESOLI, 1988, p. 43).

Podemos perceber que Maffesoli (1985, p.8), tendo como quadro de referência a sociologia compreensiva, está mais preocupado “em compreender o sentido que os atores atribuem às relações sociais em que estão envolvidos”. Esse aspecto relacional possibilita o olhar para o micro, sem deixar de relativar o macro.

Acredito que oportunizando as pessoas a expressarem o significado da violência em seu dia-a-dia conseguirei apreender a dimensão deste fenômeno na relação do ser humano consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

3.2 O encontro entrelaçado metodologicamente

A metodologia é o caminho e o instrumental que conduzem as etapas de um estudo que aborda uma determinada realidade.

Buscando responder **como construir um cotidiano saudável e contornar a violência, a partir da compreensão do cotidiano (com seus limites e forças) e da significação da violência?** Foi necessário tecer uma trajetória metodológica apropriada dentro de uma perspectiva de uma maior aproximação dos fenômenos cotidianos que se relacionam com o processo de viver humano, para então: **compreender o cotidiano identificando os limites e as forças para o ser saudável no dia-a-dia e apreender o significado da violência que se mostra no cotidiano identificando a potência para contornar a violência na construção do ser saudável.**

O caminho metodológico por mim percorrido assumiu uma abordagem qualitativa apoiado na proposta teórico-epistemo-metodológica do sociólogo francês, Michel Maffesoli, que propõe uma Sociologia Compreensiva, já descrita no item anterior.

Optei por desenvolver um estudo descritivo com abordagem qualitativa, por possibilitar uma aproximação aprofundada dos significados das relações humanas. A pesquisa qualitativa é entendida por Minayo (2002, p. 21) como aquela que “se preocupa com um nível de realidade não quantificado [...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Para Turato (2003, p.167) a pesquisa qualitativa “caracteriza um método que permite a captação dos sentidos simbólicos que o fenômeno tem para o informante, ou

que este lhe atribui, além de captar a percepção de como o processo de dá”.

A escolha do cenário e sujeitos do estudo, aqui denominados de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR; a coleta; o registro; a organização e a análise dos dados foram desenvolvidos e permeados, em todo o processo deste estudo, pelo comprometimento ético.

3.2.1 O cenário do encontro

O cenário deste estudo é um Núcleo de Educação Infantil, localizado na comunidade da Lagoa da Conceição, em Florianópolis- SC que, por questões éticas e estéticas, a partir deste momento estarei denominando-o de “NEI ACOLHEDOR”.

Proponho olhar, na forma de um contorno, para o cotidiano das pessoas que estão vinculadas ao NEI ACOLHEDOR, desvelando as suas maneiras de viver no dia-a-dia permeadas pelos limites e potencialidades que compõem o processo de viver humano possibilitando formas de promoção da saúde, prevenção da violência que se mostra em seu dia-a-dia.

A escolha deste cenário deu-se durante o desenvolvimento da disciplina intitulada “Estágio de Docência do Curso de Doutorado”, onde tive a oportunidade de participar da disciplina “Processo de Viver Humano I: Sociedade e Ambiente” do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. No decorrer desta disciplina, tive a oportunidade de ser apresentada a alguns dos funcionários do NEI ACOLHEDOR. Conversando acerca do processo de viver humano das pessoas que ali se vinculam, assim como o propósito da temática em estudo, fui informada pela coordenadora pedagógica que, recentemente, algumas pessoas, entre funcionários do NEI, vinham solicitando que a temática da violência fosse discutida e trabalhada em seu dia-a-dia.

Sabendo que há dez anos, no espaço do NEI é desenvolvido o “Projeto Ninho: criando um espaço para cuidar transdisciplinarmente a família”⁸ e, sentindo-me

⁸ O Projeto Ninho é desenvolvido e coordenado pela Dra. Rosane Gonçalves Nitschke, orientadora deste estudo, e desde a sua concepção, tem a proposta de “subsidiar famílias, através do cuidado inter-transdisciplinar a atingir uma melhor qualidade de vida por elas próprias definida”, e vem contemplando seus objetivos, onde se destaca por objetivo geral “cuidar transdisciplinarmente da saúde das famílias que habitam a região da Grande Florianópolis”. Sendo que seus objetivos específicos contemplam: proporcionar um espaço alternativo para que as famílias discutam suas questões de viver e ser saudáveis, além de possibilitar um espaço de ensino-aprendizagem aos participantes do grupo. (NITSCHKE, 1999, p. 66).

estimulada pela orientadora deste estudo e acolhida pelas funcionárias do NEI, em especial pela diretora e coordenadora pedagógica, senti-me motivada para a realização da minha proposta de tese neste cenário, já que nos remete a uma proposta de “pesquisar-ensinar-aprender-cuidando”, principalmente em relação às tramas do cotidiano e da violência, que são temas cada vez mais presentes e relevantes nas discussões em nossa sociedade.

Considero o Projeto NINHO como um grande laboratório das práticas em saúde, em seu aspecto maior da promoção do ser saudável. Pela grande repercussão positiva dos trabalhos nele desenvolvidos (NITSCHKE, 1999; MELLO, 2003; MACHADO et al, 2006) onde são desvelados os discursos de pessoas que compõem uma família, funcionários, estudantes e diferentes profissionais interdisciplinares. Ressalto a importância desse espaço, como um lugar de aconchego, de discussões criativas; de trocas de conhecimentos e palavras confortadoras; lugar efetivo de promoção e recuperação da saúde, onde se cuida físico-psico-afetiva-espiritualmente dos seres humanos. Lugar onde a criatividade possibilita a troca de afetos e criam laços de sociabilidade⁹ que cimentam o exercício cotidiano do (con)viver humano.

Direcionando o olhar para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, podemos perceber o fenômeno da violência em sua multiplicidade de manifestações, que atinge direta ou indiretamente os indivíduos, seja enquanto pessoa, Núcleo de Educação Infantil ou mesmo sociedade.

Nesse olhar, encontramos diversas nuances que buscam, entre outros aspectos, ainda que parciais, motivar a mobilização - através dos relatos, dos discursos, das produções de conhecimentos e das experiências compartilhadas – em defesa dos direitos humanos. Uma das tantas possibilidades de dar voz às pessoas e descobrir o que também com elas se pode aprender em várias situações de seu cotidiano, permeada por desafios, vitórias, conflitos e laços de sociabilidade, múltiplos culturalmente.

O NEI ACOLHEDOR, situa-se na Lagoa da Conceição, um dos cartões postais de Florianópolis-SC, ponto turístico muito visitado e bairro localizado na região leste

⁹ O termo sociabilidade é empregado por Maffesoli (1984, p. 20) como “a potência social que tenta se exprimir [...] reside num misto de sentimentos, paixão, imagens, diferenças, que incitam a tornar relativo às certezas estabelecidas e a uma multiplicidade de experiências coletivas”.

da cidade. Sua origem, conforme Mello (2003, p. 52), data de 07 de junho de 1750 e sua área compreende 55, 28 quilômetros quadrados possuindo mais de 10.500 habitantes, que triplica em época de temporada. Sua principal atividade econômica, atualmente, é o comércio.

Como refere Maluf (1993, p. 69) a Lagoa da Conceição “em suas comunidades, tem vivenciado um processo de mudança bastante acelerado, havendo um deslocamento do centro da atividade econômica da pesca e agricultura de subsistência para o trabalho assalariado”.

O NEI ACOLHEDOR foi criado em 1979. É uma entidade de ensino mantida pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, e atende aproximadamente 220 crianças e suas famílias, que estão na faixa etária de 1 ano e 7 meses até 6 anos de idade, distribuídas em 6 turmas no período matutino e 6 turmas no vespertino.

Dentre as diversas atividades que o NEI ACOLHEDOR desenvolve incluem: educação e orientação de crianças, reuniões mensais com professores, denominadas de “Paradas Pedagógicas”; encontros bimestrais com os pais e algumas atividades do Projeto Ninho, aproximadamente 1 ou 2 encontros por mês, podendo serem até semanais, quando solicitado. Também no NEI ACOLHEDOR são desenvolvidos semanalmente grupos de estudos com os funcionários, com o objetivo de conhecer e estudar as relações e interações entre os alunos. A metodologia de ensino-aprendizagem baseia-se nos estudos em que a criança constrói a sua relação com o outro através de criações e brincadeiras, configuram o logotipo do NEI que é: “Aprendendo Brincando”.

Atualmente, o quadro de funcionários do NEI ACOLHEDOR é composto por 38 funcionários: 12 professores(as), 12 auxiliares de sala, 4 auxiliares de serviços gerais, 2 auxiliares de ensino, 1 vigia, 5 merendeiras, 1 supervisora e 1 diretora. O NEI ACOLHEDOR atende a comunidade local e crianças de outros bairros como: a Barra da Lagoa, Rio Vermelho, Itacorubi e Rio Tavares.

3.2.2 Os interatores¹⁰

Os interatores deste estudo, denominados aqui como “Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR” eram formados por: familiares de alunos do NEI ACOLHEDOR, funcionários, estudantes de enfermagem e pesquisadores que se consideravam vinculados ao NEI ACOLHEDOR.

A participação nos encontros foi espontânea e voluntária, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido entregues no decorrer dos encontros, conforme Apêndice I.

Dentre as pessoas desse estudo, participaram 44 adultos que estavam numa faixa etária de 23 a 55 anos. O grau de escolaridade variou de I grau incompleto (27 pessoas) ao III grau completo (10 pessoas). Suas profissões e ocupações incluíam: 4 pedagogas; 2 enfermeiras; 6 estudantes ; 1 contador ; 1 bombeiro; 1 comerciante ; 1 vigilante ; 1 auxiliar de limpeza ; 8 domésticas ; 2 donas-de-casa ; 4 diaristas ; 2 babás ; 1 freiteiro ; 1 vidraceiro; 1 auxiliar de cozinha ; 1 manicure ; 1 biscateiro ; 1 porteiro. Havia também a questão do desemprego, sendo 5 desempregados, que correspondeu em 11% dos interatores.

Nem todas as pessoas do NEI ACOLHEDOR participaram regularmente de todas as oficinas, respeitando-se a sua singularidade e disponibilidade de participação. Em muitos encontros Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR levavam os seus filhos, o que favorecia a participação nos encontros, visto que, enquanto estas participavam das dinâmicas nas oficinas as crianças permaneciam no espaço da sala desenhando, e brincando.

Importante destacar que o número de participantes neste estudo, não foi o mais importante. De acordo com Minayo (1992, p.35), “a pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade [...] a amostragem boa é aquela que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões”.

¹⁰ Termo empregado por Nitschke (1999, p. 70) para representar os sujeitos de pesquisa, como “atores sociais”. Também para Cabral & Tyrrel (1998, p. 19) atores sociais são “agentes ativos de todo um processo [...] não se confundem com aqueles que simplesmente respondem às questões de uma entrevista”.

3.2.3 Os encontros: da consolidação da entrada em campo à realização da coleta de dados

Desde a apresentação da proposta deste estudo, até o desenvolvimento das estratégias de coleta de dados realizei nove encontros agendados no NEI ACOLHEDOR, que incluíram **duas reuniões, uma entrevista individual e seis Oficinas de Criatividade e Sensibilidade**, no período de julho a dezembro de 2005.

No **primeiro encontro**, eu estava bastante ansiosa e com muita expectativa em apresentar a proposta do estudo à coordenadora e à supervisora pedagógica do NEI ACOLHEDOR. Mesmo, sentindo-me acolhida e confortável em saber que estava lidando com pessoas conhecidas e comprometidas com a melhoria da qualidade de vida dos alunos, funcionários e familiares, sentia-me ansiosa em saber se a proposta de estudo iria agradar e se a sua execução seria viável e compatível com a agenda acadêmica do NEI ACOLHEDOR.

Mas tudo transcorreu muito bem, com bastante satisfação e envolvimento de todos em colocar em prática o estudo. Neste mesmo dia, recebi da coordenadora do NEI ACOLHEDOR o aceite por escrito, da Instituição em participar, como “campo” deste estudo e a sugestão em apresentar a proposta na “Parada Pedagógica”, que aconteceria na próxima reunião.

No **segundo encontro**, já em posse da aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, participei da “Parada Pedagógica” apresentando a proposta do estudo aos professores e familiares de alunos do NEI ACOLHEDOR, que estavam presentes, convidando-as a participarem das oficinas e entrevistas, que seriam desenvolvidos no espaço do Projeto NINHO. Recebi incentivo do grupo e a sugestão de que eu desse início às mesmas, logo que pudesse. Também deixei com a coordenação do NEI ACOLHEDOR uma cópia do projeto e uma cópia do resumo do mesmo, com a aprovação do Comitê de Ética já referido.

Do **terceiro ao nono encontro** foi realizada a coleta de dados, que descrevo a seguir.

3.2.4 Coletando os dados do encontro

Algumas técnicas foram desenvolvidas para a obtenção dos dados, dentre elas: a observação participante, a entrevista individual e a entrevista grupal (oficinas).

3.2.4.1 *Observação Participante*

O NEI ACOLHEDOR como cenário permite diversos olhares. Dentre os quais, onde nos incluímos, um olhar com a intenção de criar espaços dialógicos de encontros interessados ou para a efetivação de objetivos consensuados, enquanto papel de pesquisador e observador¹¹ daquela realidade em foco.

Na condição de observadores somos

homens e mulheres convivendo na linguagem e, como seres humanos, somos organismos vivos, então o fazer científico não se presta a apreender a realidade como um dado externo ao observador, mas à compreensão do observar e do viver, pois conhecimento e vida coincidem. Como observadores, criamos realidades cuja objetividade está entre parênteses, isto é, geramos explicações de mundo que são científicas para a comunidade de observadores que as validam, que as reconhecem. Não há um observador separado de sua observação e nem explicações absolutas. (MATURANA, 1997).

Os contornos que compõem esse cenário não podem estar desconectados do lugar social onde o outro se afirma, pois como enfatiza Maffesoli (1998, p.142) “para que tenhamos uma justa visão daquilo que é o outro, talvez seja necessário identificar-se com ele, ainda que seja de modo provisório” e então podemos analisar suas ações à luz do estar dentro “sem a priori judicativos ou normativos”. Assumo, pois, a postura de adentrar nesse cenário do NEI ACOLHEDOR, na parcialidade das permissões conquistadas que a estética¹² do meu olhar observador é inacabada e incompleta, porque é, tão somente, um olhar. Como adverte Maffesoli (1995, p. 53)

a estética em questão não é, de nenhuma forma, aquela que se pode situar no domínio das belas- artes: ela as engloba, mas também se estende ao conjunto da vida social. A vida, como obra de arte de algum tipo, ou ainda a estética, como maneira de sentir e de experimentar em comum.

¹¹ O fazer da ciência envolve um observador que explica o que observa, pois tudo que é dito, alguém o disse. Assim, no processo da pesquisa, o observador está configurando, no seu observar, tanto o objeto de seus estudos, quanto os argumentos explicativos de sua descrição, ou seja, o mundo em que está inserido na práxis do seu viver. (Maturana, 1997)

¹² Estética tem o sentido atribuído por Maffesoli (1996), faculdade de sentir em comum e que contempla a emoção, o frívolo, as aparências, o cotidiano, a paisagem, os cenários, o belo, o subterrâneo, as criações culturais, o universo político, a arte do estar - junto num mesmo espaço social.

A observação participante foi uma técnica de investigação complementar para a obtenção dos dados, que aconteceu em todos os momentos em que estive em contato com Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, seja no desenvolvimento da entrevista individual, nas oficinas, ou nos encontros. Também esse momento facilitou o registro das “Notas de Campo”, que descreverei adiante, e a obtenção dos demais dados para a compreensão de fenômeno estudado.

A Observação participante é considerada como parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa. Para Neto (2002, p.59) “o observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face à face com os observados [...] ele pode desenvolver uma participação no cotidiano do grupo estudado, através da observação de eventos do dia-a-dia”. Conforme Minayo (1992, p.134), “a observação participante é um método em si mesmo, para a compreensão da realidade”.

3.2.4.2 *Entrevista*

A entrevista se constitui em uma das técnicas de obtenção de dados e pode ser desenvolvida de forma individual ou grupal.

Entendemos a entrevista como um momento singular onde o pesquisador e o sujeito, apreendem o significado de um recorte da vivência do sujeito; através da reflexão a respeito das suas experiências de vida, das suas crenças e das suas interpretações, o sujeito amplia o conhecimento sobre si mesmo, agora também proporcionado pelo pesquisador. O pesquisador, por sua vez, reflete sobre sua experiência com o sujeito, suas atribuições científicas e suas contribuições com a sociedade.

Para Turato (2003, p.308), a entrevista “é um instrumento de conhecimento interpessoal, facilitando no encontro face a face, a apreensão de fenômenos, de elementos de identificação e construção potencial do todo da pessoa, do entrevistado e, de certo modo, do entrevistador também”.

Dentre os diversos tipos de entrevistas: estruturada, semi-estruturada, não estruturada, optamos pela entrevista aberta ou não estruturada, pois como refere Neto (2002, p.58), essa modalidade “permite que o informante aborde livremente o tema proposto, bem como as estruturas que pressupõem perguntas previamente

formuladas”.

As entrevistas foram previamente agendadas e desenvolvidas em local acordado pela pesquisadora e participantes.

Embora tenha sido proposto um roteiro norteador (Apêndices II a VII), para que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR refletissem sobre as suas maneiras de viver no dia-a-dia, algumas questões permaneceram abertas para possíveis acréscimos necessários acerca do objeto investigado.

3.2.4.2.1 Entrevista individual

Para a entrevista individual optamos pela demanda espontânea de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, visto que o nosso posicionamento, enquanto pesquisadora-cuidadora, era de “estar disponível” para qualquer conversa à respeito do cotidiano dessas pessoas. Também em todos os encontros reforçava que estava à disposição para qualquer conversa à respeito do dia-a-dia dessas pessoas que integravam o NEI ACOLHEDOR.

No período de coleta de dados de um total de 44 participantes do estudo, apenas 1 deles solicitou uma *entrevista individual* com a pesquisadora, para conversar sobre **aspectos que limitavam o ser saudável no dia-a-dia**. Essa entrevista foi previamente agendada e desenvolvida no NEI ACOLHEDOR, com duração aproximada de uma hora e meia e o seu conteúdo foi integrado aos demais dados desse estudo, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3.2.4.2.2 Entrevista Grupal: “As Oficinas de Criatividade e Sensibilidade”

Adotamos a oficina como uma estratégia de coleta de dados de *entrevista grupal*, por considerar que a mesma pode possibilitar uma maior interação entre os sujeitos da pesquisa e reproduz um despertar de emoções e sentimentos, por vezes, adormecidos ou mesmo desconhecidos.

Nesse estudo, as oficinas se configuraram num espaço de participação de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR para reflexão das suas atitudes, comportamentos, modos de vida e relações interpessoais gerando construções e modificações no seu viver cotidiano, com vistas à promoção da saúde, prevenção e contorno da violência que se mostra no cotidiano.

As oficinas mostram-se como possibilidades de integração e conjunção de estratégias sensíveis no processo de pesquisar. Para Nitschke (1999, p.90) a oficina “é um processo de interação entre um grupo de pessoas, onde todos trocam experiências, sendo mestres-aprendizes”. Oficina ainda pode ser um “método criativo e sensível”, processo esse denominado por Cabral (1998, p.178) “capaz de fazer a combinação entre a ciência e a arte, espontaneidade e introspecção, criatividade e sensibilidade, realidade concreta e expressão criativa”.

Enquanto técnica do modo de pesquisar, a oficina “é um processo de interação que se dá entre profissional e população, no qual estão envolvidos idéias, observação, sentimentos, interpretação, reflexão profunda e crítica, amparada em princípios científicos, éticos e estéticos da vida”. É um “processo de análise centrado em razão e sentimento”. (PATRÍCIO, 1995).

Percebemos que no grupo as pessoas evidenciam as suas opiniões destacando o que lhes parece mais relevante de ser compartilhado com o outro e ainda debatem suas concepções de mundo e valores que adquiriram ao longo de suas vidas podendo compartilhar também o seu modo de viver cotidiano.

Para Minayo (1992, p. 32), “as discussões de grupo constituem um dos três elementos da triangulação de dados e precisam ser valorizados nas abordagens qualitativas, seja em si mesmas, seja como técnica complementar”.

As dinâmicas grupais podem ser consideradas como um espaço não só de liberdade de expressão e compartilhamento de idéias, mas também de libertação das angústias, opressões e conflitos que limitam o viver humano. Nessa perspectiva é possível fazer com que as pessoas do grupo descubram que suas opressões são comuns e que, na base da tomada de consciência é possível superar as dificuldades, quando tratadas no plano coletivo (FREIRE, 1988, p.21).

Para Cabral (2004, p. 129) “as dinâmicas de criatividade e sensibilidade favorecem a libertação parcial dos sentidos reprimidos e das palavras que se calam”.

Quando optei por utilizar as “Oficinas de Criatividade e Sensibilidade” como estratégia de coleta de dados no grupo, desejei desenvolver uma discussão grupal de aspectos relacionados ao cotidiano dos indivíduos assim como limites e forças que estes encontram para lidar com a violência no seu dia-a-dia. Acredito que a discussão

grupal possibilitou a participação de todos os envolvidos e enriqueceu a análise e interpretação dos dados desse estudo.

Baseado na “Dinâmica de Criatividade e Sensibilidade (DCS)” de Cabral (2004, p. 132-137) e nas “Oficinas” de Nitschke (1999, p.90-92) descrevo a seguir as “**Oficinas de Criatividade e Sensibilidade**” realizada com Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR e que compreendeu cinco momentos:

- preparação do ambiente, acolhimento do grupo e técnica de alongamento;
- apresentação dos participantes do grupo e significação do cotidiano;
- atividade central para desenvolvimento de produções;
- apresentação das produções;
- análise coletiva, validação dos dados e consolidação de alianças.

Cada “Oficina de Criatividade e Sensibilidade” teve duração aproximada de duas horas e uma média de participação de 14 pessoas por oficina desenvolvida (44 pessoas no total). Todas foram realizadas nas quintas-feiras, na maioria das vezes quinzenalmente, no período de 25 de agosto à 08 de dezembro de 2005.

Vale ressaltar que a cada início da semana, em que eram realizadas as “Oficinas de Criatividade e Sensibilidade”, os convites às pessoas do NEI ACOLHEDOR eram enviados nas agendas dos alunos. Também no dia (quinta-feira) de desenvolvimento da mesma era colocado no portão de entrada do NEI ACOLHEDOR um cartaz reiterando o convite à comunidade. Essas estratégias facilitaram a participação de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.

A seguir descrevo todas essas etapas, que constaram em todas as seis oficinas realizadas. Vale ressaltar que em todos os encontros existia uma bolsista do Projeto NINHO, que me auxiliava nas dinâmicas desenvolvidas. O planejamento dos seis encontros constam nos Apêndices II ao VII:

➤ **PRIMEIRO MOMENTO: Preparação do ambiente, acolhimento do grupo e técnica de alongamento.**

Em todos os encontros esse momento correspondeu à preparação e organização da sala do NEI ACOLHEDOR; acolhimento do grupo e realização da técnica de alongamento.

Inicialmente convidava os participantes para se acomodarem na sala do NEI de maneira confortável e agradável. O grupo era disposto em círculo, sentado em almofadas, cadeiras ou tapetes emborrachados próprios do NEI.

Enquanto pesquisadora integrava-me ao círculo, de modo que todos os interatores podiam me ver e se ver entre si. Próximo a mim, eram dispostos todos os materiais que seriam utilizados na dinâmica daquele dia. Dependendo do número de participantes, o lanche ficava disposto no centro do círculo, ou num canto da sala facilitando o acesso a todos.

Posteriormente, convidava os interatores para realizarem uma técnica de alongamento, por mim orientados. Solicitava que, através de movimentos delicados, seqüenciados e de respiração, sempre respeitando a sua condição física, alongassem o corpo e relaxassem a mente, ao som de uma música instrumental.

Pela linguagem do corpo as pessoas dizem muitas coisas umas às outras, não necessitando da expressão verbal. Conforme Weil e Tompakow (1993) “o nosso corpo é, antes de tudo um centro de informações para todos nós. Há muitas coisas que não podem ser transmitidas por meras palavras, mas que são expressas pela postura corporal: as manifestações facial, a expressão corporal, dentre outros”.

Na correria do dia-a-dia, buscando “dar conta” dos compromissos e atividades que desempenhamos, muitas vezes, esquecemos de parar um pouco, olhar para si e cuidar de si e do outro. No ritmo veloz de sobrevivência diária, restringimos a nossa sensibilidade e nos privamos de ser, sentir e perceber o que nos conforta, encanta ou o que nos dá prazer em viver. Na concepção de Ortega y Gasset (1987) “a forma de um corpo rígido e mecânico tem uma aparência de funcionalidade, bastante aderente com a perspectiva de contemporaneidade”. Para Gunther (1974), “a lacuna de sensibilidade gera dessensibilização, desequilíbrio no ser, perda de sentir, falta de senso, inibição, alienação, depressão, ansiedade e desalento”.

Para Cabral (2004, p.136), “a riqueza de informações oriundas de quaisquer que sejam as dinâmicas escolhidas permite apontar as vertentes contraditórias das falas dos sujeitos integrantes do grupo e gera conceitos a partir do corpo enquanto unidade de pensamento e ação”.

Também nesse primeiro momento estabelecia um contrato de pesquisa com os

participantes, representado pelo termo de compromisso do pesquisador contido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 1996), onde eram esclarecidas as dúvidas dos participantes.

Tentava sempre criar um ambiente isento de risco ou danos à saúde física e mental dos participantes, sendo ao mesmo tempo agradável e ACOLHEDOR, além de providenciar toda a logística da pesquisa necessária para cada encontro. De acordo com Cabral (2004, p. 33) “a logística da pesquisa envolve o minucioso planejamento do pesquisador antes de sua entrada na etapa do trabalho de campo, sendo indispensável para o sucesso do mesmo e incluem os insumos e materiais necessários à implementação da pesquisa junto aos sujeitos”. Ainda para essa autora, a logística “representa uma atitude ética, humana e de respeito do pesquisador para com as pessoas que atuam como sujeitos da pesquisa” (CABRAL, 2004, p. 133).

➤ SEGUNDO MOMENTO: **apresentação dos participantes do grupo e significação do cotidiano**

Todos os participantes, assim que chegavam à sala, recebiam um crachá, no qual era solicitado, para garantir o anonimato dos participantes, que escrevessem (ou pedissem ajuda para alguém escrever) com letras de imprensa e bem visível, um pseudônimo, para facilitar o registro e organização dos dados pelo pesquisador. Uns preferiram identificar-se com um adjetivo, que expressava o seu sentimento nos encontros; outros com o seu sobrenome, apelido ou o nome de uma criança da família; mas a maioria preferiu colocar o seu próprio nome, alegando a sua autonomia enquanto participante e familiaridade com o NEI ACOLHEDOR.

No desenvolvimento dos encontros, foram mantidos os nomes escolhidos por cada participante, mas na transcrição das oficinas preferi utilizar **codinome de pássaros**¹³ para referenciar os interatores, a fim de preservar a identidade pessoal e ao mesmo tempo facilitar a análise dos dados.

Em todos os encontros, esse momento objetivou conhecer os participantes e as suas expectativas no grupo, assim como a sua maneira de viver no dia-a-dia.

¹³ Escolhi o codinome de pássaros por fazer uma analogia à fala de Nitschke (2005) ao referir que “O Projeto NINHO tem a proposta de estar acolhendo, fortalecendo e trabalhando com a potência de cada família preparando para o “vôo da liberdade” e que cada indivíduo siga o seu caminho fortalecido”.

Independente da dinâmica realizada, a pesquisadora solicitou que cada participante se **apresentasse ao grupo dizendo nome (do crachá), o vínculo com o NEI ACOLHEDOR, expectativas no grupo e falasse um pouco sobre o seu dia-a-dia.**

A ordem de início de apresentação acontecia de forma voluntária e espontânea seguindo uma sistemática de continuidade até que todos se apresentassem. As dinâmicas que fizeram parte desse momento de apresentação do primeiro ao sexto encontro, em ordem crescente foram: “construção da teia”; “cofrinho”; “bolinha colorida”; “flor”; “saco de bombons” e “cestinha do papai Noel”. (Apêndices II ao VII)

Tanto o primeiro como o segundo momentos são fases da pesquisa que conforme Cabral (2004, p. 133) “possibilitam o auto-conhecimento do grupo, para a construção do grupo enquanto unidade de ação, sem perder a singularidade própria de cada pessoa que compõe o grupo”. Essas fases revelaram o cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, indicando as suas formas de viver no dia-a-dia incluindo aspectos relacionados: ao trabalho; ao lazer; às relações (pessoal, familiar, profissional e social); às crenças, valores, práticas e costumes.

➤ **TERCEIRO MOMENTO: atividade central para desenvolvimento de produções;**

Encerrada a fase de auto-conhecimento, iniciava-se a descrição da dinâmica central do encontro com a enunciação da questão geradora e as explicações acerca da produção individual ou coletiva. Vale ressaltar que, com exceção do primeiro, nos demais encontros, antes de iniciar a dinâmica propriamente dita do terceiro momento era lido para o grupo a síntese da produção grupal do encontro passado. Configurando-se também esse momento como validação dos dados parciais da pesquisa.

Este era o principal momento da “Oficina de criatividade e sensibilidade”. Para Cabral (2004, p.134) esse momento consiste na “explicação da sistemática de trabalho”. Logo para cada encontro realizado, esse momento consistiu numa questão norteadora originada da síntese das produções de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR dos encontros anteriores, que objetivou suscitar a discussão individual ou grupal e a confecção de produções artísticas, como: atividade escrita, colagens, desenhos, confecções de painéis, entre outros. Para cada atividade proposta era

desenvolvida uma dinâmica, com recursos materiais apropriados, para a obtenção do objetivo daquele encontro.

A seguir descreverei como essas dinâmicas aconteceram:

- ***Primeira Oficina de Criatividade e Sensibilidade***: nessa etapa objetivou-se **conhecer o cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR**.

Consistiu na continuidade da dinâmica da teia, referenciada anteriormente (segundo momento do primeiro encontro). Mas para esse momento foi realizada a dinâmica “desentrelaçando a teia”.

Foi solicitado que cada participante devolvesse o novelo de lã para o participante que lhe havia entregado o novelo anteriormente e respondesse **a questão norteadora: “Como está o seu dia-a-dia?”**. Seguiu-se uma continuidade, até que todos tivessem participado.

- ***Segunda Oficina de Criatividade e Sensibilidade***: essa etapa teve como **objetivo identificar os limites e as potencialidades no dia-a-dia dos participantes**.

Através da “dinâmica do balão” foi solicitado aos participantes que ouvindo uma música instrumental, cada um refletisse sobre na sua vida e em seu dia-a-dia. Depois a pesquisadora distribuiu um balão para cada participante e solicitou que cada um soprasse para dentro do balão todos os seus problemas ou situações que estariam impedindo o “ser saudável” no cotidiano e em seguida amarrasse o balão, como uma forma simbólica de estar “aprisionando os limites identificados”.

Após todos terem enchido o seu balão, a pesquisadora solicitou que os participantes, de forma voluntária, compartilhassem com o grupo o que havia aprisionado no balão e depois o estourasse representando de forma simbólica a sua força ou potência em romper com esse limite. Também foi solicitado aos participantes que, no momento em que estourassem o balão, compartilhassem com o grupo a sua força ou potência para rompê-lo. A dinâmica deu continuidade, até que todos tivessem participado.

- ***Terceira Oficina de Criatividade e Sensibilidade***: **objetivou-se nessa etapa a conceituação e a identificação dos limites e forças que influenciam no cotidiano**.

Para tanto utilizei a “dinâmica da confecção de painéis”, em que, ao som de

uma música instrumental, solicitei aos interatores que eles meditassem sobre a sua vida, maneiras de viver e aspectos do dia-a-dia e refletissem sobre as seguintes questões: **O que é força- potência?; Quais as forças para um “ser saudável”?; O que é um limite? e Que limites interferem no “ser saudável”?**

Posteriormente, solicitei que formassem trios, discutissem e respondesse as questões, confeccionando um painel, através da escrita, pinturas, desenhos e colagens o entendimento do grupo. Para cada trio, foram distribuídos os seguintes materiais: 01 folha de cartolina amarela, 01 folha de cartolina branca, 01 tesoura, 01 bisnaga de cola, canetas coloridas e revistas.

Orientei para que, na folha de cartolina branca, o trio confeccionasse um painel com as respostas das questões: O que é força- potência? E quais as forças para um “ser saudável”? e na folha de cartolina amarela com as respostas das questões: O que é um limite? E que limites interferem no “ser saudável”?

Vale ressaltar que o conteúdo dos painéis expressavam o entendimento do grupo considerando as convergências e divergências que surgiram nas discussões dos trios.

Após todos terem confeccionado os cartazes, eles foram fixados na parede da sala do NEI ACOLHEDOR. Posteriormente, cada trio elegeu um representante e apresentou a sua produção ao grupo suscitando as discussões dos aspectos mencionados.

• ***Quarta Oficina de Criatividade e Sensibilidade:* objetivou-se nessa etapa a conceituação e a identificação dos tipos de violências que se mostram no cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.**

Para tanto utilizei a “dinâmica da criatividade”, em que ao som de uma música instrumental solicitei a Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR que refletissem sobre a sua vida, maneiras de viver e aspectos do dia-a-dia, sobre as seguintes questões: **O que é violência? E Como a violência se mostra no dia-a-dia?**

Posteriormente, solicitei que, em duplas, discutissem e respondessem as questões propostas e registrassem numa folha de papel A4 o entendimento da dupla. Essa forma de registro era de acordo com a liberdade de expressão da dupla podendo fazer uso da escrita, pinturas, desenhos e colagens. Para tanto, foram distribuídos os

seguintes materiais: folhas de papel A4 cor branca, 01 tesoura, 01 bisnaga de cola, canetas coloridas e revistas.

Fixei papel metro na parede da sala do NEI ACOLHEDOR para que, ao término das produções, as duplas ali as colocassem para uma posterior discussão no grupo.

Vale ressaltar que o conteúdo das produções artísticas expressava o entendimento da dupla considerando as suas convergências e divergências.

• *Quinta Oficina de Criatividade e Sensibilidade*: essa etapa **objetivou aprofundar o entendimento dos tipos de violência que se mostram no cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.**

Como no encontro anterior o grupo identificou vários tipos de violência, para esse encontro utilizei duas dinâmicas para facilitar a obtenção dos dados: a “dinâmica do saquinho” e a “dinâmica varal da violência”.

Previamente, agrupei aleatoriamente os tipos de violência que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR identificaram na quarta “oficina de criatividade e sensibilidade” e digitei em papeis de diferentes cores (verde, amarelo, azul e branco). Depois, recortei os papeis com os subgrupos de violência e dobrei-os, colocando-os dentro de um saco plástico. Na dinâmica, que denominei “dinâmica do saquinho” solicitei aos interatores que, à medida que o saquinho fosse passando pelo círculo, cada interator precisaria sortear um papel, mas não abri-lo até uma nova orientação e responder para o grupo individualmente as seguintes questões: **o que é violência? E como a violência se mostra no dia-a-dia?**, a fim de que se tivesse a significação atual de todos que ali estivessem, contemplando alguém que possa ter faltado no último encontro.

A dinâmica transcorreu até que todos se apresentaram.

Depois iniciei, a “dinâmica varal da violência”, na qual solicitei aos interatores que formassem subgrupos de acordo com a cor do papel sorteada e respondessem às questões que ali constavam (cada papel solicita a definição de um dos tipos de violência mencionado pelo grupo do encontro passado). Cada subgrupo recebeu folhas de papel A4 da cor correspondente ao grupo (verde, amarela, azul, branca), canetas coloridas e revistas.

Estendi cordões na sala formando um grande varal com pregadores. À medida que os subgrupos respondiam as questões e registravam nas folhas de papel, iam estendendo os mesmos no “varal da violência”. Para tanto, o conteúdo expressava a opinião dos interatores que compunham o subgrupo.

Após todos os subgrupos terem respondido às questões os mesmos se apresentaram ao grupo relatando a experiência da dinâmica e o que eles produziram. Depois foi realizada a discussão dos aspectos mencionados.

• *Sexta Oficina de Criatividade e Sensibilidade*: essa etapa objetivou **identificar as formas de contorno da violência que se mostra no cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.**

Para tanto utilizei a dinâmica que denominei “refletindo e simbolizando a minha força!”. Ao som de uma música instrumental, solicitei aos interatores que eles meditassem sobre os tipos de violência que se mostram no cotidiano, suas maneiras de viver e aspectos do dia-a-dia e refletissem sobre as seguintes questões: **Diante das violências que se mostram, quais as minhas forças (potências) para enfrentá-la e tornar o meu dia-a-dia mais saudável?**

Distribuí para cada interator os seguintes materiais: folhas de papel A4 cor branca, 01 tesoura, 01 bisnaga de cola, canetas coloridas e revistas.

Posteriormente, solicitei que individualmente eles respondessem a questão proposta e desenhasse qualquer coisa que simbolizasse a sua força. Essa forma de registro foi de acordo com a sua liberdade de expressão usando a escrita e desenhos.

Dispostas em círculo, Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR compartilharam com o grupo a sua produção, sendo que posteriormente, discutiu-se no grupo os aspectos mencionados.

Nesse terceiro momento, acredito que o desenvolvimento do aspecto lúdico ganhou destaque, tendo em vista que é uma necessidade de expressão e manifestação do ser humano em qualquer faixa etária da vida, sendo, portanto percebida para além de uma simples diversão. Esse aspecto facilitou o processo de participação e construção individual e coletiva das discussões nas oficinas. O que facilitou o processo de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento compartilhado.

De acordo com Vasconcelos (2004, p.124) “o sujeito com motivação para criar e que busca fugir do convencional é empreendedor, aprende com os ensaios de acerto e erro, propõe alternativas sem se sentir ridículo e explora o meio como se fosse pela primeira vez”. Também para Freire (1992), o conhecimento exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo; requer sua ação transformadora sobre a realidade; demanda uma busca constante; implica em invenção e reinvenção; e reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer.

Para Vasconcelos (2004, p.124), “o essencial do ser humano pode ser manifestado em sua prática social, sua criação, isto é, a construção dos instrumentos através dos quais ele interage com a natureza, desencadeando um processo mútuo de transformação, pois não há uma essência humana universal e imutável, há uma essência construída historicamente.

Nos encontros, Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR criavam e apresentavam através de desenhos, colagens e escritas as opiniões individuais e grupais acerca da temática de discussão, o que se configurou em momentos de muita riqueza visual e simbólica de expressão de opiniões e reflexões. Conforme Cabral (2004, p. 129-137), “a criação artística, um dos produtos das dinâmicas de criatividade e sensibilidade, se apresenta como um aliado importante para o desencadeamento da discussão grupal, servindo também como fonte de coleta de dados”.

➤ **QUARTO MOMENTO: apresentação das produções**

Em todos os encontros esse momento foi bastante rico, pois os participantes apresentavam as suas produções (individual ou grupal) e coletivizaram suas experiências. Conforme Cabral (2004, p.134), nesse momento o próprio grupo busca a convergência e divergência do objetivo proposto.

Ao observar e avaliar a construção do material individual e grupal, que algumas vezes eram mostrados individualmente para o grupo que se dispunha em círculo, no espaço destinado à realização das oficinas; em outras vezes eram expostos nas paredes ou num varal, como resultado da discussão do grupo ou até mesmo eram entregues voluntariamente para a pesquisadora. Pude observar que os interatores consideraram as dinâmicas muito importantes e interessantes, pois possibilitaram a construção do

conhecimento coletivo e socializado. Destaco ainda que o desenvolvimento de toda a dinâmica do estudo não seria concretizada sem a contribuição voluntária, despojada, interativa e repleta de sensibilidade dos interatores.

Vygotsky (1991) destaca a importância da experiência partilhada, da comunhão de situações, do diálogo, da colaboração, concebendo o aprendizado como um processo de trocas e, portanto, verdadeiramente social.

Podemos constatar que a discussão grupal, presente nas dinâmicas de criatividade e sensibilidade resulta dos diálogos existentes no grupo e de todas as estratégias que motivaram o diálogo incluindo as criações artísticas produzidas pelos interatores e pela pesquisadora. Essas discussões permitem as expressões de idéias, opiniões, concepções de mundo, crenças e valores dos integrantes do grupo.

Pela autoconsciência e coletivização de experiências e vivências, é possível que os interatores, ao refletirem sobre o seu cotidiano, resgatem eventos passados e atuais, fazendo uma inter-relação do passado e do presente de modo crítico pelos papéis que representam na vida pessoal, familiar e social.

Depois da participação de cada um, passa-se ao quinto e último momento da dinâmica de criatividade e sensibilidade.

➤ **QUINTO MOMENTO: análise coletiva, validação dos dados e consolidação de alianças.**

Nesse momento, do primeiro ao sexto encontro, Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR procuravam atribuir significados e sentidos ao que havia sido discutido no grupo. Através das suas reflexões, elas buscavam formas de (re)significar o seu cotidiano e expressavam voluntariamente o sentimentos em estarem participando dos encontros.

Enquanto pesquisadora, solicitava que avaliassem os temas abordados e as formas de dinâmicas desenvolvidas, para um constante crescimento construtivo e dinamicidade do trabalho. Também reafirmava a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e agendava com o grupo o próximo encontro, estabelecendo o dia, horário e local, sempre enfatizando a disponibilidade em participarem investindo em si mesmo, consolidando novas amizades, cuidando de si e

do outro e trocando conhecimentos e experiências vividas.

Ao final de cada encontro, realizava uma dinâmica de integração e fortalecimento do grupo terminando sempre com um abraço coletivo simbolizando a potência dos participantes enquanto grupo ou rede social. Em alguns momentos também foi utilizada uma música para o encerramento relacionada à temática discutida.

A exemplo das dinâmicas e músicas utilizadas no término dos encontros, junto ao “abraço coletivo”; temos, do primeiro ao sexto encontro: “dinâmica do bombom”; “dinâmica da corrente”; música “Força Estranha” de Roberto Carlos; “dinâmica do círculo musical”; música “Palavras Repetidas” de Gabriel O Pensador”; “dinâmica dos desejos”; música “É” de Gonzaguinha, e “Mensagem de Natal”. (Apêndices II ao VII)

Importante destacar que todos os encontros estavam interconectados, ou seja, as discussões eram sempre iniciadas com a síntese das produções de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR do encontro anterior, sendo as questões do dia trabalhadas a partir das questões norteadoras que foram surgindo no próprio grupo. Isso reforça o caminho de forma espiral, onde íamos e vínhamos conduzidos por um fio condutor que era a **compreensão do cotidiano e a significação da violência para a construção do ser saudável e contorno da violência no cotidiano.**

Percebo que a construção do conhecimento desse estudo como um movimento espiralesco, onde a avaliação era processual e permitia o (re) planejamento dos encontros e, desse modo o alcance do objetivo desse estudo foi atingido coletivamente.

Acreditamos que através de um profundo questionamento, reflexão, construção, desconstrução e reconstrução de nossas práticas cotidianas é que podemos vislumbrar a possibilidade de transformá-la no sentido de buscar uma melhor qualidade..

À medida que coletava os dados, estes eram ordenados sofrendo uma análise preliminar, de forma que quando as informações começaram a apresentar repetições, encerrou-se sua coleta, ou seja, quando os dados começaram a apresentar saturação¹⁴. Para Turato (2003, p. 363) “os objetivos da pesquisa, assim como a opinião do orientador do trabalho são parâmetros para auxiliarem na decisão sobre se a

¹⁴ Entende-se por saturação “o princípio da construção do *corpus* usado para selecionar informações. O processo de seleção é interrompido quando se torna claro que esforços adicionais não irão trazer mais nenhuma variedade” (BAUER e GASKELL, 2005, p.512)

curiosidade científica já foi atendida suficientemente ou não”.

3.2.5 A ética permeando o encontro

Partindo do pressuposto de que a ética precisa permear todo o processo de pesquisa, o presente estudo seguiu os preceitos recomendados pela resolução 196-96 do Conselho Nacional de Saúde, no que se relaciona a pesquisa envolvendo seres humanos.

O projeto de tese foi submetido e aprovado pelo Comitê de Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, conforme parecer consubstanciado do projeto número 185-2005, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina em 08 de agosto de 2005. As informações fornecidas por Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR permaneceram confidenciais e o anonimato das mesmas foi mantido através do uso de codinomes atribuídos por mim, conforme já destaquei.

O processo da pesquisa iniciou-se após ter sido oferecido aos interatores uma ampla explicação sobre o objetivo e processo da pesquisa e após a obtenção por escrito do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Durante a explicação foram assegurados: o direito de recusar a participar ou de se retirar da pesquisa em qualquer momento, a confidencialidade das informações e o anonimato das identidades dos interatores.

As pessoas autorizaram a gravação (em fita cassete e digital) das oficinas, como de imagens fotográficas, deixando claro nos relatos das dinâmicas grupais que as fotos poderiam ser utilizadas na pesquisa, não sendo necessário “camuflar” as suas imagens e produções artísticas.

As pessoas também foram alertadas sobre a possibilidade de acesso às informações e de desligamento da pesquisa no momento que assim o desejassem. Mas nenhuma pessoa o fez nesse estudo.

Quando da transcrição dos dados, assim como o seu tratamento, análise a apresentação os mesmos foram utilizados de modo a preservar a fidedignidade das falas dos interatores demonstrando uma atitude ética frente aos mesmos. Da mesma maneira, as referências foram respeitadas em sua autoria, apresentando-se as devidas

citações.

Entendo assim, que os princípios da bioética¹⁵ foram desenvolvidos junto a Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, destacando-se alguns pontos, baseados num quadro sinóptico¹⁶ resumido por Turato (2003, p. 598), tais como:

➤ Princípio de Autonomia: foi preservada a participação voluntária, sem coerção institucional ou psicológica, e bem instruída com termo de consentimento pós-informação.

➤ Princípio de Beneficência: no exercício da informação e verbalização, os interatores exercitaram a consciência sobre a própria situação de vida; no gesto voluntário e altruísta de colaboração para com o conhecimento científico e sua aplicação àqueles em condições similares, aumentando sua auto-estima., no seu próprio dizer.

➤ Princípio da Não- Maleficência: foi garantida a não invasão da privacidade, a não mobilização emocional de elementos traumáticos e a preservação do anonimato.

➤ Princípio de Justiça: resgatando-se a virtude moral do reconhecimento que foi dada ao direito do outro.

Deste modo é que corroboro com Elsen e Nitschke (1994, p. 9) ao compreender a ética como “o compromisso social, profissional e científico que o pesquisador tem com a melhoria da qualidade de vida da população”.

3.2.6 Registrando o encontro

A forma de registros proposta para esse encontro é similar à adotada por Nitschke (1999, p. 84-85) em sua tese de doutorado, baseando-se em Ludke e André (1986), utilizando-se do Diário ou Notas de Campo, que envolve “Notas de Observação ou Interação”; “Notas do Pesquisador ou Notas Reflexivas”; “Notas Metodológicas” e “Notas Teóricas”.

Nas “Notas de Observação ou Interação” (NO ou NI), propõe-se relatar as

¹⁵ Para Turato (2003, p. 596) “bioética pode ser definida, dentre outros modos, como a disciplina que se ocupa tanto da pesquisa de problemas éticos como da aplicação de questões éticas, ambas suscitadas pelas investigações científicas biomédicas pesquisadores das áreas de saúde e pelos atos assistenciais de profissionais”.

¹⁶ O autor baseia-se nos quatro princípios das questões da bioética publicado no livro *Principles of Biomedical Ethics* (BEAUCHAMP & CHILDRESS, 1994).

interações, contemplando-se a descrição dos sujeitos; a reconstrução dos diálogos; a descrição dos locais, eventos especiais, atividades; o comportamento do observador, entre outros aspectos.

Nas “Notas do Pesquisador ou Notas Reflexivas” (NP ou NR), registram-se os sentimentos, percepções e reflexões do próprio pesquisador.

Nas “Notas Metodológicas” (NM) são anotados os aspectos referentes às técnicas e métodos utilizados, problemas detectados na coleta de dados e como resolvê-los, além de decisões sobre rumos a serem tomados no decorrer do estudo.

Nas “Notas Teóricas” (NT) são relatadas reflexões sobre aspectos teóricos, ou seja, desenvolve-se uma conversa constante entre o pesquisador, a realidade, seus pares, os autores das referências bibliográficas e o orientador do estudo.

Ainda Nitschke (1999, p. 75), baseada em Ludke e André, sugere que ao iniciar cada registro, o observador indique o dia, a hora, o local e o período de observação. Na folha de registro precisa ser deixada uma margem lateral para codificação dos dados, “insights”, categorias, conceitos, ligações e observações gerais. As anotações precisam ser realizada de forma descritiva, no momento mais próximo e oportuno da obtenção das informações, afim de que não se percam aspectos relevantes dos dados, nem tampouco comprometa a interação pesquisador - sujeito do estudo.

Para esse estudo, realizei a triangulação dos dados coletados através da observação participante, da entrevista individual, das “Oficinas de Criatividade e Sensibilidade” e das notas.

Para Mitchell (1986) e Murphy (1989) “a triangulação metodológica é uma forma de triangulação de alto nível de complexidade, que consiste na combinação de diferentes métodos ou procedimentos de coleta de dados em um mesmo estudo, com vistas a abranger de forma mais acurada as variadas perspectivas do objeto de estudo”.

Além da utilização do Diário ou Notas de Campo, em todos os encontros foram feitos registros das dinâmicas, através de fotografias digital para a ilustração dos trabalhos desenvolvidos. As entrevistas também foram registradas em fitas cassete e gravador digital, após consentimento dos (as) participantes e assinatura, conforme “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (Apêndice I).

No primeiro encontro, foi utilizado apenas um gravador de fita cassete (modelo

Panasonic Mini Cassete Recorder RQ-L31) para a gravação das oficinas. Mesmo colocando o gravador no centro do círculo a gravação não ficou bem audível, pois alguns participantes falavam baixo e em outras vezes existiam conversas paralelas. Em alguns momentos, a bolsista tinha que colocar o gravador próximo ao sujeito que fazia uso da palavra e o manuseio do gravador desviava a atenção dos participantes.

Para tanto nas oficinas seguintes, além do uso do gravador de fita cassete também fiz uso de um gravador digital (modelo Power Pack DVR-SD 3850); ambos ficavam em lados opostos no círculo para captar as falas dos interatores (um próximo a mim e o outro próximo à bolsista). Essa estratégia facilitou a gravação dos momentos das dinâmicas e concentração dos participantes.

Destaco que, ao optar gravar as oficinas grupais, as quais foram transcritas e sistematizadas, esse processo pode ser denominado de “documentação dos dados”, que, segundo Flick (1994, p.179), compreende as etapas de “gravação dos dados, edição dos dados (transcrição) e construção de uma “nova” realidade no texto produzido através deste”.

3.2.7 Analisando o encontro

A análise dos dados foi permeada pelas questões norteadoras e pelos objetivos, utilizando o referencial teórico-epistemo-metodológico da Sociologia Compreensiva de Michel Maffesoli.

Para Turato (2003, p.437)

a quantidade de técnicas de análise não está e nem precisa estar fechada para qualquer método de pesquisa (...) poderão existir quantas forem criadas pelos pesquisadores na busca de lapidar os dados para garantir a passagem para a fase de uma profícua discussão.

Neste estudo, realizou-se uma análise qualitativa dos dados. Para Ludke e André (1988, p. 59-60) “analisar os dados qualitativos significa trabalhar todo o material obtido na pesquisa”.

Para Schatzman & Strauss (1973, p.109), a análise de dados “é um trabalho do processo de pensamento no qual se caracteriza por ser auto-consciente, sistemático,

organizado e instrumental. É conhecimento objetivado e operacionalizado. Entretanto, acima de tudo, é extremamente ativo, melhor ainda, um processo interativo entre o pesquisador, sua experiência e os dados”.

Deste modo, a análise dos dados permeou todos os momentos desta pesquisa, desde seu início, sendo mais sistemática e mais formal após o “término” da coleta de dados, ou seja, após o último encontro com Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.

Essa idéia é reforçada por Schatzman & Strauss (1973, p. 109) ao referirem que “sendo a pesquisa um processo, a estratégia de analisar ocorre simultaneamente e continuamente com outras estratégias, apresentando assim um caráter cumulativo e auto-corretivo”. Ainda para esses autores “os dados qualitativos são excessivamente complexos, não podendo ser prontamente convertidos dentro de unidades mensuráveis e variam em nível de abstração, em frequência de ocorrência, em relação às questões centrais da pesquisa”. (SCHATZMAN & STRAUSS, 1973, p. 109).

Algumas estratégias propostas por Turato (2003, p. 449); Nitschke (1999, p. 86-89) Schatzman & Strauss (1973) e Lüdke & André (1998) foram utilizadas neste estudo para facilitar a organização e análise qualitativa de todo o material obtido, como:

3.2.7.1 Preparação inicial do material

Esta fase consistiu na transcrição digital do conteúdo das fitas gravadas e das digitações das “Notas de Campo”. Foi uma fase exaustiva que exigiu bastante paciência, pelo cuidado em não omitir e transcrever fidedignamente todos os trechos gravados e informações registradas. Todos os dados transcritos foram impressos e arquivados no computador gerando um processo de editoração dos dados.

3.2.7.2 Pré-análise

Esta fase consistiu nas chamadas “leituras flutuantes” do material transcrito. Tratou-se aqui de estabelecer contato com os dados transcritos e registrados, deixando-se invadir por impressões e orientações, fazendo com que, pouco a pouco, o alvo da leitura fosse ganhando clareza para a minha compreensão, para uma possível análise.

De acordo com Lüdke e André (1986, p. 61), “é preciso ler e reler o material até chegar a uma espécie de impregnação de seu conteúdo, sendo que a análise não precisa ficar apenas no explicitado, mas, como colocam, desvele mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente silenciados”.

Em linhas gerais, inicialmente, utilizei as “Notas de Campo” (Observação ou Interação; Pesquisador ou Reflexivas; Metodológicas e Teóricas) que, conforme Schatzman & Strauss (1973) são como o “coração da análise, pois permitem um prévio acompanhamento das idéias emergentes, através de sua simultânea checagem”, tendo-se assim uma “análise preliminar”.

Logo, após cada encontro realizado e, antes do encontro seguinte, eu recorria às “Notas de Campo”, sublinhando o que mais se destacava pela interação em si e também em relação às idéias iniciais do projeto de tese, que foram integrando um “corpo de dados”, que possibilitou a construção gradual de subcategorias e categorias.

De posse das transcrições das oficinas e registros de campo, deparei com o problema de qual caminho de análise seguir para a compreensão do fenômeno estudado. Fui buscar respaldo necessário em outros estudos que utilizaram o mesmo referencial teórico para direcionar o meu caminho, dentre eles os de Nitschke (1999), Penna (1997), Pereira (1999).

A leitura exaustiva das transcrições das oficinas e das Notas de Campo foi indicando os possíveis caminhos a serem seguidos para a análise, pois mergulhada na quantidade de informações ali contidas tinha receio em menosprezar ou valorizar uma ou outra fala.

Fazendo um resgate de todos os passos desenvolvidos para a coleta de dados, um caminho que pareceu iniciar o processo de análise foi partir do cotidiano relatado pelos interatores, ou seja, das maneiras de viver no dia-a-dia, nas quais Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR relatavam os limites e as forças para o ser saudável no cotidiano.

3.2.7.3 Categorização

De acordo com Gomes (2002, p. 70) “a palavra categoria, em geral, se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se

relacionam entre si [...] são empregadas para agrupar elementos, idéias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso”.

Essa fase consistiu no destacamento dos assuntos por relevância e repetição, além de eventuais reagrupamentos, transformando os dados brutos em organizados, lapidados, ou seja, em dados codificados.

Essa codificação era feita a partir da descoberta de classes e suas ligações que, segundo Schatzman & Strauss (1973, p.110) é “provavelmente a operação mais fundamental na análise qualitativa dos dados”. Visto que, nesse momento do processo, o pesquisador “descobre classes significativas de coisas, pessoas, eventos, bem como as propriedades que os caracterizam”. Deste modo, ele nomeia classes e liga uma à outra, numa primeira proposição que expressa as “ligações”, continuando o processo até as proposições formarem conjuntos, “conjunções”, num contínuo crescimento da densidade das ligações.

Esse processo dinâmico ocorreu sucessiva e cumulativamente no desenvolver de cada encontro, até chegar ao último, quando retomei todo o material obtido neste estudo, compondo assim a análise preliminar dos dados.

Deste modo, os dados foram formatados em tabela computadorizada, deixando-se a coluna da esquerda para a transcrição e descrição dos encontros e a coluna da direita para a codificação, conforme exemplo no Apêndice VIII. Essa mesma formatação foi utilizada na digitação das “Notas de Campo”, facilitando a análise do material obtido, como no exemplo no Apêndice IX.

As classes que iam sendo identificadas foram sendo destacadas com diferentes cores, nas próprias letras e nos *realces* (por exemplo: *quotidiano*, *limite*, ter doenças), ao longo da coluna da esquerda (transcrição e descrição). Posteriormente, as classes identificadas eram copiadas para a coluna da direita, conforme Apêndice X.

À medida que cada encontro era transcrito, surgiam aspectos referentes às classes já identificadas que cumulativamente iam sendo integradas, incluindo-se as devidas ligações. Como pode ser observado no Apêndice XI.

Para a nomeação de cada “agrupamento de dados”, busquei nas próprias falas dos interatores fragmentos de frases que pareciam significar o que ali havia reunido. Assim, este “corpo”, tendo a singular expressão de Algumas Pessoas do NEI

ACOLHEDOR, permitia que, a partir dele, se definisse as ligações chaves, sendo possível selecionar as classes significativas para serem desenvolvidas numa conjunção, o que pode ser ilustrado por Schatzman & Strauss (1973, p.111). Para eles “a principal vantagem operacional para o pesquisador ao criar ou encontrar uma ligação-chave é a de que, num primeiro momento, ele tem o meio de determinar a importância das classes. Sem isto, pode-se dar igual atenção a um vasto número de classes e, conseqüentemente, nunca sentir-se suficientemente confortável para implementar o “fechamento” do processo”. Outra alternativa para eles é “utilizar algum marco ou teoria como chave” que, neste caso, é o conjunto de conhecimento desenvolvido pelos autores que já venho citando. Importante ressaltar, que as questões norteadoras e os objetivos permearam todas as etapas de interpretação dos dados e para a análise foi utilizado, como pano de fundo o referencial da Sociologia Compreensiva de Michel Maffesoli.

A seguir, reuniram-se todos os dados da “coluna da direita”, procedendo-se a uma nova análise, para integrar as classes e ligações num só corpo, constituindo-se o as conjunções. **I - “O Quotidiano que se mostra para algumas pessoas”**, que integrou **o Quotidiano contemporâneo; os Limites do cotidiano e as Forças do cotidiano**.

Essa conjunção direcionou o meu olhar para a identificação da violência como um fenômeno que se mostra e limita o cotidiano saudável de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR. Com o objetivo de conhecer e compreender o significado dessas violências uma nova conjunção foi se delineando, na qual denominei **“Mergulhando no cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR e encontrando a violência”**, que integrou: **Violências que se mostram no cotidiano e as forças para o contorno da violência no cotidiano**.

Todo esse processo foi muito complexo, difícil e consumiu um enorme período de tempo, aproximadamente um ano, até surgir o delineamento de quais classes seriam desenvolvidas.

Fazendo aproximações sucessivas através de novas leituras dos dados aos poucos, fui percebendo a conjunção, a complementariedade, a interdependência dessa realidade, que é simples, mas também complexa, que ali se mostrava a partir das suas

mais variadas interações.

Para Boff (1998, p.18) “não somente o homem se constrói numa lógica complexa, mas também o próprio universo [...] é a teia de relações pelas quais tudo tem haver com tudo em todos os momentos e em todas as circunstâncias. É o funcionamento articulado de sistemas e subsistemas que tudo e a todos englobam”.

Ao reler as transcrições dos dados, recortando e agrupando as falas de modo a estabelecer uma certa ordenação correspondente, parecia seguir o que Maffesoli (1988, p. 146) considera “procedimento analógico”, no qual “a reduzir ao menor denominador comum, é preferível compreender, em sentido estrito, estes entrecruzamentos de paixões e razões, de sentimentos e cálculos, de devaneios e ações que se chama sociedade[...] à maneira das ‘colagens’”.

Nitschke (1999, p.89) também destaca que esse processo de “colagens” ilustra o aspecto formista discutido por Maffesoli, ou seja “de outra forma, mas ainda colagens em sua essência” .

À maneira das “colagens” ... trata de reunir num mesmo gesto, formas e conteúdos que, mesmo se encontrando dispersos, nem por isso deixam de fazer parte da estrutura mundana em uma dada época. A colagem é *strictu sensu* uma metáfora: transporta para um mesmo lugar e reúne” (MAFFESOLI, 1988, p. 146).

3.2.7.4 Validação

Conforme Turato (2003, p. 389), a validação interna é “um processo envolvendo o autor e seu projeto e que configura rigores para que a apreensão dos fenômenos dê a estes o atributo de verdade, isto é, estejam em conformidade com o real, graças à função e ao poder adequado do pesquisador, dos recursos gerais e dos instrumentos auxiliares da pesquisa”. Assim, quando o pesquisador utiliza-se de um “planejamento adequado das técnicas de pesquisa e dos procedimentos junto aos sujeitos e ao ambiente de estudo; tempo prolongado de convivência em campo; sensibilidade de escutar e ver e o pensar crítico; e, principalmente, estabelecimento de uma reação transferencial positiva com os informantes nos *settings*, o pesquisador poderá dizer a seus avaliadores e leitores que resguardou os cuidados para o atributo da validade”. (TURATO, 2003, p. 389)

Para tanto, nesse estudo os dados obtidos foram validados para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, participantes do estudo, de forma crescente e contínua, a cada encontro realizado.

A cada encontro realizado, a pesquisadora compartilhava com o grupo a síntese do encontro anterior, além das produções (colagens, desenhos, escritas) realizadas. Também a questão norteadora e a dinâmica proposta a ser trabalhada no encontro previsto era fruto da análise preliminar do encontro anterior, integradas ao objetivo do estudo e ao referencial teórico-metodológico utilizado.

Os dados discutidos em cada supervisão com a orientadora; as discussões do estudo em grupos de pesquisa; apresentação e debate de resultados em eventos, configura-se na “validação externa” dos dados que, a meu ver, é um processo contínuo e perene. Para Turato (2003, p. 391), a validação externa “é um processo envolvendo o autor em posse dos achados da pesquisa e seus interlocutores acadêmicos, de cuja interação e debate afetivo-intelectual provirão considerações favoráveis ou adversas ao atributo de verdade destes achados”.

3.2.7.5 Apresentação do encontro

Essa etapa foi um dos momentos mais trabalhosos e que demandou um maior tempo de pesquisa devido ao enorme e cansativo processo de idas e vindas ao material transcrito. Pelo rico material obtido em todas as etapas da pesquisa tivemos bastante dificuldade em trabalhar com esses dados e organizá-los da melhor forma para conseguirmos compreendê-los.

Como uma iniciante em pesquisa qualitativa, essa fase foi acompanhada de muita angústia, estresse, aflição por parecer “não conseguir dar conta” de todos os dados que ali se mostravam. Muitas das vezes me senti “sufocada” nesse emaranhado de falas e imagens que me deparei. Por outro lado, tinha o compromisso ético pessoal e de pesquisadora de não deixar “nada de fora”, pois para mim tudo era importante e a seleção das falas se tornou um processo angustiante onde “tudo precisaria estar”, mas que “não sabia como fazê-lo”.

No decorrer desse trajeto tentei dar uma pausa e me envolver em outras atividades pessoais, para ver se conseguia “forças” e “idéias” para análise, mas não

consegui. Estava ansiosa em dar continuidade a esse processo, até porque o tempo não estava ao meu favor. Juntou-se a isso uma nova etapa de vida, com retorno inesperado à minha cidade natal, mostrando-me naquele momento a certeza de que a vida nos prega surpresas, quando menos estamos organizados. Mas assumi o desafio de uma orientação “à distância”, que me deixou racionalmente mais aflita e temerosa, mas que emocionalmente me confortava em saber que estava junto aos meus familiares. Mesmo com as contribuições da orientadora para o direcionamento de análise, considero esse momento “solitário” em pensamentos, mas bastante desafiador, por ter proporcionado “amadurecer” algumas compreensões que compartilharemos no decorrer dos próximos capítulos.

A apresentação da compreensão foi realizada de forma descritiva e com citações ilustrativas das falas. Assim como, com a ilustração dos painéis confeccionados por Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, com os registros e imagens por elas apresentados. Dessa forma foi possível a discussão e interpretação do material obtido em todo o processo deste estudo.

Buscando estar atenta às falas de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR procurei não lhes embutir um significado imediato, individual, isolado, mas tentei caminhar às suas margens, de forma a observá-los sob diversos ângulos, aprendendo não só o sentido das palavras, mas também o sentimento por elas veiculado. Procurei compreender cada fragmento de relato em sua totalidade na situação que se apresentava. Portanto, muitas vezes, não conseguir abstrair pequenos trechos dos relatos das situações vividas, razão pela qual foi colocado na íntegra, de forma a apreender o movimento de todos os interatores dentro da mesma situação. Também em alguns momentos das atividades em grupo, alguns interatores relatavam a opinião dos grupo, portanto a sua expressão verbal individual retratava também o entendimento grupal, como um mero “porta-voz” do discurso.

Nas transcrições das falas e dos materiais textuais, mantive as expressões verbais e as construções das frases, tal qual se apresentava, mantendo-se assim o tratamento pessoal dos dados. Com já relatei, também atribui aos interatores “nomes de pássaros”, como pseudônimos, para preservar o seu anonimato.

Analisei os relatos individualmente, dentro de cada agrupamento buscando a

compreensão da realidade vivenciada em cada oficina. Assim cada relato nos trazia uma faceta do todo que tínhamos a nossa frente, mostrando que situações, aparentemente banais acarretam uma significação profunda do societal.

Procurei explorar ao máximo as situações apresentadas, por mais que pudessem aparecer. Busquei, ainda, ressaltar não apenas a unidade dentro do conjunto de dados, mas também as discrepâncias, as incongruências e as contradições, de forma a mostrar que o cotidiano e a violência trazem em si todas essas facetas, que também constituem a sua riqueza.

Vale destacar que a compreensão aqui trazida expressa uma situação específica, num determinado momento e espaço social, cultural, político e geográfico, caracterizando a singularidade e o valor inédito do presente estudo.

Ressalto ainda que, no desenvolvimento do presente estudo, assumi um “olhar de dentro”, termo empregado por Maffesoli (1988, p.43) que lhe confere “o sentido da interação estabelecida entre o observador e seu objeto de estudo, havendo ainda conivência e cumplicidade entre ambos. Nesse sentido, fazemo-nos presentes no acontecimento social, o que nos permite apreender, ou pressentir as sutilezas, os matizes e as discontinuidades de uma dada situação analisada”. É a expressão dessa busca que passo a desenvolver no capítulo a seguir., dando relevo ao igual e ao contraditório, ao estático e ao dinâmico, ao conformismo e à resistência dos interatores diante das situações e relatos por eles trazido. A todo o instante lembrava como Weber, trazido por Rezende (1991, p.247) “são os homens que constroem seu vivido e o interpretam, não é um fundamento explicador que precisa ser buscado, mas a chave da compreensão do societal está nas próprias ações dos homens”.

Acreditamos que a saúde dos seres humanos precisa ser reconhecida por acontecimentos e relações de sua vida diária, ou seja, é no cotidiano, que as pessoas, ao revelarem a sua maneira de viver, as suas interações, o seu processo de viver no dia-a-dia, mostram também o seu movimento no processo saúde-doença. Não podemos negar o papel relevante que todo o universo de imagens, símbolos, imaginários, crenças, valores, atitudes, posturas, significa no dia-a-dia das interações interpessoais e sua relação com a construção de ser saudável. Iniciamos nossa caminhada, defendendo a tese no projeto de que *“compreender o significado da violência e da potência pode*

*contribuir para a construção de um cotidiano sem violência na família”, que ao ser lapidada se mostrou como **compreender o cotidiano com seus limites e potencialidades relacionados ao processo saúde-doença, significando a violência, como um dos seus limites, resgata a potência para o contorno da violência e construção do ser saudável.***

Deste modo, ao realizar análise dos dados, é que vimos emergir duas grandes conjunções, que apresentaremos a seguir: **I - “O Cotidiano que se mostra para algumas pessoas” e II - “Mergulhando no cotidiano de algumas pessoas e encontrando a violência”.**

CAPÍTULO 4

4 “O QUOTIDIANO QUE SE MOSTRA PARA ALGUMAS PESSOAS”

“A vida cotidiana, à imagem dos indivíduos e grupos sociais é essencialmente imperfeita, e é sobre essa imperfeição, inconscientemente assumida, que repousam sua harmonia e equilíbrio, e também sua fascinante beleza”. (MAFFESOLI, 1984, p. 37)

O cotidiano revela as singularidades do processo de viver dos seres humanos. Assim podemos significar o dia-a-dia de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, com suas crenças, atitudes, comportamentos, imagens, entre outros aspectos, apresentando que tudo está relacionado com tudo e interconectado numa rede de interações em que o indivíduo estabelece consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Propomos inicialmente, ambientarmo-nos no dia-a-dia de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR. Neste contexto, conheceremos os limites e as forças dessas pessoas em seu cotidiano, onde encontraremos a violência, como um dos limites para o ser saudável trazido por elas.

Nascimento (1994, p.19) revela que “ao levar a sério a multiplicidade dos aspectos que compõem o dia-a-dia, esse cotidiano confere importância ao politeísmo de valores”.

Para Nitschke (2003), o cotidiano

é a maneira de viver dos seres humanos que se mostra no presente expresso na vida de todo dia, estando relacionada à cultura em que está inserida. Assim, expressa-se por interações experimentadas diariamente, que possibilitam ou não, o ser humano crescer e se desenvolver ao longo de sua vida.

Quero destacar que entendo interações, como Fernandes (1967, p. 1143), ou seja, “são as relações existentes entre os seres humanos, e entre ele e o ambiente, podendo estas ser de qualquer natureza, distinguindo-se, portanto, do termo integração

que se refere ao ato de completar-se”. Para Ferreira (2004, p. 1116-1117), interação é “ação que se exerce mutuamente entre duas ou mais coisas, ou duas ou mais pessoas; ação recíproca”, enquanto integração é “ato ou efeito de integrar-se”, ou seja “tornar inteiro, completar, inteirar, integralizar”.

É no dia-a-dia que podemos construir, reconstruir ou mesmo desfazer as nossas ações, anseios, atitudes, gestos, sentimentos, ou seja, o nosso viver. Como refere Gadotti (2003, p. 24), “é no cotidiano que podemos aprender a nos olhar, aprender a falar, a ouvir, a ver, a viver uma vida banal ou não. A banalidade está em não reconhecer o valor de cada instante, a só atribuir valor aos grandes momentos, aos momentos ‘heróicos’ da vida”.

Por isso é que podemos fazer do nosso dia-a-dia algo sufocante, quando vivemos mecanicamente, ou mesmo intenso e verdadeiro quando vivemos autenticamente todos os dias. Ao encontrarmos com “**O Quotidiano que se mostra para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR**”, apresentaram-se: **o QUOTIDIANO CONTEMPORÂNEO**; os **LIMITES DO QUOTIDIANO** e as **FORÇAS DO QUOTIDIANO**, conforme **Imagem 1**.

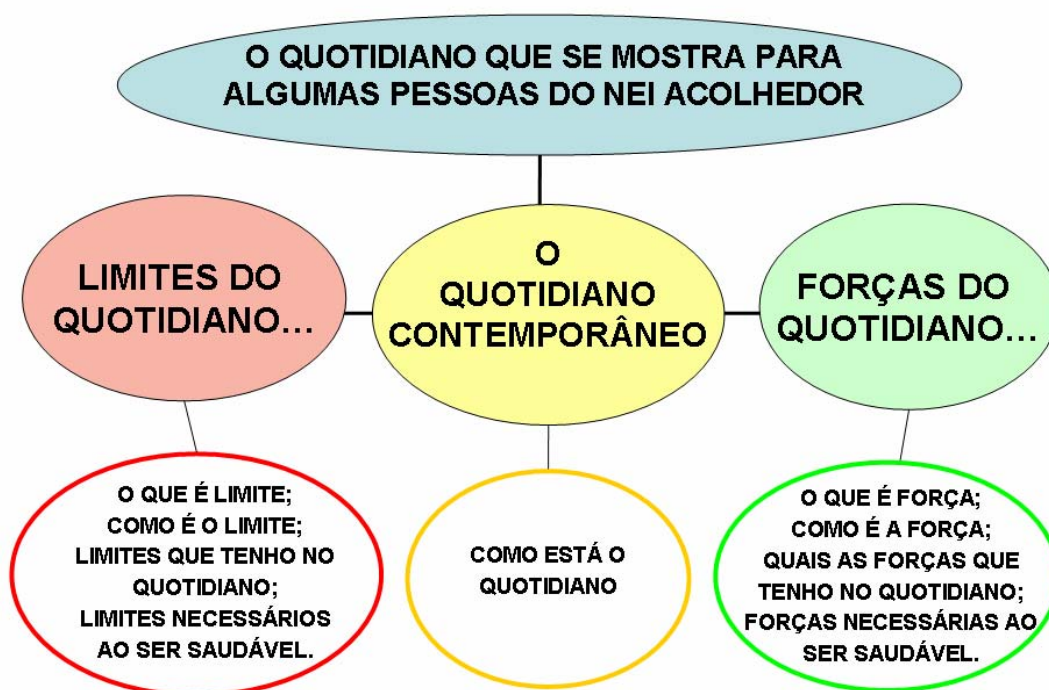


Imagem 1: O cotidiano que se mostra para algumas pessoas do NEI ACOLHEDOR

4.1 O cotidiano contemporâneo

O Quotidiano Contemporâneo para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR expressa o **COMO ESTÁ O QUOTIDIANO**.

4.1.1 Como está o cotidiano

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR ressaltam as dimensões relativas entre o micro e o macro-social, reforçando a presença das interações e indicando que existe uma relação entre o seu cotidiano e tudo que as cerca. Esse entendimento mostra a compreensão sistêmica de que tudo está em relação com tudo, ou seja, tudo está inter-relacionado, tendência explorada nos trabalhos de Maffesoli (1998, p.98), Morin (1998, p. 308), Capra (1996, p.49) e de algumas enfermeiras como Nitschke (1999, p.96), Bellato (1998, p. 16), Patrício (1990, p. 114), Penna (1992, p.90) entre outras.

Podemos perceber que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR atribuem adjetivos e advérbios ao seu cotidiano, a depender das atividades desenvolvidas e da satisfação em realizar essas atividades. Portanto, adjetivos que expressam qualidade (legal, bom, ruim, tranquilo, corrido, rotineiro, cansativo, triste, feliz) e advérbios de modo e intensidade (bem, pouco, muito, intenso, extremamente) são utilizados nas falas dessas pessoas, para apresentar as suas maneiras de viver no dia-a-dia, caracterizando a especificidade e a complementaridade do cotidiano dessas pessoas.

Para Capra (1996, p.49), “a natureza é vista como uma teia interconexa de relações (...) Uma vez que todos os fenômenos naturais, em última análise, estão interconectados para explicar qualquer um deles precisamos entender todos os outros, o que é obviamente impossível (...) A ciência nunca pode fornecer uma resposta completa e definitiva”.

Compreendendo o Quotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR percebemos que o mesmo assume um caráter paradoxal, o que nos fez pontuar alguns aspectos que permitiram integrar as suas semelhanças e diferenças. Para tanto, surgiram os seguintes aspectos do cotidiano, delineando como ele se mostra, conforme **Imagem 2**.

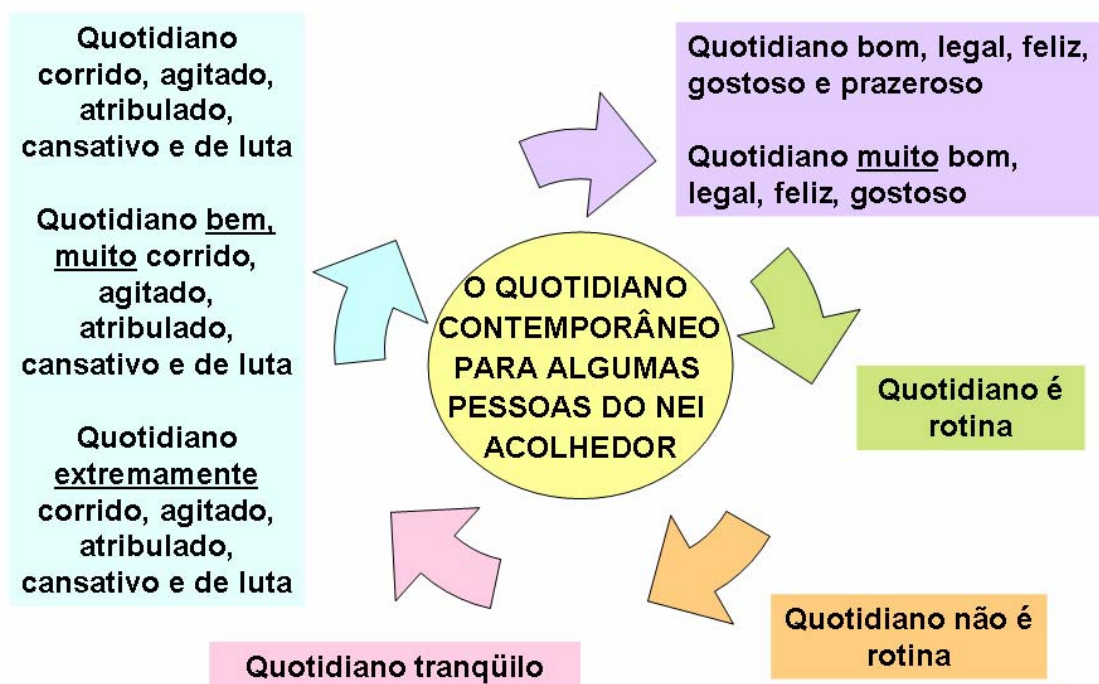


Imagem 2: O cotidiano contemporâneo para algumas pessoas do NEI ACOLHEDOR

O cotidiano é BOM, LEGAL, FELIZ, GOSTOSO e PRAZEROSO...

Quando o estudo e o trabalho movimentam o dia-a-dia...

O cotidiano é legal quando o estudo e o trabalho fazem parte do dia-a-dia de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, mesmo que estas atividades ocupem quase todo o tempo diário caracterizando certa dinamicidade no viver cotidiano.

Meu dia-a-dia é bem movimentado, mas é legal. (BEIJA-FLOR)

Eu trabalhei o dia inteiro, mas foi legal. (PULA-PULA)

Podemos perceber que o dia-a-dia dessas pessoas é caracterizado pelo ritmo acelerado do processo de viver no cotidiano, que também simboliza a maneira de viver de muitas pessoas na contemporaneidade que, em muitos casos, se resumem a atividades de trabalho e de estudo.

Também as atividades diárias que demandam o cuidado de algum membro

familiar tornam o cotidiano apreciado para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR. Esse cuidado não se resume apenas ao ato em si de “cuidar de uma outra pessoa”, mas do papel assumido em ser, naquele momento, o agente responsável em cuidar de uma outra pessoa que precisa dos seus cuidados. Nesse caso, o cuidado entre irmãos, ambos menores de idade, enquanto os pais trabalham fora remuneradamente, para assumir o sustento da família.

Estudo pela manhã e fico em casa a tarde cuidando do meu irmão.
(ANDORINHA)

Tendo em vista a situação sócio-econômica em que vivem muitas famílias brasileiras na atualidade, e a falta quase absoluta, em muitas comunidades de recursos sociais, como creches, para cuidar das crianças enquanto os pais se afastam para o trabalho, é comum a participação familiar espontânea ou mesmo imposta, promovida pela própria família, valendo-se até mesmo da disponibilidade de vizinhos e amigos para o cuidado dos seus membros.

Para Becker (2002, p. 68) a “colocação familiar espontânea é uma prática alternativa que as famílias utilizam e que, em muitas vezes, evitam o abandono de crianças e, embora não deva ser consagrada de modo a justificar a omissão do poder público, merece acompanhamento, enquanto subsiste, com a finalidade de orientar o atendimento das crianças”.

Esse viver cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR pode ser compreendido pela “passividade fecunda”. Termo utilizado por Maffesoli (1984, p. 53) que “se traduz por pequenos desvios da vida cotidiana- “jeitinhos”- que sem ruído tentam driblar os valores e normas impostas”.

Quando existe a esperança de que tudo esteja bem no final de um dia de trabalho..

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, os sentimentos de esperança e crença num futuro melhor fazem com que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR vivam o tempo presente de forma apreciativa, mesmo que no seu dia-a-dia exista uma

sobrecarga exaustiva de trabalho.

Trabalho durante o dia, a noite eu ainda cuido das crianças, mas é aquilo, acho que no final vai dar tudo certo. (TRINCA-FERRO)

A expressão de que “tudo vai dar certo” no final de um dia repleto de compromissos profissionais e pessoais nos reporta à concepção de “aceitação da vida”, proposta por Maffesoli (1984, p.32). Para esse autor a “aceitação da vida” revela “um aspecto da vitalidade que anima a sociedade e que só é possível porque o tempo da vida quotidiana é cíclico. Neste não existe fim absoluto a ser perseguido, mas a busca de formas de se contornar a precariedade e a permanência de um mundo que se mostra em toda sua ambivalência”.

Também aqui vemos a presença da “lógica da espera”, trazida por Crespi (1983, p.40), quando a satisfação das expectativas são adiadas para um futuro que, por sua vez, é indefinido, podendo ser no final do dia, mas também no final da semana, do mês, do semestre, do ano, da vida, ou quem sabe, em outra encarnação, pois pode ser que haja o Reino dos Céus!

Quando se trabalha no que gosta e é reconhecido no que faz...

É possível compreender o trabalho como um dos fortes elementos do cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR. Algumas vezes, o trabalho expressa até mesmo a satisfação e a felicidade em viver dessas pessoas.

Trabalho com crianças; sou bem realizada e feliz. Gosto do que faço e sou super satisfeita. (PATATIVA)

Mas não é qualquer tipo de trabalho, mas aquele que traz felicidade, aquele que gratifica emocionalmente, aquele que permite o reconhecimento do indivíduo em seu papel social.

Gosto muito do lugar que trabalho. Acredito que as pessoas estão satisfeitas com o meu trabalho. (TRINCA-FERRO)

Nitschke (1999, p. 179) trabalhando com esta mesma comunidade em outro momento, também encontrou a importância do trabalho que satisfaz e que dá prazer como maneira de ser saudável. Se a existência de um trabalho é condição para ser saudável, já o trabalho com prazer é uma maneira de ser saudável, contribuindo assim para um cotidiano que seja “bom, legal, feliz, gostoso e prazeroso”.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a satisfação no trabalho relaciona-se à retribuição emocional, ou seja, ao fazer o que se gosta e com quem se gosta .

Gosto de tudo que estou fazendo, sem estar contrariada e estressada e estou feliz em estar trabalhando com crianças. (TANGARÁ)

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR trazem o trabalhar ou ter trabalho como uma maneira de ser feliz no cotidiano, na medida em que este possibilita a satisfação no dia-a-dia. Portanto, não é qualquer trabalho, mas aquele que traz alegrias, que permite o viver no dia-a-dia sem contestação e estresse, que permite o reconhecimento pessoal e profissional.

Quando se é feliz, mesmo dedicando mais tempo ao trabalho, do que ao lazer...

No cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, vive-se mais no local de trabalho do que no próprio domicílio. Ou seja, o tempo destinado às atividades profissionais é maior do que o destinado às atividades domésticas e familiares.

Vivo a maior parte do tempo, mais no meu trabalho, do que na minha própria casa. (CANÁRIO)

De acordo com De Masi (2000, p. 35),

parece-nos natural viver segundo a organização e os ritmos da idade industrial. Por exemplo, ao longo de um dia, trabalhamos oito horas, dormimos em outras oito e nos divertimos, nos instruímos e tratamos do nosso corpo nas oito horas restantes. Ao longo de um ano, onze meses são de trabalho e um é dedicado ao ócio. Ao longo de uma vida, se estuda durante quinze ou vinte anos, para

depois trabalhar durante trinta anos e fazer bem pouco ou quase nada naquele tempo que nos restam antes de morrer.

O espaço onde as pessoas vivem é o “locus”, no qual as dinâmicas relações e interações se espacializam, independente deste espaço ser a casa, a empresa, a escola, entre outros. Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o lugar que se trabalha também pode ser considerado a extensão do lar, logo um espaço onde ocorrem as interações humanas mais diversas, onde os sentimentos são concretizados e onde o ser humano participa de uma vida diária vivendo tudo que seu vivido tem de singular e imprevisível.

Para Maffesoli (1984, p. 58), “a espacialidade onde tudo junto adquire corpo é um lugar dinâmico, feito de ódios e amores, de conflitos e distensões, é uma casa objetiva e subjetiva onde uma socialidade é vivida diariamente na palidez e no brilho fundada como toda situação mundana, no limite”.

Considero o meu trabalho a minha casa, por isso tenho que estar muito bem disposta e feliz. (CANÁRIO)

Ao considerar o trabalho como a própria casa, Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR atribuem condições necessárias ao ser humano no desempenho do seu papel profissional. A postura assumida no ambiente doméstico precisa ser mantida no ambiente de trabalho, como a disposição e a felicidade, remetendo-nos a uma ética de estética.

A ética da estética mostra sua relevância quando o afetual se relativiza com o espaço interacional do ser-estar. Desta forma, o espaço doméstico pode ser ampliado para o espaço institucional gerando relações de amizades, cumplicidade e solidariedade. Para Penna (1996, p. 5), “é na relação com o lugar que as pessoas e coisas que fazem parte dele, que se constrói o ser saudável”.

Mesmo considerando o trabalho algo que traz felicidade, Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR nos alertam para o fato de que o lazer parece estar perdendo

espaço para o fazer.

Estou feliz, porque trabalho. Lazer quando dá é bem vindo. (TICO-TICO)

Nesse ritmo de vida quotidiano, nessa perene correria do dia-a-dia, a sobrecarga de trabalho, os diferentes papéis assumidos socialmente (mãe, pai, avó, avô, trabalhador, vizinho, amigo, companheiro (a), entre outros), a busca eterna pelo o “que gostaria de ter” e por “quem gostaria de ser” se colocam num grau de prioridade, que acabam ofuscando o lazer enquanto necessidade para “se ter prazer”, “ser saudável” e para “se viver”.

Por outro lado, podemos perceber que para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, quando não existe “tempo para o lazer”, buscam-se formas de se “distrair e não se estressar no fazer”.

Quando não se estressa com o trabalho que faz, por ser dinâmico e permitir conhecer novas pessoas...

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR expressam possibilidades de oxigenação no “fazer o que se gosta” plurais e singulares. Mas que também podem servir de inspiração para práticas quotidianas que buscam o ser e viver saudável no ambiente de trabalho.

Podemos perceber que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR quando não conseguem desempenhar atividades extra-laborais que proporcionem o lazer, buscam formas de tornar o seu trabalho (doméstico, ocupacional ou profissional) o mais prazeroso possível.

Não me estresso com o trabalho que faço. Trabalho na rua com vidraçaria e a cada hora estou numa casa diferente, com pessoas diferentes. (SANHAÇO)

E como isso pode acontecer? Através de relações interpessoais harmoniosas, trabalhando no que se gosta e com quem se gosta, sentindo-se realizado no que faz, sendo reconhecido no seu trabalho e conhecendo novas pessoas, entre outros aspectos.

Percebemos que em momentos que se tem a possibilidade de (re) direcionar e (re) significar as atividades no cotidiano Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR (re) criam possibilidades de viver como se gosta, pois se faz o que se gosta, tendo prazer e sendo saudável, sem estresse!

Acreditamos que o estresse é geralmente decorrente do estilo de vida que adotamos e da forma como enfrentamos as adversidades. Talvez não consigamos eliminar as situações de estresse em nossa vida, mas podemos mudar as maneiras de responder a essas situações no cotidiano. E Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR sinalizam trazendo a sutileza que o cotidiano “bom, legal, feliz, gostoso e prazeroso” é “trabalhar no que se gosta e ser reconhecido, sem estresse”.

Quando se e vivencia a maternidade...

Dentre os diferentes papéis desenvolvidos pela mulher, a maternidade é um dos mais importantes e requer um conjunto de atividades que possibilitem o cuidar de um outro ser humano.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o cotidiano é “bom” quando a maternidade é desempenhada de forma natural, “normal”.

É normal o dia de mãe. (CABOCLINHO)

Mas como seria esse “normal”? Será que é amar, proteger, cuidar, educar, prover, dentre tantas outras atribuições esperadas pela mulher em nossa cultura, ao desempenhar seus inúmeros papéis nesta contemporaneidade?

É notável que na atualidade a mulher está exercendo um papel cada vez mais protagonista, inserindo-se crescentemente na vida social, política e econômica nas sociedades. Há, de considerar, também que essa participação é um forte indicador social e de desenvolvimento humano.

Por outro lado, gostaríamos de enfatizar que nesses variados papéis de mãe, esposa, dona-de-casa, filha, vizinha, amiga, trabalhadora assumidos pela mulher no cotidiano, o compromisso e a responsabilidade com a maternidade é relevante. Visto

que para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR a maternidade é considerada como responsabilidade inerente ao viver feminino, como atividade normal e natural da vida, como expressam “é normal o dia de mãe”. Logo repleta de atividades ligadas ao cuidado do filho incorporando para si o desempenho do papel central na vida das famílias, com forte ênfase aos seus papéis de esposa, mãe e profissional.

Para McGoldrick (1995) “a entrada da mulher no mundo do trabalho e nas universidades tem provocado reflexos na família, mas mudar é difícil para as mulheres e, mesmo quando se rebelam contra as responsabilidades a elas atribuídas na manutenção dos relacionamentos familiares, sentem-se culpadas ou continuam fazendo aquilo que consideram ser de sua obrigação”.

Quando tem momentos de lazer durante a semana ou nos finais de semana...

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR trouxeram-nos o lazer como expressão de um cotidiano “gostoso e prazeroso”, logo condição necessária ao ser saudável no cotidiano fazendo “o que se gosta”. De acordo com Ferreira (2004, p. 1189, lazer é “o ócio, descanso, folga, vagar”, mas também é o “tempo de que se pode livremente dispor, uma vez cumpridos os afazeres habituais”, ou mesmo “divertimento, entretenimento, distração, recreio”.

Trabalho meio período, então sempre sobra um tempinho pra caminhar durante o dia e à noite descansar. (BIGODINHO)

Essas pessoas relacionam o lazer às atividades que se gosta de fazer, como: ir à praia, pedalar, fazer caminhada, passear com a família, entre outras.

Passo o dia na universidade; saio de casa de manhã e chego à noite; vou de bicicleta para a faculdade. No final de semana procuro fazer o que gosto, como assistir filme, ir à praia e pedalar. (GAIVOTA)

Para Nitschke (1999, p. 155) “o lazer é uma maneira muito sábia de aproveitar o tempo, salvando-se do que coloca em risco o viver, do que pode matar o prazer de ser

e de estar junto com, daquilo que sufoca”. Enfatiza ainda que “Respirar é útil! Permite viver”. Essa característica do lazer enquanto “respiradouro” também foi observada nas expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.

Gosto de trabalhar muito com o corpo através da natação, da dança, através da ginástica. Caminho da escola pra casa, da casa pra escola, aqui dentro da escola (GRALHA)

Significando o vivido de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, percebemos que dispor de momentos que possibilitem o “fazer o que se gosta” e “fazer com quem se gosta” no dia-a-dia torna o cotidiano feliz, gostoso e prazeroso.

Este aspecto remete-nos à importância do cuidar de si e do outro, como expressão do prazer “de estar junto com”, “de fazer com”, “de fazer por” buscando o prazer individual e coletivo no dia-a-dia dessas pessoas.

Chama-nos atenção a expressão do lazer como o “cuidar de si”. As atividades ilustradas de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR possibilitam não só o lazer pela simples conotação de diversão, mas o lazer como o cuidado de si imprescindível ao ser saudável no cotidiano. Portanto, o lazer como respiradouro para o viver saudável no dia-a-dia, o que oxigena, dá vida e energiza o ser humano na sua vida de todos os dias.

No final de semana fico com o meu marido e o meu filho e passeio um pouco com todo mundo. (PULA-PULA)

Para De Masi (2000, p. 18)

o futuro pertence a quem souber libertar-se da idéia tradicional do trabalho como obrigação ou dever, e for capaz de apostar numa mistura de atividades, onde o trabalho se confunde com o tempo livre, com o estudo e com o jogo, como o *ócio criativo*.

Ao “fazer o que se gosta” e “com quem se gosta” no cotidiano, Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR vivenciam a socialidade, que pode ser traduzida neste

“ser-estar-junto-com”, baseada numa solidariedade orgânica, ou seja, o prazer em estar junto das pessoas queridas e em lugares que dão prazer.

Como afirma Maffesoli (1984, p.95) “a socialidade é feita de ações, sem finalidade, que se esgotam em si próprias (...); elas são realizadas hoje e agora, porque o amanhã se torna repetitivo e a construção dessa vida se dá na fugacidade do instante”.

Percebe-se um destaque no hedonismo¹⁷ que, conforme Maffesoli (1998, p. 47) “tem como pano de fundo aquilo que se pode chamar de potência irreprimível”. Para Patrício (1995, p. 78) “o prazer sendo a força criativa da vida é a única capaz de se opor à destrutividade em potencial do poder”. Portanto, Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR buscam não apenas o viver de todo dia, mas o viver “o que se gosta, como se gosta e com quem se gosta”, com prazer, no cotidiano pessoal, familiar, profissional, social, entre outros.

As interações pessoais, familiares e sociais destacando o “fazer o que se gosta e com quem se gosta” na vida familiar e profissional assumem um papel relevante ao serem enfatizadas por Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR mostrando, mais uma vez, a compreensão sistêmica que as pessoas têm sobre o seu viver reiterando que tudo se inter-relaciona. Isso nos remete a “aura estética” proposta por Maffesoli (1998, p. 20) em que “é preciso um sentir (*aisthesis*) que é em comum, que se apóia na união, ainda que pontilhada do macrocosmos com o microcosmos, e dos microcosmos entre si (...) que sustenta o solidarismo ou a organicidade de todas as coisas” vivenciadas no dia-a-dia dessas pessoas.

Logo, o “fazer o que se gosta e com quem se gosta” nos remete ao microcosmo, acentuando sua existência e re-significando o macrocosmo, em que cada pessoa destaca nas suas expressões de um cotidiano “feliz, gostoso, prazeroso” que possibilita viver saudável no cotidiano.

Avançando nesta discussão, Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR sublinharam uma diferença, mostrando quando este cotidiano não é somente bom..., mas muito bom....

¹⁷ Doutrina que considera que o prazer individual e imediato é o único bem possível, princípio e fim da vida moral. (FERREIRA, 2004, p.1025)

O cotidiano é MUITO BOM, LEGAL, FELIZ, GOSTOSO...

Ao atribuir uma intensidade às qualidades do *quotidiano, como algo além de bom, legal, feliz e gostoso*, Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR nos chamam atenção às características peculiares, que diferenciam o dia-a-dia vivido. Ou seja, quando aspectos relacionados ao controle do processo saúde-doença, alcance de metas estabelecidas e condições de ter trabalho e estar satisfeito no trabalho são enfatizadas nas suas expressões, o cotidiano vivido tem um caráter intenso, portanto, **muito**, *bom, legal, feliz e gostoso*.

Quando o problema de saúde está controlado e a vida segue o seu caminho...

No percurso da vida, no cotidiano, ocorrem, inevitavelmente, épocas de crise, entre elas as geradas pelas enfermidades. Durante dias, talvez semanas, meses ou até anos, o “estar bem” da família pode se abalar e criando alternâncias entre estabilidade e instabilidade no processo de viver humano.

Cada ser humano e família reagem de maneira singular quando enfrentam no seu dia-a-dia situações que influenciam nas suas condições de saúde. Para Ribeiro (2002, p. 199), o modo de contornar a situação de doença depende de vários fatores: o estágio da vida familiar, o papel desempenhado pela pessoa doente na família e o modo como ela se organiza durante o período da doença, entre outras.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o controle da doença, através do acompanhamento médico e recursos terapêuticos utilizados, somados à garantia de uma condição de saúde satisfatória são fatores que possibilitam o viver no dia-a-dia de forma tranqüila.

Fiz exames de revisão de um problema respiratório e está tudo bem. Tudo na vida é assim é passageiro: vêm as tempestades, mas depois passa,; vai embora. Pensava que ia morrer pelo meu problema de saúde. (CARDEAL)

A certeza da dinamicidade do processo de viver humano e o medo da morte também foram expressões reportadas por Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR ao contornar situações de doença em seu cotidiano.

Maffesoli (1984, p. 88- 91) percebe a morte como a única coisa não controlável da vida e, por isso mesmo, angustiante, sombria, ambivalente, afrontando o destino, errância definitiva e absoluta, significante maior, crucial problema do tempo que passa.

A situação de doença na família ou no próprio indivíduo gera, por si só, uma série de sentimentos e situações que podem interferir no seu processo de viver humano. Esses sentimentos não são isolados e estáticos, mas têm um movimento em conjunto e contínuo em cada acontecimento vivenciado.

Para Ribeiro (2002, p. 206), nas famílias que vivenciam doença em seu cotidiano, “o medo é o sentimento identificado ou verbalizado com maior frequência, caracterizando-se, também, como pânico, pavor, preocupação, insegurança, ansiedade, nervosismo, aflição, intranquilidade, angústia, desespero, susto e receio”.

Quando se vence mais um desafio na vida...

O processo de viver humano é fortalecido por projetos de vida a curto, médio e longo prazo, que impulsionam o viver a cada dia. Em alguns momentos, não conseguimos atingir os objetivos planejados, mas em outros nos sentimos vitoriosos e realizados, quando o alcançamos.

Podemos perceber que os projetos de vida fazem parte do cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, sustentados por um sentimento e sensação de satisfação quando os mesmos são alcançados.

Hoje eu entreguei meu projeto, uma etapa já vencida. Agradeço a Deus, por isso. Agradeço muito a Deus hoje pela manhã. Hoje estou muito bem assim, muito bem mesmo. (CARDEAL)

Importante destacar a relevância de significar e valorizar o cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, visto que os acontecimentos que compõem o dia-a-dia e ou situações vivenciadas no decorrer do processo vital adquirem uma certa especificidade e grandeza singulares a essas pessoas promovendo momentos de alívio, satisfação e sensação de “estar bem”.

Conforme Nitschke (1999, p.214), “o profissional pode contribuir para que as famílias resgatem as pequenas coisas ou não as deixem escapar contribuindo assim no seu movimento de ser saudável”. De acordo com Maffesoli (1984, p.19), “admita-se, cada vez mais, a relevância da atenção a esses pequenos fatos da vida cotidiana, muitas vezes esquecidos pela investigação, mas que, no entanto, constituem o essencial da trama social”.

Quando existe satisfação, felicidade e harmonia na vida profissional e familiar...

Retomando os pressupostos do Interacionismo Simbólico (uma perspectiva criada a partir de George Mead, sendo também compreensivo-interacionista), podemos dizer que cada pessoa ou família age em relação às coisas, baseada no significado que determinada situação ou objeto específico tem para ela. Percebemos, assim, que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR consideram o *quotidiano muito bom e feliz*, quando nas suas relações quotidianas existe a complementaridade e o cuidado nas relações interpessoais conjugal e maternal.

Minha vida, graças à Deus é muito boa. O meu marido é muito bom e não deixa faltar nada em casa. A minha filha de 5 anos é a minha vida. Trabalho como diarista, três vezes na semana. (XEXEU)

Também a satisfação com a vida que se vive diariamente e ao tipo e jornada de trabalho realizado proporcionam momentos de tranquilidade, alegria e gratidão.

Estou muito satisfeita com a minha vida. Vivo com muita paz e muita felicidade. Trabalho 8 h-dia. Sou muito feliz. Tenho uma vida muito boa e agradeço à Deus. (MANON)

Consideramos que o ser humano constrói o seu processo vital de maneira dinâmica à medida que define situações, interage com as pessoas, altera os seus papéis sociais, modifica e atribuem novos significados à sua maneira de viver no dia-a-dia.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, *o quotidiano parece ser muito*

feliz e gostoso quando percebem que no seu processo de viver humano as etapas ou fases do seu ciclo de vida acontecem de forma harmoniosa. Desde a criação dos filhos à atuação profissional, os acontecimentos da vida diária parecem manter uma certa organização e funcionamento que possibilitam um viver e um conviver saudáveis, havendo uma troca de afetos.

Estou em plena harmonia. A minha filha mais velha casando; ninguém com problema de escola; vida bem organizada; mesmo trabalhando 8 h-dia ainda tenho gás para participar dos encontros; momento muito legal de afeto, de poder estar distribuindo e valorizando isso. (TANGARÁ)

Quando se trabalha fora, apenas em meio período...

Mais uma vez o trabalho foi referenciado nas expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR. Porém, quando elas exercem alguma atividade fora do domicílio e apenas em meio período o cotidiano é “muito legal”.

Trabalho fora, meio período. (PINTASSILGO)

Para Honoré (2005, p.2-3) “a liberdade precisa ser bem utilizada”. Será que essa intensidade atribuída por Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR em seu cotidiano expressa a possibilidade de realizar outras atividades no tempo que dispõe além do trabalho, como momentos que possibilitem o cuidar de si e atividades de lazer? Ou apenas utiliza o tempo para preencher o seu dia-a-dia com mais atividades desempenhadas pelos diversos papéis sociais assumidos na atualidade?

Quando se trabalha com crianças a gente se sente feliz e realizada no que faz...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR trabalhar com crianças torna o *dia-a-dia muito bom*, pois elas se sentem felizes e realizadas no que fazem.

Estou feliz em estar trabalhando com crianças. (TANGARÁ)

Para Jung (1998, p.28) “a criança representa o mais forte e inelutável impulso do ser, isto é, o impulso de realizar-se a si mesmo. É a impossibilidade de ser-de-outra-forma, equipada com todas as formas instintivas naturais”. Afinal a criança é espontânea, sincera, fantasiosa e original. Então seria trabalhar com criança, para quem gosta de crianças, uma forma de se conseguir ser autêntico, natural e criativo, exercitando-se a felicidade e a auto-realização nas atividades profissionais diárias?

Trabalho com crianças; sou bem realizada e feliz. Gosto do que faço e sou super satisfeita. (PATATIVA)

O “trabalhar no que gosta e com quem gosta” como maneira de se viver muito bem no dia-dia pode ser compreendido dentro da idéia de que “o espaço é um dado social que me faz e que é feito” (MAFFESOLI, 1998, p. 184). Portanto, resgatando o já trazido por Nitschke (1999), não basta apenas trabalhar, mas que o trabalho seja bom, do jeito que se gosta e com quem se gosta, pois se é constituído de tal forma, ele faz as pessoas se sentirem felizes e satisfeitas, sendo assim, um caminho para o ser saudável no cotidiano.

Sou feliz no dia-a-dia. De manhã eu sou dona de casa e à tarde também. Porque cuidar dos filhos dos outros também é dona de casa. Eu gosto de cuidar de criança. (PITA)

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o trabalho que contribui para o cotidiano ser *muito bom, gostoso e prazeroso* é aquele que realiza, no sentido de fazer bem, de fazer feliz; assim relaciona-se com o crescimento pessoal e profissional do ser humano.

Conforme Nitschke (1999, p. 170) “é como se houvesse um trabalho externo e interno, intrinsecamente relacionados, ou seja, o trabalho que se faz referente à sociedade, com os outros, contribuindo para os outros (como a educação, a formação como seres humanos) e o trabalho que o indivíduo faz no seu interior, que contribui com ele mesmo”, com seu crescimento profissional e crescimento enquanto pessoa..

O cotidiano é ROTINA...

Para Ferreira (2004, p.566) cotidiano é “aquilo que se faz ou ocorre todos os dias”, ou mesmo “o que sucede ou se pratica habitualmente”.

Esta definição nos traz a idéia de repetição ou rotina. Maffesoli (1998, p. 170) ressalta outras características do cotidiano, sustentando que ele se manifesta por atos efêmeros, guiado pela “ética do instante” e que esta busca a compreensão de um sujeito concreto, plural, inserido em um espaço e em um tempo que é circular; valoriza paixões, imagens e fantasias, não se incorporando com esquemas pré-estabelecidos que enquadram e impõem um dever-ser.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR o cotidiano é rotineiro quando o seu dia-a-dia se resume há atividades laborais e domésticas, sem momentos eventuais que possibilitem o “sair da rotina”.

Quando as atividades diárias se resumem a casa e ao trabalho...

É nesse cotidiano que se dá a vida de todo dia, pontuada por momentos plenos de significado (REZENDE, 1995, p. 12). Acrescenta, ainda, que a proposta de compreensão da vida cotidiana fundamenta-se numa visão micro-social, onde os pequenos fatos da vida cotidiana assumem relevância e a banalidade do dia-a-dia mostra sua importância. Portanto, é no cotidiano que a vida acontece.

Fico em casa o dia inteiro, sem fazer nada; saio apenas para buscar a minha filha e os meus irmãos na escola. (RISADINHA)

Para Maffesoli (1984, p. 22), “em oposição a um tempo linear e progressivo, que se torna rapidamente homogêneo e exterior, o tempo vivido social e individualmente é o da repetição, da circularidade”. Ainda para esse autor “trata-se de um devir cósmico que se desenvolve de maneira cíclica, segundo leis imutáveis e necessárias. Essa idéia da repetição ou do eterno retorno volta a ser encontrada, de modo mais ou menos preciso (mais ou menos verbalizado), em várias concepções populares”.

O “sempre a mesma coisa” expresso nas falas de Algumas Pessoas do NEI

ACOLHEDOR nos reporta ao tempo cíclico, ao mito do eterno retorno onde se repetem situações, mas de modo diferente, mesmo que aparentemente pareça acontecer da mesma maneira.

Todo dia é sempre a mesma coisa. Acordo as 7 manhã, eu trabalho o dia inteiro, tem dia mais corrido outros menos, mais cansativo outro menos cansativo, mas a gente vai andando em frente e tudo bem, tá bem. (BEIJAFLORES)

A expressão “a gente vai levando” nos remete à aceitação da vida ou do destino, proposta por Maffesoli (1987, p.115), que “é um aspecto da vitalidade que anima a sociedade (...); só é possível porque o tempo da vida cotidiana é cíclico. Neste não existe fim absoluto a ser perseguido, mas a busca de formas de se contornar a precariedade e a permanência de um mundo que se mostra em toda sua ambivalência”.

Quando o dia-a-dia não dispõe de momentos de lazer...

O cotidiano também é rotina quando não se disponibiliza momentos de lazer no dia-a-dia de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, tornando o mesmo restrito ao trabalho doméstico e profissional.

É sempre do serviço pra casa e da casa pro serviço. Nada diferente, nem mesmo o lazer. (GATURAMO)

Sempre do trabalho, para casa e de casa para o trabalho. Nunca tenho lazer. (TICO-TICO)

Esportes, lazer e cultura, entre outras maneiras são tão importantes para o processo de viver humano no cotidiano, quanto o trabalho. Para Honoré (2006, p. 53) “na cultura ocidental existe um poderoso tabu contra desacelerar, relaxar e aproveitar o tempo longe do trabalho ou de qualquer atividade. O lazer é uma atividade natural que todos precisamos”.

O cotidiano é construído a cada instante, portanto nele existe sempre a possibilidade de conceber algo. Se as próprias pessoas destacam em suas expressões a

“rotina” nas suas atividades diárias, podemos perceber a importância de estimular atividades que proporcionem o lazer no dia-a-dia de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR para tornar o seu cotidiano mais saudável, dinâmico e prazeroso.

O cotidiano NÃO É ROTINA...

O cotidiano se refere ao lugar ocupado e habitado pelo ser humano, aquilo que nos fornece um ponto concreto a partir do qual exercitamos nossa cidadania diariamente, nos relacionamos com sujeitos e objetos, em que procuramos a coerência entre desejos, pensamentos e atitudes.

Acreditamos que a cotidianidade não se limita à rotina (fazer por fazer de modo repetitivo), mas expressa o espaço imediato de realização e desenvolvimento do ser humano.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o cotidiano não é rotineiro quando se trabalha com criança e com pessoas diferentes, em lugares diferentes...

Quando se trabalha com crianças permite que o dia-a-dia seja cheio de surpresas...

O trabalhar com crianças possibilita um dia-a-dia imprevisível e com diversas atividades que podem acontecer no dia-a-dia....

Trabalhar com criança é muito bom, porque cada meia hora é uma coisa diferente; é cheio de surpresas. (TANGARÁ)

È preciso, tornar esse dia-a-dia mais dinâmico, criativo e divertido. O trabalho com crianças, além de possibilitar momentos repletos de prazeres inesperados, ainda “fazem sair da lembrança” ou “serem colocadas de lado” as situações que angustiam ou parecem preocupar Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.

Eu trabalho com crianças, então todos os meus dias são diferentes. Crianças são imprevisíveis, cheias de surpresas, aprontam muito, mas com muita tranqüilidade e fazem os problemas serem esquecidos. (CANÁRIO)

Quando trabalha em lugares diferentes e com pessoas diferentes...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, trabalhar em ambientes diferentes e com pessoas diferentes torna o dia-a-dia dinâmico e desconhecido, não sendo rotina, o que possibilita a sensação de animação e vivacidade no cotidiano.

Meu dia-a-dia não é rotina. Trabalho na rua e a cada hora estou num lugar diferente e com pessoas diferentes. Isso me anima. (SANHAÇO)

Quando o dia-a-dia oscila como a “onda do mar”...

O movimento ondulatório do cotidiano, com momentos que oscilam entre as vitórias conquistadas no dia-a-dia e as dificuldades vivenciadas, faz deste algo dinâmico e imprevisível para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.

Meu cotidiano é cheio de dias altos e outros baixos, como a onda do mar. (CARDEAL)

Por outro lado, essas características de flexibilidade e movimento podem permitir a criação de práticas e atitudes que corroborem para construção e re construção do cotidiano, tornando-o mais prazeroso e gratificante possível, podendo caracterizar a potência das pessoas em re-significar a sua maneira de viver.

O cotidiano é TRANQUILO...

Podemos perceber que no ritmo acelerado de vida em que muitas pessoas vivem na atualidade parece que o tempo continua interferindo em seu processo de viver.

Muitos dos acontecimentos diários são dependentes de horários e condições que poderão facilitar ou limitar o cotidiano dos indivíduos. Parece que a cada dia desnaturalizamos a nossa forma de viver: horário para acordar, escovar os dentes, tomar banho, se alimentar, trabalhar, pagar as contas, buscar os filhos na escola, participar de reuniões, fazer mercado, praticar esportes, horários para o lazer e dormir, entre tantas outras coisas...

Quando se desperta naturalmente...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o cotidiano é tranquilo quando em seu dia-a-dia é possível despertar de forma espontânea, sem a utilização de instrumentos como o despertador, mas de forma natural, sensível aos eventos da mãe natureza, ou seja, acordar “com o barulho da chuva”.

Hoje pude acordar na hora em que os meus olhos abriram; não precisei de um despertador. Acordei com o barulho da chuva. (GAIVOTA)

São elas mesmas que enfatizam esses momentos, quando significamos o seu cotidiano, visto que podem fazer parte do seu dia-a-dia, ou melhor, da sua própria vida, logo merecem ser considerados.

A cada dia os seres humanos se tornam escravos do tempo, ao invés de seu parceiro. Dependemos do tempo para tudo e parece que ele é quem rege a nossa vida, quando poderia ser o contrário, ou seja, utilizarmos o tempo ao nosso favor vivendo intensamente a cada dia com tempo para fazer o que queremos, o que gostamos e até o que precisamos.

Nessa tentativa desenfreada de “controlar o tempo” no desenvolvimento de diferentes atividades diárias, parece-nos que esquecemos que o tempo segue o seu ritmo natural e que em algum momento, imprevisivelmente, o tempo se esgotará. Pelo menos, nessa dimensão de vida. E aí? Será que teremos tempo para, dar-nos mais tempo e resgatar a nossa vida?

Quando se consegue concluir o que foi planejado...

A vida cotidiana é constituída de diferentes acontecimentos que dependem de como planejamos, organizamos e priorizamos as diversas atividades desenvolvidas no dia-a-dia. Logo podemos assumir diferentes posturas que podem facilitar ou mesmo prejudicar a nossa maneira de viver.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR são muitas as atividades planejadas no dia-a-dia e a realização das mesmas acontece de forma gradual dependendo da sua prioridade e da sua possibilidade de realização. Para essas pessoas

o cotidiano é tranquilo, quando se consegue atingir o que foi planejado, mesmo de forma parcial, apesar de tantas outras coisas agendadas.

Apesar de tanta chuva e de não ter conseguido produzir tanto, conclui um monte de coisas e a minha agenda está cheia. (CANÁRIO)

Parece-nos que a quantidade de atividades atingidas nem sempre é a mesma das atividades agendadas. Isso nos faz acreditar que o mais importante para essas pessoas é a possibilidade de atingir algo, pois o mínimo que se faça já tem o seu grau de importância e prioridade.

Para Honoré (2006, p.), “fazer menos coisas possibilita parar de correr o tempo todo, dando assim o tempo necessário para o que é realmente importante. Isso nos dá a liberdade de descansar e de aproveitar a vida, assim como ser mais produtivo no trabalho. Em outras palavras, menos é mais!”.

Quando não é corrido...

Já dizia Gandhi “a vida não se limita a ir cada vez mais rápido”. Apesar desse sábio líder pacifista da humanidade, parece-nos que no ritmo de vida da atualidade são poucas as pessoas que vivem de forma desacelerada.

Não existe uma fórmula padrão para aumentarmos ou diminuirmos o ritmo de vida. Não existe nenhum guia universal sobre a velocidade certa, pois o que pode ser corrido para uma pessoa, pode não ser para outra. É preciso sempre relativizar o cotidiano que se mostra.

Para Honoré (2006, p. 308), “embora a velocidade, o frenesi e a obsessão de ganhar tempo continuem a ser as marcas da vida moderna, está surgindo uma forte reação. O movimento Devagar está em marcha. Em vez de fazer tudo sempre mais depressa, muitas pessoas estão desacelerando e constatando que o devagar as ajuda a viver, trabalhar, pensar e ter prazer”.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o cotidiano tranquilo é aquele que “não é corrido”, ou seja, onde é possível reinar a ordem, a calma e o equilíbrio possibilitando a retenção das idéias pertinentes no seu dia-a-dia.

Hoje não está corrido (...) a minha memória está dez; tá tudo tranqüilo.
(TANGARÁ)

Assim ilustram maneiras de viver e conviver com as diversas situações do dia-a-dia, utilizando-se do humor e do otimismo que se constituem em elementos significativos da teatralidade da vida. Colocando-se como uma expressão da força do “como viver” e da sua potência subterrânea, que conforme Maffesoli (1998, p.47) “trata-se de uma força bem difícil de explicar, mas da qual se pode constatar os efeitos nas diversas manifestações da socialidade: a astúcia, a auto-referência, o ceticismo, a ironia e o humor negro dentro de um mundo que é considerado em crise”.

Quando a saúde e a família estão bem...

Nas expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR para o cotidiano ser tranqüilo é imprescindível que as suas condições de saúde e a de seus membros familiares estejam bem.

Estou bem de saúde e a minha família também está bem. Apesar da distância tá tudo tranqüilo, tudo sob controle. (CARDEAL)

As condições de saúde podem influenciar a maneira de viver dos indivíduos, tanto a nível individual, como familiar e social.

É necessário, portanto, considerar uma nova concepção de saúde, que recupere o significado do indivíduo em sua singularidade e subjetividade na relação com os outros e com o mundo.

Pensar a saúde hoje, conforme Vaistman (1992, p. 171) passa então por “pensar o indivíduo em sua organização da vida cotidiana, [...] não só através do trabalho, mas também do lazer - ou da sua ausência, por exemplo- do afeto, da sexualidade, das relações com o meio ambiente. Uma concepção ampliada de saúde passaria então por pensar a recriação da vida sobre novas bases, onde a instituição da sociedade pudesse atender o mais plenamente à atenção das diferentes e singulares necessidades

humanas”.

Quando se faz o que se gosta, mesmo com correria...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR o “fazer o que se gosta” somado à atividade educacional torna o cotidiano tranqüilo.

Estou apenas estudando e fazendo algumas coisas que gosto como ir na igreja, ir na academia, e fazer aula de dança. Buscando fazer as coisas que gosto tem deixado o meu dia-a-dia mais tranqüilo. (COLEIRA)

Para Ferreira (2006, p.1974) tranqüilo é o que é “de natureza calma, serena, estável”. Mas nem sempre o cotidiano tranqüilo é calmo, sereno, estável. Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a correria vivenciada no dia-a-dia não expressa o cotidiano agitado, mas sim tranqüilo. Visto que o que impulsiona o corre-corre no dia-a-dia é o desenvolvimento de atividades que propiciem o prazer, ou seja, a qualidade das atividades realizadas e não o seu ritmo.

Podemos perceber que quando Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR associam práticas de lazer ao cotidiano, mesmo que estas dêem certa dinamicidade e agitação, o cotidiano pode ser tranqüilo pela sensação de satisfação e prazer vivenciado.

Hoje eu fiz muita coisa gostosa, apesar de ter feito corrido: pedalei, velejei, pedalei de novo e vim à reunião; meu dia-a-dia foi tranqüilo. (GAIVOTA)

Para tanto é preciso relativizar o cotidiano vivenciado. Nesse sentido, acreditamos que a abordagem relativista é adequada para compreender as práticas de integralidade no cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, pois, na concepção Maffesoliana, “não basta a lógica dos conceitos redutora e totalitária para análise da vida social, dado o seu aspecto fragmentado, plural, coletivo e complexo, mas, sim, a lógica dinâmica das contradições, que exige a criação de novos conceitos, ou melhor, noções, que dêem conta da diversidade e especificidade da vida do homem

comum, na sua vivência do dia-a-dia” (PITTA,1997, p. 20).

O cotidiano é CORRIDO, AGITADO, ATRIBULADO, CANSATIVO, DE LUTA...

Uma das razões para sentirmos que não estamos tendo tempo suficiente para tudo ao longo de um dia é o fato de vivermos numa cultura que nos estimula constantemente a ter tudo, a fazer mais e mais coisas e até sentir-se fracassados se diminuirmos o nosso ritmo, pararmos ou se fizermos menos coisas.

Ironicamente, acreditamos que a melhor forma de utilizar o nosso tempo é preenchendo cada segundo com o máximo de ocupações possíveis, como se a solução para o viver no dia-a-dia fosse a quantidade de atividades e compromissos e não a qualidade dos mesmos.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o *quotidiano é corrido, agitado, atribulado, cansativo e de luta quando* o estudo e o trabalho são priorizados no dia-a-dia. Isto leva a “deixar de lado” as práticas que dão prazer e distração no cotidiano, como hobbies ou outras atividades que refletem o que “se gosta de fazer”.

Trabalho 40 horas por semana e estudo há 10 anos. Agora estou também fazendo especialização e com isso, trabalhando 40 horas semanais. Fazendo esses estudos não tive muito tempo para me dedicar aos hobbies, a coisas, assim, que gosto de fazer, que dá prazer em fazer e me deixa eufórica. Estou pensando em fazê-lo, quando terminar a especialização. (GRALHA)

Podemos perceber que a expressão “estou pensando em fazê-lo”, remete-nos à resistência passiva, que permite o indivíduo resistir no dia-a-dia, a toda forma instituída de trabalho que vivencia. Logo, se no momento não prioriza o lazer no cotidiano, vive-se na esperança de um dia poder fazê-lo, resistindo a cada dia., e, ao mesmo tempo, esperando que aconteça, enfatizando, mais uma vez a “lógica da espera”.

A essa resistência passiva aos poderes instituídos ou não, Maffesoli (1987, p. 67) chama de “centralidade subterrânea”, e é ela que permite a relativização desses mesmos poderes e assegura a vida em sociedade. Essa centralidade em ação constante

no fazer social não é única, mas múltiplas estratégias dissimuladas de resistência que se apresentam nos pequenos gestos e ações insignificantes da vida cotidiana, como o jogo duplo, a astúcia, o corpo mole e o faz-de-conta-que-faz, mas não faz.

Não cabe aqui, segundo Nascimento (1995, p. 44), julgar, condenar, explicar, mas, sim, buscar compreender que essas estratégias subterrâneas podem ser entendidas como “válvulas de escape” que permitem quebrar o ritmo estressante do trabalho.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR o *quotidiano corrido, agitado e cansativo* traz conseqüências não só na maneira de viver dos seres humanos, mas na saúde de quem o vivencia. Quando percebemos nas suas expressões o “alerta” físico sentido no corpo, ao referenciar “dores na perna e cansaço” e ainda conseqüências na sua saúde mental, como “estresse, preocupação, ansiedade e insônia”.

Tem dia que a gente chega na cama e não consegue dormir, por que dói tanto as pernas, sempre tão cansada. As coisas do dia-a-dia não saem da mente, a gente não consegue se desligar dos pensamentos e não consegue dormir. A gente além de trabalhar durante o dia aí tem a parte da noite toda tomada. Na minha vida aí são 6 anos direto de estudo e trabalho sem parar, não foram seis dias. Seis anos de correria. (CANÁRIO)

Chama-nos a atenção, enquanto enfermeira, em valorizar o cotidiano significado por estas pessoas e as suas condições de trabalho, principalmente a exposição prolongada à “doença do tempo¹⁸” que, nesse ritmo frenético de vida, parece agravar ainda mais a condição físico-psico-emocional do indivíduo. As expressões enfatizam a dificuldade dessas pessoas em relutarem contra a maneira de viver que se apresenta priorizada pelo estudo e trabalho vivenciado, afinal como refere Canário “*são seis anos de correria*”.

Parece que estamos sempre com pressa. Para Honoré (2006, p. 39) “vivemos as nossas vidas superficialmente ao colocarmos a quantidade na frente da qualidade. (...) Uma vez que o ser humano percebe que essa é a forma errada de lidar com o tempo, a forma errada de viver fica mais fácil mudar”.

Depende de cada pessoa a forma com que essas mudanças poderão ser

¹⁸ Em 1982, o médico americano Larry Dossy criou a expressão “doença do tempo” para referir à suposição obsessiva de que “o tempo está fugindo, vai acabar faltando e é preciso estar sempre pedalando cada vez mais rápido para não perder o trem”. (HONORÉ, 2006, p.13)

implantadas no cotidiano, mas acreditamos que conseguir perceber que “viver numa correria diária” e “sem momentos de lazer” são aspectos importantes para que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR re-signifiquem a construção de um cotidiano saudável.

Domenico de Masi (2007, p.2) nos traz uma dica: “para ser feliz no trabalho é necessário transformar o trabalho em ócio criativo: isto é um mix de trabalho (para produzir riqueza), estudo (para produzir conhecimento) e jogo (para produzir alegria). Será que para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR falta apenas o “ter lazer” no seu dia-a-dia? Acreditamos que mais uma vez é preciso relativizar, para não simplificar...

Quando além de desempenhar as atividades domésticas, procura-se emprego...

Não somente a carga horária de mais de oito horas diárias de trabalho ou mesmo as demais atividades desenvolvidas no decorrer do cotidiano tornam o mesmo corrido. A procura de emprego, além das atividades domésticas, também altera o ritmo e a maneira de viver de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.

Procurando serviço e cuidando das atividades domésticas. (CORRUPIÃO)

Devido à situação econômica do nosso país, muitos brasileiros precisam trabalhar por longas jornadas ou ter mais de um emprego para sobreviver, o que acaba acelerando qualquer um. Parece-nos que ao tentar conciliar o trabalho doméstico com a busca de serviços fora do lar, Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR assumem a astúcia na sua maneira de viver cotidiana.

Conforme Maffesoli (1984, p. 139) a astúcia e o silêncio, organicamente ligados à vida são meios de existência e resistência, abrindo brechas no espaço social, dominado pelos poderes constituídos permitindo a manutenção da identidade e do reconhecimento.

Quando se trabalha é cansativo e complicado, mas também traz satisfação e prazer...

Podemos perceber que para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR o “ter trabalho” é uma condição que privilegia o viver no cotidiano, visto que na atualidade o desemprego assola o cotidiano de muitas pessoas, portanto o “ter trabalho” é uma condição *sine qua non* para sobreviver nesses tempos pós- modernos.

Meu dia-a-dia é bastante atribulado. Infelizmente ou felizmente a gente tem que trabalhar bastante, porque não tem outra maneira da gente poder sobreviver. Pra quem ainda tem onde trabalhar pode se dar assim por satisfeito, por ter uma atividade, por ter uma profissão, por ter uma ocupação e então eu posso me sentir satisfeito. Felizmente, seria infelizmente se eu tivesse parado, mas felizmente eu estou bastante atribulado. (...) É trabalho, família, compromissos, despesas, contas que você tem, então sempre tem que tá correndo atrás de tudo. (PARDAL)

Ao situar o trabalho no processo vital é preciso relativizá-lo. Visto que, ora ele se apresenta como espaço “de sobrevivência”, ora se mostra como “espaço de satisfação e felicidade”. Portanto, a relação poder- potência adquire um campo fértil nesse espaço-tempo-socialidade.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, apesar do “ter trabalho” tornar o cotidiano corrido, agitado, atribulado e cansativo é também condição para “ser feliz” e “estar satisfeito” com a vida.

Trabalho de dia fazendo frete e à noite como vigia, mas gosto e estou muito satisfeito. Desde os 16 anos de idade trabalho direto e nunca fiquei parado. Trabalho sempre em 2 serviços. (PÁSSARO-PRETO)

O trabalho é visto como “espaço de satisfação e felicidade” quando possibilita o “fazer o que se gosta” e a “sobrevivência” econômica dessas pessoas e da sua família.

O cotidiano é BEM, MUITO CORRIDO, AGITADO, ATRIBULADO, CANSATIVO, DE LUTA...

Interessante destacar aqui que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR voltam

a qualificar o cotidiano distinguindo o bem e o muito, mostrando mais uma vez a sutileza-força da intensidade.

Quando vivencia-se doença na família...

Para essas pessoas o cotidiano é bem, muito corrido e de luta quando se vivencia situações de doença na família.

Estou vivenciando doença inesperada na família. (TANGARÁ)

O reconhecimento sobre a importância do papel da pessoa na manutenção e controle da saúde de seus familiares faz-se presente, cada vez mais, no cotidiano contemporâneo. Importante ressaltar que acreditamos que o familiar é co-participante nesse processo, junto à pessoa doente e ao profissional de saúde.

O papel do familiar nessa perspectiva, insere-se no que podemos designar de sistema informal de apoio social ou natural, que é definido por Ayéndez (1994, p. 27) “como sendo aquele apoio em que suas ações são regidas por procedimentos informais e não técnicos”. Este surge como consequência de relações sociais e por isto, carregadas de investimentos afetivos e de obrigações, provendo o cuidado, tanto em situações cotidianas, como em momentos de crise vivenciados pela família, desencadeados pela presença da doença.

Para desenvolver e sustentar o seu processo de viver no cotidiano, Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR geram seu próprio sistema de cuidados, no qual estão refletidos seus saberes sobre a saúde e a doença impregnados de valores e crenças que vão se estruturando em seu cotidiano, como ELSEN (1984) já havia destacado em sua pioneira tese envolvendo a família, enquanto unidade de cuidado à saúde, trazendo os fundamentos para enfermagem à saúde da família no Brasil. A partir de suas próprias vivências, possibilidades e necessidades, essas pessoas vão desenvolvendo-se, fortalecendo-se e dinamizando-se, segundo as maneiras de viver que se encontram.

Aquela fase da vida que juntou episódios de doença na família, mas a gente está sempre com a idéia de poder superar e poder pegar o significado disso tudo. (...) Tentando buscar um equilíbrio entre o tumulto externo que parece ameaçar a minha paz de espírito, a minha tranqüilidade, tentando manter a

paz de espírito interior e não me deixar contaminar por este tumulto externo. Vivenciando um momento de doença na família e tentando buscar forças nesse momento pra tá transmutando para uma coisa melhor. (AZULÃO)

Podemos perceber que nas expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR o bem ou muito, liga-se novamente ao processo saúde- doença e ao estado de espírito- emocional, fazendo emergir possibilidades de transmutação e re-significação do cotidiano vivenciado, para alcançar o desenvolvimento pleno de suas potencialidades, de acordo com suas próprias experiências e as condições do meio onde ela vive.

Isso sinaliza a potência que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR dispõem sobre a sua vida de todo dia. Logo, se existiu algo que não foi positivo para essas pessoas, por outro lado haverá sempre a possibilidade de modificar essa situação caracterizando a dinamicidade do cotidiano.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, além de situação de doença na família a existência de crise e conflito no ambiente de trabalho também torna o cotidiano *bem, muito corrido, agitado, atribulado, cansativo, de luta.*

Quando existe crise e conflito no trabalho...

A maneira de viver dos seres humanos é influenciada pelo ambiente no qual eles vivem e se relacionam sendo construída na sua interação pessoal, com os outros e com o mundo. O ser humano não apenas responde a estímulos, mas também inicia um comportamento. Portanto, ele seleciona e interpreta o meio, ao qual ele responde.

Vivenciar situações difíceis no ambiente de trabalho de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR torna o cotidiano *bem, muito agitado, atribulado e de luta.*

Estou vivenciando um momento de crise bem importante na universidade, uma situação bem difícil, a greve. (AZULÃO)

Para Rose (1980, p. 38-45) “o ser humano vive num ambiente simbólico, assim

como num ambiente físico e é estimulado em situações sociais para agir através dos símbolos. A sociedade precede o indivíduo, portanto os seres humanos nascem numa sociedade já existente e que desenvolveu uma cultura. Assim, eles são socializados para alguns significados de acordo com o comportamento esperado pela sociedade. Contudo, isto não implica em determinismo cultural, devido às importantes pressuposições sobre a natureza humana”.

Nas expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o convívio diário prolongado com os colegas de trabalho pode desencadear situações de desacerto e conflito entre eles, porém “tudo se resolve no final”.

Doze horas de trabalho por dia, nem tudo é um mar de rosas. Existe desacerto e conflito com colegas no trabalho, mas que se resolve no final, tudo por uma boa causa. (CANÁRIO)

A unicidade “pressupõe uma união em pontilhado, ou seja, a qualquer momento criam-se brechas em determinados limites”(MAFFESOLI, p. 1998, p. 176). Desse modo, Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR nas suas relações interpessoais de trabalho expressam a ambigüidade do sentimento de afeto vivenciado, ou seja, de gostar e não gostar dos colegas de trabalho; de querer estar junto e afastar-se; amar e odiar; sendo que “tudo isso não ocorre sem, dilaceramentos e conflitos de toda ordem”.

Seria a “manutenção da ordem” ou “da harmonia interpessoal” estabelecida pela conduta ética profissional, enfim “a harmonia conflitual”?

De acordo com Chauí (1997, p. 21), os valores morais e culturais são alicerçados por conjuntos de circunstâncias de natureza ambiental, vindo dar forma e substanciar as ações dos indivíduos, sob cujas bases se estrutura a sua consciência moral e ética, a qual vai determinar a capacidade e os padrões a serem utilizados pelo indivíduo para o julgamento do valor de seus atos e de suas condutas. A vida ética envolve necessariamente, consciência e responsabilidade, relacionada ao bem estar individual e coletivo.

A confiança e o respeito são fatores fundamentais em qualquer relação e, essa é

muito sutilmente perceptível. Faz-se necessário destacar que os indivíduos revejam os seus valores, e reflitam sobre o viver em harmonia consigo mesmo, com os outros e com o ambiente, voltando a atenção para um trabalho mais direcionado para o respeito mútuo, tendo em vista o cuidado ético e estético de si mesmo, do outro e do ambiente que integra, que pode implicar na manutenção da paz, da harmonia, da tranquilidade das pessoas e até na conservação da própria maneira de viver e conviver.

Quando se trabalha com criança ...

Mais uma vez Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR destacam em suas expressões o “trabalhar com crianças” como condição que influencia na sua maneira de viver.

Para essas pessoas o “trabalhar com crianças” torna o seu dia-a-dia *bem, muito corrido, cansativo e atribulado...*

Meu dia-a-dia é muito cansativo e de muito trabalho; eu cuido de um garoto.
(KEA)

Trabalho desde cedo com crianças. (...) Hoje foi bem cansativo, em função de que abriu o período da matrícula, e no período de matrícula, quem trabalha com Educação Infantil é um momento bastante puxado. Mexe um pouco, porque a gente faz entrevista com pessoas, a gente não conhece, não sabe do seu dia-a-dia, isso elas vão te colocando, e termina tu sendo uma esponjinha. Porque a gente sabe que não vai ter vaga pra todas aquelas crianças e não tem nenhuma ali que não precisa da vaga. É um momento que não é agradável para quem tá lidando com essas pessoas que estão vindo nos visitar. (TANGARÁ)

Mas trazem uma sutileza ao expressarem que, mesmo assumindo uma característica de correria, agitação e atribulações, esse quotidiano, ao se “trabalhar com criança”, torna-se prazeroso e satisfatório...

É sair de uma unidade e vim para outra e sempre estar junto com as crianças e ter aquele trabalho todo que a gente sabe que no dia-a-dia é complicado. Mas assim, é com satisfação e prazer. (TIÊ)

Podemos perceber que para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o

trabalho que possibilita o cotidiano prazeroso, mesmo corrido e agitado é um trabalho que realiza, no sentido de proporcionar o “fazer se sentir bem” para quem o desempenha. O “trabalhar com criança” é tão significativo para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR que pode se mostrar como parte do viver ou mesmo a satisfação em se trabalhar, já que a ele é dedicada uma grande parte do tempo, ou seja, um grande espaço entre experiências vividas, apontando também a sua importância numa relação espaço-tempo-socialidade.

Meu dia-a-dia é bem tumultuado, mas feito com muito gosto e carinho. Dias mais, outros menos atropelados; às vezes a gente se arrenega, depois respira e começa a fazer tudo de novo. (CANÁRIO)

Nitschke (1999, p. 169) enfatiza que “o trabalho realizado tem um aspecto interacional que se destaca, na medida que coloca o outro em foco, assim para que o trabalho satisfaça é preciso também satisfazer o outro”. Esse aspecto também foi identificado nas expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

Trabalhar com criança é muito cansativo, mas nenhum dia é igual ao outro. As crianças são sonhadoras. É muito serviço, mas também é feito com muito prazer: Quando a gente faz com muito prazer o sabor é diferente. Mesmo sendo bem sofrido é muito prazeroso, é um aprendizado que cada dia a gente troca com elas. (CANÁRIO)

Quando não se consegue dar conta das tarefas diárias pelo excesso de atividades e falta de organização...

Consideramos o ser humano, como um ser histórico, social, ator e reator do seu processo de viver, transformador do mundo que o rodeia e no qual está inserido. Compreendendo o que pode ser bom para si e para o outro, o ser humano define o seu fazer cotidiano, na medida em que ele interage consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Na atualidade, a tentativa em ser agente social e mantenedor da sua própria existência pode fazer os seres humanos assumirem diversificados papéis no desempenho de inúmeras atividades diárias. Somado a essa característica singular de

“ser alguém” e “fazer por alguém”, as questões de gênero contribuem vigorosamente para o viver “corrido, tumultuado e estressante” em que muitas mulheres acabam por assumir nas suas duplas, triplas e demais jornadas de trabalho na tentativa de poder dar conta do seu papel esperado socialmente.

Meu dia-a-dia não é muito organizado. É a primeira vez que eu tenho filho, primeiro ano de escola, então eu estou ainda assim meio que organizando tudo. Tentando trabalhar e ser mãe. (CURIÓ)

Meu dia-a-dia é bem desgastante. É bem aquela coisa de conseguir dar conta, de fazer bem os dois empregos e dar conta das atividades e das datas comemorativas dos dois. (TIÊ)

Para Rodrigues et al (2001, p. 30)

a motivação é uma aspecto importantes de ser considerado no ajustamento familiar e social. Essas incidem em geral sobre o atendimento das necessidades e dos desejos. A não consecução de um desejo se reverte em frustração, que é o impedimento da obtenção do objetivo, ou oposição a essa obtenção. A frustração poderá, ao mesmo tempo, funcionar tanto como uma alavanca que força a aprendizagem de um novo comportamento, como se transformar simplesmente, em reações indesejáveis, como rancor e raiva.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR o “não conseguir dar conta” das atividades do cotidiano pode desencadear um sentimento de aborrecimento, mas que é contornado pela esperança em poder re-significar essa situação.

Meu dia-a-dia é bem tumultuado para eu poder dar conta das tarefas. Quando eu não consigo dar conta eu fico um tanto chateada. Daí no outro dia começa tudo de novo; algumas coisas eu concludo, outras não. (...) Estou sempre procurando fazer o melhor no meu trabalho. A vida dá muito trabalho. Tenho muita preocupação com os meus filhos por viver neste mundo tão violento. (CANÁRIO)

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o excesso de atividades supostamente a serem realizadas no dia-a-dia torna o cotidiano bem tumultuado impedindo a organização pessoal, familiar e profissional.

Tive uma semana muito corrida, com muitas coisas pra fazer. Por falta de organização do tempo as coisas se acumulam. (GAIVOTA)

Mas seria realmente a falta de organização para cumprir o que foi planejado ou o excesso de atividades diárias supostamente a serem cumpridas?

Podemos perceber que no ritmo acelerado do cotidiano, o culto da velocidade só poderá piorar. Para Honoré (2006, p. 22) “quando todo mundo opta pela alternativa mais rápida, a vantagem de andar depressa desaparece, obrigando todos a ir ainda mais depressa”.

Quando se trabalha em mais de um emprego, além de estudar, e não tem tempo para cuidar de si e da família...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o trabalho é visto como “espaço de luta” quando é realizado por “necessidade” e “obrigação”, para poder sobreviver no cotidiano e manter o sustento da família.

Trabalho muito, muito mesmo. Preciso trabalhar para sobreviver. Chego em casa às 7, 7 e meia da noite, exausta. Me esforço para participar dos encontros, mas às vezes não consigo. (PULA-PULA)

Também quando o trabalho não permite o prazer e o lazer, pela excessiva carga horária de funções e atividades que acabam sufocando e limitando o dia-a-dia dessa pessoa, não possibilitando o cuidado de si e daqueles que a cercam.

Trabalho durante o dia e à noite faço cursinho. É bem corrido. Tenho pouco tempo para o meu filho e para outras coisas que gosto de fazer. Acordo às 6 da manhã e vou até às 1, 2 horas da madrugada. Mas tento aproveitar todos os momentos, principalmente com o meu filho. (CALAFATE)

As longas jornadas de trabalho revelam o cotidiano cansativo e de luta dessas pessoas, que acabam precisando trabalhar em mais de um local. Isso acaba acelerando o seu ritmo de vida e ocasionando condições desfavoráveis para o seu viver no dia-a-

dia.

Trabalho de manhã até a noite. (MANDARIM)

Trabalho em 2 empregos. (TIÊ)

Para Honoré (2006, p. 22), “há também a maldição das tarefas múltiplas. Fazer duas coisas ao mesmo tempo parece tão inteligente, tão eficiente, tão moderno. Mas é claro que muitas vezes significa fazer duas coisas não muito bem”. Na tentativa de realizarmos diversas atividades no dia-a-dia esquecemos que poderemos extrair menos das mesmas.

Meu dia-a-dia é muito corrido. Trabalho de 8 a 10 h-dia e em casa é a mesma correria do trabalho. Tudo bem. São coisas normais da vida. (BEIJA-FLOR)

É aquela luta do dia-a-dia. Dia-a-dia de trabalho e da família. (BIGODINHO)

Trabalho das 8 às 17 horas diariamente e quando retorno para casa ainda cuida do meu filho de 5 anos e da minha casa. (GUAXE)

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR a vida bem corrida e cansativa acaba se tornando natural, fazendo-as assumirem uma postura passiva frente a sua condição de trabalho cotidiano.

A expressão “tudo bem, são coisas normais da vida” nos reporta à “aceitação do destino” proposta por Maffesoli (1987, p.115), que “é um aspecto da vitalidade que anima a sociedade (...) só é possível porque o tempo da vida cotidiana é cíclico. Neste não existe fim absoluto a ser perseguido, mas a busca de formas de se contornar a precariedade e a permanência de um mundo que se mostra em toda sua ambivalência”.

Conforme Motta (2007, p.1), “o desdobramento dos novos papéis da mulher, introduziu-a na “cultura da sobrecarga”, em que “não se tem tempo para mais nada”, obrigando-as a longas jornadas de trabalho, por acumular tarefas dentro e fora de casa”.

Mesmo com a sobrecarga de trabalho, que resulta na correria do dia-a-dia para

cumprir a agenda diária, Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR ainda se sentem “culpadas”, “cansadas” e “estressadas”, quando não conseguem “dar conta” de tudo o que foi planejado. Principalmente quando essa “incompletude” se reflete no cuidado à família e atenção aos filhos.

Trabalho desde cedo em 2 lugares diferentes, além das atividades domésticas e cuidar à noite de três crianças até às 22:00h; gostaria de ter um maior tempo para cuidar da casa, mas não tenho, pois preciso trabalhar; cuido dos filhos e do marido no intervalo de um trabalho para o outro; sempre durmo tarde e acordo cedo durante a semana inteira, de segunda-feira ao sábado; só tenho tempo para cuidar da casa e da família no domingo. Fico cansada e estressada quando não consigo dar conta das coisas: às vezes não consigo dar muita atenção aos meus filhos. (TRINCA-FERRO)

Para Honoré (2006, p. 25) “graças à velocidade vivemos na era da fúria”. Ou seja, vivemos sempre com pressa e impaciente às situações que nos obriguem a desacelerar, mesmo num tempo mínimo possível.

Quando não consegue praticar hobbies...

O *quotidiano bem, muito corrido, agitado, atribulado, cansativo, de luta* também impede o “fazer o que se gosta” no dia-a-dia de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.

Faz anos que não ando de bicicleta. (CORRUÍRA)

Apesar de que algumas pessoas tentam reparar esse “lazer perdido” nos finais de semana.

No meu dia-a-dia não dá para fazer muita coisa que gosto, como jogar tênis e ir ao cinema. Tento fazer no final de semana pra compensar durante a semana. (BICUDO)

Acreditamos, conforme Honoré (2006, p. 49), que “com tempo para desacelerar poderemos voltar para o trabalho com mais energia, clareza e criatividade”

De Masi (2000, p. 27) adverte que “para usufruir da liberdade com autonomia e

sabedoria é preciso praticar o ócio criativo (...) o stress causado pelo excesso de trabalho e pela supervalorização dele só leva certamente a um destino mais rápido – a morte”. E salienta que “a beleza e o prazer da vida está, principalmente, em coisas que fazemos sem gastar muito”. Atividades que podemos identificar nas expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, como “andar de bicicleta”, “jogar tênis” e “ir ao cinema”.

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR neste momento retomam a sutileza-força da intensidade, enfatizando-a ainda mais, trazendo a qualidade de extremamente!

O cotidiano é EXTREMAMENTE CORRIDO, AGITADO, ATRIBULADO, CANSATIVO, DE LUTA

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR o *quotidiano é extremamente corrido* quando se trabalha num ritmo acelerado impulsionado pela cobrança no ambiente de trabalho e quando parece faltar tempo para o desenvolvimento das atividades quotidianas interferindo na maneira de cuidar de si e do outro.

Quando se trabalha sob pressão institucional...

A corrida no dia-a-dia e a sobrecarga de trabalho que precisa ser administrada e incorporada às demais dimensões e papéis assumidos para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR no âmbito de sua vida privada e profissional, podem tornar o *quotidiano extremamente corrido, agitado, atribulado, cansativo e de luta*. Ainda mais quando se trabalha num ambiente sob constante pressão institucional.

Meu dia-a-dia está extremamente corrido. Estou vivendo uma pressão institucional muito forte. (AZULÃO)

Será que as expressões “dia-a-dia extremamente corrido” e “pressão institucional muito forte”, ambas singulares em revelar a intensidade do quotidiano “*extremamente cansativo, corrido e atribulado*” estejam sinalizando a *Síndrome de*

*Burnout*¹⁹?

Para Garcia (2003, p. 77) *Burnout* não é um fenômeno novo. Há mais de vinte anos já encontramos relatos enfocando uma preocupação para aqueles que trabalhavam em profissões orientadas para o ser humano; profissionais que exerciam ocupações que exigiam um contato mais estreito e constante com pessoas, como: trabalhadores de serviço social, de saúde, de educação, policiais, bancários, profissionais liberais, entre outros”. Essa síndrome, conforme França (1987, p.197), é caracterizada por “sintomas e sinais de exaustão física, psíquica e emocional, em decorrência da má adaptação do indivíduo a um trabalho prolongado, altamente estressante e com grande carga tensional”.

Mais uma vez, torna-se pertinente significarmos o cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR para a compreensão das suas maneiras de viver, que também podem revelar maneiras de cuidar.

Quando o tempo é curto, para dar conta das atividades diárias e ainda cuidar de si e do outro...

O trabalho é liberdade e clausura. Ele pode tanto possibilitar a integração da pessoa ao mundo, como também pode aprisioná-la, ou seja, fazer o ser humano prisioneiro de si, sem dar atenção àqueles que o cercam, à família, aos amigos, à natureza, ao seu próprio processo de viver, com toda sua complexidade e dinamicidade.

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR expressam a preocupação em poder dar atenção aos familiares, visto ao seu acelerado ritmo de trabalho cotidiano, com sobrecarga de tarefas, que reflete no dia-a-dia extremamente atribulado e de luta.

Durante o dia tenho só meia horinha pra dar atenção à minha filha. À noite, quando posso dou carinho, atenção e brinco com ela. Ela é muito carinhosa.
(BEM-TE-VI)

Trabalho muito. Tenho quatro empregos e quase não tenho tempo para a minha filha. Eu levo ela (a filha) à escola, mas raramente consigo busca-la.

¹⁹ A Síndrome de *Burnout* consiste em uma expressão inglesa para designar aquilo que deixou de funcionar por exaustão de energia, e foi utilizada inicialmente por Brandley (1969), mas veio a se tornar mundialmente conhecida a partir dos artigos de Freudenberg de 1974, 1975 e 1979, médico, psicanalista, que teve uma vida profissional com muitas frustrações e dificuldades que o levaram à exaustão física e emocional. Foi quem primeiramente utilizou o termo *burnout*, definindo-o como sendo um sentimento de exaustão em decorrência de um excessivo desgaste de energia, resultando em esgotamento físico e mental. (França,1987; Benevides-Pereira, 2002; Carlotto & Gobbi,1999; Silva, 2000).

Sempre é a outra filha, a patroa ou os filhos da patroa que buscam ela. Meu marido diz que eu trabalho demais, demais e que não tenho tempo pra cuidar de ninguém em casa. Tenho que trabalhar porque tenho uma filha adolescente que ajuda em casa e mais uma pequenininha. Sou doméstica, diarista, um pouquinho de tudo. (SAÍRA)

Para Honoré (2006, p.43) “vemos o tempo como um inimigo, algo a ser conquistado e explorado à exaustão. Isso transforma cada momento do dia numa corrida contra o relógio”. Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR reforçam essa visão ao enfatizarem em suas expressões a “falta de tempo” como condição que corrobora para o *quotidiano extremamente corrido, atribulado de luta*.

Buscando a conjunção “**O Quotidiano Contemporâneo**”, ou seja, unindo as expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR chegamos a compreensão de que: “**O cotidiano é bom, legal, feliz, gostoso e prazeroso quando...** o estudo e o trabalho movimentam o dia-a-dia; existe a esperança de que tudo esteja bem no final de um dia de trabalho; se trabalha no que gosta e é reconhecido no que faz; se é feliz, mesmo dedicando mais tempo ao trabalho, do que ao lazer; não se estressa com o trabalho que faz, por ser dinâmico e permitir conhecer novas pessoas; se vivencia a maternidade; tem momentos de lazer durante a semana ou nos finais de semana... **O cotidiano é muito bom, legal, feliz, gostoso quando...** o problema de saúde está controlado e a vida segue o seu caminho; se vence mais um desafio na vida; existe satisfação, felicidade e harmonia na vida profissional e familiar; se trabalha fora, apenas em meio período; se trabalha com crianças, sentindo-se feliz e realizada no que se faz... **O cotidiano é rotina quando...** as atividades diárias se resumem à casa e ao trabalho; o dia-a-dia não dispõe de momentos de lazer. **O cotidiano não é rotina quando...** se trabalha com crianças permitindo que o dia-a-dia seja cheio de surpresas; se trabalha em lugares diferentes e com pessoas diferentes; o dia-a-dia oscila como a “onda do mar”... **O cotidiano é tranquilo quando...** se desperta naturalmente; se consegue concluir o que foi planejado; não é corrido; a saúde e a família estão bem; se faz o que se gosta, mesmo com correria... **O cotidiano é corrido, agitado, atribulado, cansativo, de luta quando...** além de desempenhar as atividades

domésticas, procura-se emprego; o trabalho é cansativo e complicado, mas também traz satisfação e prazer... **O cotidiano é bem, muito corrido, agitado, atribulado, cansativo, de luta quando...** se vivencia doença na família; existe crise e conflito no trabalho; se trabalha com criança; não se consegue dar conta das tarefas diárias pelo excesso de atividades e falta de organização; se trabalha em mais de um emprego, além de estudar, e não tem tempo para cuidar de si e da família; não se consegue praticar *hobbies*... **O cotidiano é extremamente corrido, agitado, atribulado, cansativo, de luta quando...** se trabalha sob pressão institucional; o tempo é curto, para dar conta das atividades diárias e ainda cuidar de si e do outro.

Retomando o que apresentamos inicialmente na qual denominamos **O Cotidiano que se Mostra para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR** reforça-se que o cotidiano é a singular maneira de viver de cada pessoa. Essa maneira de viver é dinâmica e assume uma forma espiralesca, em que acontecimentos vão e vem de forma às vezes banais, outras harmoniosas, outras conflituosas e também paradoxais.

O trabalho, às vezes prazeroso, outras sufocante, faz parte do cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR. Sendo que a intensidade do trabalho, o local onde se trabalha e com quem se trabalha, as relações interpessoais existentes e a compensação desse trabalho, ou seja, o retorno que esse trabalho proporciona para a construção do ser saudável no cotidiano é o que faz a diferença.

Podemos perceber que o cotidiano não é vivido individualmente, mas de forma coletiva, respeitando-se a individualidade de cada ser. Logo, os acontecimentos do dia-a-dia de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR quase nunca têm um fim absoluto individual, as ações são sempre realizadas para o bem comum de todos os integrantes de suas famílias.

Essas expressões das diferentes formas de perceber o cotidiano reafirmam a dimensão estética e a sua importância, já que o “bom”, “muito”, “extremamente” é singular e relativo para cada pessoa e a cada rede de interações.

4.2 Limites do quotidiano

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR os Limites do Quotidiano englobam **O QUE É LIMITE; COMO É O LIMITE; LIMITES DO QUOTIDIANO; LIMITES NECESSÁRIOS AO SER SAUDÁVEL.**

4.2.1 O que é limite

De acordo com Ferreira (2004, p. 1209), limite tem várias definições e pode ser “linha de demarcação; linha real ou imaginária que separa dois terrenos ou territórios, divisa, fronteira; parte ou ponto extremo; fim; momento, data, época, etc., que marca o começo e fim de um espaço de tempo; ponto que não precisa ou não se pode ultrapassar, fronteira, raia”.

Várias são as noções de limite utilizadas por Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, todavia o que permanece muito forte é o entendimento de limite como algo que *impede, provoca sofrimento, freia, aprisiona ... mas que, também é não perceber que se tem limites... sendo algo que quer ser superado...* como é apresentado a seguir.

É o que impede, impossibilita, limita, freia, aprisiona ou sufoca

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR limite é tudo o que impede, impossibilita, limita, freia, aprisiona ou sufoca o ser humano, na busca, manutenção e realização de algo que deseje ou que permita a sua felicidade...

Limite é o que impede de fazer as coisas que a gente quer. (GAIVOTA)

Limite é até onde nós podemos ir. (CARDEAL)

Limite é algo que impossibilite a realização de um sonho, isso é o limite. (TANGARA)

Limite é o que freia e o que nos impede de ser feliz, o que nos sufoca, o que não deixa a gente ir além. (AZULÃO)

Limite parece uma prisão, é o que não deixa a gente ir além. (CANÁRIO)

Essas expressões reforçam o entendimento do limite como algo que existe de fato presente no cotidiano, visto que o que “impede”, “incomoda”, “impossibilita” é algo que foi identificado e possivelmente aceito na sua existência. Em outras palavras, Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR possuem clareza sobre o limite para suas pretensões de agir sobre os acontecimentos, resgatando o trágico do viver.

Para Maffesoli (1984, p. 97), “nessa atitude de aceitação do limite existe um *deixar-se*, cuja aspereza não precisa ser esquecida, mas que, ao mesmo tempo, insere o indivíduo no *ciclo orgânico da vida*, no *eterno retorno do mesmo*”.

É não perceber que se tem limites...

Atualmente não consigo visualizar nenhum limite na minha vida, porque sou tão feliz, tão realizada com tudo que tenho e que estou vivenciando, que no momento não consigo perceber nenhum limite e às vezes acho que isso até pode ser um limite pra mim; o de não perceber que tenho limite.
(TANGARA)

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a não percepção de limites em seu dia-a-dia pode se configurar num limite do cotidiano colocando em risco o processo de viver. Esta colocação nos remete á duplicidade das expressões de nosso viver e conviver apontando também para a ambigüidade do afetual, com sua aproximação e distanciamento, com sua possibilidade de nascimento e de morte, mostrando aspectos da vida que nos seduzem, mas que também nos tornam vulneráveis.

A partir de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR é possível aprender que o limite integra a vida, sempre existindo, e possivelmente nos assegurando a continuidade deste viver.

É algo que quer ser superado...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR conhecer os seus limites é o ponto de partida para a superação desses próprios limites.

Limite é algo que a gente quer superar. (AZULÃO)

Ao conhecermos os limites existentes em nosso cotidiano, também agimos no sentido de contorná-lo. Corroboramos com Vargas (2007, p.1) ao referir que “o enfrentamento do limite não ocorre no sentido do choque, uma vez que o limite é dissolvido ou, expandido para mais longe. É como demarcar fronteiras expandindo-as e aumentando o território nesta expansão. O limite, a fronteira, existe, ainda, mas o território expandiu-se, aumentou”.

Conhecer e respeitar seus próprios limites significa sabedoria adquirida e paradoxalmente, é o que impulsiona vencer estes próprios limites. Logo, o conhecimento do limite, já contém em si mesmo, o princípio da sua superação.

Diante desse aspecto, podemos perceber a noção de limite que se transfigura em força, no qual será explorado mais adiante...

4.2.2 Como é o limite

Pode ser bom e pode ser ruim...

Limite tanto pode ser bom, como limite pode ser ruim. (GAIVOTA)

De acordo com as expressões dessas pessoas, podemos perceber que limites podem ser bons ou ruins. Depende do tipo de influência que este vai ter no processo de viver humano. Ou seja, o limite bom é aquele que “controla” o avanço de algo que pode ser prejudicial para o viver saudável. O “limite bom” é necessário ao ser saudável no cotidiano, como o combate à violência, às drogas.

O limite é ruim quando “impede, aprisiona” o ser e viver saudável no cotidiano; é o limite que asfixia e limita os seres humanos em seu processo de viver, como a sobrecarga de trabalho, doenças, relação pessoal e profissional conflituosa, a violência, entre outros.

É temporário, passageiro e dinâmico...

O Limite também é temporário, passageiro, dinâmico e pode ser transmutado em força, conforme as expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR...

Uma coisa que ficou bem marcada pra gente é essa questão do limite ser

temporário. Limite não é aquela coisa constante, é algo que é passageiro, é um limite que impede aquele momento, mas aquilo ali vai deixar de ser limite logo. (TANGARÁ)

Essa característica de temporalidade do limite no cotidiano expressa a potência das pessoas em re-significarem a suas maneiras de viver, possibilitando a construção do ser saudável no cotidiano.

Fica evidente a compreensão de que, ao se apropriar do limite, Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR tentam logo identificar a possibilidade de superar esse limite, mostrando mais uma vez a reversibilidade de práticas e atitudes no cotidiano como uma forma de aflorar a potência intrínseca do ser humano.

Acreditamos que as grandes transformações individuais e sociais se concretizam, quando as situações que limitam o dia-a-dia dos seres humanos são identificadas e apropriadas, possibilitando a construção de práticas que podem ser incorporadas ao modo de vida das pessoas e na sua existência coletiva, vinculando o particular ao público, o microssocial ao macrossocial.

4.2.3 Limites do cotidiano

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR os limites existentes em seu cotidiano são relacionados a questões pessoais, familiares e sociais. Os limites pessoais e familiares, relacionam-se com as situações como: falta de alguém para conversar; problemas de saúde e doenças individuais e familiares; falta de organização pessoal no ambiente familiar e profissional. Os limites sociais estão relacionados às questões de relacionamento no trabalho; problemas sociais; sobrecarga de trabalho.

Saudade dos amigos e familiares...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR sentir saudade dos amigos e dos familiares é um limite do cotidiano que surge pela mudança de bairro, ou por ficar longe dos filhos, mesmo que por um curto período de tempo...

Meu limite é a saudade e mais uma mudança de vida, por eu ter vindo morar aqui no Canto da Lagoa. (BREJAL)

Num estudo realizado com outras pessoas desse mesmo Núcleo de Educação Infantil, Nitschke (1999, p. 117) percebeu que o

ser-estar longe-perto, distante-próximo se relativiza pelo ser-companheiro-amigo, trazendo a imagem para as pessoas de que este é quem lhe faz bem e lhe faz sentir-estar bem. O ser amigo-companheiro, aquele que faz bem ou faz o outro se sentir bem, mesmo longe geograficamente, é próximo ao outro, pois lhe faz bem ou se sentir bem.

Meu limite é não conseguir ficar longe da minha filha, um dia só. Eu estou errada. É que eu sou muito apegada, então mais tarde isso pode prejudicar ela, porque ela tem que ficar mais solta, ela tem que ir pra casa da amiguinha sozinha; a mãe não precisa estar junto para tudo, né? Ela também pode andar sozinha! Mas eu não consigo e isso é um limite para mim. (XEXEU)

Esta situação nos remete á super-interação já discutida em alguns trabalhos como Ribeiro (1990) e Nitschke (1991). A super-interação pode ser entendida como aquela relação de aproximação tão intensa que não permite ao outro ser crescer, se desenvolver, desempenhar seus papéis, impedindo assim seu processo de viver e ser saudável individual e familiar, que, por sua vez, envolve um sentir-se livre e ter liberdade.

Segundo Nitschke (1999, p. 166-7), *um sentir-se livre* integra um poder falar; ter com quem falar; ter coragem de falar; poder conhecer para ter liberdade de falar; *ter liberdade* é andar livre consigo mesmo; não ser sufocado; ter sua vida fluindo; envolve a reafirmação do respiradouro, “enquanto fazer o que se gosta para integrar *o sentir-se bem*, sublinhando o *estar bem consigo mesmo*. Entretanto, ao destacar o *estar bem consigo mesmo*, e trazendo à tona a individualidade, há uma relativização que lhe é inerente, ou seja, a relação com o outro torna-se fundamental para integrar este *sentir-se bem*, que dá forma ao ser família saudável.”

Ressalta-se, assim, “o movimento de *reversibilidade* que existe entre a *individualidade* e o *estar junto com*, entre o *estar bem consigo mesmo* e o *estar contribuindo com o outro*, ficando difícil fazer limitações. Nesta viagem, as fronteiras não são visíveis! Sente-se bem, quando se está contribuindo com o outro. Entretanto, este outro, também é parte de mim, então eu também contribuo comigo! O sentir-se

bem se delinea na minha individualidade a partir do estar junto com, ao mesmo tempo delineando a individualidade do outro, num movimento de complementaridade infinito!”.

Problemas de saúde: doenças pessoais e de familiares, tabagismo, ansiedade, preocupação...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR os “problemas de saúde” ou as “doenças” são situações que limitam o seu dia-a-dia. A situação de doença na família, independente desta acometer o próprio indivíduo ou algum outro familiar, gera momentos de aflição, angústia, impotência e mesmo incredulidade.

Pra mim a doença é um limite. (CARDEAL)

Uma doença como o câncer, como a AIDS que a gente não consegue vencer, então isso é um limite. (GAIVOTA)

No momento tem uma coisa que também está me deixando bem preocupada que é um problema sério de saúde do meu pai (chorando emocionada). Que eu já disse isso há quatro, cinco anos que ele vem com um problema sério de saúde. Há uns dez, vinte anos. E eu não consigo romper com isso. Ele está de novo no hospital. (TANGARA)

O meu maior problema é a minha mãe; ela tem diabetes muito alta. E eu tenho que ficar escondendo os saquinhos de bala dela. Então o meu problema é ela! (PICHÓ)

Mas a doença, que limita o dia-a-dia dessas pessoas, também possibilita a re-significação da sua maneira de viver. Conforme as expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o entendimento da doença, com a compreensão dos seus limites, possibilita o resgate das suas forças sinalizando maneiras de viver para a construção do ser saudável no cotidiano.

O meu limite é sobre a minha doença; eu sou celíaca (falando emocionada e chorando) e agora eu estou conseguindo me recuperar o que acontecia comigo. Foi muito difícil pra mim. Hoje eu tento ver as coisas, assim, de querer comer e não poder. Às vezes eu quero sair pra algum restaurante, algum bar e tenho medo de querer comer de tudo e não consegui (chorando e soluçando). Isso é tão horrível! Em só conseguir ver as coisas e não poder comer. (CORRUPÇÃO)

Podemos perceber que a experiência da doença ajuda o ser humano a crescer e se fortalecer reconhecendo assim sua limitação e potencialidade. Essa experiência leva a pessoa a compreender a sua própria vida, levando-a a encontrar, a partir da sua vivência, as forças interiores necessárias para a sua recuperação ou adaptação a uma situação que não pode ser mudada.

Acreditamos que esse adaptar-se não sugere o sentido de conformismo, mas de realmente compreender e aceitar a sua realidade e limitações.

Também os hábitos prejudiciais de vida, como a prática do tabagismo, alimentação inadequada limitam o cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR...

Um dos limites é a dificuldade de deixar de fumar. (CARDEAL)

Eu já tentei parar de fumar algumas vezes, umas três vezes e não consegui, eu acho que é um limite. Tentei um monte de vezes mais não consegui, tenho que ter mais força de vontade. (XEXEU)

O que me limita nesse momento é o meu colesterol alto, a taxa está muito alta. (BIGODINHO)

Também estou com excesso de peso! A gente tem pouco tempo pra se cuidar, né? (PULA-PULA)

Situações que causam ansiedade e preocupação também limitam o dia-a-dia de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, pois as deixam com expectativas de algo que ainda estar por realizar....

Um outro limite é a ansiedade, preocupação. (CARDEAL)

Ansiedade pra mim, por exemplo, eu vou ter um casamento daqui a duas semanas. Então antes de duas semanas eu tenho que estar com tudo pronto é aquela ansiedade de chegar a hora e não pode dar nada errado. (XEXEU)

A ansiedade é desencadeada pelo contato com o novo, com o desconhecido que, geralmente, apresenta uma ameaça para a estabilidade dos seres humanos.

De acordo com Efraim (2003, p. 43) ,a ansiedade

é o resultado de um processo de aceleração de nossa mente. Ao preferir o conhecido, a mente humana cria a ilusão de que temos que controlar tudo. Infringe-nos a obrigação de antecipar os acontecimentos das nossas vidas, como se isso fosse nos livrar de todos os males.

Quando as sensações de preocupação, agitação e insegurança relacionam-se a algo que desejamos nos livrar o mais rapidamente possível, começam a surgir os quadros ansiosos. Para Efraim (2003, p. 43)

pensamentos negativos, associados à sensação de perigo iminente, agitação e inquietação são algumas das tensões psíquicas que fazem parte desse processo. Outros sintomas podem ser físicos: sudorese, boca constantemente seca, dores de cabeça, sensação de desmaio, aumento da intensidade e frequência dos batimentos cardíacos, entre outros.

Gravidez indesejada

Acontecimentos que traduzem euforia e felicidade para algumas pessoas, como a gestação, quando não planejada ou desejada pode gerar situações de conflito e dependência que limitam o seu dia-a-dia...

O que eu coloquei aqui é um conflito bem imenso que eu estou passando agora na minha vida, que é essa gravidez. Porque foi uma gravidez totalmente indesejada, não foi nem um pouco esperada e eu já tenho uma pequena de 4 anos. Sou separada e aconteceu de vim mais um, além de estar em casa dependendo do meu pai pra tudo. (RISADINHA)

Para a psicóloga Cenise Vicente (2002, p. 47),

o vínculo tem dimensão biológica, afetiva e social. O recém-nascido é, em si, expressão concreta de uma experiência de encontro. A própria gestação é impensável sem um vínculo concreto entre mãe e feto. Um cordão os une. Um cordão possibilita a vida. O recém-chegado expressa um vínculo, sobrevive graças a uma vinculação orgânica, biológica e crescerá e se desenvolverá com a constituição de uma vinculação simbólica, afetiva e social.

Ainda para essa autora, o vínculo é vital, pois “os bebês não sobrevivem ao desamor”.

Será que nas expressões “totalmente indesejada, nem um pouco esperada” e “sou separada e aconteceu de vim mais um, além de estar em casa dependendo do meu pai pra tudo” indicam riscos de vivência de algum tipo de violência na gestação?

Precoce o questionamento, mas confesso que intimamente intuitivo!

Importante mesmo é enfatizar a relevância em significarmos o cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, visto que as maneiras de viver podem sinalizar maneiras de cuidar.

A rejeição que a criança sofre desde a sua concepção pode desencadear problemas físicos e psicológicos que podem aparecer a curto, médio ou a longo prazo. Gestantes em situações de violência sofrem uma maior intensidade da violência, comparadas às não gestantes, visto que além de vivenciarem a violência podem possibilitar a violência ao ser que está gerando, através de sentimentos de rejeição, desprezo, ou mesmo agressões físicas sofridas, entre outros.

Num estudo desenvolvido com puérperas, Fernandes (2000, p. 53-54) identificou que 54,55% dos recém-nascidos (N=22) de baixo peso ao nascer (peso ≤ 2500g) eram filhos de mulheres que haviam sofrido algum tipo de violência (física, psicológica e de ordem moral) na gestação.

Conforme Vicente (2002, p.48), “pais conflitados e instáveis produzem uma relação de ambivalência que pode prejudicar a criança. As doenças mentais infantis expressam, frequentemente, as dificuldades afetivas das relações interpessoais familiares”. Essa concepção reforça o entendimento de John Bowlby, um dos principais teóricos especializado em desenvolvimento humano, que já referia em meados do século XX que “o amor materno na infância e juventude é tão importante para a saúde mental, quanto as vitaminas e proteínas o são para a saúde física”. (BOWLBY, 1951, p.6)

Dificuldades na relação interpessoal familiar e profissional...

Ciúme conjugal, conflitos nas relações familiares e de trabalho, falta de respeito na relação patrão e empregado são algumas das dificuldades na relação interpessoal

familiar e profissional que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR expressam como limites no seu cotidiano.

Patrício (1990, p.76) chama a atenção para o aspecto de que a família “tanto pode ser um recurso para o crescimento e desenvolvimento de seus membros, como também pode colaborar na limitação desse aspecto”.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a relação interpessoal correspondida com desrespeito, desconfiança, ciúmes, limita o cotidiano, independente de essa ser no ambiente familiar ou profissional...

O que me limita no dia-a-dia é a relação com o outro. (CANÁRIO)

O que me limita é a falta de respeito na relação patrão empregado. Quando a gente está com saúde, tudo vai bem; eles dão bom dia e boa noite, mas quando temos problema é muita ganância e às vezes até um pouco de miséria. (GATURAMO)

Uma relação interpessoal que aprisiona, impede, ou não considera a vontade ou o direito do outro limita o cotidiano desencadeando sentimentos de isolamento. Pode-se perceber, também, o poder que permeia as relações interpessoais e que se evidenciou na relação conjugal expressa pelo ciúme, como um limite de relação, que impede o “ter trabalho” e o “trabalhar no que gosta”.

Um limite de relação é quando alguém tem ciúmes na relação; ou marido ou mulher tem ciúmes e não deixa a gente trabalhar em determinado lugar, também nos limita da gente trabalhar no que gosta. (GAIVOTA)

Maffesoli (1984, p. 74), fazendo uma análise do livro de Goffman, comenta que, em diversas situações de casal, a dominação do homem sobre a mulher segue um ritual preciso que encena a rotina da vida desse casal. Nessas situações, a mulher demonstra respeito ou submissão convencional à vontade ou às opiniões do marido, o que revela o “conformismo” presente nas relações hierárquicas. Há, nessas situações, uma manifestação de duplicidade que surge a partir da limitação e da imposição, criando uma arte de viver que tem no seu centro a distância que permite esse jogo

duplo.

Outros problemas que emergem no cotidiano são trazidos para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, como temores, decepções e sentimentos de impotência que integram as relações e interações pessoais familiares e sociais. Acreditamos que a família é constituída por seres humanos, sendo importante, dentro desse todo, estarmos atentos para a individualidade e unicidade de cada um nesse espaço de interações.

Muita coisa ruim que me incomoda. Coisa assim familiar, coisa assim de casa que incomoda a gente, mas que dar para ir levando. Coisas de casa, do trabalho e da rua. Porque a gente não tem problema só em casa, tem no trabalho, tem na rua, né? Então a gente às vezes fica chateada com o trabalho, às vezes passa coisa negativa pra gente, que a gente leva pra casa e fica angustiada e muitas vezes você não tem com quem conversar, né?
(TIZIU)

Nas interações estabelecidas por essas pessoas, podemos perceber inúmeros componentes de dinâmica interpessoal, como as relações de poder, as condições de integração conjugal, a expressão de afeto, de intimidade, a comunicação, a negociação, o conflito e adaptação entre outros, que possibilitam o viver no cotidiano

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR se utilizam de mecanismos de resistência passiva como uma forma de subsistir frente aos “limites” do dia-a-dia ao expressarem “muita coisa me incomoda (...) mas que dar para ir levando”. Pode-se perceber, também, a “*aceitação da vida ou do destino*” que inclui a *duplicidade* e, como ela, traduz uma atitude de resistência. Há nessa postura uma passividade fecunda manifesta nos pequenos desvios que tentam driblar normas impostas (Rezende, 1995). Essa atitude só é possível no tempo cíclico da vida cotidiana, no qual se dá a busca por formas de contornar a precariedade e a permanência de um mundo ambivalente. Essa sabedoria “possibilita ser a partir da aceitação e da própria afirmação dos limites” (MAFFESOLI, 1984, p.96).

A duplicidade e a aceitação da vida não existem sem a máscara que faz parte de cada indivíduo e oferece um refúgio seguro permitindo “existir, ser - no sentido mais forte do termo - fazendo como todo mundo”. A máscara, junto com a polidez, os

costumes, o conformismo, o cinismo e outras tantas manifestações são modulações de uma astúcia organicamente ligada à vida. Sobre a astúcia, diz Maffesoli (1984, p. 120)

não se precisa estranhar que a astúcia seja uma forma de resistência e que ela permita a conservação da própria pessoa. Nesta perspectiva, o homem [...] possui uma identidade de camaleão numa selva com múltiplos perigos, precisa trocar de pele para sobreviver, precisa ser politeísta para agradar a todos os Deuses [...] em resumo, ele precisa aproveitar da sombra para poder sobreviver: é nisto que reside o princípio de sua força.

A astúcia e o silêncio tornam possível a resistência e a permanência da socialidade, pois, astutamente, as pessoas contrapõem ao instituído um silêncio polido, abrindo possibilidade para a existência em brechas do espaço social e para a manutenção da identidade e do reconhecimento (MAFFESOLI, 1984)

Nem sempre o que as pessoas dizem é a realidade e isso marca muito, dá vontade de fazer alguma coisa, mas tem coisas que por mais que tu queira, tu não pode invadir. (CANÁRIO)

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR respeitar as individualidades e as diferenças de cada ser humano são características imprescindíveis para o conviver harmônico. Em algumas falas o sentimento de “não invadir o espaço do outro” ou “não se meter onde não é chamado” são expressões bastante utilizadas que reafirmam o respeito à individualidade, remetendo-nos à questão da inter-relação que existe entre o todo e suas partes destacando a compreensão sistêmica de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.

Falta de organização ... para cuidar de si e cuidar dos outros...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a falta de organização pessoal e profissional limita o dia-a-dia propiciando o não aproveitamento ou o aproveitamento inadequado do tempo, na realização das diversas atividades desempenhadas, no cuidado de si e do outro...

O meu limite é assim de eu não conseguir ver, saber tudo, né? Porque a gente tem bastante trabalho, às vezes a tensão é com os nossos filhos, com o marido.

Algo mais até com os amigos, com as pessoas que a gente trabalha. (TRINCA-FERRO)

O dia parece pequeno para dar conta de tudo que se pretende fazer. Quero fazer o melhor, mas não consigo por falta de tempo e recurso. Durante o dia parece que se a gente colocasse mais uma quantidade de horas que ele tem, ainda faltaria. A gente não consegue respirar mesmo, a gente não consegue dar conta. Além do trabalho de 40 horas semanais a gente ainda tem a família, cada um com sua história. Não é fácil mesmo; a gente não consegue dar conta do marido, da casa, dos filhos e da gente mesmo. (...) O tempo é curto para conseguir vencer tudo. Alguma coisa a gente consegue resolver. Eu durmo e aprendo, porque mesmo dormindo fico ansiosa para ver as coisas resolvidas. (CANÁRIO)

Essas pessoas também ressaltam que precisam ter um tempo para si, para organizar-se. Lembrando o entendimento de que o tempo é o espaço entre experiências vividas, conforme Nitschke (1999) elas destacaram a importância de um espaço que seja seu para definir a sua própria existência e organizar-se em seus diferentes papéis sociais, inclusive o de ser ela mesma.

A gente não se organiza para aproveitar melhor o tempo. Estou procurando mais tempo para me organizar também e colocar as coisas no lugar e tentar separar trabalho, casa, família, tudo. Então eu estou precisando organizar minha vida para cuidar também de mim. Além dos outros, cuidar também de mim, né? (PULA-PULA)

E nesse contexto as Oficinas de Criatividade e Sensibilidade se configuram como um espaço potencializador, de resgate das suas forças enquanto indivíduo, família e comunidade, onde Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR expressam o seu viver no cotidiano e suas interações.

Não faço tudo o que gosto, por falta de tempo. Mas quando consigo participar dessas oficinas me sinto bem melhor. (TANGARÁ)

A busca de espaços no cotidiano que expressam o “fazer o que se gosta” ou “respiradouro” assumem importância no dia-a-dia e no viver dessas pessoas. Em

alguns momentos as “Oficinas de Criatividade e Sensibilidade” foram reconhecidas como um respiradouro no cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.

Sobrecarga de trabalho e pressão institucional... que impede o respiradouro...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR a sobrecarga de trabalho limita o cotidiano impedindo o “trabalhar com prazer”, pelo excesso de burocracia, e excluindo o “prazer em trabalhar”, pela excessiva pressão institucional que acaba sufocando o trabalhador...

Sobrecarga de trabalho, que tem me sufocado. Pressão institucional que faz com que a gente nem consiga respirar, às vezes até impedindo da gente fazer o trabalho que gosta, né? Enchendo de burocracia. E quando a gente fala em fazer greve é um movimento que não é só deixar de trabalhar. A gente continua, que é parar, refletir, organizar mais um tempo na agenda pra ir à Assembléia, então essa sobrecarga que é do sistema, que não deixa muitas vezes a gente respirar. (AZULÃO)

Mais uma vez a sobrecarga de trabalho é referenciada nas expressões dessas pessoas, mostrando que não apenas contribui para o “cotidiano extremamente corrido” (já referido anteriormente quando significamos o cotidiano contemporâneo), como se configura num dos limites que impede o ser saudável no cotidiano.

Para Honoré (2006, p. 76) “a burocracia é um verdadeiro pesadelo e a desorganização do país significa muito tempo gasto em coisas desnecessárias, deixando menos tempo para o que realmente importa”.

4.2.4 Limites necessários ao ser saudável

Ao se discutir os limites necessários ao ser saudável no cotidiano, cabe resgatar, mais uma vez, o cotidiano como

a maneira de viver dos seres humanos que se mostram no presente, expresso na vida de todo dia, estando relacionado à cultura em que se está inserido. Assim, apresenta-se por interações, crenças, valores, imagens, imaginário, símbolos experimentados diariamente, que possibilitam ou não o ser humano crescer e se desenvolver ao longo da vida, delineando seu processo de viver e pontuando o ciclo vital (NITSCHKE, 2002, p. 38).

É no cotidiano que se dá a vida de todo dia, pontuada por momentos plenos de significado. Para Rezende (1995, p. 13) “a proposta de compreensão da vida cotidiana fundamenta-se numa visão microssocial vendo nela um *locus* privilegiado de manifestações de uma força vital que independe de explicações. Os pequenos fatos da vida cotidiana assumem relevância e a banalidade do dia a dia mostra sua importância”. Mas é nesse cotidiano que a vida acontece; é nele que, através de suas interações, significados, imagens e imaginário, Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR se deparam com os limites que impedem o ser saudável no cotidiano, mas que também quando apropriados podem se configurar em forças para a superação destes e construção do ser saudável.

O “ser saudável” é singular para cada pessoa, envolvendo seus significados, crenças, valores, símbolos, imagens, imaginações e seu imaginário. Assim pode ser, de acordo com MELLO (2003, p. 25), estar em equilíbrio com o corpo, o espírito e a mente. É o sentir-se bem, estar feliz, é estar aberto e aceitar os desafios da vida e conseguir aprender crescer e evoluir. É sentir-se bem na interação entre o ser humano e o mundo.

Considerando que o ser humano “vive em um ambiente simbólico, assim como num ambiente físico [...] sendo que ele age com relação às coisas com base nos sentidos que elas têm para ele e é estimulado em situações sociais para agir através dos símbolos [...] é através da comunicação simbólica, da interação com outras pessoas, que o ser humano tem capacidade de aprender um grande número de significados e valores”. Deste modo, os símbolos podem ser pensados como significados e valores que são compartilhados. (QUEIROZ et al, 1994, p. 31). É todo um processo de ligação, conexão e complementaridade, que se mostra a partir das formas e maneiras de se viver no dia-a-dia e das relações existentes nesse cotidiano que também podem ser apresentadas, conforme o imaginário dessas pessoas.

Todo imaginário é real. Todo real é imaginário. O homem só existe na realidade imaginal. Não há vida simbólica fora do imaginário. O ser humano é movido pelos imaginários que engendra. O homem só existe no imaginário. Todo imaginário é uma narrativa. Uma trama. Um ponto de vista. Vista de um ponto. (SILVA, 2006, p.7).

Para Maffesoli (2003, p.75) o imaginário²⁰ “é uma força, um catalisador, uma energia e, ao mesmo tempo, um patrimônio de grupo tribal, uma fonte comum de sensações, de lembranças, de afetos e de estilos de vida”.

O imaginário também é construído por imagens. Corroboramos com Nitschke (1999, p.134) ao considerar que a imagem é “algo que chega aos nossos olhos através de formas, cores, figuras. Porém, estas coisas, podem chegar ao nosso espírito de maneira abstrata, ancoradas no nosso imaginário”. Ainda para essa autora “o imaginário é um mundo de significados, de idéias, de fantasias, de evocação de figuras já percebidas, de crenças, de valores, (...) onde o ser humano está mergulhado”. (NITSCHKE, 1999, P. 135).

Dando seguimento ao entendimento dos “limites” existentes no cotidiano e entendendo que estes podem ser bons ou ruins, mas passageiros, conforme Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR resolvemos questioná-los sobre *quais eram os limites necessários para o ser saudável no cotidiano?*

As pessoas nos surpreenderam reafirmando a dimensão “transfigurativa” dos limites e reconhecendo que os **limites necessários ao ser saudável, se transfiguram em forças necessárias ao ser saudável no cotidiano...**

Pude perceber a existência de limites que interferem negativamente no cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, ou seja, que podem impedir o viver saudável destes, mas também existem os limites necessários ao viver saudável que, por sua vez, vêm para controlar, frear, impedir algo que possa trazer danos ao processo vital humano.

Esses limites também se mesclam na ordem do individual e coletivo, configurando-se como poder e potência para o viver saudável. Para Maffesoli (1981, p. 45 e 50), “a potência é uma pulsão, no sentido simples do termo, que se expressa em todos os níveis da existência individual e social. Enquanto a lógica do poder é a

²⁰ Maffesoli apud Silva (2006, p.10-11) buscou inspiração em Gilbert Durand, cuja noção de trajeto antropológico introduz um novo modo de olhar o cotidiano. Pode-se dizer que o imaginário é o trajeto antropológico de um ser que bebe numa “bacia semântica” (encontro e repartição das águas) e estabelece o seu próprio lago de significados, esse encontro das águas. Para Silva (2006, p. 11) “nunca se parte do meio das águas, mas sempre de alguma ponta. Não há centro na teia do imaginário. Todas as entradas desembocam na mesma altura da malha simbólica. Tudo é nó e conexão no tecido imaginal. Cada link, feito um porto, é ponto de chegada e de partida. Cada porto, como se sabe, é lugar de passagem, de encontro, de mestiçagem. Porto é porta e ponte, abertura e recepção”.

dominação, a redução ao uno, a lógica da potência conduz ao pluralismo, à diversidade do real que estrutura inteiramente a vida social em sua labilidade”.

Nas expressões e nas imagens de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, os limites que se configuram em potência são: o “controle da natalidade”, o “combate às doenças e problemas relacionados à saúde”; “combate às drogas” e “controle do tempo”.

Controle de natalidade

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o controle da natalidade é um limite necessário ao processo de viver saudável. Para essas pessoas cada indivíduo “tem que ter” consciência da sua possibilidade em sustentar e cuidar de uma criança.

Tem que ter um limite para as pessoas terem filhos; não pode ter mais de dois, mais de um. Cada um tem que saber qual é o limite de como pode sustentar, de como pode dar condições para as crianças. Não adianta só botar no mundo, tem que ter um certo limite, para poder cuidar, tem que ter limite. (GUAXE)

Chama atenção a lógica do “tem que ter”, como uma imposição, um controle obrigatório, se sobrepondo à lógica do “poder ter”, que remete à possibilidade, à potência de cada um...

Hoje em dia tem muita adolescente grávida. (GUAXE)

Para essas pessoas a figura de uma mulher grávida simboliza o “controle da natalidade” como um dos limites necessários ao ser saudável...

A figura que escolhemos é uma mulher grávida, que representa o controle da natalidade, que é um limite. (GAIVOTA)



Figura I: Representação do “Controle de Natalidade” para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

Pude perceber que o “controle de natalidade” apontado para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR como um dos limites necessários ao ser saudável, vem se configurar como uma força para o ser saudável.

Sendo que o mesmo pode apresentar-se como uma potência pessoal para o contorno da violência, ou seja, o “controle de números de filhos” pode prevenir algumas violências, como a violência social, a desigualdade sócio-econômica, a violência doméstica, a incidência de crianças abandonadas, entre outras violências, contribuindo, assim, para a construção do ser saudável no cotidiano.

Combate às doenças Os super-remédios

Mais uma vez Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR expressaram que a doença é um limite do cotidiano.

A doença é um limite; para mim a doença é um limite. (CARDEAL)

E para combater esse limite, ou seja “a doença”, essas pessoas trouxeram a imagem dos “super remédios”, como uma forma de combater as doenças que limitam o dia-a-dia dos seres humanos.

A gente colocou a figura dos super-remédios que tem que combater esses limites das doenças. (GAIVOTA)



Figura II: Representação do “Combate às Doenças” para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

Importante destacar a imagem paradoxal desses “super remédios”. Pois ao mesmo tempo, que eles simbolizam a “potência das pessoas” em combater as doenças que limitam o cotidiano eles também podem se configurar como um limite para o cotidiano. Como?

Quando esses “super remédios” são utilizados indiscriminadamente causando o aparecimento ou o aumento de doenças físicas, psicológicas e de comportamento que tanto assolam a contemporaneidade.

Não somente as doenças agudas, as crônicas, mas também as “doenças da atualidade”, como depressão, anorexia, bulimia, obesidade. Doenças que refletem o cotidiano pós-moderno onde existe uma corrida cada vez mais veloz para se controlar o tempo e também as próprias “doenças do tempo corrido”, como os enfartes, os derrames, os emagrecimentos sofridos pela velocidade do dia-a-dia e os emagrecimentos que se sofrem a favor da estética, no eterno culto ao corpo. Ou mesmo a obesidade, pela prática incorreta de alimentação, devido ao ritmo, qualidade das refeições e quantidade de alimentos.

Em nossa pressa cotidiana, nós nos alimentamos mal e sofremos as conseqüências. Estamos sempre com pressa, para fazer tudo que está ou não ao nosso alcance no cotidiano, e queremos que as refeições acompanhem esse ritmo veloz de vida.

Para Honoré (2006, p. 74-75) “muitas pessoas estão constatando as desvantagens da ética do mandar ver, engolir e ir em frente (...) os índices de obesidade estão disparando, em parte porque devoramos alimentos processados cheios de açúcares e gorduras. Todos nós conhecemos perfeitamente as conseqüências de colher alimentos naturais antes do amadurecimento, despachando-os para todo o planeta em contêineres refrigerados para em seguida amadurecê-los artificialmente”.

Combate às drogas

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o “dizer não às drogas” é um dos limites necessários para o ser saudável, ou seja, qualquer ação que impeça as drogas é um limite, mas necessário ao ser saudável dos indivíduos. Para apresentar esse limite Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR escolheu a imagem de “um olhar saudável para as drogas”.

Um limite que deveria ter é o limite para dizer não as drogas, é um limite. A figura representa “um olhar saudável para as drogas” que é um limite. (GAIVOTA)



Figura III: Representação do “Combate às Drogas” para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

Portanto, “um olhar saudável para as drogas” é uma força necessária para combater as “drogas”, que são limites para o ser saudável...

O combate às drogas para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR expressa essa problemática que tanto vem crescendo na atualidade, que reflete e é refletida pela condição de desigualdade econômica, cultural, política, social do nosso país.

O “olhar saudável para as drogas” vem justamente chamar a atenção para o avanço deste problema social. As drogas, além de ocasionar a violência com quem a utiliza, ainda possibilitam tantas outras violências. Os danos englobam as conseqüências físicas, psicológicas, sociais, entre outras. Vale lembrar que as drogas não só comprometem quem as utiliza, mas toda uma rede familiar, profissional, social de indivíduos, estando presentes nos lares, na vizinhança, na escola, no trabalho, nos ambientes de lazer e entretenimento. As drogas aqui se apresentam tanto como as drogas lícitas, como as ilícitas: bebidas, medicamentos, maconha, cocaína, heroína, etc.

Controle do tempo

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o “controle do tempo” é um limite necessário ao viver saudável. Já que a sua inexistência gera a “falta de tempo”, uma constante no cotidiano dessas pessoas e que traz sentimentos de ansiedade e preocupação...

E um outro limite é a ansiedade, preocupação, que surge pela falta de tempo.
(CARDEAL)

A imagem de um “corredor olímpico” foi a figura escolhida para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR para apresentar o “controle do tempo”, através da sua “superação ao tempo”...

A gente colocou uma pessoa correndo que supera o limite, que é o limite ao tempo. (GAIVOTA)



Figura IV: Representação do “Controle do tempo” para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

O “controle ao tempo” é um limite necessário ao viver saudável trazido pelos Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR. O tempo faz parte de todas as nossas ações; entretanto, hoje vivemos em função do tempo... seja nas atividades quotidianas ou mesmo no planejamento do futuro. Corremos sempre atrás do tempo: tempo para fazer as tarefas, tempo para conversar, tempo para nos divertir. O tempo que existe parece não dar conta dos nossos anseios e das nossas atividades, expectativas.

Vivemos na atualidade numa constante busca ao tempo: “tempo que não temos”; “tempo que não sabemos aproveitar”, “tempo que gostaríamos”. Buscamos sempre mais e mais horas, minutos e segundos para fazer as coisas que não conseguimos no tempo que dispomos. Essa busca incessante ao tempo interfere no nosso ritmo de viver, quando priorizamos metas, avanços, bens materiais e profissionais e deixamos de lado o cuidar de si e do outro, as banalidades do dia-a-dia, o ócio, o descanso, o respiradouro, enfim as coisas que nos dão prazer. Parece que tudo o que não possuímos é o mais importante, por isso vivemos sempre “em busca de”, sem darmos o valor necessário ao “que, e a quem possuímos” ou melhor, “ao que e a quem somos”.

Canário já dizia “somos seres de busca”! Mas essa busca não se reflete apenas no que é preciso, mas no que sempre queremos. E os valores e ritmos da atualidade

nos transformam em seres de busca pela *ética do instante*, pelo poder, pelos bens materiais, pela ascensão profissional. Mas nos distanciam em sermos seres de manutenção da afetividade, do cuidado de si e do outro, da solidariedade, do amor, da gratidão, da felicidade individual e coletiva, enfim da *ética da estética*. Longe de mim a hipocrisia de não valorizar o tempo, mas gostaria de chamar atenção para esse comportamento que assola a atualidade onde corremos contra o tempo e não a favor dele. Nitschke (2006) em uma palestra referiu que “no ritmo de vida que levamos, teremos a necessidade de “prescrever” tempo, para as pessoas que cuidamos”. Pois, paradoxalmente, parece-nos que a falta de tempo é o que mais sobra em nosso cotidiano.

Assumindo o “viver em busca de” Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR nos reporta ao sentimento de incompletude, onde sempre falta alguma coisa para o ser humano. Isso possibilita as relações interpessoais numa perspectiva de complementariedade, emergindo assim o estar junto. Para Maffesoli (1984, p. 30) “aquilo que é completo, perfeito, não tem a menor necessidade de alteridade, e o exemplo mais significativo disso é o Deus no monoteísmo. É quando existe a incompletude que a relação se torna necessária. A paixão e o desejo do Outro são os indícios mais claros da incompletude fundamental do indivíduo e da sociedade”. Esta é a potência, esta é a força que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR podem ter no seu processo de ser saudável no cotidiano, através das trocas interpessoais.

Conforme Maffesoli (1984, p. 31-32),

o mecanismo de complementariedade, que se exprime no jogo da diferença e que se encontra na base de toda estruturação social se modela de maneira tênue e diversificada, mas que sempre permite o estabelecimento de uma harmonia, mesmo que conflitiva, necessária a toda e qualquer vida em comum.

Podemos perceber que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR destacam a *ética da estética* quando dão ênfase ao afetual referenciando as relações interpessoais. Estética entendida em seu sentido mais amplo “o da empatia, do desejo comunitário, da emoção ou da vibração comum” (Maffesoli, 1995, p. 11). O afetual se manifesta num “estar junto” compartilhando sentimentos, emoções e energias que possuem

significados.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, existem os limites de ordem relacional, que cada indivíduo possui envolvendo questões de ordem do doméstico, familiar, profissional, de doenças, afetuais, que interferem no cotidiano do processo de viver humano que, muitas vezes, se tornam barreiras, percalços, desafios que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR procuram superar para poderem viver saudáveis.

Também existem os limites necessários ao viver saudável que se colocam como “barreiras, limites” que freiam e, ou controlam o avanço de algo que pode ser ou se tornar prejudicial ao processo de viver humano. Esses limites existem tanto a nível individual ou coletivo e são expressos por essas pessoas, como o “controle da natalidade”; “combate às doenças”; “combate as drogas”, “controle do tempo”.

Interessante também notar que a ausência dos *limites necessários ao viver saudável* pontuado pelos Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR podem se configurar em condições para o surgimento e aumento de violências.

O que no momento elas pontuam como *limites necessários ao viver saudável*, a seguir quando trazem os tipos de violência aparecem como ausência dos limites pontuados. Ou seja, a inexistência desses limites podem contribuir para o surgimento da violência. Alguns exemplos como: gravidez não planejada e indesejada pode ocasionar violência conjugal, contra a mulher e contra a criança; o uso indiscriminado de medicações “sem limites” ocasiona agressão contra o corpo e a saúde; o uso de drogas gera tantas outras violências e o não controle sobre o tempo, nos violenta e nos deixa violentos nas relações consigo mesmo e com o outro no cotidiano.

Reforçamos o nosso entendimento da violência como algo intencional e danoso, com fins de agredir ou constranger um outro indivíduo, ou a si mesmo, independente de ser uma manifestação física, verbal, psicológica, emocional ou de omissão.

Buscando a conjunção “**Limites do Quotidiano**”, ou seja, unindo as expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR chegamos a compreensão de que: “**Limite** é o que impede, impossibilita, limita, freia, aprisiona ou sufoca; é não perceber que se tem limites; é algo que quer ser superado; **O Limite** pode ser bom e

pode ser ruim; é temporário, passageiro e dinâmico; **Limites do Quotidiano** é saudade dos amigos e familiares; problemas de saúde: doenças pessoais e de familiares, tabagismo, ansiedade, preocupação; gravidez indesejada; dificuldades na relação interpessoal familiar e profissional; falta de organização para cuidar de si e dos outros; sobrecarga de trabalho e pressão institucional que impede o respiradouro; **Limites Necessários ao Ser Saudável** são controle de natalidade; combate às doenças ...os super-remédios; combate às drogas; controle do tempo.

Parece que os *limites necessários ao ser saudável* são como forças, potências para o ser saudável. Portanto, percebemos, junto Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, que **esses limites se transfiguram em forças para o viver e ser saudável.**

Mas, então o que são forças? Como elas são? Quais as forças presentes no cotidiano? Quais forças são necessárias para o ser saudável no dia-a-dia?

4.3 Forças do cotidiano

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR sinalizaram em suas expressões as dimensões relativas entre o micro e o macro-social, reforçando a presença das interações e indicando que existe uma relação entre o seu cotidiano e tudo que a cerca. Esse entendimento pode expressar a compreensão sistêmica de que tudo está em relação com tudo, ou seja, tudo está inter-relacionado.

Assim ilustram maneiras de viver e conviver com as diversas situações vivenciadas em seu cotidiano, que também se traduzem em forças ou potências para contornar os seus limites e construir possibilidades de ser saudável no dia-a-dia.

Discutindo sobre o cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, identificamos os limites que impedem o ser saudável no dia-a-dia. Percebemos que ao trazer à tona os seus limites, essas pessoas acabavam por revelar as suas forças para o contorno desses limites do cotidiano.

Nesse processo as forças do cotidiano foram sendo desveladas englobando **o que é força; como é a força; quais as forças do cotidiano e quais as forças**

necessárias ao ser saudável.

4.3.1 O que é força

Entendemos **força ou potência** como qualquer atitude ou comportamento individual e coletivo de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR utilizados para contornarem os limites que se apresentam no cotidiano e na construção do ser saudável na relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Corroboramos com Maffesoli (1981, p. 45 e 50) ao definir a potência como “uma pulsão, no sentido simples do termo, que se expressa em todos os níveis da existência individual e social”. A potência difere do poder, visto que “enquanto a *lógica do poder* é a dominação, a redução ao uno, a *lógica da potência* conduz ao pluralismo, à diversidade do real que estrutura inteiramente a vida social em sua labilidade” (MAFFESOLI, 1981, p. 45-50).

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR “a força, a potência” estão relacionadas com ação e troca de energia para a obtenção de algo desejado possibilitando a sensação de felicidade e realização.

É o que impulsiona...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, força é o que impulsiona e transmite felicidade proporcionando sensação de leveza e liberdade..

Força é aquilo que nos impulsiona e que nos deixa feliz. (CANÁRIO)

Força é o que impulsiona e me deixa leve e livre. (AZULÃO)

Força é o sorriso de uma criança. (CARDEAL)

As expressões dessas pessoas enfatizam a característica de força, enquanto movimento que move os seres humanos a viverem no dia-a-dia em busca da concretização dos seus desejos ou mesmo das condições que possibilitem o viver feliz e com liberdade e paz de espírito no cotidiano.

Conforme Nietzsche (1978, p. 384), a potência “é o magma vital, a energia que faz vibrar a corda da autonomia e da liberdade (...) a vida mesma é vontade de

potência”.

Esse “magma vital” referido por Nietzsche vem de encontro ao entendimento de força enquanto energia enfatizada para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.

É uma energia...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR força é uma energia pessoal, cósmica, espiritual, intrínseca a cada ser e que pode ser transmitida e compartilhada com outros seres vivos...

É uma energia pessoal, porque parte de mim; é cósmica, porque parte também do cosmos, do universo, da natureza, e espiritual porque vem do nosso espírito, do nosso jeito, do nosso psicológico e uma coisa interessante que a gente pensou que aquela energia que às vezes eu consigo passar pro outro e o outro passa pra mim, que nos retro alimenta. (...) A força que tu tens é energia e ela está aí. E da onde a gente vai buscar? Na real de dentro da gente mesmo. A gente pode até transferir para outra pessoa, para um bichinho, não sei o que; mas se não estiver aqui, dentro de mim, não conseguirei. (TANGARA)

É uma força que vem de dentro. (XEXEU)

Nas expressões dessas pessoas a energia é a força vital inerente a todo ser humano e que pode ser utilizada em função de si mesmo e do outro, ou mesmo compartilhada possibilitando a retro alimentação do viver no dia-a-dia.

Mais uma vez fica evidente a compreensão sistêmica de que tudo se relaciona com tudo, visando o bem comum, seja na relação com o indivíduo, com o universo, com outros seres e com a natureza.

A força, enquanto energia movimenta os indivíduos a agirem e realizarem algo...

Força é uma energia que faz parte da gente e que nos move a fazer as coisas, realizar. É uma energia que a gente não consegue pegar nela, não consegue mensurar, medir. A gente só consegue sentir. Energia a gente sente, não consegue pegar, não é palpável. (TANGARA)

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDRO, a força, enquanto movimento,

potencializa a característica de dinamicidade e progresso que orienta o viver “em busca de” realizado por essas pessoas na manutenção e construção do ser saudável no dia-a-dia.

É superação

De acordo com FERREIRA (2004, p. 1894), superação vem do latim *superatione* e é “ato ou efeito de superar”.

Percebemos a superação como uma das qualidades dos indivíduos em adaptar-se a novas situações, utilizando de estratégias que possibilitem vencer e subjugar obstáculos e desafios.

Para os Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR força é superar os momentos altos e baixos, positivos ou negativos...

A força é superação. (GAIVOTA)

A força é superar todos os momentos de altos e baixos, independente de ser positivo ou negativo. (GUAXE)

Mas que momentos positivos ou negativos seriam esses?

Se correlacionarmos com os limites do cotidiano trazidos anteriormente por essas pessoas poderemos suspeitar que essa superação possa ser em relação a doenças pessoais e familiares, condições de trabalho, relação interpessoal no ambiente profissional ou familiar, entre outros.

4.3.2 Como é a força

Ao serem estimulados a refletirem sobre o seu cotidiano Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR expressaram significados compartilhados, construídos a partir das interações vivenciadas e alguns elementos que sinalizam as suas forças, potências para o viver saudável no dia-a-dia.

Força é intrínseca e singular...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a força é intrínseca a cada ser

humano e cada um precisa descobrir a sua própria força.

Temos que descobrir a força de dentro da gente mesmo. (GUAXE)

A compreensão da força enquanto algo inerente ao ser humano pode possibilitar que o mesmo desfrute de momentos auto-reflexivos da sua maneira de ser e de viver para a identificação e reconhecimento dos seus limites e das suas forças na construção do ser saudável.

Podemos perceber que essa característica da força como algo que “é próprio do ser humano”, por si só já é uma das suas potências revelando, mais uma vez, a singularidade e a complexidade de cada ser.

Para NITSCHKE (1999, p. 192) “através da relativização da individualidade as famílias afirmam a singularidade complexa de cada um, que permite a expressão da liberdade criadora de cada pessoa”.

Força é de troca... como uma energia

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR a força, além de singular pode ser integrada e compartilhada com o outro. Visto que força é energia e energia é movimento, logo pode ser compartilhada com qualquer outro ser, seja ele animal, vegetal, humano, entre outros.

A relevância da *ética da estética* complementa-se com o elemento de que existe troca de energia com diferentes seres, dentre eles os vegetais e os animais.

Eu tenho plantas em casa e às vezes eu vou e rego e digo: oh! Que coisa mais linda, como já cresceu!. Aquilo já me dá uma energia diferente, então essa é a força que move a gente. Também quando o cachorro vem e senta bem perto de ti e coloca a cabecinha, como que às vezes aquilo é uma troca, parece até que é gente também. (TANGARÁ)

Conforme Rosenkoetter (1993, p. 304) “milhões de pessoas têm animais de companhia ou bichos de estimação em suas casas e os consideram componentes integrais de suas vidas diárias, sendo que os animais são valorizados como membros

da família”.

Concordamos com Nitschke (1999, p. 118), ao referir que “existem muitas lógicas e muitas razões. Assim, há uma razão que extrapola qualquer determinismo, pois é do sentimento, do vivido, num paradoxo. Pode-se pensar que é uma razão com espírito livre e criador, a razão sensível”.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a troca de potência, enquanto energia pode ocorrer em diferentes ambientes e com diferentes pessoas. Mais uma vez o trabalhar com crianças revela a sutileza do respiradouro e o reconhecimento das forças dessas pessoas, enquanto possibilidade para o contorno dos limites do cotidiano e construção do ser saudável.

Quando a gente fala de energia, de trabalho a gente aqui com certeza não tem maior energia do que essas crianças aqui no dia-a-dia, eu acho que a gente se enche muito. Pode chegar aqui meio assim com problemas em cada fio de cabelo, mas eles são aqueles que dizem em uma palavra, é muita energia se for pensar e a gente fazendo o que gosta, né? E de repente se tem um limite assim, que está impedindo é só dar uma volta. Tirar a força e dar a volta por cima, né? Ir buscar que a gente consegue. (TANGARÁ)

Conforme Silva (2006, p. 34) “potência e desconstrução andam juntas, num equilíbrio instável”. Importante destacar que a troca de energia, ao trabalhar com crianças possibilita a descoberta de novas potências no cuidar de si e do outro, com a des-construção de maneiras de ser e viver.

4.3.3 Forças do cotidiano

O viver no dia-a-dia exige o emprego de forças e energias, implica uma busca empreendida consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

Ao identificarem as suas forças, essas pessoas colocam-se como uma expressão da força do querer viver, da sua *potência subterrânea* que, conforme Maffesoli (1998, p.47) , “trata-se de uma força bem difícil de explicar, mas da qual se pode constatar os efeitos nas diversas manifestações da socialidade: a astúcia, a auto-referência, o ceticismo, a ironia e o humor negro dentro de um mundo que é considerado em crise”.

As forças que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR atribuem em suas

expressões revelam a sua compreensão sistêmica de como o cotidiano se apresenta e se constitui num palco de múltiplas redes de interações.

Persistência

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR uma das suas forças é a perseverança em vencer os limites que desafiam o cotidiano.

A minha força é a persistência. (TICO-TICO)

Acredito que os meus problemas podem passar e que só depende de mim. E eu quero! E eu vou conseguir! (TIZIU)

Pois os problemas existem e acometem a todos os indivíduos, independente da sua dimensão ou gravidade e podem ser dominados...

Eu acho que assim dificuldades, problemas, todo o mundo tem, né? Pode ser a dificuldade, o problema grande ou pequeno, não deixa de ser né? Eu também tenho! Não vou dizer que meu problema seja grande ou pequeno, seja lá o tamanho que eu acho, porque às vezes a gente tem alguma coisa e acha e faz dele um problema grande, né? Alguma coisa assim tão simples, que é tão fácil também de resolver, mas às vezes a gente faz com que ele seja um problema muito grande. Eu acho assim que o meu ele é assim pequeno; ele é grande, mas eu faço ele ser pequeno. Então eu tenho assim que querer é poder, e é só perseverar. Eu quero, eu posso, depende de mim de perseverar até o fim e com certeza tudo se resolverá. (TRINCA-FERRO)

Nesta aceitação dos limites está a passividade fecunda que se traduz por pequenos desvios da vida cotidiana- jeitinhos- que sem ruído tentam driblar os valores e normas impostas.

Força de vontade

A Força de vontade em romper com os limites que se apresentam no cotidiano é uma das forças utilizadas para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR tornarem o dia-a-dia pessoal e profissional mais saudável e prazeroso...

Minha força é a força de vontade. (RISADINHA)

Mais força de vontade. (BREJAL)

E o que é que eu tenho pra romper com isso é justamente a vontade de romper com isso, né? Essa vontade de romper é a minha força de me conformar e acreditar que é possível a gente fazer um dia-a-dia saudável. E eu me lembro que eu busquei espaço de ser saudável justamente quando a gente ficou na greve; três meses sem receber. E eu fui buscar outras maneiras de viver meu dia-a-dia e isso foi muito interessante eu aprendi muito. Então era isso, essa vontade de romper! (AZULÃO)

Tenho muita força de vontade pro trabalho. (XEXEU)

Podemos perceber que, pela astúcia, Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR tentam contornar os limites que se apresentam no dia-a-dia, buscando uma “força interior” para a superação desses limites diante da multidimensionalidade da vida.

Nas suas expressões, a “força de vontade”, por si só, é uma força suficiente para superar os limites que se apresentam no dia-a-dia e ou buscar maneiras de viver para romper com os limites que se apresentam no cotidiano.

Fé e esperança

A fé em Deus, a esperança e a crença são sentimentos que fortalecem Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR na construção do ser saudável e que se faz cada vez mais presente na vida cotidiana dessas pessoas.

A minha força é fé! (TANGARÁ)

Eu ainda tenho muita fé no “homem lá de cima” e esperança que um dia isso vai melhorar, se Deus quiser! (GATURAMO)

Patrício (1996) afirma que “em algum momento, somos cientistas, místicos, filósofos e artistas”. Esses elementos são evidenciados quando Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR falam na fé e esperança em um “homem lá de cima” usando a sensibilidade para reconhecer a sua potência em acreditar sempre numa possibilidade de melhorar a sua maneira de viver no dia-a-dia.

Maffesoli (1998, p. 56), parafraseando E. Durkeim, utiliza-se do termo “divino

social” para designar essa “força agregadora que está na base de qualquer sociedade ou associação”. E que também pode ser considerada religião “entendendo a palavra tal como é empregada para designar aquilo que nus une a uma comunidade (...) matriz comum que serve de suporte para o ser-estar junto”. (MAFFESOLI, 1988, p. 56).

A crença e esperança no amanhã, em que tudo pode ser e estar melhor, com mais felicidade, são as forças presentes no cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR...

Pra que a gente pense, que a gente tenha o pensamento em saber que depois, amanhã é outro dia e que vai melhorar (TIZIU)

Tenho esperança, muita esperança, até no meu trabalho também, na minha vida, na minha vida particular, do meu marido, do meu filho. Esperança que eu tenho pro futuro de um dia eu ser feliz. Tenho muita esperança de um dia eu ser mais feliz, né? (PULA-PULA)

Podemos perceber que essas expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR nos remete à “lógica da espera” que Crespi (1983, p. 40) analisa como o “não- lugar”, ou seja, “um vazio para o qual se era conduzido, sempre preenchido de promessas que nunca se realizavam, numa busca frenética de um futuro e de um progresso”. Através dessa concepção

aprendemos a considerar o nosso dia-a-dia numa ótica progressista, sempre voltada para o futuro. Onde nos era dito que se o hoje não é bom, o amanhã será, mas se ele também não for, quem sabe o depois de amanhã? E se este outro dia não nos trazer as alegrias esperadas, há o fim de ano, o fim da vida, há uma caminhada iluminada para a humanidade e, se nada disso der certo, ainda há o reino dos céus (CRESPI, 1983, p.40-41).

Podemos perceber que nessa “lógica da espera” nada poderia impedir a busca do progresso feliz, mesmo não se sabendo muito bem em que ele consistia. Será que tudo pode ser suportado para a obtenção da eterna felicidade? Será que a felicidade pertence ao futuro e não ao presente?

Fazendo uma crítica à “lógica da espera”, Rezende (1995, p. 10) nos chama a atenção que essa concepção “afastou as alegrias do presente e fez com que

suportássemos o cotidiano como um mal menor, como se fosse o permanente, o eterno preparo dessa felicidade que viria um dia”. Ao mesmo tempo, “colocou o cotidiano enquanto trivialidade, banalidade, vida sem qualidade, apenas suportável para que se preparassem os grandes eventos transformadores da sociedade” (REZENDE, p. 10).

Esse tipo de sociedade que projeta a felicidade para o futuro, sem a reconhecer no presente, pode ser considerada por Maffesoli como “prometéica”, referindo-se à emblemática mitológica de Prometeu, o eterno trabalhador, ao qual nem mesmo era permitido morrer, uma vez que seu fígado, dilacerado durante o dia pela águia enviada de Zeus, recompunha-se durante à noite. Prometeu sempre trabalhava. Toda felicidade prometeica é adiada, ela fica além do horizonte e o aquém do horizonte é feito de trabalho, de obras, que precisam ser construídas não importa muito para quê.

Conhecimento da doença ou alteração de saúde... individual e familiar

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o conhecimento da doença ou alteração de saúde somados à força de vontade, persistência e auto-controle permite o cuidado de si e do outro, como forças para um cotidiano mais saudável...

A minha força é que hoje dou graças à Deus que estou conseguindo me recuperar. Tentar ver as coisas e não comer. Porque se eu comer eu passo mal. A minha força é o controle consigo mesmo, por eu ser celíaca. (CORRUPIÃO)

Eu vou lutar pra ver se a minha mãe consegue parar. Ela só vive com os saquinhos de bala, chiclete, pirulitos. Ai eu vou ver se ela consegue parar com isso aí para não piorar a diabetes. (PICHÓCHÓ)

Podemos perceber que o “auto-controle da doença” e a “tentativa de controlar o familiar doente” são forças desenvolvidas por Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR para a construção do ser saudável. Essas expressões nos reportam ao sentimento de incompletude em relação ao papel desempenhado na vida familiar, onde sempre falta alguma coisa para o ser humano na relação consigo mesmo e com o outro. Para tanto, buscam-se relações interpessoais numa perspectiva de complementariedade emergindo assim o estar junto.

Para Maffesoli (1984, p. 30) “aquilo que é completo, perfeito, não tem a menor necessidade de alteridade, e o exemplo mais significativo disso é o Deus no monoteísmo. É quando existe a incompletude que a relação se torna necessária. A paixão e o desejo do Outro são os indícios mais claros da incompletude fundamental do indivíduo e da sociedade”. Esta é a potência, esta é a força que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR podem ter no seu processo de ser saudável no cotidiano, através das trocas interpessoais, que possibilitem o cuidado de si e do outro..

Conforme Maffesoli (1984, p. 31-32),

o mecanismo de complementariedade, que se exprime no jogo da diferença e que se encontra na base de toda estruturação social, se modela de maneira tênue e diversificada, mas que sempre permite o estabelecimento de uma harmonia, mesmo que conflitiva, necessária a toda e qualquer vida em comum.

Encontros no NEI... redes de solidariedade e afeto

Também para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a existência de um espaço singular e democrático, onde as pessoas possam discutir e compartilhar os seus anseios, problemas e vitórias do cotidiano, configura-se numa força para o ser saudável, por permitir o cuidar de si, do outro e o “entre cuidado”.

O que me dá força, na verdade, são momentos como esse, porque a gente pode ver a beleza das coisas acontecendo em lugares, que a gente acha que não é possível. A gente percebe nas pequenas coisas assim. Então a minha força é saber que as pessoas são diferentes, que todo o mundo não é igual. E que a gente não vai se contagiar pelas coisas que acontecem no momento, que é bem triste, né? (GAIVOTA)

Porque eu gosto é disso aqui; de estar com as pessoas, cuidando, discutindo sobre a saúde, sobre o viver, com os alunos. (AZULÃO)

Podemos perceber que as expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR em participar das Oficinas de Criatividade e Sensibilidade, inclusive dos encontros promovidos pelo Projeto NINHO, apresenta-se como uma “arquitetura de paixões e laços de afeto”, garantindo o “sentir-se bem” e “ter prazer” no cotidiano.

Conforme Patrício (1995, p. 87) “a experiência primitiva de prazer envolve o

sentir-se bem, e a busca de prazer pode ser devida a uma falha no desenvolvimento em alcançar o estado básico de prazer primitivo”.

Podemos perceber que os fios dessa rede são tecidos com solidariedade e afeto. É nessa vida comum de todos os dias, que se desenrola no tempo presente, que emergem as mais diversas situações com as quais as pessoas precisam lidar e que podem ser compartilhadas com os outros nos encontros do NEI.

Podemos perceber, também, a manifestação daquilo que Maffesoli (1998) denomina “*solidariedade orgânica*”. Essa solidariedade privilegia o afetual, elemento mediador das relações sociais que compõem a socialidade, na qual se arraiga o mundo da vida cotidiana, feito de participação e solidariedade.

Esse mundo de relações é uma manifestação dessa solidariedade e coloca em evidência o valor do cotidiano no viver das pessoas, como palco no qual se expressam as relações entre elas, as quais se dão na vida comum e no tempo presente da existência. A solidariedade orgânica é essencial à coesão do grupo e garante “a partilha sentimental de valores, de lugares, de idéias” (NITSCHKE, 1999, p. 80).

Existindo essa forma de solidariedade nos espaços de interação como os encontros no NEI, para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDO, as formas de resistência - duplicidade, astúcia e silêncio - podem ser utilizadas na aceitação da vida.

As expressões dessas pessoas também expressam o **cimento social** constituído pelo desejo de ser-estar junto, do viver coletivo fundado no aqui e agora.

As Oficinas de Criatividade e Sensibilidade, reforçando o espaço criado pelo Projeto Ninho, revelam-se numa possibilidade efetiva para o diálogo, para o compartilhamento de vivências e saberes, buscando alternativas de contornar as situações que afastam do ser saudável vividas no cotidiano, revelando-se fruto de uma busca coletiva construída por pessoas em grupo.

O “gostar de estar junto” remete aos encontros a característica, não de obrigação a ser cumprida, mas de um possível respiradouro na correria cotidiana. Nele, a proximidade, a sensação de pertencimento, a valorização de cada um e de todos, o afeto, a confiança e o respeito mútuos formam o solo perfeito para a solidariedade e para a manifestação da potência, da força de cada um e do grupo, favorecendo a percepção de outras possibilidades de ser e viver saudável no contorno

dos limites e construção do ser saudável no cotidiano.

4.3.4 Forças necessárias ao ser saudável

O cotidiano é construído a partir das experiências dos indivíduos num mundo dinâmico de interações, destacando o aspecto relacional que se constrói consigo mesmo e com outros seres. Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR nos mostram que as forças necessárias ao ser saudável também surgem como condição para o ser humano ser e existir no mundo possibilitando maneiras de viver que corroborem para a construção do ser saudável e contorno dos limites existentes.

É nesse processo que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR expressam as forças necessárias ao ser saudável reafirmando a sua potência individual e social.

A potência, conforme Maffesoli, estrutura o social. Através dela, “a energia coletiva, a força imaginal do estar-junto busca uma via, fora de todos os caminhos balizados pelo racionalismo da modernidade, sempre mantendo a exigência ética básica de toda sociedade, aprender a viver, saindo de si, com o outro” (MAFFESOLI, 1997, p. 90).

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, além de identificarem os limites necessários ao ser saudável no cotidiano, que se configuram em forças, também sinalizam as forças necessárias no cotidiano para a construção do ser saudável no dia-a-dia e contorno dos seus possíveis limites.

O ser humano tem a capacidade de aprender grande número de significados e valores através da comunicação simbólica. Deste modo, os símbolos podem ser pensados como significados e valores que são comuns ou compartilhados. Esse é o processo de socialização no qual o indivíduo aprende os valores e normas culturais e subculturais que ele segue. Entretanto, estes sentidos são manipulados e modificados através de um processo interpretativo usado pela pessoa ao tratar as coisas que ela encontra (HAGUETE, 1987, p. 28-32; NITSCHKE, 1999, p. 190-191).

O ser humano a todo o instante tem necessidade de mostrar o seu imaginário, compartilhá-lo com o outro e falar através das imagens.

Para Nitschke (1999, p. 2), “as imagens fazem parte de nossa vida de todo o dia, assim como a saúde, seja como um elemento concreto seja como algo simbólico que

existe, mesmo que seja para revelar sua inexistência, sempre relativizada”.

Mais uma vez as imagens foram utilizadas para expressar as forças necessárias ao ser saudável no cotidiano para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.

Nas suas expressões, **as forças necessárias ao ser saudável** englobam: a força de amar; família e amigos; otimismo e força de vontade; fé, crença e esperança; experiência e condição do outro; buscar outras maneiras de viver; boa relação no ambiente de trabalho; dar tempo ao tempo e descobrir a sua própria força.

Força de amar... amor e afeto

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a força de amar é necessária para o ser saudável no cotidiano. O amor e o afeto pelos filhos, pelo companheiro, pela família, pelo próximo impulsionam o viver no cotidiano...

Uma força necessária para mim é a força de amar. (XEXEU)

Eu tenho a força de amar os filhos, o marido, a minha família. O amor também é uma força muito grande; o amor remove montanhas, o que me faz; o que me fez viver até hoje é o amor, o amor pelos meus filhos, o amor pelo meu próximo. (CARDEAL)

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a imagem de uma mãe amamentando representa essa força de amar, pelo amor e afeto, necessária ao ser saudável no dia-a-dia...

Como essa foto, o amor e o afeto são as forças que precisamos para viver saudável. (TANGARÁ)



Figura V: Expressão da “Força de Amar” para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

Nitschke (1999, p. 145) também enfatizou os aspectos proxêmicos trazidos pelas famílias como condição de viver e ser saudável no dia-a-dia: “amar as pessoas que vivem ao nosso redor e ser amado, manter pensamentos e atos mais dentro da comunidade, saber ouvir, tolerar, refletir, repartir, relacionar-se com o meio ambiente”.

Nas expressões e imagens trazidas por Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR podemos também observar que existem outras formas de socialidade, nas quais as interações desenvolvidas no cotidiano é também afetual, que se manifesta na “força de amar” compartilhando coisas que possuem significado.

Afetual, conforme Maffesoli (1996, p. 77), “é a demonstração de toda arte, de todo prazer e carinho. É sentir-se com o outro, sem a possessividade e o apego exagerado”. O afetual remete à razão sensível.

Ao contrário do racionalismo estreito e estático, a razão sensível apela para uma espécie de entusiasmo, que põe em ação uma força instintiva. O afeto, o emocional o afetual, não estão separados em um domínio à parte. É pela conjunção da razão e da sensibilidade que nasce toda percepção global. A natureza e a cultura entram em interação, o microcosmo e o macrocosmo respondem um ao outro, e, no interior do mundo social, cada qual, encontra seu lugar na sinfonia humana. (MAFFESOLI, 2005, p. 23).

Família e amigos ...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a família e os amigos são as forças necessárias ao ser saudável para o contorno de qualquer obstáculo no cotidiano...

Força são meus dois filhos; eles são minha força, minha alavanca, pra enfrentar qualquer obstáculo da vida, quando a gente é mãe a gente vira uma leoa, um leão. (CARDEAL)

Através do carinho, amor e paixão elas impulsionam Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR a seguirem o seu ciclo vital buscando o ser saudável no cotidiano...

A família, os amigos nos dão força. (CANÁRIO)

A família e os amigos nos dão carinho, paixão, amor. (AZULÃO)

Por isso que a gente colocou aqui, que forças são essas que estão presentes na nossa vida: a família e os amigos sempre quem move a gente, que dá força pra gente ir adiante são as famílias, a família e nossos amigos, família no sentido bem próximo de esposo, filhos, irmãos, mãe, pai. (TANGARA)

As forças que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR atribuem à dimensão interacional da família mostram sua compreensão sistêmica de como a família se apresenta e se relaciona numa infinita rede de interações.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a imagem abaixo apresenta o carinho, a paixão e o amor das famílias e dos amigos, como forças necessárias ao ser saudável no cotidiano...



Figura VI: Expressão da Força “Família e Amigos” para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

Quando emerge no cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR o aspecto da consideração, do valor estimado a alguém, independente da relação interpessoal, pontua-se uma relação de troca, mostrando o apreço e a valorização daquele (ou daquilo) com quem se convive; se conhece; de quem se aprende; com quem a gente se dá bem; que lhe faz bem e lhe faz sentir-estar bem; que retribui, como trazido em Nitschke (1999, p.176)

Isto nos leva a compreender a solidariedade orgânica, como um elemento potencializador de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR no seu dia-a-dia, configurando-se num elemento facilitador do estar junto, colocando-se como força para o ser saudável no cotidiano.

Otimismo e força de vontade ...

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR destacam que , o otimismo e a força de vontade em “ser”, “ter” e “fazer” por si e pelo próximo são necessários ao ser saudável no cotidiano...

É ter força de vontade, força de atingir um objetivo. (CARDEAL)

Força de vontade de cada um, é ser positivo. (GUAXE)

Conforme o psiquiatra Isaac Efraim (2004, p. 16)

ser otimista é ter uma expectativa positiva em relação ao que pode acontecer na vida pessoal e profissional, ou seja, sentir, acreditar e reagir física e psicologicamente a um fato como sendo positivo. Uma pessoa que tem uma expectativa positiva sente-se bem, relaxada, tranqüila e confiante, não tem o sentimento de medo ou temor. Nada pode ser mais confortante e gerar bem-estar num indivíduo.

Força de vontade de ser e de fazer sempre e de ser melhor, de ser bem naquilo, de ser saudável, de fazer pelo próximo, fazer por você, fazer pela família, fazer pelo seu trabalho. (TANGARA)

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a força de vontade, representa em suas expressões e imagens a superação de desafios...

É como essa imagem aí. Para mim parece que a pessoa chegou ao topo superando algum desafio, pela tua força de vontade, mesmo. (TICO-TICO)



Figura VII: Expressão do “Otimismo e Força de Vontade” para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

Consideramos otimista o ser humano que consegue discernir quais as dificuldades que estão a sua volta e acreditar e agir de maneira firme, positiva e consciente. Conhecendo seus próprios sentimentos e entendendo suas reações reafirma a sensação de segurança interior. Outro fator que gera uma atitude otimista é ter

disposição para usar sua força interior para contornar os problemas vivenciados no cotidiano.

Fé, crença, esperança ... em Deus, nas coisas, em si e nas pessoas...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a fé e a crença são forças necessárias ao ser saudável no cotidiano que motivam os indivíduos a vencerem os desafios e realizarem o que almejam, com autoconfiança...

E uma outra força é você ter fé em Deus, ter fé que você vai vencer, quando vem os problemas, as dificuldades da vida, do cotidiano, quando você tem que crê, você tem que ter forças que vai conseguir, conseguir um emprego, ter fé que você vai conseguir e acreditar em alguma coisa, com pensamentos positivos. (CARDEAL)

É preciso ter fé e esperança para contornar os diversos problemas que se mostram no cotidiano atual. Esses sentimentos se configuram até mesmo como o próprio sentido da vida para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, em busca de um futuro melhor...

Para viver atualmente nesse mundo tão agitado, onde se assiste tanta coisa ruim, tanto roubo, tanta injustiça, tanta violência, as pessoas têm que acreditar em alguma coisa e acreditar que pode ter solução e que poder ser superado. Se tu não tiver essa fé e essas forças ai realmente fica complicado da gente superar o acontecido. Se as pessoas não se apegarem a alguma coisa boa que acredite de verdade, parece que tem uma desilusão muito grande: a gente tem que sempre rezar e agradecer. É preciso acreditar em alguma coisa. O Deus ele é um só!. Sem fé e esperança a gente perde a razão de viver. (CANÁRIO)

Nós, brasileiros vivemos sempre com esperança; sempre esperando que o amanhã vai ser melhor. (TICO-TICO)

Essas expressões nos remetem à música *Maria Maria* de Milton Nascimento e Fernando Brant,

Maria, Maria, é um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta

Maria, maria, é o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta
Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria, mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania de ter fé na vida.

A figura de uma “imagem santa” representa a fé e a esperança como forças para o ser saudável no cotidiano...

Ter fé. Por isso essa imagem simbolizando a fé que a gente tem. A fé é essa potência, essa força de que a gente consegue as coisas sim muito pela nossa fé e esperança. (TANGARA)



Figura VIII: Expressão da “Fé, Crença e Esperança” para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

A experiência e a condição do outro...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR a experiência do outro também é uma força para o ser saudável no cotidiano. Através “do outro ser” o indivíduo enxerga a si mesmo, resgatando forças adormecidas e “com o outro ser” ele se relaciona e compartilha experiências para o ser saudável no cotidiano... é a *ética da estética* pela empatia!

A situação dos outros também dá força pra gente. É aquela coisa de você às vezes, você quer resgatar sua força lá de dentro, mas você olha para o outro e você vê o outro numa situação tão pior que a tua e tão bem; que a situação do outro te fortalece. Mas fortalece nesse sentido dessa troca, mas também fortalece no sentido de que o outro às vezes com uma palavra amiga te conforta, te dar força e às vezes tu dar força pra ele, então tem essa troca freqüente, por isso que a troca com os outros seres: animal, vegetal, humano. (TANGARA)

Aqui, tudo que alguém disse pode servir de exemplo para quem está passando pelo mesmo problema. (CANÁRIO)

A empatia que se mostra no cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR nos remete a “relação de sintonia” estudada por Alfred Schutz e trazida por Maffesoli (1998, p. 103) ao discutir o tribalismo. Na qual “os indivíduos intencionados celebram-se em um nós muito fortemente presente, e que tem sua base numa relação face a face, que se relativiza remetendo a uma existência social mais ampla”. Deste modo, esta “relação de sintonia traz sempre o sensível seja pela percepção, pelo contato ou pelo olhar, sendo o substrato da experiência e do reconhecimento do outro”. (MAFFESOLI, 1998, p. 103). Esta experiência do outro é o que fundamenta o ser- estar junto- com.

Para Maffesoli (1998, p.17),

o societal toma força à medida em que quando eu reconheço o grupo, eu também me reconheço”. E retoma a questão que o “eu é um outro, ou que, partindo-se do outro, determina-se o eu, caracterizando uma perda gradual do indivíduo no coletivo.

Buscar outras maneiras de viver ... criar brechas na rotina para o resgate e o (re) encontro consigo e com o outro... o respiradouro...

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR referem que uma das forças para o ser saudável é criar brechas na rotina buscando maneiras de viver, que tragam prazer e permitam o (re)encontro consigo e com o outro no cotidiano...

Às vezes eu dou uma caminhadinha nas Rendeiras, mas meu tempo ficou muito reduzido pra fazer qualquer outra coisa. (GRALHA)

As forças para ser saudável: é aquilo que permite a gente se resgatar, se encontrar, se centrar pra daí então sair pro mundo, criar brechas e aí coisas simples da vida que a gente deixou como caminhar ao ar livre, botar o pé na areia e parar um pouco. (AZULÃO)

O estar consigo mesmo para poder estar com os outros, ou melhor, voltar-se para si para poder se potencializar e sair para o mundo, mostra-se como um respiradouro e faz surgir a potência que permite oxigenar o seu viver e re-construir o ser saudável no cotidiano.

Maffesoli (1984, p. 39) refere que “quando se tenta escapar do fundamento da socialidade, sublinha-se ainda mais a qualidade e a importância desse fundamento”. Chamando a nossa atenção que “a contestação sempre testemunha a favor daquilo que quer combater”. Assim, refere que “a retirada solitária acentua a pregnância da circulação universal”.

Para Nitschke (1999, p. 161)

quando o estar sozinho serve de respiradouro para o indivíduo, restaurando-o, também oxigena a relação. Com a saída de cena, brechas se abrem, permitindo uma melhor ventilação do espaço interacional. Poros se desobstruem possibilitando mais trocas com o meio.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, ao se dispor de algum tempo para a autopercepção e o autocuidado, pode-se também estar se potencializando para o contorno dos limites que se mostram no cotidiano.

A figura abaixo representa as “outras maneiras de viver”, para Algumas Pessoas

do NEI ACOLHEDOR, necessárias ao ser saudável no cotidiano...

Eis que achamos essa foto, gente é tudo que nós estamos precisando. E tudo tão simples, tá tão perto, da natureza, a gente tem todo esse mar, a natureza como a Canário falou, a questão de parar um pouco, de se dar um tempo, e ficar de papo pro ar nem que seja por cinco minutos, até o próprio exercício. Contemplar a natureza com seus animais, as crianças, a família, então essa questão de estar voltando pra si pra poder sair pro mundo, porque do jeito que a vida está, a gente fica tão pulverizado por aí que se perde no meio de tantas coisas, de tantas atividades, perde a noção do que é importante pra gente. Canário e eu estávamos conversando, pessoas que a gente não vê a um tempão de repente a gente vai ver só porque ficou doente, ou porque faleceu. E é bem isso, será que a gente precisa esperar esse momento? Porque a rotina nos forçou, né? Ou será que a gente precisa criar brechas pra isso?.
(AZULÃO)

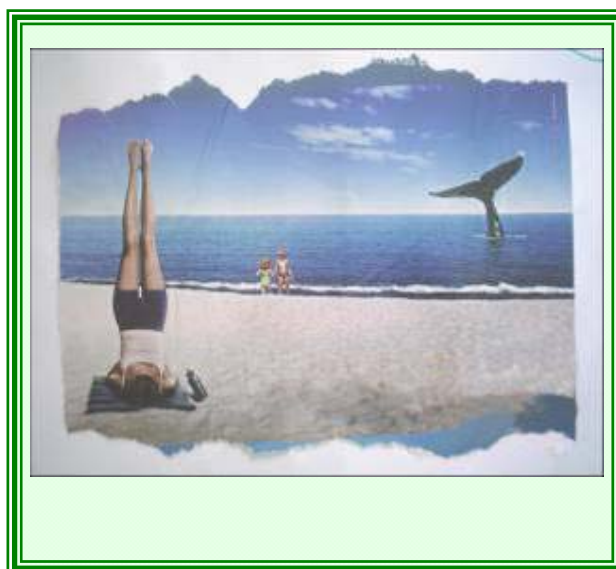


Figura IX: Expressão do “Buscar outras maneiras de viver” para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR ao colocarem a natureza enquanto parceira entram em sintonia com a sua essência. Assim, eles ao trocarem com ela, encontram a sua oxigenação, o prazer das coisas simples que é relativo a cada um. Afinal, a natureza na sua complexidade, também é simples e relativa e está ao alcance de todos nós, não é mesmo?

Maffesoli (1998, p. 49), lembrando a Escola de Frankfurt refere que “existe uma passagem da natureza como objeto para a natureza como parceira, sendo que, ao

redescobrir as virtudes da natureza-mãe é o próprio sentido da globalidade que é recuperado”.

É o micro relativizando o macro, fazendo-se a ressalva que este micro e este macro também são relativos à alguma coisa, assumindo uma outra expressão a cada instante.

A plenitude da atividade humana é alcançada somente quando nela coincidem, se acumulam, se exaltam e se mesclam o trabalho, o estudo e o jogo; isto é, quando nós trabalhamos, aprendemos e nos divertimos, tudo ao mesmo tempo. Para De Masi (2000, p. 82)

aquele que é mestre na arte de viver faz pouca distinção entre o seu trabalho e o seu tempo livre, entre a sua mente e o seu corpo, entre a sua educação e a sua recreação, entre o seu amor e a sua religião. Distingue uma coisa da outra com dificuldade. Almeja, simplesmente, a excelência em qualquer coisa que faça, deixando aos demais a tarefa de decidir se está trabalhando ou se divertindo. Ele acredita que está sempre fazendo as duas coisas ao mesmo tempo.

Conforme Honoré (2006, p. 54),

precisamos do lazer para recarregar as baterias, mas também precisamos de silêncio para nos conhecermos, para escutarmos o que se passa dentro do nosso corpo e mente, para estabelecer conexões com os outros. Precisamos do lazer para sermos humanos. O lazer também é importante para produzir no trabalho.

Dar tempo ao tempo ...

A administração do tempo, antes de qualquer outra coisa, caracteriza uma época (...) enfatizar o presente, o passado ou futuro determinará a maneira de comportar-se em relação ao meio natural e social” (MAFFESOLI, 1997, p. 173).

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o tempo é um aliado para o ser saudável no cotidiano, onde as situações adversas do dia-a-dia são amenizadas...

Dar tempo ao tempo que as coisas se resolvem. (GUAXE)

O tempo melhora as coisas .(XEXEU)

Para Maffesoli (1998, p.184), “a estabilidade do espaço permite uma certa perdurância no burburinho e na efervescência de uma vida em perpétuo recomeço (...) ligado ao seu lugar um grupo transforma (dinâmica) e se adapta (estática)”. Possivelmente o dar um tempo também se mostre como um espaço de respiradouro.

De acordo com Nitschke (1999, p. 143) “o tempo é o espaço entre experiências vividas”. Percebemos que o espaço e o tempo se relativizam, visto que para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR o viver a maior parte do dia no trabalho, faz deste também a sua casa. Conferindo a este “espaço-tempo” um sentimento de pertença e de ambiente familiar, onde as relações quotidianas se expressam com harmonia, conflito, realizações, esperanças, carinho, cuidado, responsabilidade, compromisso, empatia, preocupação, entre outras.

Boa relação no ambiente de trabalho...

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR destacam que a relação interpessoal no ambiente profissional, com respeito, admiração e gratidão é necessária para o ser saudável no quotidiano....

É importante haver uma boa relação entre patrão e empregado. Os meus patrões, por exemplo, me tratam como uma pessoa deles, sempre deixam um bilhetinho de agradecimento, me tratam super bem e tem bastante cuidado comigo. (XEXEU)

Ao enfatizarem “boa relação interpessoal” essas pessoas reiteram a relevância de significar e valorizar as relações interpessoais no dia-a-dia para a construção e manutenção de um viver saudável.

Essa condição reafirma o aspecto relacional do quotidiano. Pois respeito é relação, que se traduz em importância e consideração que se tem pelo outro, por estar junto com o outro. Assim o quotidiano, enquanto espaço simbólico de interações e construções de redes de interações, coloca-se como referência para o viver, na medida que possibilita ou não as trocas interpessoais, o desempenho de papéis, a realização de projetos, conquistas, entre outros aspectos.

A responsabilidade e as relações interpessoais no ambiente laboral de Algumas

Pessoas do NEI ACOLHEDOR conotam o aspecto de tribo, mostrando um re-ligare, aspecto que pode ser reforçado quando Maffesoli (1998, p. 118) resgata os estudos do sociólogo E. Troeltsch, falando do “tipo-seita”, que é instituinte que ao contrário do “tipo-igreja”, instituído. Este olhar nos auxilia na compreensão das relações quotidianas: “tudo, na seita, é assunto de todos”. Assim, sublinha-se o aspecto orgânico e interacional de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, que torna cada um significativo na sua constituição que é dinâmica, com sua reversibilidade constituinte. Esta nuance “tipo-seita” dessas pessoas, mostra-nos “cada integrante responsável por todos e por cada um”. Deste modo, a responsabilidade apresenta-se neste olhar, junto com a proximidade, o quotidiano, bem como o sentimento de participação.

Descobrir a própria força... transmutando o limite em força...

O ser humano é um ser reflexivo e passível de mudanças. Para Nitschke (1999, p. 192) “através da relativização da individualidade as famílias afirmam a singularidade complexa de cada um, que permite a expressão da liberdade criadora de cada pessoa”.

Ao serem questionados sobre as forças para a construção do ser saudável Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR expressaram como significados compartilhados, construídos a partir das interações vivenciadas alguns elementos que sinalizam as suas potências para o viver saudável no dia-a-dia.

Podemos perceber que as características de temporalidade e subjetividade dos limites podem torná-los forças para o ser saudável no quotidiano, como demonstrado nas falas e imagens de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR. Como pode ser apresentado na imagem da estrada, da criança hospitalizada, da forma de (re) ver as coisas, etc.

... A possibilidade de transmutar o limite em força, remete-nos à capacidade do ser humano em, adaptar-se ou, libertar-se desses limites, quando destes se apropriam.

Início e fim se entrecruzam!

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR a imagem de uma “estrada com o

limite da porteira” expressa a característica paradoxal do limite. Ou seja, a porteira expressa o “limite”, que temporariamente “impede” o avanço de algumas coisa, mas que quando é re-significado e apropriado forma, pode possibilitar o “ir além”, transfigurando-se em potência. Em outras palavras, quando o limite é reconhecido e tomado como propriedade ele pode ser transformado em algo a ser superado revelando a força de quem o vivencia na superação desse limite.

A gente tentou representar na figura mesmo, feito uma estrada bem grande, bem grande, bem grande, que vai, vai, vai e acha que não tem mais fim, com uma porteira bem grandona. Mas se a gente voltar lá, ali, é como disse Azulão ela tá aqui no limite, mas parece que ela tá na força também. Quando a gente botou a gravura, se a gente for pensar, pensar, pensar, pensar, com o pensamento bem positivo, a gente consegue chegar lá naquelas árvores, como passarinho, e ver bastante verde e ainda tá com aquelas porteiras que tem. A força é de querer, de buscar, de ser de busca (CANÁRIO)



Figura X: Expressão do “Descobrir as próprias forças” (Estrada) para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

Para Silva (2006, p. 35) “poder e potência não precisam prestar-se a confusão. O primeiro implica a submissão e o controle. A última, libertação e efervescência. Se o poder calcula e ordena, a potência deturpa e desvia”. Logo o limite que controla e ordena é desviado e modificado pela potência, expressa de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR como a “força de querer, de buscar, de ser de busca”. Remetendo-nos à questão de que existe o limite, existe a barreira, mas também existe a possibilidade,

que é de cada ser humano, em estar descobrindo a sua força, ou mesmo transfigurando o limite em força, a partir do que ele percebe e deseja na construção do ser saudável.

Estar doente, mas ser saudável!

Nas expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR a doença é algo que limita, mas não impede o ser saudável no cotidiano.

Acreditamos que a característica de imprevisibilidade e dinamicidade do processo saúde- doença favoreça o reconhecimento da potência do ser humano, no contorno das suas condições de doença que limita o dia-a-dia. Possibilitando a criação de novas formas de interação para interagir com a doença, buscando novos significados para esta experiência..

O estar doente, mas ser saudável denota a potência dessas pessoas no contorno cotidiano do processo saúde-doença e das condições que possam apontar para ele. Neste contexto, o não se entregar e o reagir à doença ou condição de hospitalização são formas de expressão do ser saudável e revelam a potência de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.

Aqui é como uma criança está doente, mas ela é uma pessoa positiva. Ela tem a força dela, ela está reagindo e não se entregando. (GAIVOTA)



Figura XI: Expressão do “Descobrir as próprias forças” (Criança) para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

Para essas pessoas o hospital não simboliza apenas o lugar de pessoas doentes, mas o lugar de pessoas, doentes e saudáveis. Portanto, existe o limite e a barreira no processo saúde-doença, mas também existe a possibilidade de perceber esse processo de outra forma. É aí que se instaura a potência dessas pessoas no contorno do processo saúde-doença enraizada no otimismo, perseverança, e força de vontade.

Mesmo no hospital ela tá com forças pra animar; aquela força positiva, de ir em frente. (GUAXE)

Conforme Bellato et al (1998, p. 57) “o hospital, como espaço marcado por uma lógica racional e finalista, também se mostra palco para expressão do familiarismo”. Para Nascimento (1993, p.37) o familiarismo

não é fundado pela consangüinidade, mas pelo espaço partilhado. É uma noção que permite compreender a estrutura da emoção. O vivido ou espaço partilhado com o outro engendra uma emoção coletiva. O emocional baseia-se em sentimentos comuns, que não são racionais: trata-se da emoção no sentido de uma experiência partilhada, a idéia de um vivido coletivo.

Enfatiza-se a importância em conceber o ser humano numa visão holística²¹, de modo a compreender o ser humano como um ser que é corpo, mente e espírito. Uma pessoa que trabalha o seu corpo, sua mente (psique) e seu lado espiritual tende a realizar-se por inteiro, a integrar-se e torna-se um ser humano saudável e pleno.

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR reinteram em suas expressões que o hospital também pode ser visto como um espaço de exercício da socialidade.

Acreditamos que no hospital as pessoas não são só doentes, elas são pessoas e elas tem muito de saudável. Existe o limite, existe a barreira, mas que se abre a possibilidade de perceber isso de outra forma, por isso que hoje em dia se fala em cidades saudáveis, hospitais saudáveis, famílias saudáveis. (AZULÃO)

Como revelam Bellato et al (1998, p.188)

²¹ O adjetivo "holístico" provém do grego holos, que significa inteiro, total; e tornou-se significante da visão de mundo que tenta realizar o encontro a ciência moderna, os estudos transpessoais e as tradições espirituais.

as noções de grupo, de viver coletivo, do prazer do ser-estar junto, do jogo da diferença, precisam ser consideradas enquanto formas engendradoras da socialidade que se configura dentro do hospital, abandonando-se a idéia do ambiente asséptico, principalmente no que diz respeito às relações afetuais aí existentes.

O termo socialidade nos remete ao cotidiano, pois se trata de uma dimensão de espaço e tempo que se baseia no momento, naquilo que é instantâneo, mas ao mesmo tempo repetitivo, simples e banal. É na idéia de socialidade, constituída a partir da ajuda mútua, da intimidade e da partilha tecidas em rede que se sustentam as possibilidades de compreensão e ressignificação do cotidiano (MAFFESOLI, 1998).

Conforme Roberto Crema em seu livro "Saúde e Plenitude", “não basta termos saúde, temos que ser plenos, temos que nos transformar naquilo que somos; homens e mulheres com um potencial imenso a ser realizado a cada dia da existência”.

Formas de (re) ver as coisas!

Podemos perceber que nas falas e nas imagens de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR existe a possibilidade de se estar transmutando o limite por elas pontuado em forças para o ser saudável no cotidiano. Pois quando Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR se dão conta e se apropriam dos limites que impedem o ser saudável no cotidiano esse limite pode se tornar uma força, como eles trouxeram nas imagens da “estrada com porteira”, “criança hospitalizada” e agora no “olho com navio ao centro”.

Para Silva (2006, p. 12)

o imaginário é um sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduos ou grupos. Funciona como catalisador, estimulador e estruturador dos limites das práticas. O imaginário é a marca digital simbólica do indivíduo ou do grupo na matéria do vivido. Como reservatório, o imaginário é essa impressão digital do ser no mundo. Como motor, é o acelerador que imprime velocidade à possibilidade de ação. O homem age (concretiza) porque está mergulhado em correntes imaginárias que o empurram contra ou a favor dos ventos.

No imaginário dessas pessoas a imagem do “olho com o navio ao centro”

expressa o entendimento de que o limite é passageiro e pode se tornar uma força, só depende da forma ou da maneira como o “problema” é encarado ou resolvido.

Uma coisa que ficou bem marcada pra gente é essa questão do limite ser temporário. Por isso que a gente colocou esse olho tudo depende da forma que você olha, depende do ângulo que você vê, então, você tá olhando aqui nesse momento e tá percebendo isso como um limite amanhã já olha com outros olhos aquilo ali e aquilo já não é mais limite. Essa figura caiu bem assim, interessante que quando a gente olhou e olhei particularmente pra figura não percebi o navio lá no centro; depois que a gente pára e olha que diz que nesse olhar tem um navio ali e significa exatamente que o navio é algo passageiro; tá passando pela vida da gente, então o limite não é nada estático é temporário e passageiro que logo, logo pode fazer com que eu perceba a minha força. (TANGARÁ)



Figura XII: Expressão do “Descobrir as próprias forças” (Olhar) para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

É notável que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR ao longo de sua trajetória de vida almejem sempre melhorar no seu cotidiano aquilo que as incomoda, que limita o seu dia-a-dia tentando transfigurar esses limites em forças. Demonstra-se assim que estas estão sempre em movimento, explicitando-se mais uma vez a sua dinamicidade à circunstâncias quotidianas. É possível também perceber um movimento que é Apolíneo ou Prometéico, visto que está numa busca constante de uma perfeição expressando uma das nuances da pós-modernidade, que integra a pré-modernidade e a modernidade.

O cotidiano é construído a cada instante, portanto nele existe sempre a possibilidade de conceber algo. Isso sinaliza a potência que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR dispõem sobre a sua vida de todo dia. Logo se existiu algo que não foi positivo para essas pessoas, por outro lado haverá sempre a possibilidade de modificar essa situação caracterizando a dinamicidade do cotidiano.

A vontade de modificar o que incomoda se faz presente na trajetória de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR reforçando mais uma vez a possibilidade de estar transmutando os seus limites em forças para o ser saudável no dia-a-dia.

Buscando a conjunção “**Forças do Quotidiano Contemporâneo**”, ou seja, unindo as expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR chegamos a compreensão de que: **Força é** o que impulsiona; uma energia; superação... **Força é como** algo intrínseco e singular; de troca, como uma energia... **Forças existentes no cotidiano** são persistência; força de vontade; fé e esperança; conhecimento da doença ou alteração de saúde a nível individual e familiar; encontros no NEI, como redes de solidariedade e afeto... **Forças necessárias ao ser saudável** é a força de amar, através de amor e afeto; família e amigos; otimismo e força de vontade; fé, crença, esperança em Deus, nas coisas, em si e nas pessoas; a experiência e a condição do outro; buscar outras maneiras de viver criando brechas na rotina para o resgate e o (re) encontro consigo e com o outro, como o respiradouro; dar tempo ao tempo; boa relação no ambiente de trabalho; descobrir a própria força transmutando o limite em força apresentada pelas imagens início e fim se entrecruzam; do estar doente, mas ser saudável e das formas de (re) ver as coisas.

CAPÍTULO 5

5 “MERGULHANDO NO QUOTIDIANO DE ALGUMAS PESSOAS E ENCONTRANDO A VIOLÊNCIA”

Misteriosa violência que nos obscurece, que ocupa nossa vida e nossas discussões, que perturba nossas paixões e razões. (MAFFESOLI, 1987, p.9)

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR o significado da violência e o seu contorno é construído nas interações estabelecidas e situações vivenciadas em seu cotidiano.

Cabe resgatar novamente, Ferreira (2004, p.566), ao referir que a palavra “cotidiano” varia de “quotidiano”, oriundo do latim “quotidianu”, que significa “aquilo que se faz ou sucede todos os dias; diário; que se pratica habitualmente; que ocorre todos os dias”. Essa definição sugere ações de movimento e repetição, “movimento” devido aos verbos de ação (fazer, suceder, ocorrer) e “repetição” devido às palavras dia, diário e habitualmente, as quais nos remete à idéia de sucessão e continuidade.

Isso nos leva à reflexão de que a repetição automática dos gestos simples executados no dia-a-dia (tarefas domésticas, rotinas de trabalho, entre outras) pode, às vezes, ser percebida como atividades banais. Mas se tivéssemos que aprender diariamente os mesmos gestos e atitudes viveríamos num constante re-aprender cotidiano. Portanto, essa repetição pode assegurar o controle das nossas ações diárias e a sensação de movimento, pode oportunizar mudanças em nosso viver.

Para Maffesoli (1984, p. 27), “a repetição cíclica, o tempo fragmentado permitem a visão daquilo que a perspectiva linear e monodimensional não deixa perceber”. Ainda para esse autor “a aceitação do dado social só é possível porque este se apresenta de maneira plural e, portanto, potencialmente rico de imensas possibilidades”. Significar a violência em suas diferentes modalidades como um fenômeno polimorfo que limita o cotidiano, permite novos olhares e direcionamentos

de práticas para o resgate da potência no contornar dessa violência e construção do ser saudável, portanto um campo potencialmente rico de possibilidades.

A violência se configura como um dos limites no cotidiano, para o ser- viver saudável. E a significação da violência nesse cotidiano, por si só, é uma força que as pessoas apresentam para a prevenção e o contorno da violência no dia-a-dia, tornando o cotidiano mais saudável, conforme a expressão de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR:

Poder falar da violência é uma força. Porque se daqui a pouco a gente não puder falar de toda essa violência (...) e tudo mais, então poderemos estar sendo violentados” (TANGARÁ.), ou ainda “poder falar da violência faz a gente conhecer outras violências e isso nos fortalece. (CURIÓ)

Ao encontrarmos com a conjunção “**Mergulhando no cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR**”, apresentaram-se: **VIOLÊNCIAS QUE SE MOSTRAM NO QUOTIDIANO** e as **FORÇAS PARA O CONTORNO DA VIOLÊNCIA NO QUOTIDIANO**, conforme **Imagem 3**.

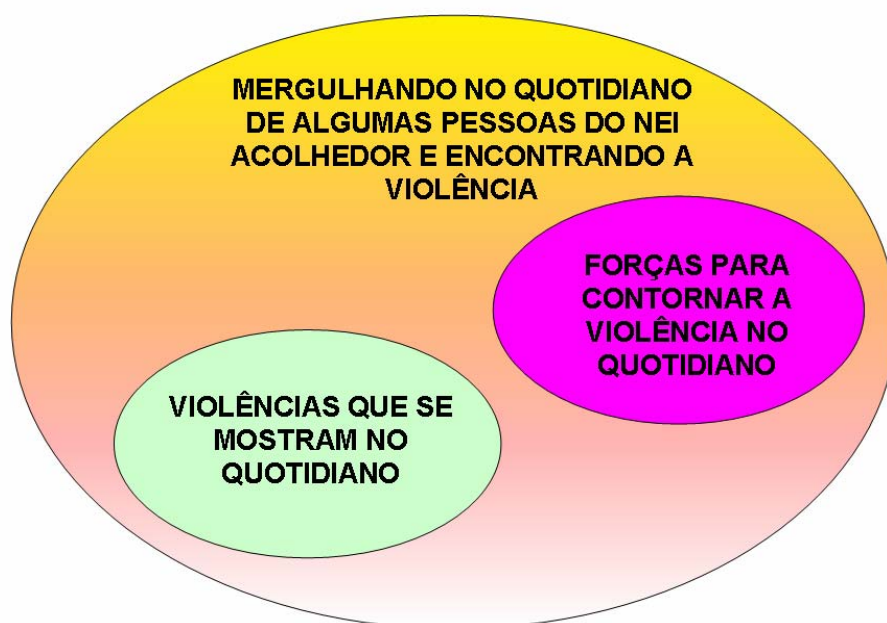


Imagem 3: Mergulhando no cotidiano de algumas pessoas do NEI ACOLHEDOR e encontrando a violência

5.1 Violências que se mostram no cotidiano

Na atualidade a violência é um problema complexo de saúde pública de difícil abordagem e compreensão.

Conforme Jeni Vaistman (1994, p. 142), o “pós-moderno concebe a presença e a coexistência de um espectro de características muito diferentes, ainda que interdependentes”. Logo, a inexistência de um padrão dominante, não importa a que campo social se esteja referindo é um primeiro traço que nos remete às tendências pós-modernas.

É nesse contexto que podemos perceber a existência e coexistência das diferentes classes sociais, etnias, valores, sentimentos, papéis, maneiras de viver e conviver e até mesmo a presença da violência, que engloba o cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.

Discorrer sobre a violência, não é uma tarefa fácil, devido à complexidade e a abrangência do tema. Corroboro com Zaluar (2004, p.2) ao refletir que

são os entrecruzamentos dos fluxos, as interseções de diferentes processos que se precisa reter, ou seja, trabalhar na interseção das teorias macrosociais da exclusão social, da pobreza, da globalização do crime e sua natureza transnacional, assim como do quadro institucional e cultural no qual se desenvolvem as práticas ou hábitos e se formam as imagens e idéias dos atores envolvidos na violência.

Ao utilizarmos o referencial teórico-epistemo-metodológico da Sociologia Compreensiva de Michel Maffesoli, acreditamos que conseguimos (re) ver, no sentido de “enxergar novamente com outros olhos”, esse fenômeno possibilitando a sua significação no cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR e resgatando possibilidades de contornar essa problemática na construção do ser saudável no dia-a-dia.

A Sociologia Compreensiva Maffesoliana busca entender o fenômeno social relativizando-o, uma vez que realidade não é única, logo não existe uma verdade única, geral e aplicável em qualquer tempo e lugar. Ela possibilita a multiplicidade de valores que se relativizam uns aos outros. Conforme Maffesoli (1988, p. 56) “valores

que se completam, se nuançam, se combatem, e valem menos por si mesmos que por todas as situações, fenômeno, experiências que supostamente exprimem”.

Ao discutirmos, junto a Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, sobre a violência que se mostra no seu dia-a-dia foi possível a significação desse fenômeno e o direcionamento de possibilidades para o seu contorno e a construção do ser saudável no cotidiano, através da razão sensível. Que, conforme Penna (1997, p. 26), “propõe relativizar emoção e razão, as micro atitudes quotidianas e as macro ações da história, pois ambas compõem a existência da humanidade”.

Ao encontrarmos as “VIOLÊNCIAS QUE SE MOSTRAM NO QUOTIDIANO”, mostraram-se: O QUE É VIOLÊNCIA; COM QUEM OU COM O QUE SE APRESENTA A VIOLÊNCIA; ONDE ESTÁ A VIOLÊNCIA; COMO ESTÁ A VIOLÊNCIA; COMO É A VIOLÊNCIA, que integra as FORMAS E TIPOS DE VIOLÊNCIA, conforme Imagem 4.



Imagem 4: Violências que se mostram no cotidiano

5.1.1 O que é violência

A preocupação central da sociologia compreensiva, segundo Maffesoli (1998, p. 117), se dá com o ato de compreender “melhor o aspecto indefinido, complexo das situações humanas, de suas significações entrecruzadas que não se reduzem a uma simples explicação causal”. Por isso, pretendemos compreender e não explicar o cotidiano e significar a violência a partir de sua “forma”, que pode lhe dar várias modulações. (MAFFESOLI, 1998; PENNA, 1997).

Ao fazer o questionamento do que significa violência para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, lidamos com a sua subjetividade e com as relações estabelecidas em seu cotidiano, buscando significar o seu entendimento em relação à violência e a sua experiência em determinado tempo-espaço. Assim, significamos “o vivido naquilo que é, contentando-se, assim, em discernir as visadas dos diferentes atores envolvidos” (MAFFESOLI, 1988, p. 25).

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência assume alguns significados que revelam o caráter de transgressão e privação dos direitos dos cidadãos; irresponsabilidade, desrespeito e agressão com os seres humanos e com tudo e com todos que o cerca, mostrando que o entendimento que essas pessoas fazem da violência está relacionado com a sua maneira de ser e de viver no mundo.

A violência não tem um significado único e precisa ser historicamente situada e compreendida. Conforme Wievorka (1997, p. 6), “temos que estar atentos aos novos significados da violência, pois a violência não é a mesma de um período ao outro”.

Maffesoli (1987, 2001) trata a violência do ponto de vista do seu dinamismo interno, como herança comum a todo e qualquer conjunto civilizacional, estruturando constantemente a vida em sociedade. Constitui-se em força e potência, motor principal do dinamismo social, que remete ao confronto e ao conflito. A luta é o fundamento de toda relação social e se manifesta em instabilidade, espontaneidade, multiplicidade, desacordos, recusas.

Transgressão e privação dos direitos

A transgressão e a privação dos direitos são compreendidas como violência para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR. De acordo com Ferreira (2004, p.1977)

transgredir é “deixar de cumprir, desobedecer a, infringir, violar, postergar; passar além de, atravessar”. E a privação é o “ato ou efeito de privar-se”; é “tolher algo” (FERREIRA, p.1632).

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a transgressão e a privação dos direitos dos cidadãos refletem a violência, visto que impede o direito de ir e vir dos indivíduos, quando os mesmos não são respeitados em seus direitos à educação, moradia, lazer, alimentação, locomoção, de livre expressão, entre outros, que possibilitam não só a sua sobrevivência, mas o seu viver e sua qualidade de vida.

Violência é todas as vezes que nós deixamos transgredir o direito do outro. (...) Privação dos direitos, a privação do ir e vir também, a privação do direito de ter um emprego, direito à saúde, direito à educação, lazer e a privação do direito à vida, que muitas vezes as pessoas não têm. E a privação do direito da livre expressão. (CARDEAL)

A privação dos direitos é um desrespeito, é uma violência. (GAIVOTA)

Também podemos perceber que para essas pessoas “transgressão e privação dos direitos” podem gerar outras violências, o que se configura num processo de relação direta que pode desencadear desvios de conduta, atitudes agressivas, negligências, dentre outros comportamentos violentos.

Tem a privação dos direitos. Porque tudo que a gente falou aqui; se a gente tivesse os direitos respeitados, de educação; um povo educado não ia ser negligente; o povo com saúde, não ia ser negligente. Se a gente tivesse direito a educação, atendimento de saúde. Tudo isso tá ali na Constituição se a gente fosse respeitado, a gente teria. (...) Mesmo com o desvio de conduta do ser humano se o direito do brasileiro fosse respeitado muita coisa seria sanada. (TANGARÁ)

A violência também pode ser concebida como uma transgressão à norma social. Faleiros (1998, p.1), baseado em Riches, refere que

a violência conota fortemente um comportamento que é, em algum sentido, ilegítimo ou inaceitável. O conceito se refere, então, à transgressão de normas sociais e à agressão aos valores e expectativas de reciprocidade na sociedade. A relação entre sujeitos sociais se torna prejudicial para uns em benefício de outros, através de dispositivos de imposição da vontade dos beneficiados sobre

os prejudicados.

Vem a questão do desemprego; da desigualdade social; da desigualdade salarial; das drogas que estão embutidas dentro das melhores e das piores famílias; das agressões em família; das bebedeiras desde o butequinho aos grandes bares que a gente olha lá no bairro uma fachada, um restaurante bonito, mas tu vai lá dentro e tem drogas que pintaram aquelas paredes lindas; aqueles locais que tu pensas que vende comida, mas estão cheios de drogas. (SABIÁ)

De acordo com Weber (1986, p.54)), dado o “politeísmo de valores”, não é possível eliminar a luta que surge como o fundamento de qualquer relação social. Neste sentido, a violência indica a articulação lógica em um confronto de valores.

Retomando essa reflexão, Maffesoli (1987, p. 42) indica que a potencialidade conflitual inerente aos processos societários implica um certo grau de “ritualização da violência”. A desordem para ele tem função estrutural expressando a dialética viva do imaginário e do instituído. Nesse sentido, Foucault (1987) também critica a visão simplesmente dualista do poder como constituindo a relação dominante-dominado, elucidando que o exercício do poder sempre comporta manobras e táticas pelas quais o sujeito dominado pode operar sua liberdade.

Falta de responsabilidade e respeito... consigo, com os outros, com a natureza, os animais e as coisas...

A violência também é irresponsabilidade e desrespeito com o ser humano, na sua relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo no qual está inserido, conforme as expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR..

Irresponsabilidade. (CURIÓ)

Desrespeito. (CARDEAL)

Falta de respeito das pessoas. (PÁSSARO-PRETO)

Contudo, essas características não se restringem a nível individual, mas

englobam a sociedade como um todo. Igualmente, não se restringem ao corpo humano (físico, psicológico, espiritual), mas envolvem o corpo social na relação consigo mesmo, com o outro e com o ambiente.

A violência é desrespeito com o direito do outro, com o outro e com o corpo.
(GAIVOTA)

Vamos respeitar esse cidadão: direito à saúde, educação, moradia, um lar saudável, uma família boa. Eu acredito que o ser humano sempre vai ter um desvio de conduta; a gente é bicho; o homem é bicho, mas muito da violência ia acabar. (TANGARÁ)

A confiança e o respeito são fatores fundamentais em qualquer relação e, essa é muito sutilmente perceptível. Faz-se necessário destacar que os indivíduos revejam os seus valores e reflitam sobre o viver em harmonia consigo mesmo, com os outros e com o ambiente, voltando a atenção para um trabalho mais direcionado para o respeito mútuo, tendo em vista o cuidado ético e estético de si mesmo, do outro e do ambiente que integra, que pode implicar na manutenção da paz, da harmonia, da tranqüilidade das pessoas e até na conservação da própria maneira de viver e conviver.

Cada vez mais percebemos a violência que se mostra no espaço doméstico, nas relações familiares, nas atividades cotidianas dos indivíduos, parecendo querer continuar, dominar, integrar e por que não fazer parte do dia-a-dia das ações e relações interpessoais. Podemos percebê-la quando direcionamos o olhar para as pequenas ações e relações que compõem o dia-a-dia das pessoas nas sombras de algumas características como ausência da “alteridade” e o “etnocentrismo”.

Para Paula Carvalho (1990, p.76-77), “a ‘alteridade’ é entendida como o respeito à diferença e o ‘etnocentrismo’ pode ser considerado como a atitude de privilegiar um universo de representação, propondo-o como modelo e reduzindo à insignificância os demais universos e culturas diferentes”. Podemos considerar que a ausência de alteridade e a prática do etnocentrismo corroboram para a presença da violência entre as pessoas, independente do ambiente em que está se encontra.

A violência é considerada por Velho & Alvito (1996, p. 10) como "o modo mais agudo de revelar o total desrespeito e desconsideração pelo outro, implicando não

só o uso da força física, mas a possibilidade ou ameaça de usá-la".

Agressão, aviltamento... com o ser humano, a natureza, os animais, o ambiente e as coisas...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência é agredir e aviltar o ser humano, a natureza, a sociedade e as coisas. Esse ato pode ser físico, verbal, emocional, psicológico, político ou social impedindo o crescimento dos seres vivos e da sociedade em sua integralidade.

A violência é um ato de agressão ao outro. Esse ato de agressão pode ser agressão física, pode ser também uma agressão verbal e quando a gente desrespeita o outro a gente também tá agredindo. (COLEIRA)

Violência é tudo aquilo que me avilta, que me desconsidera, que diminui, que me agride e impede de crescer na minha integridade e ela se mostra no dia-a-dia, muito nesse desrespeito, físico, psicológico, social, político da vida. (AZULÃO)

A gente encontrou essa foto do Lula também. Já dar para ver que é uma agressão política mesmo com as pessoas em geral, um descaso com o povo e tal e essa lama toda que está aí, também é uma violência com as pessoas que na verdade não pode fazer muita coisa, não tem com se defenderem. Não foi difícil achar mesmo, numa revista. (CURIÓ)

Para Faleiros (1998, p.7), a relação social e política que incorpora as declarações de direitos humanos, é o que possibilita a convivência na divergência, ou seja, a construção de consensos nos conflitos. Ainda para esse autor, “a não aceitação do conflito e dos mecanismos para enfrentá-los provoca a violência, pois o conflito assume uma feição direta sem mediação e passa a ter como solução a força física, ou seja, a tendência a eliminar o outro na expectativa da eliminação do conflito. Portanto, a violência é a substituição da aceitação do conflito pela negação do outro”.

5.1.2 Com quem ou com o que se apresenta a violência

A violência tem várias facetas e nem todas se mostram com clareza, o que nos remete à crença de que ela é um fenômeno complexo, delicado, escorregadio, que desperta diferentes sentimentos de raiva, ódio, desespero, angústia, insegurança, medo,

entre outros. É um fenômeno que não se deixa analisar facilmente em sua profundidade original, pois apresenta-se sombreada, camuflada ou mesmo ofuscada por causas mais explícitas, óbvias, exageradas, que nos desviam a atenção.

Como bem refere Sorel (1992, p.18), “existe em todo conjunto complexo uma região clara e uma escura [...] é dever da ciência enfrentar a complexidade enquanto tal, em vez de se deter nas partes mais claras e mais simples.”

Dentre as leituras realizadas, pude constatar que não existe uma visão unânime entre os estudiosos quanto à definição da violência, ou mesmo na identificação de suas causas, atribuindo-as alguns à própria vítima e outros às condições sociais.

Violência com tudo e com todos...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência ocorre com tudo e acomete a todos. Nenhuma faixa do ciclo vital humano está “livre” da violência, nem mesmo os animais, a natureza, as cidades, os meios de comunicação e as sociedades. A violência pode abranger crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos; homens e mulheres; pode estar em diferentes ambientes, seja em casa, na rua, no trabalho, na família, na vizinhança, no trânsito, etc.

Violência com tudo é a violência social, do sistema todo; governos com os povos, as pessoas se agredindo, nos mais diversos ambientes, na família, no trabalho, na escola, em tudo que já se falou. (GAIVOTA)

A violência é com pessoas, com animais, com a natureza. É com tudo. (CORRUÍRA)

Violência contra as pessoas e seres humanos é a violência infantil, com os idosos, é a violência de trânsito que é o conflito entre as pessoas e não entre os carros, desrespeito aos direitos, crenças e valores. (CURIÓ)

Violência com a criança...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência contra a criança é qualquer tipo de violência direcionada à criança, que possa trazer danos físicos, psicológicos, sexuais, entre outros. É qualquer ação ou omissão de cuidados que venham a gerar riscos ou prejudicar o crescimento e desenvolvimento biológico e

social da criança, com seqüelas reversíveis e irreversíveis à sua saúde, inclusive a morte. Os tipos de violência contra a criança são inúmeros, podendo ser: agressões de qualquer modalidade; negligências; abandono e até mesmo o “seqüestro” ou “roubo” de crianças.

Negligência contra a criança é deixar de prestar cuidados necessários em uma situação como doença, alguma carência, abandono; deixar crianças sozinhas em casa com algum tipo de risco; não deixar a criança brincar; não respeitar o seu tempo, a sua fase. (...) Violência contra a criança é qualquer tipo de agressão à criança: física, verbal, que venha a comprometer sua integridade, por exemplo uma surra ou xingamento, que isso vai alterar o seu estado emocional. (GAIVOTA)

A gente pede tanto para cuidar das crianças. As crianças são anjos. É um filho; não é um animal. (BEM-TE-VI)

Interessante também notar que, para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência contra a criança não se resume apenas ao menor que “faz parte de uma família”, mas aquele que é “excluído” da família de forma “intencional”, como o abandono. Ou mesmo “apreendida”, como o seqüestro ou roubo de crianças, gerando um sentimento de impotência, compaixão e preocupação constantes nas pessoas em seu cotidiano.

Eu tenho na família uma criança que foi abandonada; foi rejeitada pelo pai e abandonada pela mãe. O mundo criou. É difícil. Isso também é um tipo de violência com a criança. (SAÍRA)

Também tem as histórias de crianças que somem, que são desaparecidas. Isso é uma coisa horrível, preocupa muito. Imagina a cabeça de uma mãe. É um tipo de coisa muito, muito horrível pra acontecer pra alguém. Deve ser uma dor horrível. Isso preocupa, se você tem um filho. (CURIO)

Para Vicente (2002, p.54), “a forma de lidar com os conflitos pode variar de modelos autoritários e intolerantes, nos quais predomina um relacionamento adultocêntrico, de opressão e silenciamento dos mais fracos, em geral, as crianças. O modo de lidar com os problemas pode ser democrático e de respeito pelas diferenças, e mesmo de valorização da crise, quando o modo preferencial de lidar com as

dificuldades é pelo entendimento, pela linguagem, pela conversa”. Ainda para essa autora, “o silêncio nem sempre é sinal de paz e de liberdade. Quando a resolução de um conflito se dá pelo silenciamento do mais fraco remete os ressentimentos à esfera latente, carregada de energia pronta para emergir, muitas vezes utilizando-se de um modo de expressão que acentua a barreira para o diálogo”. (VICENTE, 2002, p. 54).

Quando se adentra no campo da violência contra a criança, diagnosticando-se o quadro familiar, encontramos-nos frente a uma situação complexa ou mesmo antagônica, pois a criança e o adolescente têm direito à convivência familiar, legitimado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

O que defendemos é o propósito da infância cidadã, ou seja, defendemos que a criança passe a ser compreendida como pessoa humana em processo de desenvolvimento, seja portadora de direitos e deveres e que mereça respeito à sua integridade física e psicológica. E essa visão vem claramente se opor à concepção de criança objeto, sem definição social, enfim, numa generalização do descompromisso com o ser humano criança, jovem.

Utilizaremos o conceito proposto por Guerra (1998) para a violência contra a criança que, quando analisado, permite tanto identificar a natureza abusiva das relações de poder exercidas pelos pais e responsáveis, como ainda se refere às consequências de tais atos. Para essa autora,

a violência contra crianças representa todo ato de omissão, praticados por pais, parentes ou responsáveis, contra crianças e adolescentes que – sendo capaz de causar dano físico, sexual e psicológico à vítima – implica, de um lado uma transgressão do poder-dever de proteção do adulto e, de outro, uma coisificação da infância. Isto é uma negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento. (GUERRA, 1998, p.32-33).

Para o Laboratório de Estudos da Criança da USP- LACRI, a violência contra a criança e adolescente também pode se configurar (LACRI, 2004, p.2):

numa transgressão do poder disciplinador do adulto, convertendo a diferença de idade adulto versus criança-adolescente, numa desigualdade de poder intergeracional; numa negação do valor liberdade: exigindo que a criança e o adolescente sejam cúmplices do adulto, num pacto de silêncio; num processo que aprisiona a vontade e o desejo da criança ou do adolescente, submetendo-

os ao poder do adulto, coagindo-os a satisfazer os interesses, as expectativas e as paixões deste.

Violência com os jovens...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência “com os jovens” tem uma relação direta com a violência “dos jovens”, quando os mesmo são “vítimas” e “agressores” dessa sociedade envolta de desigualdade social, isenta ou com precárias condições de educação, alimentação, moradia, emprego, locomoção, saúde e lazer. Onde o sentimento de revolta e injustiça social gera atitudes ou comportamentos agressivos, com o intuito de justificar a sua exclusão social ou “se fazer presente” no meio em que vive.

Jovens violentos são os jovens desajustados socialmente, que usam de algumas drogas, colocando assim expediente para se manifestarem. Porque ele esta completamente fora e dependendo da sociedade em que ele vive é um tipo de violência que ele vai se expressar. O expediente? é qualquer coisa, qualquer coisa. De qualquer forma com que o jovem haja ele pode se manifestar, que pode ser o murro, pode ser a palavra, pode ser a atitude, pode ser o isolamento. Entendendo a violência como numa família ter. Tem mãe que de repente tem um “pulsão” na família. Ai ele ta sendo, ele tá violentando de repente aquela estrutura familiar dele que é toda certinha. Mas naquela família é violência, pra aquela família é um tipo de violência. Porque daí a gente vai lá na mãe, que cada um tem a sua conduta, seus jeitos, seus valores, sua moral; a minha moral é diferente da tua. E tu me agride, tu me violenta, mas então daí começa o desrespeito pelo outro; em não entender o outro. O entendimento, que cada um pode ser diferente dentro do seu meio. Porque aquilo pra mim é violento naquilo que eu acredito. Chutar a Santa pode ser legal para alguma religião, mas pega um católico e mata à pau. (...) São jovens violentos, porque não tem atendimento, não tem trabalho, não tem esperança ai gera, gera, gera. Estão com a cabeça no silicone é bunda lêlê.
(TANGARÁ)

Existem tantos jovens violentos. (CANÁRIO)

Dados da OPAS revelam que em relação aos jovens adultos, observou-se que uma proporção importante deste segmento populacional, do sexo masculino, morre por causas externas violentas, particularmente aqueles que compõem a faixa etária entre 15 e 39 anos de idade. Essas mortes precoces ampliam um número de anos de vida

perdidos, com repercussões na redução da esperança de vida ao nascer masculina. Tal fenômeno é mais freqüente nas regiões Sudeste e Nordeste. (SIMÕES, 2002. p.6).

Para Faleiros (1998, p. 6),

a violência de algumas gangues está vinculada ao consumismo para afirmação do grupo e do indivíduo. A disputa entre gangues vincula-se a esta afirmação do poder e de aparecer e de vencer. A competitividade está proclamada como valor universal num mundo chamado de globalizado e significa a capacidade de levar vantagem, de se sair bem, de ganhar.

Violência com a mulher...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência “com a mulher” é pautada numa relação desigual de gênero e de poder, onde a “mulher” é agredida fisicamente, psicologicamente, emocionalmente e moralmente, numa cultura onde os seus direitos são negados ou desvalorizados e os seus deveres são ilimitados e “extrapolados” em seus diferentes papéis sociais de filha, irmã, mãe, esposa, trabalhadora, [...], enfim mulher”. Essa violência também independe do seu “locus de vitimização”, podendo ser na relação familiar, conjugal, de trabalho, social, entre outros, mas com o intuito de calar, agredir, humilhar, desfazer, inibir, excluir o seu processo de viver humano.

Violência doméstica contra a mulher é a violência que ocorre dentro do domicílio contra a mulher como a agressão física, verbal, psicológica e tirar o direito de ir e vir como nós discutimos no grupo que tem aquelas mulheres que não podem trabalhar fora porque o marido não deixa, às vezes não pode sair pra passear, não tem o direito de ir e vir, ela é oprimida e ele a sobrecarga de trabalho que a mulher assume, uma dupla jornada de trabalho também é um tipo de violência, e ,na maioria das vezes, os membros das famílias ainda acham que ela trabalha fora e acha que ela tem a obrigação realmente de fazer as coisas de serviço doméstico. Também o marido impede a liberdade, até mesmo da mulher em colocar o posicionamento dela e falar. (...) A figura de uma mulher sendo massacrada com uma faca e com o braço do homem assim, é a violência doméstica contra a mulher e a violência intra-familiar. (CARDEAL)

O cotidiano é constituído por uma rede de múltiplos papéis desempenhados para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR. Segundo Maffesoli (1984, p. 33) “cada

um desses papéis se complementa e se fortifica numa harmonia diferencial”, sendo que “nessas estruturas de base, que são as famílias, encontramos o mecanismo de complementaridade, onde o jogo da diferença se exprime. Não se trata de saber se essa complementaridade é efetiva, basta que, de maneira igualitária, ela seja o resumo de uma harmonia cósmica”.

Violência com o idoso...

As violências contra idosos, também, frequentemente, são denominadas de maus tratos, e abusos. Esse conjunto de termos se refere a abusos físicos, psicológicos e sexuais; assim como abandono, negligências, abusos financeiros e autonegligência. (MINAYO, 2003, p. 785)

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência “com o idoso” é quando o idoso é excluído intencionalmente do convívio familiar e social, ou quando é negligenciado em suas diferentes necessidades humanas básicas e de cidadania.

Violência contra o idoso seria o abandono, o isolamento, falta de amor, de cuidado, falta de assistência social. (CURIO)

No âmbito das instituições de assistência social e saúde, são frequentes as denúncias de maus tratos e negligências. Para Minayo & Coimbra Jr. (2002) “mas nada se iguala aos abusos e negligências no interior dos próprios lares, onde choque de gerações, problemas de espaço físico, dificuldades financeiras costumam se somar a um imaginário social que considera a velhice como ‘decadência’”.

Violência com a família...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência com a família também pode ser denominada de violência intrafamiliar, que é a que ocorre entre os seus membros, independente do local onde essa violência incide e da sua modalidade física, psicológica, sexual, entre outras. Portanto, pode se manifestar no espaço doméstico, na rua ou em qualquer outro lugar.

Violência intrafamiliar é a violência entre os membros da família. Não é só contra a mulher, pode ser contra a criança, contra o idoso. Isso acontece em

todos os lugares, isso é muito mais freqüente do que a gente possa imaginar. Não é apenas no espaço doméstico, mas em qualquer outro espaço físico. E ela pode ser físico, psicológico, o abandono e a negligência. (CARDEAL)

A violência intrafamiliar surge na ausência do amor, carinho, respeito, compreensão entre os membros familiares...

A violência intrafamiliar é viver com o desamor, o abandono, a falta de desrespeito, a falta de carinho a falta de compreensão. (TANGARÁ)

A violência intrafamiliar é oculta ... mas também é visível nos meios de comunicação...

A violência intrafamiliar só vem a tona, em folha do jornal, na delegacia, ou mesmo na televisão, até mesmo o vizinho só vai saber quando ela estoura. Ela está sempre camuflada. (...) Aquela figura tem uma camuflagem, tem duas pessoas assim no escuro. Então realmente a violência intrafamiliar, a violência doméstica ela é camuflada, ela é sutil, muitas das vezes ela é sutil. Quando ela aparece e se escuta os gritos da esposa, da mulher, do marido, sei lá, da criança, quando se vai procurar a delegacia, isso já vem acontecendo há um tempão. (CARDEAL)

O fato da família ser um espaço privilegiado de convivência, não significa que nela não haja conflito. Conforme Salem (1980, p. 36), “cada ciclo da vida familiar exige ajustamento por parte de ambas as gerações, envolvendo, portanto, o grupo como um todo”. Além disso, existem “conflitos e tensões” no decorrer de toda a existência humana. Tais conflitos podem ser manifestos ou latentes. As formas de lidar com esses conflitos é que podem ser diferentes.

Se a violência é um fenômeno também presente no cotidiano familiar, podemos perceber que as ações que desencadeiam as atitudes agressivas, presentes no dia-a-dia, portanto repetitivas, mas nunca iguais; podem ser compreendidas pelos sujeitos envolvidos, vítima(s) e agressor (es), como uma forma de assegurar o controle na relação familiar. Logo, como refere Rezende (1996, p.5) “a repetição assegura o

controle, e se este controle, já assegurado, não nos libertar para nada, ele só será normatização”. Assim, a violência pode ser percebida como uma “norma” ou “regra” presente no cotidiano das relações interpessoais familiares.

Podemos perceber que numa mesma família, cada membro familiar pode influenciar o comportamento de um outro integrante da família contribuindo para o sucesso ou fracasso na solução dos conflitos vivenciados.

As pessoas ao longo da sua vida encontram dificuldades na sua convivência cotidiana. É no espaço da casa onde se estruturam os conceitos de disciplina, organiza-se a intimidade e onde se estabelece relação de afeto entre as pessoas; além das relações internas e externas no conceito mais amplo da convivência com a comunidade. A convivência diária com a representação da violência no mais amplo contexto, seja ela do social ou do individual, pode gerar a desordem ou desequilíbrio entre as pessoas.

Para Melo (2002, p. 1), a família necessita de um lugar onde os vários membros se organizem e se interliguem no contexto afetivo e sócio-cultural. O grupo precisa demarcar o espaço, a função e os papéis na vida privada e pública do sujeito, respeitando a hierarquização da autoridade para poder solidificar o afeto. Assim sendo, os lugares e os papéis na relação interna da família serão bem definidos, pois, do contrário, existe a perda das referências. As vivências se mesclam, as regras podem tornar-se confusas e os papéis hierárquicos poderão assumir propostas invertidas; o papel da figura geradora da autoridade perde autonomia, já que não consegue estabelecer limites entre os vários elementos que compõem o grupo familiar.

Ainda para essa autora

a violência está relacionada com a falta do elemento representativo da lei, do organizador da ordem, do afeto e da autoridade [...] os agressores haviam vivido em ambientes violentos na família de origem [...] as histórias de vida se repetem e se mesclam com as histórias de violência dos filhos, uma geração marcada por violências que são passadas para a organização da nova família [...] a violência física marca ciclos de violência e demarcam as dificuldades de romper com o processo, pois a violência passa a ser algo considerado como natural na convivência diária. (MELO, 2002, p.4)

A ausência da figura familiar representativa de respeito (mãe, pai, outro

familiar) pode contribuir para a desorganização da família em relação às regras disciplinares entre os seus membros. Essa ausência pode ser devido a um familiar omissivo e violento, que pode contribuir desorganizando e desarticulando as relações interpessoais. Para Bowlby (1990, p.18), “a ausência de laços de afeto na relação familiar inscreve a desordem, a ausência da autonomia e da preferência do ser individual no contexto do grupo social”.

Outro fator interessante que podemos considerar desencadeador da violência nas relações interpessoais é a ausência de tradições na família. Para Melo (2002, p.2), a família convive e sobrevive dentro do contexto das tradições. Essas atendem ao sistema de poder, exercem o controle dos “ritos” na cotidianidade da vida do sujeito, os registros das fábulas, das lendas e dos costumes que são elementos organizadores das experiências e vivências do ser humano. São traços minémicos, marcados pelas vivências únicas e universais, herdadas pelo desejo do presente e do antepassado nas contradições das gerações. A herança cultural possibilita uma nova inscrição, aponta para uma outra ordem que reescreve algo diferente do legado social, que pode favorecer a uma ação criadora.

No entanto, a ruptura das tradições pode propiciar uma quebra nas relações vinculares, representar uma desordem nas relações interpessoais – os laços poderão ser transformados em desenlaço, a ordem em desordem, o que pode transformar-se em transgressão e essa ser um espaço aberto para a inscrição da violência.

Para Bernstein, apud Teixeira (1998, p. 54),

a função simbólica dos ritos humanos é religar os indivíduos, através dos atos rituais, à ordem social; de revivificá-la no seio dos indivíduos e em particular reforçar neles sua aceitação dos métodos utilizados para manter a continuidade, a ordem e a fronteira social; enfim de controlar a ambivalência do indivíduo frente à ordem social.

Em outras palavras, para Teixeira (1998, p. 62) ao transmitir uma visão de mundo e códigos culturais, os ritos servem como dispositivos de moldura que permitem aos participantes localizar-se na sociedade e na cultura de seu tempo, garantindo, com isso, a construção da identidade grupal.

O que se percebe hoje é que a família vem sofrendo um processo de empobrecimento dos rituais que garantiriam a construção de sua identidade e das identificações de seus diferentes membros. A progressiva desritualização da família decorre, no nosso entender, do enfraquecimento dos sistemas de valores da sociedade e da família, em torno dos quais se estruturavam tais identificações: ao se enfraquecer tornaram-se ambíguos, e a ritualização que eles promoviam também empobreceu.

Nesse sentido, assiste-se a uma passagem da predominância dos ritos criados pela família para a dos ritos criados e dirigidos pelos seus membros, que, muitas vezes, expressam-se em atos considerados violentos²².

Daí ser imprescindível a família retomar o processo de ritualização. É preciso que ela recrie e preserve seus rituais, em especial aqueles que desenvolvem e fortalecem o “cimento” grupal, incluindo-se cerimônias diversas, aniversários, cerimônias, datas comemorativas, encontros de finais de semana, os quais podem contribuir para ritualizar a violência e a desordem, e para explorar potencialidades em favor de uma nova ordem-desordem.

Para Melo (2002, p.5), a representação da violência nas relações inter e intrapessoal é devastadora, pois impede o ser humano de criar e ordenar a sua potencialidade, a auto estima é comprometida, como também as trocas do dar e receber afeto. A violência doméstica e a social estão interligadas, possivelmente crianças que são submetidas a maus tratos, tem maior possibilidade de estender a violência da casa para a rua.

Violência com o corpo...

A violência com o corpo pode ser considerada para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR como qualquer ação ou atitude que venha a prejudicar a saúde física ou mental do ser humano, através da utilização de recursos nutricionais, de estética ou de substâncias nocivas à sua saúde que podem acarretar danos temporários ou perenes ao indivíduo. Uso drogas lícitas ou ilícitas, cirurgias estéticas e práticas abusivas

²² Ao comentar as relações entre adolescência e violência, Figueiredo (op. cit.) mostra que estas podem ser tratadas em diversos níveis, que devem repousar na aceitação de que há uma violência salutar - desafiadora, intempestiva, irresponsável, lúdica, provocadora, criativa e, frequentemente transgressora -, decorre da imaturidade do adolescente.

alimentares pela busca eterna do “corpo perfeito” são exemplos de recursos que acarretam a violência com o corpo, como podemos identificar nas seguintes falas...

Violência com o nosso corpo é não cuidar de si, o uso de bebidas alcoólicas, o uso de drogas, tanto as lícitas como as ilícitas, o consumo de remédios, de medicamentos para emagrecer, todo tipo de medicamento é uma agressão; a auto medicação, o uso de alimentos que causam prejuízos a nossa saúde, busca pelo padrão de beleza que acabam fazendo cirurgias de todas as formas. De lipoaspiração em busca desse padrão de beleza, a falta de alimentos para nutrir o corpo também é um tipo de violência, não ter lazer, não fazer exercício físico, não cuidar da parte espiritual e exposição do corpo, principalmente da mulher que é muito usado como propaganda. (CARDEAL)

Dados da Organização Panamericana de Saúde revelam que “as doenças crônicas figuram como principal causa de mortalidade e incapacidade no mundo, responsável por 59% dos 56,5 milhões de óbitos anuais. São os chamados agravos não-transmissíveis, que incluem doenças cardiovasculares, diabete, obesidade, câncer e doenças respiratórias. Os fatores de risco que mais contribuem para as doenças crônicas são obesidade, alto nível de colesterol, hipertensão, fumo e álcool. (OPAS, 2003, p. 7)

Violência com os animais...

A violência contra os animais engloba toda e qualquer atitude de agressão contra a sua vida ou condição de saúde. Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência com os animais não se restringe apenas ao ato físico, com finalidade de machucar, mutilar ou abater os animais, mas ao afetivo em abandonar os animais, negligenciá-los quanto aos cuidados de higiene e alimentação, ou mesmo retirá-lo do seu ambiente natural de sobrevivência.

A violência contra os animais é agredir os animais quando abandona é um tipo de violência, não cuidar ou matar e retirar do seu habitat natural. Muitas vezes os animais silvestres são retirados do seu habitat natural e isso é um tipo de violência. (CARDEAL)

A Humane Society Of The United States (2007) é a primeira organização a

conduzir um estudo examinando a predominância de violência humana em situações que envolvem crueldade contra animais. O estudo conduzido de janeiro a dezembro de 2000, aponta números de pessoas que maltratam animais, tipos de animais maltratados e incidentes de violência em família nos casos mais comuns de crueldade contra animais, nos EUA. Além disso, a pesquisa mostra que grande número de casos de crueldade intencional contra animais, também envolve algum tipo de violência familiar, seja violência doméstica, maus tratos contra crianças ou idosos. A HSUS compilou informações de 1624 casos de crueldade contra animais que ocorreram nos EUA no ano de 2000 de fontes bem documentadas, como a mídia e associações protetoras de animais locais. Desses casos, 922 envolvem violência intencional e 504 envolvem extrema negligência.

Acreditamos que a prevenção seja a maneira mais eficaz de se combater a crueldade contra animais e a violência humana. Muitos dos maus tratos infligidos a animais e às pessoas em muitas vezes pode ser motivado por sentimentos que caracterizem a falta de empatia, amor e respeito pelo próximo, até mesmo os animais.

5.1.3 Onde está a violência

A violência está em todo lugar e atinge a todos, seja de forma direta ou indireta. Ninguém está “protegido” da violência, que tanto cresce e assombra cada vez mais o cotidiano dos indivíduos, independente da sua situação sócio-econômica, escolaridade, renda, faixa etária, estado civil, gênero, etnia, crença, etc. É um “mal” da atualidade, mas que sempre existiu e continuará existindo independente da época em que vivemos, mas que é preciso reconhecê-la e compreendê-la para re-descobrirmos diferentes estratégias para o seu contorno.

A violência está em todo lugar

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência está em todo lugar... As pessoas vivem e acordam com a violência, independente do ambiente que se encontram ... A violência faz parte do cotidiano das pessoas... complicado é quando ela aparece inesperadamente...

A violência vive junto com a gente. Deitamos e acordamos com a violência, tanto fora como dentro da nossa própria casa. (CORRUÍRA)

A violência se mostra no nosso dia-a-dia, no domicílio, no nosso trabalho, na rua, tanto faz onde a gente está. Até dentro da nossa própria casa quando somos agredidos por algumas imagens que são passadas na nossa televisão, isso pra mim é violência. (CARDEAL)

A gente sabe que todas essas violências estão aí e é complicado se deparar com elas. (TIÊ)

Em nossos dias, podemos perceber que a violência vem saindo da sombra, ou porque não dizer que a própria sombra tem se revelado. Entre outras palavras, a violência emerge do individual e social sem deixar de ser sombra e passa a ser , não podemos negar, um fenômeno visível, real e cotidiano. A violência está em todo lugar, invadindo ou emergindo de espaços individuais e coletivos, presente em diferentes âmbitos familiar, escolar, institucional e social.

Em casa...

Entendemos violência doméstica como uma relação assimétrica (hierárquica) de poder com fins de dominação, exploração e opressão que ocorre no ambiente doméstico, independente dos envolvidos terem laços consangüíneos ou não. Como afirma Chauí (1985, p. 19):

a conversão dos diferentes em desiguais e a desigualdade na relação entre superior e inferior [...] a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como uma coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência.

Diferenciamos a violência doméstica da violência intrafamiliar, por condiderar que a primeira tem seu *locus* de expressão o ambiente doméstico, independente dos atores envolvidos; enquanto que a segunda ocorre entre indivíduos que têm algum “laço de afeto” ou consaguineidade e independe do espaço que se manifesta.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência doméstica pode ser considerada qualquer tipo de agressão verbal, física, sexual, entre outras, que ocorre no

espaço doméstico. Podendo ser entre qualquer indivíduo, independente do grau de consangüinidade ou intimidade, ou seja, entre familiares, amigos, vizinhos, pessoas conhecidas ou mesmo desconhecidas.

A violência doméstica ocorre no lar. (TANGARÁ)

A primeira coisa que vem na nossa cabeça na palavra violência é violência dentro de casa. (CORRUÍRA)

A violência dentro de casa geralmente ocorre entre casais, pais e filhos, ou entre parentes... demonstrando uma relação conflituosa e de poder entre os seus membros...

Violência dentro de casa são as agressões, intrigas entre os familiares; desavenças entre pais e filhos; pais e mães; os valores se inverteram muito; não existe amor, carinho e compreensão e há interesses materiais e outros fatores. (GAIVOTA)

A violência dentro de casa, nem sempre é percebida entre todos os membros familiares ou vizinhos... a sua suspeita sempre gera algum grau de desconfiança na crença do eterno “doce lar” que o ambiente doméstico representa em nossa cultura...

A gente acredita que sempre é lá fora e não nunca dentro da nossa própria casa. (CORRUÍRA)

Objetivando a educação doméstica, quando a “conversa não conserta” e a força física é utilizada para se “dar limites”, a violência se instaura e os pais “perdem o controle” na relação com os filhos...

A violência doméstica que a gente discutiu no sentido assim, às vezes tu quer, como eu vou dizer isso, você quer dar um limite para a tua criança, pro teu filho, quer demonstrar que aquilo não é legal, que aquilo tem que ser de outro jeito e às vezes só na conversa às vezes não funciona então às vezes tu tem que dar umas palmadas, tem que dar um limite pra ele e em alguns momentos isso acaba tornando uma violência doméstica mesmo. A gente não consegue controlar, não sabe como conversar, fazer essa mediação e ai torna também uma violência. (TIÊ)

A violência doméstica é disfarçada “para a mídia” e induzida “pela mídia”...

A violência doméstica ela é camuflada, mas ao mesmo tempo pra acontecer a violência doméstica ela é muito induzida. Há uma indução muito grande da mídia, de todas as formas. (GAIVOTA)

As estatísticas demonstram que, em relação à violência doméstica, a maioria das ocorrências ocorre nos finais de semana e na maioria das vezes o agressor havia feito uso de álcool ou drogas. (RIFIOTIS, 2001, p. 5). Portanto, não podemos excluir a pertinência da leitura do macro, mas de procurar algo além do que as estatísticas visíveis, ou seja, o que se esconde atrás de dados que estão estampados aos nossos olhos.

Diante do exposto, não se trata apenas de analisar os dados quantitativos que se mostram, mas de perceber o detalhamento da situação. Ou seja, em relações interpessoais conflituosas é possível que nos finais de semana possa haver uma maior proximidade entre a vítima e o agressor, o que pode desencadear situações de desavenças e manifestação da violência.

É esse estranhamento que é preciso fazer para nos aproximarmos da experiência vivida pelas pessoas em situação de violência e não o que nos parece ser o que a pessoa está vivendo. Não precisamos fazer um julgamento antecipado da situação de violência em que a pessoa se encontra, mas tentar conhecer, ou até mesmo compreender o que as pessoas envolvidas em situação de violência estão fazendo ou tentando fazer quando estão nessa situação.

Para Rifiotis (2001, p.4),

o caráter vivencial das experiências sociais ligadas ao campo da violência nos leva de imediato a um campo pouco explorado e que pode nos trazer uma melhor compreensão do fenômeno estudado (...) não se trata de procurar uma espécie de declaração ou justificativa dos envolvidos, mas uma coerência situacional, ou seja, o fazer situacional que pode nos aproximar da vivência das situações de conflito e de violência.

Na rua ... no trânsito

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência que acontece na rua

também pode ser denominada de Violência Urbana, que é fruto de toda essa desigualdade social e ausência de recursos básicos de saneamento que garantam uma qualidade de vida da população. Portanto, é uma violência que tem como “locus” o espaço urbano, mas que é praticada contra os indivíduos e a natureza.

Violência urbana é a má distribuição de renda, assalto, lixo, falta de saneamento básico, poluição. (CURIÓ)

A figura da mulher com a mão no rosto, chorando, dizendo que a polícia tinha matado o marido dela, então a violência urbana que nós estamos vivenciando todos os dias. Tem lugar que a gente sai e não sabe se volta. É a violência urbana. (CARDEAL)

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR destacam que a violência no trânsito acontece no espaço urbano, pela imprudência ou negligência, por parte dos condutores de veículos e pedestres, ou mesmo por discussões geradas no trânsito causando danos reversíveis e irreversíveis à saúde dos indivíduos.

Violência do trânsito são os motoristas alcoolizados ou drogados causadores de acidentes, os imprudentes que tiram a vida de outros ou causam sofrimento deixando feridas ou aleijadas as vítimas. Também as discussões no trânsito acabam em briga, pessoas se ferem e às vezes se matam. (GAIVOTA)

Violência no trânsito são pessoas batendo, sendo irresponsável no volante, com alta velocidade, não respeitando os sinais, os semáforos, e aí passando na toda e atropelando nossos filhos, nós mesmos. É um tipo de violência, a violência no trânsito.(CARDEAL)

A violência no trânsito é um desrespeito em todos os sentidos...

A violência de trânsito é um desrespeito assim às outras pessoas que fazem tudo certo e não expõe ninguém. É um desrespeito em todos os sentidos. (GAIVOTA)

A violência no trânsito gera incerteza na chegada ao destino esperado ...

Eu vejo muito no trânsito aqui é a violência no trânsito acho um absurdo. Tu sai com a família, pai, mãe, com algum destino e chega na metade e não

chega no destino, por causa de um acidente morre o pai, a mãe, o filho. Eu ando de moto por ai e vejo muito isso também, eu olho assim e fico até triste, muito triste quando eu vejo isso. Vai pra um local e não chega porque morreu, por imprudência do motorista ou por alguma coisa que aconteceu na estrada. Fico muito triste com isso ai também. (PÁSSARO-PRETO)

Transitar nas ruas requer proteção divina....resgatando-se novamente o divino social,e transferido mais uma vez o controle da situação, já que o instituído se omite.

Ando de moto e estou exposta a violência de trânsito. Todos os dias peço proteção à Deus. (TIÊ)

Na escola...

Na percepção de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência na escola pode acontecer dentro da sala de aula, quando o professor faz uso de seu “poder” para agredir verbalmente os alunos.

Violência dentro da sala de aula é agressão por parte dos professores através de palavras, algumas vezes, né?. (CURIÓ)

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência merece uma atenção especial dos professores, que vivenciam essa problemática em seu cotidiano profissional...

A gente sabe que a violência é uma questão que puxa bastante, nós trabalhamos com criança e isso puxa bastante, por isso estar aqui de novo hoje pra a gente poder dar continuidade àquele processo [de discussão da violência]. (TIÊ)

Na empresa ou na instituição de trabalho...

Na percepção de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência na empresa ou na instituição de trabalho é quando no ambiente de trabalho existem a

exploração, desqualificação, racismo e competição nas relações interpessoais.

A violência na empresa seria a exploração, o não reconhecimento, a questão racial na empresa e a competição entre as pessoas. Na empresa dá os desajustes todos em torno dessas coisas. (TANGARÁ)

Uma coisa que logo me veio assim e com toda essa violência e assim qual é a violência que eu to sentindo mais próxima de mim, de tudo aquilo que foi falado nas últimas reuniões foi justamente a violência institucional. (AZULÃO)

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, no cotidiano precisa existir o respeito. Essa condição reafirma o aspecto relacional do cotidiano. Pois respeito é relação, que se traduz em importância e consideração que se tem pelo outro, por estar junto com o outro. Assim o cotidiano, enquanto espaço simbólico de interações e construções de redes de interações, coloca-se como referência para o viver, na medida que possibilita ou não as trocas interpessoais, o desempenho de papéis, a realização de projetos, conquistas, entre outros aspectos.

Violência nos e com os meios de comunicação ...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, os meios de comunicação contribuem para a violência no seu cotidiano com a propagação de imagens e comportamentos violentos em suas diferentes programações.

A televisão está ai mostrando tanta desgraça. (TANGARÁ)

A televisão é um grande veículo de propagação de todo o tipo de violência; estão nos jornais, novelas, filmes, desenhos, programas diversos; não há censura, as crianças já sem limites vêem cenas impróprias; na verdade todos nós vemos tudo liberado; cenas que deveriam ser omitidas são mostradas abertamente, mesmo para quem não quer ver. (...) A violência induzida pela mídia são fatos que nos chamam muito a nossa atenção; da ibope; assim as redes de televisão fazem uma divulgação muito grande da violência que acontece em todos os setores da sociedade; isso gera um círculo vicioso, pois as pessoas vêem violência na TV e acabam praticando atos violentos. (GAIVOTA)

Na TV, os programas infantis ou “sem censura”, divulgam cenas violentas que

geram mais violências no imaginário do telespectador.

Há uma indução muito grande de violência na TV. Esses desenhos e lutas geram mais violência, promove mais violência dependendo da educação, da estrutura e valor dos familiares. (CURIÓ)

Esse negócio de desenho. Hoje em dia é luta, quem pode mais. (MANDARIM)

É competição. (BICUDO)

Podemos perceber que, para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, existe uma relação paradoxal da violência em relação aos meios de comunicação. Em algum momento estes contribuem para a violência entre as pessoas, quando através do rádio, televisão, jornais, revista, outdoors, propagandas, entre outros causam violência moral, psicológica nos leitores e ouvintes.

A figura daquela moça ali seminua, na praia, um rapaz fotografando na frente de uma outra moça nua; é um tipo de violência com o nosso corpo. É também uma violência moral. (CARDEAL)

Mas também são alvo de diferentes modalidades de violência, quando são coibidos e repreendidos por determinado grupo ou indivíduo em assumir o seu papel de comunicação, relato e entretenimento ao público.

Se a gente torcer o jornal de Porto Alegre sai sangue. (SAÍRA)

O jornal que “corre sangue” não existia, tinha um outro. Aqui também tinha o Estado. Essas coisas a gente também pode pensar que é violência. Agora tem só um jornal aqui, que nem todo mundo tem acesso. Também essas coisas é violência, porque aliena. Violência foi o que fizeram com o jornal de Porto Alegre. (TANGARÁ)

A tecnosocialidade, nuança expressiva da contemporaneidade, também mostra a sua face violenta. Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a evolução tecnológica pode impedir as expressões naturais dos indivíduos, nas suas diversas

atividades do dia-a-dia.

A gente falou do computador assim, que é uma evolução tecnológica, que bitola também, aliena o ser humano, da sua própria natureza como homem, ser bicho, né? Tira um pouco da naturalidade do ser humano essa coisa da evolução tecnológica, deixa as pessoas perdidas. (SAÍRA)

A tecnologia não tinha o compromisso de libertar o ser humano para desfrutar de sua essência? Assim, em algumas situações, são horas e mais horas diárias junto ao computador, em casa, depois de mais um dia estafante no seu local de trabalho. O terceiro e o quarto turno digital instalou-se no cotidiano dos indivíduos violentando o seu conviver, como refere Nitschke (2006). Ainda para essa autora “o toque do celular infiltrou-se por todos os espaços de nosso viver, sendo que somos o tempo todo cobrados, quando não o atendemos imediatamente, mesmo que estejamos no banheiro, mesmo que estejamos em um velório...ou mesmo no meio de uma ‘transa’”.

5.1.4 Como está a violência

Na pós-modernidade a acentuação do doméstico, relaciona-se com o que

*é próprio do *domus*, isto é, o que está mais próximo: a casa, o solo, os animais, as pessoas, a flora, enfim todo este conjunto. Temos agora a lógica do doméstico, ou seja, recentramento no mais próximo, trazendo a idéia de “proxemia”, ou seja, a ênfase na relação com o meio ambiente e com o outro social. (TEIXEIRA, 1990, p. 58).*

Dessa forma, para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência está popular, num sentido de “fazer parte do povo”, ou melhor, de “estar próxima de todos”.

Está popular e exposta ao mundo... está mais visível...

Para André Barreto (1987, p. 63), a

sociedade brasileira é constituída de pluralismos, de contradições onde coabitam o arcaico e o moderno, a miséria absoluta e a opulência ostensiva. Não se trata de uma sociedade harmônica, nem homogênea, trata-se muito mais de uma totalidade conflitual feita de confrontos e afrontamentos.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência está popular e exposta ao mundo, ou seja, está amostra, à vista de todos.

A violência está popular e exposta ao mundo. Antes não era tão ... tu ligava a televisão e não via tanta notícia de violência; era uma coisa mais fechada. Agora tu liga a televisão só violência; escuta o rádio é só violência; encontra com o vizinho é só violência. Tanto faz, como tanto fez.(CORRUIRA)

Presente tanto nas revistas informativas ...

Estávamos folheando as revistas e não foi difícil da gente encontrar alguma figura que representasse um tipo de violência, uma violência. (CARDEAL)

Quanto no “espaço em que se vive”... gerando preocupação e medo para com aqueles que convivem com a violência na atualidade...

A violência não era tão visível como hoje. Na comunidade da Lagoa há 40 anos atrás era diferente, não tinha tantas pessoas. Hoje vivemos numa preocupação muito grande com os filhos quando saem nas ruas, devido à violência. (CANÁRIO)

Como refere Hartmann (1995, p.8), também citada por Nitschke (1999), a tecnologia tem encolhido o mundo físico, expandindo e feito complexa a experiência cultural e social mundiais do indivíduo, que a cada dia estão pessoalmente conectados com significativamente mais gente e variadas formas de vida esticam-se sobre o largo espaço geográfico. Nessa multiplicidade de relações, oferece-se uma excitante, mas assustadora mistura de visões, crenças e realidades mundiais. Ainda para essa autora “ligar o rádio, assistir a um filme, abrir um jornal, receber um fax, corresponder-se por e-mail, ou assistir um jornal às altas horas da noite é tornar-se imerso no outro”. A tecnologia nos mantém conectados ao mundo, logo a violência pode se fazer presente em nossos sentidos, porque vivemos e sentimos o que está aí exposto ao mundo, inclusive a violência.

Essa visibilidade da violência, presente na pós-modernidade, pode se justificar também pela característica de “tecnosocialidade” da qual Maffesoli nos traz, onde “pode-se pensar num primeiro momento que a técnica é alguma coisa que tende ao isolamento, mas vê-se um processo inverso, atuando como um laço social, manifestando um *reiligare*; uma *re-aliança*”.

Esse “reiligare” pode nos manter unidos a acontecimentos históricos, de alegria e satisfação, como também “expectadores” de cenas de barbárie que se manifestam, cada vez mais na atualidade.

Há quem postule que “a violência é parte da natureza humana e da natureza, além da constituição da sociedade, definindo-se o ser humano como *Homo violens*” (DADOUND, 1993, p. 36).

Podemos perceber ainda presente nos dias atuais essa concepção do “homo violens” como justificativa da expressão da violência na atualidade. Dados da Revista Época publicados recentemente em 19 de fevereiro de 2007, revelaram o crime brutal²³ que aconteceu no Rio de Janeiro contra o garoto João Hélio de apenas 6 anos de idade que foi “arrastado por 7 quilômetros, ao lado de fora do carro preso ao cinto de segurança até a morte por bandidos em um carro roubado”, gerando um sentimento de medo, revolta, indignação e impunidade pela extrema barbárie na sociedade brasileira.

Esses sentimentos se fazem presentes entre os seres humanos, independente da posição cultural, geográfica ou religiosa, como um laço social traduzido num “reiligare”.

Está banalizada....

²³ Na reportagem intitulada “Ainda falta muito” publicada na Revista Época em 19/02/07 Nelito Fernandes e Isabel Clemente descrevem como o assalto virou barbárie “os cinco criminosos usaram um táxi para roubar o Corsa onde estavam Rosa Cristina e os filhos Aline, de 14 anos, e João Hélio, de 6. A seqüência do crime, de acordo com a reconstituição feita pela polícia é assim descrita: 1. O táxi fecha o Corsa. E. (menor de idade), Carlos Eduardo e Diego descem; 2. E. aponta a arma par Rosa Cristina e vai para o banco de trás do Corsa. Carlos Eduardo assume a direção e Diego entra pelo lado do passageiro. Rosa e Aline saem do carro, e João Hélio fica preso no cinto de segurança; 3. Tiago, que dirigia o táxi, foge a pé, e Carlos Roberto, que estava ao seu lado, assume a direção. Carlos Roberto pega Tiago mais à frente e segue o corsa; 4. Os assaltantes empurram João Hélio para fora do Corsa e fecham a porta. Carlos Eduardo sai com o carro, arrastando o menino por 7 quilômetros; 5. Um motoqueiro se aproxima do carro para tentar avisar que havia uma criança presa ao veículo. E. dá a arma para Diego, que a aponta para o motoqueiro e diz que João Hélio era um boneco de Judas”(FERNANDES & CLEMENTE, 2007, p.32-33).

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR a violência está banalizada, ou seja, é corriqueira, é trivial...

A violência está banalizada. Estamos bombardeados de violência para onde olhamos. (PÁSSARO-PRETO)

Essa característica de visibilidade e trivialidade da violência assume uma característica paradoxal, tornando-se preocupante a sua percepção. Pois ao mesmo tempo, que se “percebe a violência” que está aí, visível aos nossos olhos, também podemos ofuscá-la, ou “não percebê-la” em sua complexidade e gravidade, o que gera um sentimento de indignação para com a “solidariedade e compaixão” pelo outro...

A gente tá aqui, tá tudo tão normal morrer, é a toda hora. Motoqueiro é natural, chama só de motoqueiro nem quer saber o nome, morre um motoqueiro e agora isso não surpreende mais ninguém. Ninguém se indigna. A capacidade de indignação da gente é uma coisa que irrita. (TANGARÁ)

Não sei o que esta acontecendo no mundo; as pessoas só pensam em si, ninguém esta olhando para o outro. É muita violência. Não sei!(...)
(GAIVOTA)

Ou mesmo ausência de relação interpessoal, principalmente entre os membros familiares...

O distanciamento que está havendo entre as pessoas, principalmente as pessoas do mesmo sangue, da mesma família, pais e filhos, hoje é pai que mata filho, filho que mata pai, é mãe que mata o pai. Todo o tipo de violência qualquer. (PARDAL)

Essa indignação desestrutura o nosso tradicional pensar ético, colocando-nos diante do “imoralismo ético”, denominado por Maffesoli (1994, p. 28) quando refere que “existem práticas que são imorais, do ponto de vista da moral dominante”. Logo “não há um valor (moral, intelectual, religioso) único ao qual cada um precisa se curvar, mas, ao contrário, um pluralismo de apreciações, uma diversidade de opiniões;

assim, importa mais é a dinâmica relacional, comunicacional, do que o aspecto dominante da ideologia”. “A Máfia, por exemplo, é imoral em relação à moral circundante, mas tem uma ética... Algumas vezes a moral universal predomina; outras vezes, proliferam as particularidades, as várias éticas”.

Para Silva (1996, p. 25), na pós-modernidade

cada grupo pode estabelecer o seu contrato. Fundam-se éticas do instante entre a ortodoxia do dever-ser moderno e o *supermercado ético pós-moderno*, ou seja, convivemos com diferentes éticas, pois cada grupo vai desenvolvendo a sua”, o que nos remete á imagens do filme “ Cidade de Deus.

A violência está relacionada ao poder...

Existe uma relação direta entre a violência e o poder, que pode se configurar na relação de poder do adulto com a criança, do homem com a mulher, dos políticos com os cidadãos, do patrão com o empregado, do professor com o aluno, entre outros...

Ao analisar a problemática da violência, do ponto de vista econômico e do poder, Engels (1981, p. 166) questiona a idéia de se explicar a violência de forma decisiva pelas relações políticas e pela imposição da vontade e considera que "o aspecto econômico da relação é mais fundamental na História do que o aspecto político". Ao enfatizar os interesses econômicos, Engels busca o significado da violência nos meios e condições materiais. Para ele, “o exercício da violência e seus instrumentos estão vinculados ao desenvolvimento da tecnologia, que se articula com a manutenção do poder e da propriedade, implicando o uso de instrumentos como o exército e a marinha de guerra” (ENGELS, 1981, p. 166).

Para tanto é preciso levar em consideração que esse determinismo econômico mecânico não é, todavia, o único ângulo para se considerar a questão, mas no desenvolvimento histórico há que se considerar o processo de interesses pela propriedade, pelos bens, pelo dinheiro, pelo conhecimento que trazem riqueza a seus possuidores.

Faleiros (1998, p.5) revela que

o econômico, o cultural, o político, o social se entrecruzam dialeticamente na disputa pelo território, pelo poder, pelo conhecimento, pela informação, pela imagem, pela posse do outro, pela liberdade, pois a violência coloca todas

estas questões em jogo na sua prática cotidiana. É fundamental, pois, a demarcação da relação entre violência e poder. Interesses econômicos e poder político se movimentam permanentemente no campo da violência.

Acreditamos que Hannah Arendt tem uma contribuição muito importante para compreendermos essa relação. Nas suas reflexões ela desconstrói a relação da violência com o exercício do poder e a relaciona com a perda do poder legítimo. Para Arendt (1985, p.29), o poder “se estrutura no processo de legitimação, e o domínio através da violência pura vem à baila quando o poder está em vias de ser perdido”.

Embora poder e violência sejam distintos, geralmente apresentam-se juntos. A tese da autora coloca a distinção, e até a oposição entre violência e poder considerando a primeira como instrumental. Para ela “o terror é a forma de governo que nasce quando a violência, após destruir todo o poder, não abdica, mas, ao contrário, permanece mantendo todo o controle” (ARENDR, 1985, p.30).

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a disputa do poder pode gerar violência e sentimentos de interesse e egoísmo entre as pessoas...

Também tem haver com a questão do poder. O outro que tem o poder, quem tem mais poder. Daí as pessoas só fazem as coisas que tem interesse, só pensa em si, no seu umbigo. É o desrespeito! (GAIVOTA)

Emerge nas expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a questão do poder que possibilita o surgimento da violência nas suas diversas modalidades. Foucault (1979, p. XIV) evidencia o poder, como jogo de poder nas relações. Para o autor, o poder não é um objeto, algo que se toma ou se dá, não é uma propriedade que se possui ou não, mas, sim, uma relação de forças. Ou seja,

não existe de um lado os que têm o poder e de outro aqueles que se encontram dele aleijados. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce.

Para Maffesoli (1999, p.22), “a potência subterrânea cristaliza o jogo social de vontades e de interesses e determina o poder (...) Se as sociedades permanecem coesas, apesar das flutuações de poder, é graças à potência que as estrutura organicamente”.

Diante disso, percebemos que o conflito torna-se o fundamento da existência da sociedade, e do ser em sociedade, que ocorre pela posição ocupada na sociedade, pela disposição dos recursos existentes e pela posição que se toma nas questões em disputa. Conforme indica Bourdieu (1992, p.56),

os campos de poder e recursos configuram posições de forças que disputam não só os lugares, mas as distinções simbólicas próprias do campo e as vantagens econômicas e políticas. A prática social dos grupos e pessoas implica em estratégias de redução do campo do outro, de alianças, de oposições, de minar e dominar os *hábitos* dos outros.

De modo geral, a violência é tratada a partir do ponto de vista do poder, portanto, da lógica da dominação, que consegue – ou não – ser eficaz na sua repressão, desconsiderando-se a coletividade na qual se manifesta a potência²⁴. Entretanto, é no embate entre poder e potência que emergem as diferentes modalidades da violência, das quais Maffesoli analisa três: a violência dos poderes instituídos, a anômica e a banal.

A violência está sendo enfrentada com deficiência pela sociedade...

Maffesoli (1987, 2001) lembra que, embora todas as coletividades históricas sempre tenham a preocupação de controlar a violência, nas sociedades modernas esse controle pretende-se absoluto.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência pela magnitude do seu problema, é um assunto que precisa ser mais discutido e enfrentado pela sociedade. Na atualidade, apesar da sua ampla divulgação pelos meios de

²⁴ Para Maffesoli (1981, pp. 45 e 50), a potência é uma pulsão, no sentido simples do termo, que se expressa em todos os níveis da existência individual e social. Enquanto a lógica do poder é a dominação, a redução ao uno, a lógica da potência conduz ao pluralismo, à diversidade do real que estrutura inteiramente a vida social em sua labilidade.

comunicação, de fato ainda são poucas as ações da sociedade para o seu real contorno...

São poucas pessoas que tentam amenizar isso porque é um assunto tão abrangente e está aí. (...) Acho que a sociedade está meio fechada pra isso, pra esse assunto assim violência, ela não está se abrindo pra ver se resolve isso, pra ver se tenta melhorar a situação. Ela está se fechando ao invés de resolver. Ela só está mostrando, mas pra diminuir essa violência poucas coisas são feitas, é isso que eu penso, que eu acredito. É difícil. Falar fala, mas é difícil de fazer; a prática é totalmente diferente. (CORRUIRA)

Podemos perceber que a violência, considerada um problema de saúde pública, pelo aumento desenfreado da sua incidência, prevalência e conseqüências para a saúde de quem a vivencia e para a própria sociedade, ainda é um fenômeno de difícil abordagem e “controle”. De fato, perante à sua gravidade ainda são poucas as ações dos indivíduos e de toda a sociedade para o seu contorno.

Porém, consideramos essa questão interessante, visto que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, ao identificarem essa questão, mostram-na como uma força para a promoção de um cotidiano saudável, visto que, reconhecer que a violência não está sendo bem enfrentada já sinaliza a potência do ser humano na mobilização de estratégias para o seu contorno.

Todavia essa visibilidade ainda se limita à identificação e reconhecimento das diversas modalidades da violência ou violências que se mostram; por outro lado, percebemos que as ações para o seu contorno ainda não são muito visíveis, desencadeando sentimentos de aflição, medo e desconforto na população.

Podemos observar em nossos dias que, mesmo com a mobilização de alguns segmentos da sociedade civil, ainda são muitos os obstáculos vivenciados, como a burocracia (Congresso e Senado), para avançar na busca de melhores estratégias para o contorno da violência no cotidiano.

A mãe de uma adolescente de 14 anos assassinada em 2003, no Rio de Janeiro, numa “violência por bala perdida”, pontuando outro caso de violência urbana que assola as grandes capitais do Brasil, narra a sua dificuldade em fazer um projeto contra a violência avançar no Congresso:

o dia 25 de março de março de 2003 foi um dia triste e especial para mim. Perdi Gabriela, minha única filha, assassinada por uma bala perdida à saída da Estação do Metrô São Francisco Xavier, na Tijuca, Rio de Janeiro. Desde então, venho travando uma luta contra a impunidade com o objetivo de, além de perpetuar o nome da minha querida filha, trazer resultados contra a violência em todo o país. A dor de perder um filho, principalmente para a violência, é indescritível (...) minha força é alimentada por um amor que jamais esmorece. Fiz do luto a minha luta. Demos a largada da campanha *Diga Não à Impunidade*”, cuja proposta foi apresentar ao Congresso um projeto de iniciativa popular para alterar alguns itens do Código Penal Brasileiro. Levamos praticamente três anos para arrecadar 1,3 milhões de assinaturas (o número necessário para uma emenda de origem popular). Mas, imediatamente após a entrega em Brasília, tivemos a decepção de saber que o projeto não teria prioridade de iniciativa popular, porque arrecadamos as assinaturas pelo número da carteira de identidade e o Regimento Interno do Congresso dizia que precisavam constar o número do título de eleitor e o endereço do assinante. Tivemos que encaminhar o projeto de outra maneira, por meio de seis parlamentares. Um ano depois, o projeto apresentado em nosso nome pelos parlamentares continua parado. (MAIA, 2007, p.35).

5.1.5 Como é a violência: formas e tipos

5.1.5.1 *Formas de violência*

Considerando o paradoxal na idéia de violência, Maffesoli (1987, p.9) refere que a violência “é uma forma envolvente que tem suas modulações paroxísticas e suas manifestações minúsculas”.

Segundo Balandier (1997, p. 208), nas sociedades tradicionais, a violência está sempre presente, sempre a postos e sob controle: do homicídio (não reprovado quando é sancionado) aos confrontos internos entre grupos e à guerra (orientada para o estrangeiro, inimigo real ou potencial); da violência formadora, meio de educação e socialização de adolescentes, à oculta, insidiosa, que toma a forma de feitiçaria, ou aberta, jamais inteiramente contida. Ela é domesticada, tratada ritualmente, como forma de prevenir-se contra a sua subversão ou perturbação.

Nas sociedades modernas, ainda segundo o autor (BALANDIER, 1997, p. 211), ao lado da manutenção das formas conhecidas de violência – que atualizam o delinqüente, o criminoso, o rebelde, o herói combatente –, novas formas surgem, ligadas a condições sociais e culturais inéditas e inconstantes. Com isso, são ampliadas tanto a sua visibilidade, quanto a consciência de sua existência. Mas, diferentemente

do que ocorre nas sociedades tradicionais, nas sociedades modernas, o monopólio e a racionalização da violência conduzem, de um lado, ao desencadeamento que nada consegue reprimir, conforme atesta o aumento gradativo da criminalidade e da insegurança urbana, e, de outro, à interiorização das normas.

Com isso, impede-se a expressão dos antagonismos próprios de todo corpo social e promove-se, simultaneamente, a homogeneização da sociedade. Além disso, ao se desconsiderar a sua essência ritualística, ao particularizá-la “(...) o que é a luta de todos contra os outros tende a se fragmentar em luta de cada um contra todos, pequena guerrilha fundada na atomização que faz com que a violência se dilua em agressividade mesquinha e cotidiana” (MAFFESOLI 1987, p. 19).

É polimorfa...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência é percebida na atualidade e assume diversas formas atingindo diferentes seres e coisas...

A violência se mostra de várias formas. Tem a violência no trânsito, a violência sexual principalmente contra as crianças, a violência que a gente vê constantemente através da televisão, a violência através das impunidades, então, quando se fala em violência a gente pensa nisso tudo.(COLEIRA)

A violência, ela se manifesta de várias formas. Acho que as mais graves que temos hoje é essa violência aí da má distribuição da renda, que as pessoas não têm trabalho, não tem dinheiro, não tem se quer dinheiro pra colocar alimento na mesa, e a questão da droga que veio agravar muitas coisas hoje. (...) Existem pessoas trabalhando cada vez mais e ganhando menos e existem outras pessoas que estão trabalhando menos e ganhando mais. Por causa desse fator, má distribuição da renda gerada pela desigualdade social tem pessoas que estão na linha da miséria, que não tem nem trabalho e nem o que comer. (...) O restante da violência é tudo consequência disso tudo, da má distribuição de renda e da droga. Eu acho que esses dois seriam os pontos de partida para gerar outro tipo de violência. (PARDAL)

A violência aparece multifacetada, mas com características próprias que geram sentimentos de medo, indignação, impotência, repúdio, vergonha e luta.

Inicialmente, é preciso considerar que a violência “é um complexo fenômeno bio-antropo-sociológico e cujos contornos e limites ultrapassam a barreira da sua visibilidade física” (MORIN, 1990, p. 28).

É cíclica...

Essa característica polimorfa e universal da violência gera outras modalidades de violência, configurando-se num “ciclo de violências” ...

São outras violências. É o ciclo. (GAIVOTA)

É o ciclo da violência. (COLEIRA)

A experiência da violência pode gerar comportamentos suscetíveis a outras violências. Conforme Fernandes e Clemente (2007, p. 33), após o crime com o garoto João Hélio, “na internet e em e-mails aos jornais, mães admitiram que não estão mais usando o cinto de segurança em seus filhos, para, que na eventualidade de um assalto, a criança não fique presa”. Isso nos preocupa! Visto que o risco de um acidente de trânsito pode ser maior e mais susceptível do que o de uma atrocidade como a sofrida por João Hélio.

Esta forma de perceber a violência traz o perigo de naturalizá-la, tornando-a tão genérica e permanente que se torna impossível distinguir e analisar as manifestações concretas da mesma gerando questionamentos acerca das causas e fatores que contribuem para o seu aparecimento e manutenção na sociedade atual . . .

Também tem a questão de olhar o que é que faz alguém fazer a violência. O que é que passa por trás da pessoa que provoca a violência. (COLEIRA)

A violência que se repete no âmbito intrafamiliar, geração após geração, também mostra muito bem esta nuance cíclica da violência. Mesmo com promessas de “*daqui pra frente tudo vai ser diferente...*”, “*isto não vai se repetir!*”, constata-se que o mito do eterno retorno é mais forte!

O fenômeno violência parece não ter origem e ser cíclico e inesgotável, presente em todas as sociedades humanas. Cada vez que lemos ou assistimos ao noticiário, entre outros momentos da nossa vida, poderemos nos deparar com a

violência em nosso cotidiano.

Toda vez que acontece um crime hediondo ou um ato bárbaro de violência no cotidiano um ciclo se repete. Para Fernandes & Clemente (2007, p. 31),

a primeira fase é a indignação. A revolta da sociedade se expressa nos brados por leis mais duras para punir os criminosos, na histeria dos comentários inevitáveis contra a inépcia da polícia e da Justiça ou a favor da pena de morte e da redução da maioridade penal. Na segunda fase, as autoridades afirmam que dessa vez será diferente. Os congressistas se apressam em anunciar que vão aprovar leis mais duras. Aí começa a terceira fase. Ela se parece com o final de algumas faixas musicais. O som vai abaixando. O ruído vai diminuindo. As notícias deixam as manchetes, migram aos poucos para o rodapé das páginas internas. Ao fim, resta o silêncio. Até o próximo crime ou onda de violência.

Traz conseqüências... para a saúde dos indivíduos

Entendemos que todas as expressões de violência assumem diversas nuances, que, aos poucos, vão destruindo a auto-estima e provocando variadas reações orgânicas, que influenciam na saúde física, emocional e psíquica dos seres humanos, assim como nas suas relações interpessoais vivenciadas no cotidiano.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência traz conseqüências danosas para a saúde física e emocional dos envolvidos ...

A violência traz conseqüências que é a doença. A doença mental, a doença física, até chegar lá no hospital psiquiátrico. Eu lembro que na minha graduação foi o único contato que eu tive em estágio na psiquiatria e realmente não é muito agradável não. Espero nunca mais passar por lá, em hospital psiquiátrico! Porque a gente ouvia as histórias. As pessoas que ali estão, sempre têm violência no meio; foi o estupro que a mulher sofreu, foi o marido que espancava, que bebia, problemas de drogas, violência na família, sempre tem uma história por trás disso. (CARDEAL)

Fazendo uma aproximação dos efeitos imediatos das mediações da violência, voltados para o dano à pessoa, Michaud (1989, p.05) define a violência como:

uma ação direta ou indireta, concentrada ou distribuída, destinada a prejudicar uma pessoa ou a destruí-la, seja em sua integridade física ou psíquica, seja em suas posses, seja em suas participações simbólicas.

Nessa forma de percepção, a violência pode ser compreendida como um ato que implica uma relação de agressão-vitimização, através de provocação pelo agressor, de danos ou prejuízos à vítima. É na relação agressor-agredido que se visualiza e se mede o impacto prejudicial (por ação ou ameaça) que o primeiro impõe ao segundo tanto física, sexual, moral ou psicologicamente.

São inúmeras as conseqüências da violência no processo vital dos seres humanos. De acordo com Moraes et al (1999, p. 112), as conseqüências da violência podem ser classificadas por dois eixos.

O primeiro discerne as conseqüências traumáticas (físicas), as emocionais ou afetivas, os agravos habitualmente explorados pelo domínio da saúde materno-infantil (desnutrição, baixo peso ao nascer, etc), e, por exclusão, as outras conseqüências que não se enquadram em nenhum dos grupos anteriores. O segundo eixo classifica as conseqüências com relação ao tempo decorrido entre a exposição à violência e o aparecimento do agravo. Neste sentido, as conseqüências podem ser imediatas, mediatas ou de longo prazo.

Vale ressaltar que, por vezes, não se conhece o início do processo de instalação, o que dificulta a identificação do agravo com relação à sua temporalidade. Ademais, a associação entre os diferentes tipos de violência torna difícil a distinção da modalidade de abuso que gerou certo agravo.

5.1.5.2 Tipos de violência

De acordo com Zaluar (2004, p. 1) “embora haja definições da violência que a diferenciam de outros tantos comportamentos humanos, não há uma só violência”. Percebe-se que o conceito tem sido usado de forma indiscriminada para falar de muitas práticas, hábitos, disciplinas, de tal modo que todo comportamento social poderia ser visto como violento.

Através das produções, em forma de cartazes, de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR foi possível perceber elementos que, baseados numa dinâmica de interação, foram dando significado a um universo de imagens, imaginário, símbolos e

imaginações que representam as modalidades de violência que se mostram no cotidiano dessas pessoas.

Todas essas violências compõem um triste e real mosaico do “quotidiano violentado pela violência do dia-a-dia” sob o olhar de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, conforme figura XIII.



Figura XIII: Expressão de “Como a violência se mostra no dia-a-dia” para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

Impunidade

Conforme Ferreira (2004, p. 1082) impunidade “é o estado de impune”, ou seja “é o que não é ou não foi castigado”.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a impunidade é um tipo de violência que agride os seres humanos expressa pela falta de cumprimento das leis e dos direitos dos cidadãos. Esse tipo de violência gera um sentimento de vergonha e impotência para essas pessoas frente ao seu papel social.

A primeira palavra que me veio foi impunidade, que é um tipo de violência que para mim me agride. De tudo! A impunidade é fria e violenta. (...) A questão de a gente não fazer cumprir as leis os direitos de todo mundo, às vezes eu me sinto uma palhaça e amarrada. Tu sabe o que é que é certo, tu sabe o que tem que ser feito, mas você não consegue fazer. Para mim é uma violência comigo. (TANGARÁ)

A impunidade também é um tipo de violência. (CARDEAL)

Injustiça

Injustiça significa “ação ou coisa injusta”, ou seja “aquilo que não é justo”. (FERREIRA, 2004, p. 1108). Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência é considerada injustiça quando as leis não são cumpridas acabando por favorecer os criminosos e prejudicar os “inocentes”. Elas exemplificam as situações em que criminosos não estão presos ou são absolvidos do crime que cometeram, enquanto inocentes vão para a cadeia para serem julgados de algo que não fizeram. Esse tipo de violência também revela a descrença na justiça e a impotência em se fazer cumprir as Leis.

É a injustiça a violência de não cumprir, principalmente as leis, também é uma violência pra nós. Se é violência física, violência sexual, infantil, aquela coisa toda e a gente vê que as leis não são cumpridas. (TIÊ)

Quando se abre precedente, porque tem pessoas que estão presas por coisas bem bobas, que não deviam estar lá e as cadeias tudo cheia e os que deviam ficar tão saindo [Referindo-se ao Caso Policial noticiado pela imprensa da filha que matou os pais com a ajuda do namorado e do cunhado, os irmãos Cravinhos] (CURIÓ)

A indignação também faz parte do cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, quando mesmo assumindo o seu papel profissional e de cidadão, decepiona-se com o esperado “Papel da Justiça ou Estado” em seus gestos e atitudes, quando exclui, ou desconstrói princípios de Justiça, Fraternidade e Igualdade entre os indivíduos protegendo os infratores ou expondo os “cidadãos de bem”. O que gera mais violências.

Nós educadores ensinamos as crianças naquilo que é correto que a gente

acredita que é correto, de não bater no amigo, de dividir, sabe, a gente faz toda essa construção com as crianças e vem alguém lá e bate o martelo e diz que não.(TIÊ)

Moro num bairro bem carente e tem um guri lá de 16, 17 anos, usa uma arma, mas eles mesmos sabem que não vão se punidos. Ele fala pro policial: você me prende agora, daqui a pouco estou solto, e o senhor sabe disso, não tem um controle é difícil. Um de menor compra uma arma fácil, vai lá mata alguém e pô você vai fazer o que com ele? Complicado. E nesse caso fazer o que? Difícilmente, você pode prender um de menor hoje e hoje mesmo, não precisa nem ser amanhã ele vai ser solto. É complicado mesmo. E como lidar com a violência. É muita impunidade.(PÁSSARO-PRETO)

A maior violência que a gente tem hoje é toda essa injustiça que acontece com o povo, com o trabalhador, a gente não tem mais o respeito. (PARDAL)

Tem violência contra a criança, violência na escola, violência no trânsito. Onde tem toda essa violência tem impunidade ai por trás. (TANGARÁ)

Essa inconformidade dos valores da contemporaneidade nos remete ao pensamento de Maffesoli, quando revela que “estamos numa época provisória: notamos o que não é mais, mas não conhecemos o que está por vir”.

Na verdade esses sentimentos que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR vivenciam, ou seja, de impunidade, injustiça, indignação, entre outros, desse gênero, acontece processualmente corroborando com a idéia de que o “tempo é cíclico”. Lembrando a espiral, como refere Maffesoli (1994, p.21), a história se faz em ciclos, “há um retorno que, no entanto integra mudanças, os desenvolvimentos, as novidades, ou seja, um retorno com “algo mais” (...) há qualquer coisa já vista, já conhecida.” Portanto, é preciso relativizar as violências, que se mostram no cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.

Violência física... é porrada, agressão, tapinha,..

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR ,a violência física é qualquer ato de agressão física contra outrem... que gera dúvidas quanto ao uso da força física para fins de educação doméstica...

Violência física é porrada, agressão. Tapinha dói ou não dói? É ou não é bom na criança?. (CURIÓ)

Corresponde ao emprego de força física no processo disciplinador de uma pessoa sobre a outra, podendo esta ser uma criança, ou adolescente, ou mulher, ou idoso, entre outros.

A violência física contra a criança geralmente é praticada pelos pais (ou quem exercer tal papel no âmbito familiar como, por exemplo, pais adotivos, padrastos, madrastas). A literatura é muito controversa em termos de quais atos podem ser considerados violentos: desde a simples palmada nas nádegas até agressões com armas brancas e de fogo, com instrumentos (pau, barra de ferro, taco de bilhar, tamancos etc.) e imposição de queimaduras, socos, pontapés.

Existe na literatura uma grande polêmica entre “ato disciplinar corretivo” e “violência física contra a criança e o adolescente”. Mas consideramos que a violência física contra a criança e o adolescente independe da sua justificativa e se expressa em qualquer ação física ou ato disciplinar que atinja o corpo de uma criança ou de um adolescente.

Violência como mentira, ato de mentir...

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR ressaltam que a violência como mentira, ou ato de mentir, é toda ação praticada por alguém com o objetivo de enganar, desrespeitar ou criar expectativa frustrada em outra pessoa gerando falta de confiança e decepção.

Violência como mentira ou ato de mentir, tu promete e não dá; expectativa frustrada, desrespeito, engano; gera desconfiância e desilusão. (CURIÓ)

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR esse tipo de violência também é praticada pelos políticos contra a população...

A corrupção e a mentira são tipos de violência. Se a gente parar mesmo pra pensar, por exemplo numa atitude dessa dos nossos representantes é de adoecer, porque não conseguimos dar conta disso e isso para mim é uma violência. (...) A figura do Lula. Ai tem violência porque tem a corrupção e a mentira, que são tipos de violência. (CARDEAL)

Violência oral, verbal...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência oral ou verbal é quando alguém faz uso da palavra, para inibir, menosprezar, humilhar, desqualificar, fazer comparações maldosas contra outra pessoa...

A violência verbal é toda a palavra que agride ou diminui o outro, porque palavras ditas jamais voltam! (CARDEAL)

Violência oral, xingamento e desqualificar e fazer comparações maldosas. (CURIÓ)

Este tipo de violência não deixa marcas “visíveis” no corpo, mas permanentes na alma ou no coração...

A violência oral que é xingamento, violência oral, que um xinga o outro. Que é uma violência que não machuca por fora, mas por dentro magoa e tal. (PITA)

Tem a violência verbal que também é uma violência, que às vezes magoa bastante, que deixa a gente bem sensível e não é aquela violência que te deixa marcas pelo corpo não, mas te deixa ressentida, te deixa com o coração apertado. (TIÊ)

Violência moral...

Quando alguém faz uso de palavras, gestos ou atitudes ou de imagens para agredir outra pessoa, para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR isso se configura numa violência moral...

A violência moral a gente concluiu que é diminuir o outro nas suas crenças, seus valores com palavras, com gestos ou com omissões. (TANGARÁ)

A figura daquela moça ali seminua, na praia, um rapaz fotografando na frente de uma outra moça nua; é um tipo de violência com o nosso corpo. É também uma violência moral. (CARDEAL)

Podemos perceber que a violência verbal e a violência moral se complementam, mas não são iguais. Visto que a violência verbal faz uso da palavra e a violência moral faz uso não só de palavras, mas de gestos, atitudes e comportamentos para violentar outrem. Em outros momentos, a violência moral também engloba a “violência dos meios de comunicação”, a “violência como mentira” e a “violência dos políticos”.

Violência mental...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência mental são pensamentos ruins e negativos “provocados” pelo próprio indivíduo e que podem interferir na relação interpessoal...

A violência mental é a gente pensar coisas más, ruins é uma violência, porque é sentida. Às vezes você não está muito legal dentro de casa e tu passa isso para as pessoas, para as crianças principalmente, que a gente acha que é um tipo de violência também. (CURIÓ)

Interessante a expressão “violência mental” reportada para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR que nos remete ao entendimento de uma auto “tortura psicológica”, que pode desencadear outras violências nas relações interpessoais.

Essas pessoas expressam a “violência mental” através de pensamentos auto-destrutivos, de pessimismo, que podem interferir na sua maneira de viver e nas relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Violência sexual...

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR colocam que a violência sexual é um tipo de violência contra a criança (mas não só, eles mesmo dizem: muitas x...) ... geralmente praticada pelos pais...

Quando se fala da violência sexual tanta coisa é envolvida. (TANGARÁ)

Existe a violência sexual, muitas vezes com crianças, que os pais vivem violentando. (CARDEAL)

Que gera medo e silêncio nas vítimas ...

Na violência sexual acontecem as coisas e as crianças não vão falar. Ficam tudo com medo. (BEM-TE-VI)

Mas que às vezes rompe a barreira do silêncio e é denunciada pela própria vítima...

Ouvi uma história sobre violência sexual com uma criança que sofria a violência sexual desde os 2 anos e quando chegou nos 15 anos ela teve coragem de chegar e falar. Ela foi no tutelar da criança e denunciou o pai, e a mãe tava acobertando aquilo. A criança disse que ia a luta e ia conseguir, mesmo que o pai a matasse. E tomou coragem e falou e o pai está preso até hoje. (BEM-TE-VI)

Importante ressaltar que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR associam exclusivamente a violência sexual, com a violência contra a criança e adolescente não expressando também a violência sexual entre adultos.

A violência sexual contra a criança se configura como todo ato ou jogo sexual, relação hetero ou homossexual, entre um ou mais adultos e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente esta criança ou adolescente, ou utilizá-la para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra pessoa. Ressalte-se que em ocorrências desse tipo, a criança é sempre vítima e não poderá ser transformada em réu. A intenção do processo de Violência Sexual é sempre o prazer (direto ou indireto) do adulto, sendo que o mecanismo que possibilita a participação da criança é a coerção exercida pelo adulto, coerção esta que tem raízes no padrão adultocêntrico de relações adulto-criança vigente em nossa sociedade. (AZEVEDO, 2002, p.130)

Negligência...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR a negligência é uma violência e consiste num ato intencional praticado por alguém com o objetivo de privar, descuidar, não se envolver ou deixar de fazer algo pelo outro que esteja ao seu alcance,

independente do local de atuação...

A negligência também é uma violência. A negligência que a gente falou olhando a foto do acidente. Será que alguém viu? Que lá tinha risco? Que lá podia desabar? Que podia pegar fogo? Será que antes alguém não poderia ter tomado uma atitude, pra que aquele povo todo lá não morresse? (CANÁRIO)

A negligência é o pouco caso, É poder fazer, poder mudar e não querer! É em toda a sociedade e em qualquer setor: na saúde, na escola, no trânsito, em tudo. Poder mudar e não querer! A negligência é não estar nem aí! (TANGARÁ)

Nós encontramos a negligência também, porque a gente encontrou o incêndio, E várias pessoas, soldados, bombeiros carregando algumas pessoas, então é um outro tipo de violência, a negligência. A negligência contra a criança; a negligência quando não se tem um extintor na instituição; todo tipo de negligência é uma violência. (CARDEAL)

Desigualdade social

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR ressaltaram a desigualdade social é como uma violência contra os indivíduos gerada pela má distribuição de renda e descaso social , os quais geram outras violências...

A má distribuição de renda gera a desigualdade social e isso aí é uma baita de uma violência que gera uma grande violência, uma pessoa que não tem dinheiro ela fica completamente (...) não tem o mínimo de conforto. Isso aí é bem forte, principalmente no Brasil. (CURIÓ)

Gente catando lixo, a pobreza é a desigualdade social. (BEM-TE-VI)

Dentre os fatores externos que, sem dúvida, contribuem para aumentar os níveis de violência no âmbito familiar, lembramos as condições socioeconômicas, os níveis cada vez mais absurdos de miséria e pobreza de uma camada da população que se elevam aceleradamente, a disseminação do uso de drogas, o abuso de álcool, entre outros.

Para Rifiotis (2001, p.5),

as matrizes ligadas às desigualdades sociais certamente respondem a um campo importante das variáveis macro-sociais, mas a ela não pode ser imputada uma causalidade. Afinal, apesar dos segmentos pobres estarem

superestimados nas estatísticas de criminalidade, os crimes de “colarinho branco” seriam mais frequentes e rotineiros.

Uso de drogas... lícitas e ilícitas...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o uso de drogas também é uma violência; independente de serem lícitas ou ilícitas, as drogas trazem danos para quem as utiliza e para a sociedade como um todo podendo ainda gerar outras violências...

Hoje a droga, ela veio agravar muito a situação. Antigamente você tinha pessoas que roubavam pra poder comer, hoje você tem pessoas que roubam e matam pra poder manter o vício; pra manter o seu vício, pra poder pagar a dívida de droga. (PARDAL)

Percebe-se nas falas de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, as conseqüências para a saúde do uso das drogas com danos para a saúde física, mental e até mesmo a perda da vida.

A droga que causa dependência, escraviza, não deixa ver o que é certo e errado, desnorteia, agride o corpo, leva a morte. (CURIÓ)

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o uso de drogas está relacionado à mídia que influencia negativamente os jovens, não só em ambientes festivos, de entretenimento, como também as drogas influenciam negativamente os jovens no ambiente escolar, gerando medo, desconfiança e dúvidas nos pais, quanto ao papel de “segurança e “ambiente de cuidado” da escola.

Tem a questão das drogas. É uma coisa que agride os jovens, que eles ficam juntos misturados com a mídia. (TANGARÁ)

Quando se fala nas drogas, tem muito a violência dentro da sala de aula. A gente fica até com medo de colocar os nossos filhos dentro. Não sabe se ali ela vai estar bem cuidada, bem segura. A gente vê muita coisa. (BEM-TE-VI)

Nitschke (1999,p.28) alerta-nos que “a droga transita por diferentes locais, muitas vezes, mais popularizada do que os demais serviços de saúde, transporte, lazer e, às vezes, não há nem o que se comer”.

Segundo dados do SOS Criança de São Paulo, dentre as causas de 15.523 casos de violência registrados contra a criança e o adolescente, 63% foram relativos à dependência de drogas, 28% de negligência; 5% de agressão física; 2,5% de agressão sexual e 0,6% de agressão psicológica (Folha de São Paulo, 1998).

O alcoolismo é um fator de agravamento das manifestações da violência privada. Pesquisa realizada no Instituto Médico Legal de São Paulo no período de 1986 a 1993 revelou que 95% dos corpos que dão entrada no IML têm álcool no sangue, e 11% têm mais de 4g de álcool por litro de sangue, o que é suficiente para matar. O álcool foi responsável por 70,6 mil (30%) dos acidentes de trânsito com vítimas em 1995. Pesquisa do Núcleo de Estudos da Violência da USP na Zona Sul mostra que o álcool aparece como agente detonador em pelo menos 41% dos homicídios, e o tráfico de drogas em 11,7%, tal como o crack. Nos Estados Unidos o álcool é muito relevante em casos de violência doméstica, pois em 72% dos casos o estuprador estava bêbado. (CORTÊS et al, 2003, p. 73)

Violência política e dos políticos...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a violência política ou dos políticos é quando as autoridades políticas não cumprem o seu papel de resolução dos problemas sociais, utilizando-se do descaso público, corrupção ou negligência política, para agredir a população e impedir o seu acesso à educação, saúde, moradia, transporte, emprego...

A violência política é ter o poder político para resolver as questões sociais e não usá-los”. São as promessas não cumpridas. Isso agride pra caramba! E a violência é não fazer o que eles dizem. (TANGARÁ)

São pessoas que tiveram toda a confiança de seus eleitores, os quais acreditaram em suas promessas de campanha; envolvem-se em processos de corrupção, lesando o bolso do contribuinte e os cofres públicos; verbas desviadas que poderiam proporcionar saúde, educação, alimento, habitação, emprego; o bem comum passa a ser de um só indivíduo e não mais de todos. (GAIVOTA)

A foto desse cidadão ali (referindo-se à Bush, presidente dos EUA) que para mim e acho que para todo mundo é parte de todos esses políticos e esses políticos é que geram todas essas violências. Mas a grande violência está nessa peça aqui (referindo-se à Lula, presidente do Brasil); deles vem o nosso planalto, os nossos vereadores, os nossos prefeitos, os nossos deputados, as grandes malas de dinheiro que deveriam vim para nós, para os nossos filhos, para a creche. Mala, cachaça, promessa não cumprida que todo mundo viu. (SABIÁ)

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, através de suas expressões das diferentes modalidades da violência, nos remetem à idéia de que a existência da diferença, portanto das diversas “violências”, permite a troca em todas as suas dimensões. A troca, ao trazer consigo o conflito, ou mesmo a própria violência, permite uma re-construção mostrando ser um elemento constitutivo da socialidade.

A ambivalência estrutura de forma dinâmica as interações sociais. Reforçando o que Maffesoli (1984, p. 32) denomina de “permanência social”, ou seja, “o equilíbrio dos papéis representados e das situações (efervescência-distensão; amor-ódio, proximidade-distância)”.

Ao refletir sobre um novo paradigma da violência, Wievorka (1997, p. 22) fala de

uma violência infra-política, resultante das ações privadas de agressão, mas, também esta forma implica a perda do poder legítimo, como acontece nos casos de abuso sexual intrafamiliar. O pai ou o responsável invertem sua função de proteção e passam à dominação pois perdem a autoridade paterna e o senso de responsabilidade.

Fazendo uma leitura histórica (período colonial), mas presente ainda em nossos dias contemporâneos podemos perceber, conforme Faleiros (1998, p.1) que a violência que se implanta para a defesa da ordem estabelecida busca aniquilar os adversários pelo terror ou pela negação do conflito, estabelecendo a apropriação dos mecanismos de solução de conflitos, considerando apenas a ordem do dominante sobre o dominado. A paz que se estabelece não considera a negociação, mas a obediência e a submissão. As classes dominantes, ao reprimir qualquer contestação, não têm como fundamento o

direito, mas a vigência do poder de classe estabelecido.

Para Maffesoli (1987, 2001)

o uso da força física tem sido monopolizado pela organização política e pelos poderes instituídos, que, sob a aparência de neutralidade, exercem, legalmente, uma violência abstrata: centralizando tudo o que é da ordem do policial, do militar e do fiscal, tentam estabelecer uma normalidade asséptica, domesticando a paixão e a agressividade.

A violência dos poderes instituídos é aquela que é monopolizada por uma estrutura dominante, como: Estado, partido, organização criminosa ou terrorista. Através dela são eliminadas as zonas de sombras e turbulências, estabelecendo uma normalidade asséptica e que se constitui basicamente na manutenção do sistema de produção que tem a única finalidade o seu próprio desenvolvimento, portanto não é vista por Maffesoli como de caráter “construtivo”, porque esta modalidade não parte de uma solidariedade de massa, ela é imposta. São exemplos: a polícia civil, a máfia, etc.(MAFFESOLI, 1987, p. 25)

5.2 Forças para o contorno da violência no cotidiano

Maffesoli (1984, p. 31) nos alerta que “o jogo da diferença possibilita a neutralização de poderes, pois ao levar a uma confrontação, relativiza-os”. Logo, discutir sobre a violência que se mostra no dia-a-dia nos remete a diferentes formas de contornar essa violência no cotidiano.

Entender para melhorar...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR,,tentar entender a violência é uma das possibilidades para o seu contorno no cotidiano...

Acho que é isso que a gente está querendo descobrir, a gente tenta. E é por isso que a gente está aqui pra descobrir isso e tentar fazer alguma coisa.
(GAIVOTA)

Entender para compreender os atos violentos, para melhorar e ajudar de alguma maneira...

Procuro conversar, compreender, entender o porquê que fez. O que levou a cometer até alguns atos, procuro conversar com as pessoas também pra entender e tentar ajudar de alguma maneira. (PULA-PULA)

A gente tenta entender para melhorar. (CARDEAL)

Entendendo a organização que envolve seres humanos, como dinâmica e complexa, Edgar Morin enfatiza a capacidade da auto-organização inerente aos sistemas vivos. Lembra o fato da coexistência permitida e aceita do erro, da desordem, do desvio, do devaneio, da transgressão que diferencia os sistemas vivos das máquinas artificiais, que, com o erro, param, ao contrário do homem (sistema vivo) que, no erro e com o erro, pode catapultar o sucesso, uma nova organização (Morin, 1990, p. 25). Daí o lado positivo, difícil e não corriqueiramente aceito ou visto, da violência como estruturante.

Ainda para Morin (1990, p. 25),

a violência, a falha, o erro, a transgressão, instauram uma nova ordem, desequilibram ordenamentos anteriores, cristalizados e impõem a reorganização, podendo promover a união de contrários, que passam a ser concorrentes, complementares.

Evitar ler e ouvir sobre a violência... fuga ou astúcia?

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, preferem evitar ler e ouvir sobre a violência que se apresenta no cotidiano e consideram essa atitude como uma forma de “auto-proteção” e “auto-cuidado”. Por outro lado, questionam se esse comportamento não se caracteriza como “fugir da realidade”...

Não sei se é covardia minha, se é uma negação, mas tem determinadas coisas que eu evito ler e ouvir. Tem notícias, tanto na televisão como no rádio, até de leitura mesmo, um jornal escrito que eu não gosto de ler e eu não leio! Eu não gosto de ouvir eu desligo! Eu vejo assim pra mim, que é uma fuga pra eu me poupar. Tipo assim, uma coisa que ouvi e que mexe com o meu emocional e

*com certeza a violência mexe, mexe com todos nós, com certeza. Não sei se é uma fuga, mas é uma forma de ter saúde. (CARDEAL)
Também faço isso. (CURIÓ)*

Ao imposto, não há oposição frontal, mas uma “duplicidade dissimulada que, ao conservar as aparências de normalidade, possibilita salvaguardar a existência do tanto para si, daquilo que estrutura cada indivíduo” (Maffesoli, 1984: 121). Os valores instituídos não são confrontados, mas contornados quando se mostram incômodos. Essa é a astúcia.

Seria a “fuga da realidade” também uma “resistência silenciosa”? Mas é silenciosa mesmo?

Jornal Nacional não quero nem saber. Eu vejo mais ou menos o que me interessa um pouquinho, agora passou morte, violência, essas coisas eu caio fora! Porque a gente sai na rua e já vê tanto, né? (SAÍRA)

A “resistência silenciosa”, termo proposto por Maffesoli (1984, p. 34), configura-se numa autêntica manifestação da supremacia de cada um sobre o seu próprio viver, com seus não-ditos e a afirmação de que cada um é “dono de sua vida” e se “a sociedade se impõe, eu me contraponho”. Isso nos reporta à prática cotidiana de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR ao “evitar” encarar a violência que se mostra em seu cotidiano, como uma das maneiras de agir para a manutenção do seu ser saudável no dia-a-dia.

A *resistência passiva* demonstra uma nova forma de agir ou de desempenhar atividades, ou seja, uma criação indicativa da potência que essa pessoa assume para driblar o instituído. O “fingir que não viu”, “fazer de conta que não quer saber ou ver”, “mudar de canal quando aparece notícias desagradáveis” são apenas alguns exemplos de atitudes que permite “fugir” do instituído, contornando as imposições e das obrigações nesse “jogo de poder” permeado pela violência.

Mas, há uma outra forma de violência que a coletividade utiliza para fazer frente às formas de dominação: a banal. Esta expressa uma passividade (ativa) da

massa que não se integra ao instituído, mas se opõe a ele, subvertendo o poder, embora sem integrar qualquer contestação ou ação política. Submissões aparentes, conformismo, por exemplo, são formas de resistência, de expressão da duplicidade: não há recusa absoluta, nem adesão arrebatada. Não se luta contra os valores estabelecidos, antes, procura-se manter distância ou utilizar formas de resistência, como a arte de fachada, ironia, máscara, silêncio, tagarelice, grafites e pichações.

A violência banal é analisada por Maffesoli (1987, p. 28) a partir de uma perspectiva dionisíaca, a qual garante uma “resistência de massa” ante os poderes constituídos através da paixão social. Essa violência é expressa através de uma “passividade ativa da massa”: a “banalidade”, que segundo o autor “é o que alicerça e cimenta o prazer de estar juntos; é a “participação afetiva” que possui um caráter aglomerativo, constituindo este entrecruzamento das múltiplas e minúsculas paixões que constituem a socialidade. Ela também é construtiva”. A exemplo podemos ter o carnaval e as torcidas de futebol.

Poder falar da violência é uma força...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, discutir sobre a violência no cotidiano fortalece as pessoas para o reconhecimento, compreensão e criação de estratégias para o seu contorno...

Poder falar da violência faz a gente conhecer outras violências e isso nos fortalece. (CURIÓ)

Que não é para a gente só brigar, mas conversar também. (ANDORINHA)

O atual cenário mundial revela que nem todas as sociedades assim o fazem. Portanto, discutir sobre a violência no cotidiano mostra, por si só, a mobilização de algumas sociedades em contornar a violência no dia-a-dia e o “não poder falar” sobre a violência, configura-se num ato violento...

No quadro político, hoje, uma grande lição que se tem é que a gente não está parada, a gente está aqui discutindo o que é violência. Essa sala de aula significa que o Brasil está andando e isso é uma força, isso é uma luta. A gente está vendo o que agora está acontecendo lá na França. Está acontecendo a violência do excluído. Começando a Europa toda a incendiar e

nós ainda estamos aqui num momento de discussão e falando abertamente sobre todas essas violências e isso é uma força. Poder falar da violência é uma força. Porque se daqui a pouco a gente não puder falar de toda essa violência, das políticas, e tudo mais, então poderemos estar sendo violentados. (TANGARÁ)

O cuidado...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o cuidado precisa fazer parte do cotidiano de todos os indivíduos, principalmente como uma forma de prevenção e controle da violência. O cuidado com o outro e com a natureza, com tudo e com todos que estão ao alcance dessas pessoas...

O cuidado humano de quem está próximo de mim e cuidado também com a natureza são as forças que encontro para prevenir e conviver com a violência. (...) Se eu cuidar bem daqueles que estão perto de mim, da minha família, dos meus filhos, lhes dar amor, carinho e as pessoas que estão perto de mim eu posso dar amor e carinho para elas e receber. Você dando, você recebe, eu faço isso, agora dessas coisas maiores assim eu não gosto, eu não dou conta não. Eu delete! (CARDEAL)

Se todo mundo cuidasse ao seu redor, todos ficariam bem, porque todos estariam cuidando de um pedaço e todos os pedaços iam ser o mundo. (CURIÓ)

Essas expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR remetem-nos à noção de solidariedade orgânica que vimos manifesta ao longo desta construção e que faz a potência deste ser estar junto com. De acordo com Maffesoli (1987, p.197) “a ajuda mútua, sob suas diversas formas, é um dever, pedra do toque do código de honra, muitas vezes não dito, que rege o tribalismo”. Dever que se relativiza pelo prazer em poder contribuir com o outro.

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, ao enfatizarem “o cuidado”, reforçam alguns aspectos que requerem atenção por parte dos profissionais que cuidam, já identificados por Nitschke (1999, p. 206). Para essa autora “o cuidado que é essência da enfermagem, também é elemento na constituição do ser família. Assim, é importante estar atento, pois em algum momento, podemos até fazer parte de algumas

famílias com quem trabalhamos, pois as cuidamos”. Também “a família é sujeito do cuidado de si, enquanto rede de interações, e de seus membros. Ou seja, o cuidado não é exclusividade da enfermagem, ou de outros profissionais [...] os membros da família poderão se constituir nos mais tradicionais (pai, mãe, irmão...), passando pelos vizinhos, ... até outros mais inusitados”.

Acreditamos que trabalhar com seres humanos demanda uma atuação transdisciplinar, como refere Patrício (1995, p. 183) “algo que vai além das disciplinas, ao mesmo tempo, integrando-as e transcendendo-as”. Reforçando o entendimento do profissional híbrido, proposto por Nitschke (1999, p.23),

aquele profissional, que não se contentando com sua formação de base, pois não lhes oferece possibilidades de responder a este mundo de conjunção, busca outras disciplinas tentando contemplar pelo menos um pouco mais da complexidade na qual está inserido.

Trabalhar com pessoas requer o “profissional sensível” reforçado por Rezende e Cadete (1997, p.5) quando nos dizem que “ou afinamos nossa sensibilidade para captar o compasso deste novo tempo, ou corremos o risco de, enrijecidos em conceitos dogmáticos, nada compreendermos desta nova dinâmica social, que só parece assustadora. Compreender e não necessariamente explicar, este é o grande desafio que nos é imposto”.

Força em Deus, fé e esperança...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, ter fé em Deus e esperança na vida são forças para contornar a violência no cotidiano...

Encontro força em Deus! Ele que me dar forças, somente ele me dar forças. É um Ser maior! Eu creio nisso! É Deus, amor, cuidado, zelo pelo próximo.
(CARDEAL)

Como a violência tá em todo lugar, em toda parte, eu tento buscar força em Deus pra me proteger e proteger a minha filha, proteger a minha casa e tudo o que tenho. (BEIJA-FLOR)

Esperança e crença num futuro e num mundo melhor, onde as pessoas possam ser melhores e fazer mais pelos outros...

Tenho muita força (da) e (na) esperança e acreditar num mundo melhor, que as pessoas ela podem mudar e ser melhor. (CANÁRIO)

Outra coisa também é que eu tenho muita esperança. A gente pensa assim e tem esperança de que as pessoas mudem um pouco. Eu sempre espero que o amanhã seja melhor do que o hoje. Eu fico assim espantado com a situação que está o Rio de Janeiro, com as pessoas botando fogo nos ônibus, com pessoas dentro. Eu fico assim espantado vendo seres humanos fazendo isso com outros seres humanos! (PÁSSARO-PRETO)

Procuro ter muita esperança e acreditar nas pessoas. (PULA-PULA)

A fé, acreditar que a pessoa é melhor, que a pessoa não é assim, que ela não quis fazer aquilo; muita conversa. (GRALHA)

A fé, a esperança e a crença são sentimentos que fortalecem Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR na construção do ser saudável e contorno da violência que se mostra cada vez mais presente na vida cotidiana dessas pessoas. Maffesoli (1998, p. 56) parafraseando E. Durkeim utiliza-se do termo “divino social” para designar essa “força agregadora que está na base de qualquer sociedade ou associação”. E que também pode ser considerada religião “entendendo a palavra tal como é empregada para designar aquilo que nos une a uma comunidade [...] matriz comum que serve de suporte para o ser-estar junto”. (MAFFESOLI, 1988, p. 56).

Não reproduzindo a violência e sendo mais otimista, determinada, delicada, amorosa e caprichosa...

Coloquei poder fazer diferente também me dá força. (BICUDO)

Que as coisas elas se resolvem, que elas vão ficar boas, e vamos pra frente, vamos pra frente, vamos andando e sempre procurando assim passar pelos caminhos que a gente vai passando, mas com delicadeza, com amor, com jeito, não assim, de qualquer forma. (GRALHA)

Nos conflitos e situações que impedem o ser saudável no cotidiano, Algumas

Pessoas do NEI ACOLHEDOR procuram fortalecer sua fé e esperança de que, logo, tudo pode melhorar e normalizar. Para Kübler-Ross (1992, p.16) o que sustenta o indivíduo através dos dias, das semanas ou dos meses de sofrimento é o fio da esperança. Essa autora ainda destaca que “a esperança é a sensação de que tudo precisa ter algum sentido, que pode compensar, caso suportem por mais algum tempo”.

Podemos observar que, a cada dia, Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR renovam as suas esperanças no seu viver cotidiano, tentando sempre lutar e acreditar que tudo vai melhorar para que a esperança não se transforme em desesperança. Conforme Beck (1995, p.23), “esperança de que tudo não passe de um pesadelo irreal”.

A cada dia as pessoas renovam a sua fé num ser supremo, procurando, quase sempre, ajuda de pessoas significativas e ajuda na religião. A fé tem o poder de manter a esperança de que tudo irá melhorar e de propiciar o fortalecimento das diferentes situações no ciclo vital.

Força no amor... e perdoar

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o amor é um grande aliado na prevenção e contorno da violência. O amor “é tudo”, é a “essência” do verdadeiro sentimento humano, que vem de Deus e dos “homens”, para fortalecer o indivíduo e os seus semelhantes a contornar qualquer tipo de violência...

O amor vem da gente. (PULA-PULA)

Tem um provérbio da bíblia que diz que a palavra abranda é a que é dada por outro. E o amor é tudo isso. Amor por mim e pelo meu próximo. (CARDEAL)

Acho que o que rege, a essência é o amor, eu acredito ainda no sentido do amor, que está na bíblia. Eu acredito que é isso, que me dar forças. (GAIVOTA)

Amor, muito amor, para enfrentar a violência seja ela qual for eu busco o amor. Esse amor só vem de Deus, porque só ele que pode me dar esse amor, para eu enfrentar qualquer tipo de violência. Só Deus pode me dar esse amor; um amor verdadeiro, dentro do meu coração. (TRINCA-FERRO)

O amor, a boa vontade, a fé a esperança é o que todo o ser humano tem de

melhor para prevenir e contornar a violência, sem ser violento...

Independente de qualquer violência que seja a gente deve ter aquilo de melhor que cada ser humano tem, que eu acredito que é o amor, a boa vontade, a fé, a esperança, tudo de bom que tem na vida, porque ninguém quer se machucar, ninguém quer ferir o outro, ninguém quer nada de ruim pra si. (...) Quando existe o vínculo, harmonia e amor na relação acredito, que as pessoas consigam ter forças pra está lutando contra as violências e não sendo violentas. Quando as pessoas não se ajudam elas ficam sobrecarregadas tendo que resolver tudo sozinha. Daí ela fica acuada e pode existir a violência. É amor, é compreensão, é rede, é família, é isso a força. (GRALHA)

O amor precisa ser compartilhado, não apenas desejado...

É o amor. Amor por amor se paga. A gente sempre tá esperando que alguém faça alguma coisa pela gente. Mas cada um está dando o que quer receber? (BEIJA-FLOR)

A gente cobra tanto do outro, cobra tanto, se quer tanto do outro e o teu papel, o que tu tá dando pro outro, o que tu tá fazendo pra ser merecedor, só espera? E tu? (CANÁRIO)

O contato com carinho e amor com o outro. (AZULÃO)

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o perdão é um sentimento mágico que precisa ser praticado pelas pessoas, como uma força para prevenção e contorno da violência que se mostra no cotidiano...

A gente crê no perdão. Perdão da magia . (CANÁRIO)

Procuo perdoar as pessoas em meu dia-a-dia. (PULA-PULA)

Família e amigos...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a família, os amigos e as pessoas mais próximas são as forças presentes no dia-a-dia, para a prevenção e controle da violência...

Da violência eu tiro a força muito da família. Eu tenho duas filhas, minha

esposa, meus pais e meus irmãos. Das pessoas mais próximas assim.
(PÁSSARO-PRETO)

Eu fiquei pensando e lembrei da família mesmo. De mim, dos meus filhos, do meu marido, casa que a gente não tem e não sobra dinheiro para pagar aluguel e da minha família. A força que tenho vem dela, da minha família.
(BEIJA-FLOR)

Para Nitschke (1991, p. 215) a família

caracteriza-se por ser um corpo social, ou seja, uma rede de interações, que pode assumir diferentes formas; que possui objetivos e toma decisões enquanto grupo, tem uma estrutura de funcionamento interno constituída por posições de papéis, possuindo várias atribuições, dentre elas, inclusive o cuidado de saúde de seus membros.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a família é o provedor, o mantenedor e o espaço privilegiado para o cuidado de si e do outro, com a finalidade de construção do ser saudável e contorno da violência.

Percebemos que Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR souberam, mesmo que de maneiras diferentes, aceitar a individualidade de outras pessoas, lidando com crises, conflitos e contradições, transformando uma difícil realidade, numa realidade mais prazerosa, como refere Elsen (1994, p. 68),

a família saudável [...] aceita a individualidade de seus membros, possui capacidade de conhecer e usufruir de seus direitos, enfrenta crises, conflitos e contradições, pedindo e dando apoio a seus membros e às pessoas significativas. A família saudável atua conscientemente no ambiente em que vive, interagindo dinamicamente com outras pessoas e famílias em diversos níveis de aproximação, transformando e sendo transformado. Desenvolve-se com experiências construindo sua história de vida.

Manter a paz e cultivar a felicidade... ser otimista...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a manutenção da paz, o cultivo da felicidade e a “não reprodução da violência” são forças que se buscam nas relações interpessoais, seja na família, na rua ou no trabalho, para a prevenção e o contorno da

violência no cotidiano...

Pelo menos dentro de casa eu tento, tento manter a paz. É difícil, dentro de casa começa tudo! E a coisa vai crescendo! (BEIJA-FLOR)

Paz, nas relações. (GRALHA)

Procuro ser feliz com a minha família e com as pessoas no meu trabalho. (PULA-PULA)

Tentar não reproduzir essas violências, quando elas chegam a nós. Estou tentando fazer esse exercício falar calma pra mim, o que eu quero pra mim. E ai tentar fazer isso pelo outro também. (BICUDO)

Assim, ser saudável não inclui apenas aspectos individuais, mas se expande para além dele, traduzindo-se nas relações com outras pessoas, no *Convívio Social*. Este mundo de relações é marcado pelo afeto, pela confiança e pela solidariedade e tem por espaço um território geograficamente limitado. Nesse microcosmo em que se dá o viver, origina-se a percepção de “Nós” que ultrapassa a vida individual. (Maffesoli, 1995).

Nesse convívio social, manifesta-se, também, a necessidade de *Segurança Afetiva*, intimamente relacionada com as pessoas, o amor e o carinho que ela representa, contribuindo para a ampliação da percepção de ser saudável para além do corpo biológico, passando a incluir aspectos imateriais da existência.

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, a vida “tem o lado bom e o ruim”, portanto o exercício do otimismo é uma importante força para a prevenção e o contorno da violência no cotidiano...

Às vezes até a situação está ruimzinha, mas eu procuro sempre ver o outro lado bom da vida. Tem o lado ruim e o lado bom, mas eu tento sempre levar para o lado bom de tudo. E é um sentimento bom porque o meu coração, às vezes eu estou com raiva de alguma coisa mais depois eu anulo. Eu digo que não me pertence mais. Eu digo: Isso não te pertence mais! Aí abafó o caso e não dou mais bola; eu não quero mais saber disso comigo! (PULA-PULA)

Diminuir o ritmo de vida...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o cotidiano que se mostra na atualidade revela um ritmo de vida cada vez mais acelerado e violento com as pessoas e com o mundo. Diminuir esse ritmo de vida, fazendo pausas para o reencontro consigo mesmo, com o outro e com o mundo, através do contato com a natureza e com os indivíduos; fazendo “fotossíntese” e coisas que dão prazer... apresentam-se como forças para contornar a violência e construir um ser mais saudável.

Tem toda uma forma, que tem todo um sistema nos empurrando de qualquer maneira, muitos de nós já nasceu neste sistema dessa maneira. E tem um movimento ao contrário para as pessoas se reencontrarem, se fortalecerem nesse reencontro, pra poder tá fazendo diferente do que tá se colocando numa tônica, que é essa vida tão veloz, que ela por ser veloz se coloca justamente na violência e muito dessa violência tem relação com essa velocidade também. E aí o que me dá forças é quando eu consigo fazer uma pausa, uma pausa pro reencontro consigo mesmo, para eu me situar no meio do contexto; voltar para o eu; voltar para casa e ali então buscar essa força no contato com a natureza. Entendo esse contato com a natureza, pisar na terra, receber luz que nem uma plantinha. Eu preciso fazer fotossíntese. A gente trabalha o dia inteiro num ambiente fechado, então eu tento sempre, olhar sempre; sentar de frente para a luz e aquilo parece que me mantém em contato; me mantém viva. (AZULÃO)

Se tu não consegues diminuir o teu ritmo de vida, tu também podes estar sendo violento contigo. Tu tens que parar e cuidar de ti fazendo o que te dar prazer. (GRALHA)

Redes...

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, os indivíduos necessitam de “redes” para a prevenção e contorno da violência que se mostra no cotidiano.

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR trouxeram a imagem da casa e de alguns bonecos apresentando a família e os amigos que são as suas forças para o contorno da violência que se mostra no cotidiano...

Desenhei a minha família, que é a minha força. (BEIJA-FLOR)

Eu desenhei essas pessoas aqui ao mesmo tempo essas pessoas aqui tem que ter esses olhos aqui, que são olhos do coração. Que eu preciso ver com esses olhos, que eu preciso ver os pássaros, que eu preciso ver o céu, que eu preciso sentir com os olhos do coração, e sempre sorrindo e isso tudo. Eu queria desenhar uma pessoa diferente da outra, mas de qualquer maneira ia sair uma diferente da outra, eu nunca ia conseguir desenhar todas iguais. (GAIVOTA)

Para Nitschke (1999, p. 110) “a família tem ligações (...) podemos pensar na família como uma cadeia, ou mesmo uma corrente, que tem uma existência enquanto tal, mas que, ao mesmo tempo, pode tomar várias formas, sem nunca deixar de ser esta cadeia, esta corrente, ou seja, esta família”. De acordo com seus limites e potencialidades vivenciados no dia-a-dia, Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR vão se ajustando e assumindo variados contornos, sem deixar de perder a sua essência singular de ser “família”, mas permitindo a integração e a constituição de “outras famílias”.

Assim, para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, o próprio lugar que se trabalha, lugar que se estuda, lugar que se mora, configuram-se em “famílias”. Família está que se mantém por laços de respeito, afirmação, carinho e amizade. Para essas pessoas o próprio NEI é a extensão de sua casa, configurando-se até mesmo na “sua própria família”.

As “redes”, apresentadas pelas rodas, são as forças que conectam uns indivíduos aos outros e a outros lugares, para o contorno da violência no cotidiano...

Eu fiz duas rodas porque acredito o que dar força são essas redes, essas conexões e existe mesmo. (GAIVOTA)

Estas compreensões nos reportam ao tribalismo proposto por Maffesoli (1998, p.98) quando destaca que

esses agrupamentos afinitários retomam a antiga estrutura antropológica que é a família ampliada. Estrutura onde a negociação da paixão e do conflito se faz bem de perto. Sem remeter a consangüinidade (...) podemos dizer que as redes, que pontuam nossas megalópolis, retomam as funções de ajuda mútua, de convivialidade, de comensalidade, de sustentação profissional (...).

A existência de diferentes “redes” familiares, de amigos, social, institucional, entre outras é uma força para a prevenção e contorno da violência, por se constituir em “espaços” destinados à apoio, discussão, escuta e compartilhamento de limites e forças do cotidiano, permitindo o fortalecimento dos vínculos afetivos na relação pessoal e

profissional, o cuidado de si e do outro....

Eu acredito muito nisso, nestes grupos [referindo-se aos encontros no NEI ACOLHEDOR]. Acho que isso é o que me dá força. Acredito que tem uma rede também na minha família, que me conecta a outras coisas. (GAIVOTA)

É a questão das redes, da família. Se você tem um canal de comunicação, se você tem uma rede de pessoas como esse projeto que vocês têm aqui, de conversa, de esclarecimento, você tira forças desse tipo de coisas, desse tipo de encontro pra tá revendo algumas colocações da sua vida, alguns pensamentos, alguns posicionamentos, alguns conceitos que você tem nestes momentos. A pessoa quando ela não tem, vamos dizer assim, comunicação, já que nós somos seres de linguagem, pensantes e que se comunicam de muitas formas, então nós precisamos nos comunicar para que exista realmente uma sociedade. Se a pessoa ela se relaciona, ela tem um círculo de amigos, ela tem uma amiga, ela tem uma família, ela tem alguém que acolhe ela, ela tem forças para está lutando contra essas violências, para ela não estar reproduzindo. Agora no momento em que ela se sente, não sei, uma pessoa sozinha, uma pessoa que não tem nada, não tem com quem conversar, não tem com quem dividir, que de repente, eu acho que ela fica; ela fica bem suscetível às violências. (GRALHA)

Hoje só de chegar aqui eu já me senti melhor, então com as palavras que eu recebo de vocês, o abraço, isso é uma família. Então isso é algo que me energiza, me dá força pra poder enfrentar essas violências que se coloca das mais diferentes maneiras. (AZULÃO)

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, as redes de apoio são formadas por vizinhos, amigos e funcionários solidários às suas demandas.

Nas oficinas realizadas no espaço do Projeto NINHO, as pessoas constroem vínculos. Este espaço se apresenta como um ambiente singular repleto de símbolos e significados que propiciam novas interações interpessoais, onde as pessoas compartilham angústias, medos, vitórias, realizações, o seu vivido; descobrindo, aprendendo, amadurecendo, re-significando e se ajudando mutuamente. Para Penna (1992, p. 90) a “família em determinado ambiente, interage com outras famílias e pessoas em diversos níveis de aproximação. Durante estas interações, estabelecem vínculos que lhe potencializam”.

Nesse espaço das oficinas, as pessoas interagem entre si em uma relação de ajuda, colocando-se umas no lugar das outras se apoiando mutuamente. Ribeiro (1999, p.) relata que as famílias se tornam significativas umas para as outras, estabelecendo ligações afetivas e sociais em diversos níveis e constroem uma convivência, através de

um conjunto de ações e interações

As Oficinas de Criatividade e Sensibilidade, à semelhança do trazido em Nitschke (1999, p.177), permitiram “trabalhar flexivelmente a criatividade, [...] além de contemplar aspectos como o estar junto, o assumir o papel do outro, enfim o afetivo”, em rede, constituindo-se também num exercício para a construção do ser saudável no cotidiano, prevenindo a violência.

Buscando a conjunção “**Violências que se mostram no cotidiano**”, ou seja, unindo as expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, chegamos a compreensão de que: **Entende-se por Violência:** A transgressão e privação dos direitos; falta de responsabilidade e respeito... consigo, com os outros, com a natureza, os animais e as coisas; agressão, aviltamento... com o ser humano, a natureza, os animais, o ambiente e as coisas... **Com quem ou com o que se apresenta a violência...** violência com tudo e com todos; violência com a criança; violência com os jovens; violência com a mulher; violência com o idoso; violência com a família; violência com o corpo; violência com os animais... **Onde está a violência...** a violência está em todo lugar; em casa; na rua ... no trânsito; na escola; na empresa ou na instituição de trabalho; violência nos e com os meios de comunicação... **Como está a violência...** está popular e exposta ao mundo... está mais visível; está banalizada; a violência está relacionada ao poder; a violência está sendo enfrentada com deficiência pela sociedade... **Como é a violência: Formas...** é polimorfa; é cíclica; traz conseqüências... para a saúde dos indivíduos; **Tipos...** Impunidade; injustiça; violência física... violência como mentira, ato de mentir; violência oral, verbal; violência moral..violência mental; violência sexual; desigualdade social; uso de drogas... lícitas e ilícitas; violência política, dos políticos; violência política, dos políticos.

Buscando a conjunção “Forças para o contorno da violência no cotidiano”, ou seja, unindo as expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR chegamos a compreensão de que: **Forças para contornar a violência no dia-a-dia...** entender para melhorar; evitar ler e ouvir sobre a violência... fuga ou astúcia; poder falar da violência é uma força; O cuidado; força em Deus, fé e esperança; não reproduzindo a violência e sendo mais otimista, determinada, delicada, amorosa e caprichosa; força no amor; perdoar; família e amigos; manter a paz e cultivar a felicidade; ser otimista; diminuir o

ritmo de vida; redes familiares, sociais, entre outras ...

Corroboro com Bellato et al (1998, p.191) ao finalizar essa reflexão que “longe de considerarmos este estudo como acabado e as análises aqui feitas como verdades irrefutáveis ou eternas, preferimos considerá-los como uma “história sem fim”, posto que está sendo (re)construída a todo momento em nossa prática pessoal e profissional cotidiana, dentro de um tempo cíclico que nos faz sempre e sempre recomeçar”.

A violência é um fenômeno inerente ao ser humano e estruturante da sociedade. Seja lá como ela se apresente, ela continua sem explicação, sem finalidade aparente, crescente e inquietante. Todavia, compreender o cotidiano, significando a violência em suas diferentes modalidades como um fenômeno polimorfo que limita o cotidiano, permite novos olhares e direcionamentos de práticas para o resgate da potência no contorno desta violência e construção do ser saudável, sendo, portanto, um campo potencialmente rico de possibilidades.

Poder falar da violência faz a gente conhecer outras violências e isso nos fortalece. (CURIÓ)

CAPÍTULO 6

6 REFLETINDO SOBRE O ENCONTRO

Algumas reflexões acompanharam e outras continuarão acompanhando os diversos momentos desse encontro com o cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR. A maneira de viver dessas pessoas, suas interações, seu processo saúde-doença revelaram o movimento singular e sutil do seu processo de viver, com seus limites e forças para a construção do ser saudável e contorno da violência que se mostra no dia-a-dia.

Buscamos no encontro com a literatura e nas orientações recebidas um caminho teórico-epistemo-metodológico fundamentado na Sociologia Compreensiva de Michel Maffesoli, que permitiu a manifestação das singularidades do profundo cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR.

Trabalhar com os *pressupostos teóricos e da sensibilidade* de Michel Maffesoli possibilitou um olhar mais sensível para o cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, visto que a *razão sensível* nos diferencia do profissional puramente técnico-científico, quando nos fala do afeto, do sensível e do emocional como alavancas metodológicas para a compreensão dos múltiplos fenômenos sociais.

Dentre esses pressupostos, a *crítica do dualismo esquemático* esteve presente desde o início em que nos propusemos a abordar a temática do cotidiano e da violência, colocando-nos como seres humanos em movimento pendular de aprendizagem, no compartilhamento de experiências vividas e possibilidades de construções saudáveis no contorno dos limites do dia-a-dia.

No pressuposto da *forma*, demos relevo aos limites e forças do cotidiano, assim como aos contornos da violência expressa no dia-a-dia de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, ao utilizarmos uma metodologia sensível apoiada nas Oficinas de Criatividade e Sensibilidade, que revelou uma face estrelar de uma constelação de possibilidades para a construção do ser saudável e contorno da violência.

Adotamos uma *sensibilidade relativista* ao promover sucessivos encontros com a singular e intensa maneira de viver dessas pessoas, atentos às suas diversas expressões.

Desenvolvemos uma *pesquisa estilística*, ao assumirmos uma escrita aberta e qualitativa, que refletiu as múltiplas nuances do cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, sem perder o rigor científico. Não utilizamos analogias para expressar as suas maneiras de viver, mas acreditamos que a escrita utilizada possibilitou a expressão dos entendimentos, situações, atitudes e relações que compôs o encontro com o os limites e as forças do cotidiano e construção do ser saudável dessas pessoas.

Acreditamos que trabalhamos com a liberdade do olhar preservando a flexibilidade e as imperfeições da singular maneira de viver de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, sem perder a qualidade e a originalidade desse estudo. Fomos interatores nesse processo de aprendizado com atitude de empatia desenvolvendo um *pensamento libertário*.

Abordar a multidimensionalidade do cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR possibilitou significar a maneira de viver dessas pessoas, as suas interações, os seus prazeres, desprazeres delineados pelo ritmo de vida.

Deste modo, Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR mostraram-nos que : **“O cotidiano é bom, legal, feliz, gostoso e prazeroso quando...** o estudo e o trabalho movimentam o dia-a-dia; existe a esperança de que tudo esteja bem no final de um dia de trabalho; se trabalha no que gosta e é reconhecido no que faz; se é feliz, mesmo dedicando mais tempo ao trabalho, do que ao lazer; não se estressa com o trabalho que faz, por ser dinâmico e permitir conhecer novas pessoas; se vivencia a maternidade; tem momentos de lazer durante a semana ou nos finais de semana... **O cotidiano é muito bom, legal, feliz, gostoso quando...** o problema de saúde está controlado e a vida segue o seu caminho; se vence mais um desafio na vida; existe satisfação, felicidade e harmonia na vida profissional e familiar; se trabalha fora, apenas em meio período; se trabalha com crianças, sentindo-se feliz e realizada no que se faz... **O cotidiano é rotina quando...** as atividades diárias se resumem à casa e ao trabalho; o dia-a-dia não dispõe de momentos de lazer. **O cotidiano não é rotina quando...** se

trabalha com crianças permitindo que o dia-a-dia seja cheio de surpresas; se trabalha em lugares diferentes e com pessoas diferentes; o dia-a-dia oscila como a “onda do mar”... **O cotidiano é tranquilo quando...** se desperta naturalmente; se consegue concluir o que foi planejado; não é corrido; a saúde e a família estão bem; se faz o que se gosta, mesmo com correria...”. Por outro lado, “**O cotidiano é corrido, agitado, atribulado, cansativo, de luta quando...** além de desempenhar as atividades domésticas, procura-se emprego; o trabalho é cansativo e complicado, mas também traz satisfação e prazer... **O cotidiano é bem e muito corrido, agitado, atribulado, cansativo, de luta quando...** se vivencia doença na família; existe crise e conflito no trabalho; se trabalha com criança; não se consegue dar conta das tarefas diárias pelo excesso de atividades e falta de organização; se trabalha em mais de um emprego, além de estudar, e não tem tempo para cuidar de si e da família; não se consegue praticar *hobbies*... **O cotidiano é extremamente corrido, agitado, atribulado, cansativo, de luta quando...** se trabalha sob pressão institucional; o tempo é curto, para dar conta das atividades diárias e ainda cuidar de si e do outro”.

O cotidiano tem um caráter similar, comum, entre Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR: dia-a-dia corrido, muito trabalho, sem tempo para cuidar de si, sempre cuidando do outro, poucos ou quase nenhum momento para o lazer ou atividades esportivas; o tempo quase sempre é curto para a conclusão das atividades pessoais e profissionais. **Podemos perceber que cotidiano dessas pessoas, por si só, aponta para micro violências que colocam em risco o processo de viver e ser saudável, provocando doenças e macro violências.**

Para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, **limite** é “o que impede, impossibilita, limita, freia, aprisiona ou sufoca; é não perceber que se tem limites; é algo que quer ser superado”. **O limite** “pode ser bom e pode ser ruim; é temporário, passageiro e dinâmico”. **Os limites do cotidiano** são “a saudade dos amigos e familiares; problemas de saúde: doenças pessoais e de familiares, tabagismo, ansiedade, preocupação; gravidez indesejada; dificuldades na relação interpessoal familiar e profissional; falta de organização para cuidar de si e dos outros; sobrecarga de trabalho e pressão institucional que impede o respiradouro”. **Os limites necessários ao ser saudável** são “controle de natalidade; combate às doenças, os super-remédios;

combate às drogas e o controle do tempo”.

Percebemos que os fenômenos do ciclo vital, a vivência de situações de doença pessoal e familiar, o ser saudável, o inserir-se em grupos sociais, as condições de trabalho e lazer, configuram-se e ganham expressão nas e pelas relações interpessoais estabelecidas no cotidiano.

Para Algumas Pessoas do NEI COLHEDOR, **força** “é o que impulsiona; uma energia; superação”. **Força é como** “algo intrínseco e singular; de troca, como uma energia”. As **forças existentes no cotidiano** são “persistência; força de vontade; fé e esperança; conhecimento da doença ou alteração de saúde a nível individual e familiar; encontros no NEI, como redes de solidariedade e afeto”. As **forças necessárias ao ser saudável** envolvem “a força de amar, através de amor e afeto; família e amigos; otimismo e força de vontade; fé, crença, esperança em Deus, nas coisas, em si e nas pessoas; a experiência e a condição do outro; buscar outras maneiras de viver criando brechas na rotina para o resgate e o (re) encontro consigo e com o outro, como o respiradouro; dar tempo ao tempo; boa relação no ambiente de trabalho; descobrir a própria força transmutando o limite em força; do estar doente, mas ser saudável e das formas de (re) ver as coisas”.

O cotidiano dessas pessoas manifesta-se por meio de atos efêmeros que se esgotam em si mesmos, apresentando uma *ética do instante*, valorizando, assim, os pequenos acontecimentos por meio dos quais a vitalidade do grupo se manifesta e se mantém. O cotidiano encontra-se, ainda, nos sentimentos, nas paixões, nas imagens e na fantasia e pode-se constatar nas transgressões, nas astúcias, nos jogos duplos, enfim, nas pequenas e eficazes resistências que também podem ser percebidas como mecanismos para harmonizar o contorno da violência.

Reconhecemos que a violência é um fenômeno complexo, histórico, multifacetado, com diferentes significados a depender da abordagem teórico-metodológica utilizada, que possa favorecer a uma maior visibilidade desse fenômeno tão presente em nossa sociedade.

Nas expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR **entende-se por violência** “transgressão e privação dos direitos; falta de responsabilidade e respeito: consigo, com os outros, com a natureza, os animais e as coisas; **um** aviltamento, uma

agressão, ao ser humano, à natureza, aos animais, do ambiente e às coisas”. A **violência se apresenta** “com tudo e com todos; com a criança; com os jovens; com a mulher; com o idoso; com a família; com o corpo e com os animais”. A **violência existe** “em todo lugar; em casa; na rua, no trânsito; na escola; na empresa ou na instituição de trabalho; nos e com os meios de comunicação”. A **violência está** “popular e exposta ao mundo, mais visível; banalizada; relacionada ao poder e sendo enfrentada com deficiência pela sociedade”. A **violência é** “polimorfa; cíclica e traz conseqüências para a saúde dos indivíduos”. Dentre os **tipos de violência**, tem-se “a impunidade; a injustiça; a mentira ou ato de mentir; a violência física; oral ou verbal; moral; mental; sexual; desigualdade social; uso de drogas lícitas e ilícitas; política e dos políticos”.

As diferentes expressões de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR sobre a violência mostram que a apreensão do problema é extremamente complexa, sem que possamos identificar uma origem da violência ou um só ângulo para abordá-la. Como refere Faleiros (1998, p. 8), “a violência se torna um filtro pelo qual podemos discernir a realidade numa múltipla constelação, e é um modo pelo qual a sociedade se manifesta historicamente (...) Não se pode cristalizar uma visão do problema como se fosse a única, como não são únicas as concepções de prazer, de sexualidade, de cotidiano. É uma categoria que só pode ser vista numa constelação teórica de perspectivas”. Assim, como não podemos construir “fórmulas mágicas” para o seu contorno, até porque as soluções precisam ser encontradas em cada pessoa, para cada caso.

Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, ao significarem a violência em seu cotidiano, reconheceram estratégias para o seu contorno, embasadas na sua potência. Para essas pessoas as **forças para contornar a violência no dia-a-dia** envolvem “entender para melhorar; evitar ler e ouvir sobre a violência, fuga ou astúcia; poder falar da violência; o cuidado; força em Deus, fé e esperança; não reproduzir a violência sendo mais otimista, determinada, delicada, amorosa e caprichosa; força no amor; perdoar; família e amigos; manter a paz e cultivar a felicidade; ser otimista; diminuir o ritmo de vida; desenvolvimento de redes familiares e sociais”.

Para Graham (1997, p. 21), “a violência faz parte do processo de modificação

da realidade”. Esse entendimento reitera o movimento de destruição e construção que a violência assume conforme Maffesoli (1987, p.21) ao referir que “a violência invoca uma nova construção”. Se a violência é “manifestada” pelos homens, ela também é passível de mudanças. É por cada pessoa e pelos movimentos sociais que o contorno da violência no cotidiano pode ser realizado!

A construção do ser saudável no cotidiano e o contorno da violência que se mostra no dia-a-dia foram revelados para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR como um processo, um modo que se apresenta enquanto forma, não sendo formante. Ou seja, não é uma receita, mas uma possibilidade que pode direcionar outras e novas maneiras de se trabalhar e de cuidar junto a essas pessoas, valorizando o cotidiano vivenciado.

Nas Oficinas de Criatividade e Sensibilidade, que integraram a espacialidade do “Projeto NINHO”, foi possível o estabelecimento de um relacionamento mais próximo, menos formal, que permitiu trocas importantes entre Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR. Essas oficinas se configuraram num espaço fértil para o diálogo, para o compartilhamento de vivências e saberes, para a busca de alternativas para o contorno dos limites do cotidiano, dentre eles a violência, além do resgate das forças ou potências na construção do ser saudável e contorno da violência no dia-a-dia., como fruto de uma necessidade e de um desejo coletivos construídos por pessoas num *ser-estar-junto...*, considerando-se toda a rede de significados, imagens, crenças, valores e comportamentos que integraram essa dinâmica convivência.

O prazer de ser-estar junto foi o ponto central que deu às discussões a característica, não de obrigação a ser cumprida, mas de um possível respiradouro na rotina cotidiana. Nele, a proximidade, a sensação de pertencimento, a valorização de cada um e de todos, o afeto, a confiança e o respeito mútuos formaram o solo fértil para a solidariedade e para a manifestação da potência, da força de cada pessoa, favorecendo a percepção de outras possibilidades de ser e viver saudável contribuindo para si mesmo e para o mundo.

Compreender o cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR nos fez refletir sobre vários aspectos em torno do seu ritmo e maneira de viver no dia-a-dia, que limita o processo de viver humano, mas que resgata a potência para o contorno

desses limites. Pudemos perceber que o cuidar dessas pessoas exige conhecer como estas vivem e se cuidam, interagem no seu meio, cuidam de si e dos outros, identificando suas dificuldades e forças. Dessa forma nós, profissionais de enfermagem e da saúde em geral podemos ajudá-las a agir de modo a atender as suas necessidades e desejos, resgatando as suas forças para contornar os limites do cotidiano.

Esse Encontro evidenciou a importância da Enfermagem no cuidar, na criação de novos espaços para o cuidar de pessoas e na efetivação de um compromisso com a comunidade. Enfermeira-pesquisadora e Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR conseguiram construir uma unidade sólida, capaz de penetrar dúvidas, ansiedades, angústias, em busca do crescimento mútuo e da superação de uma situação – a violência – sem desrespeitar as suas crenças e valores.

E essa não é uma forma de cuidar?

Entendo que sim, pois como revela Monticelli et al (1999, p. 97) citando Leininger, em sua Teoria de Enfermagem Transcultural,

a enfermagem é uma profissão científica e humanística, que é apreendida e focalizada no fenômeno do cuidado humano e em atividades que propiciem o cuidar, suporte, facilitação e capacitação a indivíduos ou grupos, para manter ou reaver o seu bem-estar, de uma forma culturalmente significativa e satisfatória, ou para ajudá-los a contornar as dificuldades ou a morte.

O encontro com o cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR pode não ter sido tarefa simples, mas sem dúvida apresentou uma área expressiva para o cuidado de Enfermagem. Quando essas pessoas revelam o seu cotidiano elas também revelam o seu mundo, com todas as pequenas e grandes situações que compõem o seu viver, abrindo também a possibilidade de uma melhor compreensão desse mundo, desde que se esteja aberto para perceber toda a sua dinamicidade.

A todo instante valorizamos as expressões de Algumas Pessoas do NEI COLHEDOR, suas vivências e seus saberes como singulares e importantes o que implica numa mudança na forma de pensar e agir na Enfermagem. Dispomo-nos a ouvir, a dialogar, a compartilhar para, a partir disso, poder construir, em parceria, um

novo olhar para a problemática da violência que limita o cotidiano, com estratégias para o seu contorno e construção do ser saudável no dia-a-dia, mais próxima da realidade vivenciada.

Num enfoque pós-moderno, ao se pensar o papel da enfermagem junto às pessoas ainda podemos considerar o que Hartmann (1995, p.7) nos traz sobre esta profissão na virada do milênio, tendo: “papel de tomada de decisão, no qual o profissional deixa de ser juiz para ser colaborador; papel de mestre-aprendiz, que enfatiza o estar aberto; papel de escultor da realidade, que pressupõe a possibilidade de reconstruir, modificar; papel de mediador e agente de mudanças; papel de ativista político, nos quais se trabalha questões de cidadania e papel auto-reflexivo”.

Mesmo não tendo a intenção de classificar o nosso papel nesse estudo, enquanto enfermeiras-pesquisadoras, acreditamos que assumimos os diferentes papéis propostos por Hartmann (1995, p. 7) ao colaborar com a construção do ser saudável no cotidiano e contorno da violência que se mostra no dia-a-dia para Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR. Assim, foi importante estarmos acessíveis e disponíveis para falar, escutar, sentir e compartilhar assuntos diversos de interesse dessas pessoas; quando propusemos, junto a elas, a possibilidade de re-construção do ser saudável no cotidiano, resgatando as suas potencialidades e enfrentando os seus limites, dentre eles a violência.

Consideramos que esse estudo possa mostrar as múltiplas formas que compõem a violência no cotidiano de Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR, bem como sensibilizar para a re-significação desse fenômeno no cotidiano, resgatando a potência de cada um e construindo o ser saudável no dia-a-dia. A proposta é de sensibilização, escuta e reflexão, pois acreditamos que, ao “parar”, “escutar” e “refletir sobre”, já podemos possibilitar alguma compreensão e impacto nas construções e reconstruções de interações e gestos individuais e coletivos.

Acreditamos que o enfoque dado a esse estudo tem um caráter diferencial e inédito, pois ultrapassamos a teorização quando compartilhamos com outras pessoas nossas visões de mundo e buscamos descobrir possibilidades e desafios para re-significar a violência no cotidiano de cada ser. Entendo que também possibilitamos, com esse estudo, a reflexão crítica individual e coletivamente sobre a problemática da

violência, proporcionando a Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR uma outra forma de olhar e agir, contornando-a.

Estudos dessa natureza poderão trazer subsídios para o pensar-fazer no cuidado às pessoas, uma vez que a violência permeia o cotidiano da atuação da enfermagem e de outros profissionais.

O conhecimento gerado a partir desse trabalho contribuirá teórico e metodologicamente aos existentes acerca dessa temática realizado em diferentes pesquisas, assim como os já desenvolvidos pelo NUPEQUIS-SC²⁵, CRESCER²⁶ e GAPEFAM²⁷, grupos de pesquisas comprometidos e atuantes na promoção de seres humanos e do seu processo de viver saudável, reforçando a sua área de conhecimento e o seu campo de atuação.

Pensamos que esse estudo poderá trazer contribuições pertinentes para as pessoas envolvidas, no Núcleo de Educação Infantil ACOLHEDOR, suas redes de interação, para os profissionais e a sociedade em geral, assim como para a prática, ensino e pesquisa em enfermagem. Enfim, enfatizamos a relevância em significarmos o cotidiano dos seres humanos, visto que as maneiras de viver podem sinalizar maneiras de cuidar, contribuindo para o seu movimento de ser saudável.

A partir desse encontro é que sustentamos a tese de que **compreender o cotidiano com seus limites e potencialidades, relacionados ao processo saúde-doença, significando a violência como um dos seus limites, resgata a potência para o contorno da violência e construção do ser saudável.**

Consideramos que a significação da violência no cotidiano, por si só, é uma força que as pessoas apresentam para a prevenção e o contorno da violência no dia-a-dia tornando-o mais saudável.

Poder falar da violência é uma força. Porque se daqui a pouco a gente não puder falar de toda essa violência (...) e tudo mais, então poderemos estar sendo violentados (TANGARÁ.)

²⁵ Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre o Quotidiano, Imaginário e Saúde de Santa Catarina- NUPEQUIS-SC em que sou membro.

²⁶ Grupo de Estudos sobre a Saúde da Criança e do Adolescente – CRESCER da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia em que sou membro.

²⁷ Grupo de Assistência, Pesquisa e Educação na Área de Saúde da Família da Universidade Federal de Santa Catarina.

BIBLIOGRAFIA

ABRAPIA. **Maus-tratos contra crianças e adolescentes:** proteção e prevenção – guia de orientação para profissionais de saúde. Petrópolis: ABRAPIA, 1992. 32p.

AGUDELO, S.F. Violence and health: preliminary elements for thought and action. **Int. J. Health Serv.**, v. 22, p. 365- 76. 1992.

ALTHOFF, C. R. **Convivendo em família:** contribuição para a construção de uma teoria substantiva sobre o ambiente familiar. 2001. 174 p. Tese (Doutorado em Enfermagem) Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

AMAT, C. et al. Necesidades Básicas y Calidad de Vida: apuntes para trabajo social. **Informe UNICEF**, n. 4/5. 1984.

ARENDT, H. **Da violência.** Brasília: EDUnB, 1985.

ARENDT, H. **Sobre violência.** Tradução de André Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. 114p.

ARGÔLLO, S. L. S.; CAMARGO, C. L. Situações de risco do recém-nascido relacionadas com a violência sofrida pela mãe no período gestacional. In: Congresso internacional Família e Violência, 1999, Florianópolis- Sc. **Livro Resumo.** Florianópolis: Papa- Livro, 1999. p.197- 197.

AZEVEDO, M. A. & GUERRA, V. **Infância e violência doméstica:** fronteiras do conhecimento. São Paulo: Cortez, 1996.

BALANDIER, G. **A desordem:** elogio do movimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BARRETO, A. Família, loucura e cultura. **Revista Família** (Centro de Estudos da Família), Fortaleza, ano 2, n. 1, p. 61-70. 1987.

BEAUCHAMP, T. L. & CHILDRESS, J. F. **Principles of Biomedical Ethics.** 4. ed. New York: Oxford University, 1994.

BECK, C.L.C. **O processo de viver, adoecer e morrer:** reflexões com familiares internados em unidade de terapia intensiva. 1995. 132p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Curso de Mestrado em Assistência de Enfermagem, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1995.

BECKER, M. J. A ruptura dos vínculos: quando a tragédia acontece. In: KALOUSTIAN,

S.M.(org). **Família brasileira: a base de tudo**. 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 2002. 183p.

BELLATO, R; CARVALHO, E. C. **Insignificâncias essenciais: a busca pelo reencantamento no cotidiano hospitalar**. Cuiabá: EDUFMT, 1998.

BETTINELLI, L.A. **Demonstrando consciência solidária nas relações do cuidado hospitalar: fazendo emergir o sentido da vida**. Tese (Doutorado em Enfermagem) Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano- compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BOFF, L. **O despertar da águia: o diabólico e o simbólico na construção da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1998. 174p.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. 92p.

BOWLBY, J. **Apego: a natureza dos vínculos**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 67p.

BOWLBY, J. **Maternal Care and Mental Health**. Genebra, WHO; Londres, HMSO; Nova Iorque, Columbia University Press, 1951.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Ministério da Saúde /SASA, Brasília, 1991, 24p.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional dos Direitos Humanos – **Glossário**. Brasília, 1998. p.1. mimeo.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. **Violência contra crianças e o adolescente: proposta preliminar de prevenção e assistência à violência doméstica**. Brasília. 1993.

BRASIL. **Violência contra crianças e o adolescente: proposta preliminar de prevenção e assistência à violência doméstica**. Ministério da Saúde /SASA, Brasília, 1997, 24p.

BRUSCHINI, M.C.A. **Mulher e família: cotidiano nas camadas médias paulistanas**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/ Revista dos Tribunais, 1990.

CABRAL, I. E. O método criativo e sensível: alternativa de pesquisa na enfermagem. In: GAUTIER J.H.M. et al. **Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

CABRAL, I. E; TIRREL, M. A. R. O objeto de estudo e a abordagem de pesquisa qualitativa na enfermagem. In: GAUTIER J.H.M. et al. **Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998. 302p.

CABRAL, I. E. Uma Abordagem criativo-sensível de pesquisar a família. In: ALTHOFF, C. R. et al (org.). **Pesquisando a família**: olhares contemporâneos. Florianópolis: Pápa-Livro, 2004. 168p.

CAMARGO, C.L.; BURALLI, K. O. **Violência familiar contra crianças e adolescentes**. Salvador: Ultragraph, 1998. 170p.

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. In: **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números. Tradução Vera da Costa e Silva et al. 20. ed.. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. 996p.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). **Resolução n. 196/96 de 10 de Outubro de 1996**. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadas de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: O Conselho, 1996.

CORBISIER, R. **Raízes da violência**. São Paulo: RCB, 2000. 296 p.

CORTÊS, S. da N. Q. et al (org). **Educando para os direitos humanos**: pautas pedagógicas para a cidadania na universidade. Brasília: Universidade de Brasília/Síntese Ltda. Brasília, 2003. 187 p. Disponível em <<http://www.unb.br/fd/nep/livro.1.pdf>>

CREMA, R. Paradigmas do cuidar numa sociedade em transformação. In: Conferência proferida no 50º Congresso Brasileiro de Enfermagem. **Anais...** Salvador. 1998.

DADOUN, R. **La Violence**. Paris : Hatier, 1993. 254p.

DESLANDES, S. F. **Prevenir a violência**: um desafio para o profissional de saúde. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ ENSP/ CLAVES, 1994.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Lisboa: Presença, 1989.

EFRAIM, I. Otimismo é fundamental, inclusive no trabalho. **Revista Gestão RH**, n. 56, p. 16, jan/fev. 2004.

EFRAIM, I. Otimismo prolonga tempo de vida. **Revista Isto É Gente**, n. 215, p. 43 15 set. 2003.

ELSEN, I. Desafios da enfermagem no cuidado de famílias. In: ELSEN, I. et al. **Marcos para a prática de enfermagem com famílias**. Florianópolis: UFSC, 1994.

ELSEN, I. **Concepts of health and illness and related behaviors among families living in a Brazilian fishing village**. San Francisco: University of California, 1984. Tese (Doutorado em Ciência da Enfermagem), University of California, 1984.

ENGELS, F. 1981. **Política**. São Paulo: Ática, 1981. 120 p.

ERDMANN, A. L. **Sistema de cuidados de enfermagem**. Pelotas: Universitária/UFPel, 1996.

FALEIROS, V. de P. **A questão da violência**. Disponível em <<http://www.faleiros.com.br>> Acesso em 18 dez. 1998.

FALEIROS, V. de P. Violência contra a criança. **Sociedade e Estado**, v.10, n. 2, p. 475-490, jul./dez. 1995.

FERÉZ-CARNEIRO, T. **Família: diagnóstico e terapia**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

FERNANDES, F. **Dicionário brasileiro contemporâneo**. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1967.

FERNANDES, S. L. S. A. **violência doméstica na gestação e baixo peso ao nascer**. 2000, 74p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Universidade Federal da Bahia, 2000.

FERNANDES, S. L. S. A.; SANTOS, N. O. D. dos. Baixo Peso ao Nascer e Características Maternas de Recém-Nascidos de Maternidade Pública de Salvador- Bahia. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v.15, n.1/2, p. 11-19, jan./ago. 2000.

FERRARI, M.; KALOUSTIAN, S. M. Introdução. In: KALOUSTIAN, S.M.(org). **Família brasileira: a base de tudo**. 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 2002. 183p.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004. 2120p.

FERREIRA, K. M. M. Violência doméstica/ intrafamiliar contra crianças e adolescentes- nossa realidade. In: **Violência doméstica contra crianças e adolescentes**. Recife: EDUPE, 2002. p.19- 43.

FIGUEIREDO, L. C. Adolescência e violência: considerações sobre o caso brasileiro. Comunicação apresentada no II Encontro “Adolescência e violência. Conseqüências da realidade brasileira”. **Anais...** São Paulo, 1996 (mimeo).

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 18.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1992.

GABEL, M. (org.) **Crianças vítimas de abuso sexual**. São Paulo: Summus, 1997.

GADOTTI, M. **Dialética do amor paterno**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GELLES, R.J. **Intimate Violence in Families**. London: SAGE Publications, 1997. 188 p.

GIRARD, R. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Paz e Terra/UNESP, 1990. 187p.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S.(org) et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 20.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GRAHAM, P. Mary Parker Follet (1868-1933): uma vida pioneira. In: GRAHAM, P. **PMPF: profeta do gerenciamento**. Rio de Janeiro: Qualymark; 1997. p. 11-33.

GUERRA, V. N. A. **Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GUNTHER, B. **Sensibilidade e relaxamento**. 6. ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1974.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, R.J: Vozes, 1995.

HARTMAN, S. Preparing modern nurse for postmodern families. **Holistic Nursing Practice**, v. 9, n. 4, jul. 1995.

HUMANE Society of the United States. Disponível em <<http://www.vegetarianismo.com.br/sitio>> Acesso em 13 Jul. 2007.

KASHANI, J.H.; DANIEL, A.E. & DNDYOY, A. C, Family violence: impact on children. **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, n. 31, p.181-189. 1992.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LACERDA, M.R. **Tornando-se profissional no contexto domiciliar: vivência de cuidado da enfermeira**. Tese (Doutorado em Enfermagem) Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

LEONARD.B. Crescimento e Desenvolvimento das Famílias. In: ATKINSON, L. D. e MURRAY, M.E. **Fundamentos de enfermagem: introdução ao processo de enfermagem**. Rio de Janeiro: Guanabara- Koogan, 1989. p. 203-209.

LEOPARDI, M. T. et al. **Metodologia da pesquisa na saúde**. Santa Maria: Palloti, 2001. 344 p.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, A. P et al. **DanSaúde...SaúDança: cuidando a imagem de ser saudável no cotidiano a partir da razão sensível junto às famílias**. Monografia (Graduação em Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

MADUREIRA, V. S. F. **Eu, você - nós: co-partícipes no educar**. 1994. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

MAFFESOLI, M. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. 167p.

_____. **A sombra do Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. A Superação do Indivíduo. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 12, n.1/2, p. 325-353. 1986.

_____. **Dinâmica da violência**. São Paulo: Revista dos Tribunais/Vértice, 1987. 159p.

_____. **O conhecimento comum**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. **Aux creux des apparences: pour une éthique de l'esthétique**. Paris : PLON, 1990. p. 110.

_____. **La contemplation du monde: figures du style communautaire**. Paris.: Grasset, 1993. 121 p.

MAFFESOLI, M. & ROUANET, S.P. **Moderno x Pós-Moderno**. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural, 1994.

_____. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.168p.

_____. **A reconsocialidade como fator de laço social**. Palestra no Curso de Pós-Graduação em Jornalismo da PUC- Porto Alegre-RS. Em 16 de outubro de 1996.

_____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. 232p.

_____. **A violência totalitária, ensaio de antropologia política**. Porto Alegre: Sulina, 2001. 312p.

_____. **A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna**. Rio de Janeiro: Record, 2004. 191p.

MALUF, S. **Encontros noturnos: bruxas e bruxarias da Lagoa da Conceição**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. 187 p.

MARCON, S. S. **Criar os filhos: experiências de famílias de três gerações**. 1998. 283p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

MASI, D. de. **O ócio criativo**. Disponível em <www.anprotec.org.br/locusespecial> Acesso em 05 mar. 2007.

_____. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. 328 p.

MCGOLDRICK, M. Mulheres e o ciclo de vida familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MELLO, A. A. **Cuidando do mundo com as famílias: a enfermagem e a música como razão sensível na promoção do ser saudável no cotidiano**. 2003. Monografia (Graduação em Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

MELO, Zélia Maria. Conceito de violência: uma reflexão nas relações familiares. Comunicação Oral do IV Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental. **Anais...** Recife. 5 a 8 de setembro de 2002. 7 p.

MICHAUD, Y. **A violência**. Trad. Garcia. São Paulo: Ática, 1989. (Coleção Princípios e Fundamentos). 175 p.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA Jr., C. E. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

MINAYO, M. C. S.(org) et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 80p.

_____. Violência contra idosos: relevância para um velho problema. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n.3, p. 783-791, mai-jun, 2003.

_____. A violência social sob a perspectiva de saúde. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 10, sup. 1, p.7-18. 1994.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo - Rio de Janeiro: HUCITEC – ABRASCO, 1992. 269 p.

_____. Violência e saúde na produção intelectual brasileira. In: Seminário sobre Metodologia da Pesquisa em Violência e Saúde na América Latina, 1990. **Anais...** Santiago – Chile, Rio de Janeiro: Claves, 1990. 27p.

MORA, J. F. **Dicionário de filosofia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MORAES, C. L.; REICHENHEIM, M. E.; HASSELMANN, M. H. Conseqüências da violência familiar na saúde da criança e do adolescente: contribuições para a elaboração de propostas de ação. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 4, p. 109-11.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Trad. Dulce Matos. 2.ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990. (Epistemologia e Sociedade). 246 p.

NASCIMENTO, E. S. **Compreendendo o cotidiano em saúde**. Texto distribuído em sala de aula. 1994. (Mimeografado).

NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta de criação. In: MINAYO, M. C. S.(org) et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 20 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

NITSCHKE, R. G. **Mundo imaginal de ser família saudável.** Florianópolis: UFSC, 1999.

_____. **Nascer em família:** uma proposta de assistência de enfermagem para a interação familiar saudável. 1991, 313p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Doenças crônico-degenerativas e obesidade:** estratégia mundial sobre alimentação saudável, atividade física e saúde. Brasília: Organização PanAmericana da Saúde, 2003. 60p.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE. **Resolucion XIX:** salud y violencia. Washington - DC, 1993. 10p.

ORTEGA Y GASSET, J.A **rebelião das massas.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

PATRÍCIO, Z. M. PLASS, A. **Algumas formas de relacionamento em famílias de adolescentes dependentes ou com uso abusivo de substâncias psicoativas.** 1996. Tese (Doutorado em Serviço Social) Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, UNICAMP, 1996.

PATRÍCIO, Z. M. **Ser saudável na felicidade-prazer.** Florianópolis: UFPel, 1996.

PATRÍCIO, Z. M. **A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual e coletivo: uma questão bioética numa abordagem holístico-ecológica.** 1995. 215p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal da Santa Catarina, 1995.

PATRÍCIO, Z. M. **A prática do cuidar/cuidado à família da adolescente grávida solteira e seu recém-nascido através de um marco conceitual de enfermagem de enfoque sócio-cultural.** 1990. 320p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal da Santa Catarina, 1990.

PAULA CARVALHO, J. C. **Antropologia das organizações e educação:** um ensaio holonômico. Rio de Janeiro: Imago, 1990. 194p.

PENNA, C. Família Saudável: uma análise conceitual. **Texto e Contexto Enfermagem,** Florianópolis, v.1, n.2, p. 89-99, jul./dez. 1992.

PENNA, C. M. de M. **Ser saudável no cotidiano da favela.** Pelotas: UFPEL; Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/ UFSC, 1997. 156 p.

PENNA, C. M. M. Necessidades... uma discussão acerca de saúde e moradia. **Cadernos de Enfermagem,** PUC-MG, Beto Horizonte, v.1, n.2, p. 67-77, out. 1993.

PEREIRA, Á. **O cotidiano profissional do enfermeiro: das aparências às diferenças de gênero**. Pelotas: UFPEL; Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFSC, 1999. 209 p.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PIMENTEL, S. et al. Violência conjugal na gravidez. **Revista de Estudos Feministas**. ano 1, jan./jun. 1993.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM-PEN. **Caderno do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem**. UFSC. Florianópolis- SC. 60p.

REZENDE, A. L. M. & CADETE, M.M.M. **Novos paradigmas da ciência e a melhoria da qualidade de vida**. Florianópolis. 1997. (mimeografado).

REZENDE, A. L. M. de. **A sedução dos mitos de saúde/doença na telenovela**. 1991. 289 p. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, USP, 1991.

REZENDE, A. L. M. de. Pós-Modernidade: o vitalismo do “chaos”. In: REZENDE, A. L. M.a de; RAMOS, F. R. S.; PATRÍCIO, Z. M. **O fio das moiras: o afrontamento do destino no cotidiano da saúde**. Florianópolis: UFSC, 1995.

RIBEIRO, N.R.R. **Famílias vivenciando o risco de vida dos filhos**. 1999. Tese (Doutorado em Filosofia de Enfermagem) Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

RIFIOTIS, T. **Alice no país dos conflitos e das violências: modelos de sociabilidade em crise**. Simpósio “Conflitos, violência e modelos de sociabilidade”. IV Reunião de Antropologia do Mercosul. Curitiba. 2001. Mimeo

RIFIOTIS, T. Nos campos da Violência: diferença e positividade. In: **Antropologia em primeira mão**. Florianópolis, 1997. 18 p.

ROSE, A. M. A systematic summary of symbolic interaction theory. In: RIEHL, J. C. e ROY, C. (ed). **Conceptual Models for nursing practice**. 2. ed. New York: Appleton-Century- Crofts, 1980.

ROSENKOETTER, M. M. Health promotion: the influence of pets on life patterns in the home. In WEGNER, Gail D. & ALEXANDER, Rinda J. **Readings in family nursing**. Philadelphia: J, B, Lippincoll Company. 1993.

SAFFIOTTI, H. I. B. Violência de gênero no Brasil contemporâneo. In: SAFFIOTTI, H.I.B., MUNOZ-VARGAS, M. **Mulher Brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994. p.151-186.

SAFFIOTTI, H. I. B. Violência doméstica ou lógica do galinheiro. In: KUPSTAS, M. (Org.). **Violência em debate**. São Paulo: Moderna, 1997. p. 39-57.

SAFFIOTTI, H. I. B., ALMEIDA, S. S. **Violência de gênero: poder e impotência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1995. 208p.

SALEM, T.M. Conflito, Poder e Negociação na Família: a questão geracional. In: **O velho e o novo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

SANTANA, J. S.da S. **A creche sob a ótica da criança**. Feira de Santana: (Bahia), 1998, 149p.

SANTANA, M. da G. **O corpo dialético: significados e subjetividade**. 1998. Tese (Doutorado em Filosofia de Enfermagem), Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

SANTOS, H.O. **Crianças violadas**. CBIA/ CRAMI, Brasília, 1991. 114p.

SAUCEDO, I. Violência doméstica um problema emergente. In: HARDY, H. et al. **Ciências sociais e medicina**. Atualidades e perspectivas latino-americanas. São Paulo: SEMICAMP, 1995. p.99-130.

SCHATZMAN, L. & STRAUSS, A. L. **Field research: strategies for a natural Sociology**. New Jersey: Prentice-hall, 1973.

SILVA, J. M. da. **Anjos da perdição: futuro e presente na cultura brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 1996, 246p.

SIMÕES, C. C. da S. **Perfis de saúde e de mortalidade no Brasil: uma análise de seus condicionantes em grupos populacionais específicos**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2002. 141p.

SOREL, G. **Reflexões sobre a violência**. Trad. P. Neves. São Paulo: M. Fontes, 1992. 257 p.

STAMM, M. **A enfermeira cuidando de famílias em situação de alcoolismo com uma abordagem transpessoal**. 2000. Dissertação. (Mestrado em Enfermagem) Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

STRAUS, M. A & GELLES, R.J.. **Physical Violence in American Families. Risk Factors and Adaptations to Violence in 8.145 Families**. Transaction publishers, new Brunswick (USA) and London (UK), 1995. 614p.

SZYMANSKI, H. Teorias e “Teorias” de Famílias. In: CARVALHO, M.C.B. (organizadora) **A família contemporânea em debate**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997, p.23-27.

TAKASHIMA, G. M. K. O Desafio da Política de Atendimento à Família: dar vida às leis – uma questão de postura. In: KALOUSTIAN, S.M.(org). **Família brasileira: a base de tudo**. 5ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 2002. 183p.

TEIXEIRA, M. C. S. ; PORTO, M. R. S.. Violência, Insegurança e Imaginário do Medo. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 47, . p. 51-66.dez. 1998

TEIXEIRA, M. C. S. **Antropologia, cotidiano e educação**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 685p.

VASCONCELOS, C. M. da C. B. Educação: esse processo mágico da (trans)formação. In: ERDTMANN, B. K et al. **Cuidar e pesquisar na enfermagem**: relatos de experiências. Florianópolis: Papa-Livro, 2004. 260p.

VELHO, G.; ALVITO, M. **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro, FGV. 1996. 140 p.

VICENTE, C. M. O Direito à Convivência Familiar e Comunitária: uma política de manutenção do vínculo. In: KALOUSTIAN, S.M.(org). **Família brasileira**: a base de tudo. 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 2002. 183p.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes; 1991.

WAIMAN, M. A. P. **Enfermeira e família compartilhando o processo de reinserção social do doente mental**. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina.

WEIL, P. & TOMPAKOW, R. **O corpo fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

WIEVIORKA, M. O novo paradigma da violência. In **Tempo Social**. 9(1): 5-41, São Paulo, USP, maio. 1997.

ZALUAR, A. **A complexidade da violência**: determinantes e conseqüências. Disponível em <http://www.cnpq.br/areas/pronex/resumos/humanas/073_98.htm> Acesso em 26 mar. 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a):

Eu, Sônia Lorena Soeiro Argôllo Fernandes, aluna do Doutorado de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, estou desenvolvendo a pesquisa intitulada “SIGNIFICANDO A VIOLÊNCIA NO QUOTIDIANO FAMILIAL PARA (RE) SIGNIFICAR UM QUOTIDIANO SEM VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA”.

O interesse em desenvolver este estudo vem da constatação de que a violência é um fenômeno complexo, possuidor de diversos significados, que variam de sociedade para sociedade a depender dos costumes, crenças, valores, hábitos, cultura.

É no cotidiano que os indivíduos constroem a sua história, atribuem símbolos e significados às suas ações diárias, na relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Portanto é no dia-a-dia que as pessoas constroem o seu vivido e é nele que a vida se mostra em pequenos e grandes acontecimentos.

O presente estudo tem por objetivo compreender o significado da violência atribuído pelos sujeitos em seu cotidiano familiar para uma possível (re) significação de um cotidiano sem violência na família, a realizar-se sob orientação da Profa. Dra. Rosane Gonçalves Nitschke, docente do Programa de Doutorado em Enfermagem da UFSC.

Você está sendo convidada (o) para participar desta pesquisa que será desenvolvida no segundo semestre de 2005 e que já foi aprovada pelo Comitê de Ética

em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da UFSC. A sua participação nesta pesquisa oferecerá a você a oportunidade de refletir individualmente e em conjunto com outras pessoas, sobre as suas experiências e aspectos que constituem a sua vida diária, as suas relações familiares e os significados atribuídos às ações e relações no cotidiano, para uma maior compreensão do significado da violência, bem como a possibilidade da sua (re) significação no cotidiano familiar, no sentido de estar prevenindo a violência, assim como promovendo interações mais saudáveis na família. Dada a carência de estudo nesta área, a sua participação é inestimável, por nos auxiliar a melhor compreender o significado do fenômeno da violência o que poderá auxiliar na prevenção desse agravo e na prática de cuidado e de promoção à saúde dos membros familiares, pelos (as) profissionais de enfermagem, dos (as) quais se espera uma atuação efetiva e aderente às reais necessidades e aos desafios dos seres humanos em seus processos de vida, enquanto usuários dos Serviços Sociais e de Saúde.

Seu envolvimento nesta pesquisa implicará na participação em entrevista individual e participação em oficinas para discussão grupal da temática do estudo.

A entrevista individual será previamente agendada e poderá ocorrer em uma sala do Núcleo de Educação Infantil Orisvaldina Silva, em sua casa ou outro lugar de sua escolha. Durante a entrevista serão feitas algumas perguntas relacionadas à sua história de vida e aos aspectos que compõem o seu cotidiano. Essa entrevista durará mais ou menos uma hora e será gravado em fita cassete, após o seu consentimento.

As oficinas serão realizadas em conjunto com outros (as) participantes do estudo para possibilitar um momento de reflexão e discussão conjunta a respeito do significado do fenômeno da violência e aspectos do cotidiano familiar. Poderá ocorrer em uma sala do Núcleo de Educação Infantil Orisvaldina Silva ou em outro local, em dias e locais acordados no primeiro encontro com todos (as) os (as) participantes. Esses encontros serão gravados em fita cassete, após o consentimento de todos os (as) envolvidos (as).

As entrevistas individuais e as oficinas serão registradas pela pesquisadora, através de notas metodológicas, durante e após estes procedimentos.

As transcrições das entrevistas individuais serão entregues a cada participante para a validação das informações e depois devolvidas à pesquisadora. As transcrições

das oficinas serão lidas em conjunto para os (as) participantes para que possam validar as informações registradas. O resultado final desta pesquisa será também apresentado aos participantes.

Durante as oficinas poderão ser registrados fotografias com o objetivo de ilustrar a dinâmica das atividades desenvolvidas pelos participantes mediante consentimento de todos (as) os envolvidos. Essas fotografias não terão a intenção de expor nenhum participante em específico, mas de registrar o momento singular da dinâmica do grupo no desenvolvimento das atividades nas oficinas.

Todas as informações obtidas na sua entrevista, nas observações e nos encontros permanecerão confidenciais. Serão utilizados nomes fictícios para manter o anonimato nas informações e no relatório da pesquisa. Todas as informações serão usadas somente para este estudo. Durante o estudo e após o seu término, todas as informações serão guardadas em local seguro aos cuidados das pesquisadoras por um período de cinco anos. Somente as pesquisadoras terão acesso às informações.

Sua participação nesta pesquisa é completamente voluntária. Sua decisão de não participar ou se retirar em qualquer momento não terá qualquer implicação para você. Todos os procedimentos da pesquisa não trarão qualquer risco à sua vida e a sua saúde, mas esperamos que tragam benefícios em função das discussões e possíveis (re) significações de interações mais saudáveis no cotidiano familiar para a prevenção da violência. A sua participação não implicará em nenhum ônus para você, nem para o local onde estará sendo desenvolvido esse estudo.

Caso você tiver ainda alguma outra dúvida em relação à pesquisa, ou quiser desistir em qualquer momento, poderá comunicar-se pelo telefone abaixo ou fazê-lo pessoalmente.

Pesquisadora: Sônia Lorena S. A. Fernandes. Fone: (48) 3223-0438

Assinatura: _____

Eu, _____, fui esclarecido (a) sobre a pesquisa: “SIGNIFICANDO A VIOLÊNCIA NO QUOTIDIANO FAMILIAL PARA (RE) SIGNIFICAR UM QUOTIDIANO SEM VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA” e

concordo em participar dela e que os meus dados sejam utilizados na realização da mesma. Compreendo que serei entrevistado (a) e participarei de oficinas, em locais e horários a serem combinados, dentro de minhas possibilidades, tendo liberdade de responder ou não aos questionamentos e desistir de participar da pesquisa a qualquer momento; estou ciente de que as entrevistas e oficinas serão gravadas e que durante as oficinas poderão ser registradas fotografias com o objetivo de ilustrar a dinâmica das atividades realizadas; compreendo que todos os procedimentos da pesquisa não trarão qualquer risco à minha vida e à minha saúde, mas a minha participação poderá me oferecer a oportunidade de refletir acerca do significado da violência, bem como possíveis (re) significações de interações mais saudáveis no cotidiano familiar para a prevenção desse fenômeno.

Florianópolis, _____ de _____ de 2005.

Assinatura: _____

RG:

Nota: O presente Termo terá duas vias, uma ficará à guarda das pesquisadoras e a outra via é da posse da própria participante da pesquisa. Este protocolo de pesquisa, nº 185-2005 foi aprovado pelo Comitê de Pesquisa com Seres Humanos da UFSC em 08 de agosto de 2005. O processo da pesquisa iniciará após ter sido dada aos (às) participantes uma ampla explicação sobre a meta, propósito e processo da pesquisa e após a obtenção por escrito do consentimento livre e esclarecido. Durante a explicação serão assegurados: o direito de recusar a participar ou de se retirar da pesquisa em qualquer momento, a confidencialidade das informações e o anonimato das identidades dos (as) participantes.

APÊNDICE II

Planejamento Primeiro Encontro com Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
DOUTORADO EM ENFERMAGEM

PESQUISA: *SIGNIFICANDO A VIOLÊNCIA NO QUOTIDIANO FAMILIAL PARA
(RE)SIGNIFICAR UM QUOTIDIANO SEM VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA: o resgate da
potência familiar*

PLANEJANDO O PRIMEIRO ENCONTRO

DATA: 25-08-05 (5ª feira)

HORÁRIO: 18:30 às 19:30 h

LOCAL: Núcleo de Educação Infantil Orisvaldina Silva

PRIMEIRO MOMENTO: preparação, organização do ambiente e técnica de alongamento.

(Tempo estimado: 10 minutos)

- ✓ Convidar os participantes para que se acomodem na sala do NEI de maneira confortável e agradável respeitando a sua condição física. Poderá sentar-se numa cadeira ou almofadas espalhadas pelo chão posicionando-se em forma de círculo.
- ✓ Distribuir o crachá para que cada participante possa escrever o seu “nome” (apelido ou qualquer nome de livre escolha) para facilitar a identificação dos sujeitos na pesquisa e ao mesmo tempo assegurar o anonimato dos participantes possibilitando a organização dos dados pelo pesquisador.
- ✓ Técnica de alongamento com música ambiente.

SEGUNDO MOMENTO: apresentação do grupo e expectativas dos participantes.

(Tempo estimado: 30 minutos)

- ✓ Estabelecer um contrato de pesquisa com os participantes representados pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Conselho Nacional de Saúde, 1996).
- ✓ Dinâmica “construção da teia”: apresentação e expectativas dos participantes.

O pesquisador deverá iniciar a dinâmica passando um novelo de lã para um dos participantes e assim sucessivamente para que o mesmo se apresente no grupo dizendo: o seu nome; seu vínculo com o NEI; como é que ele está; o que o que lhe trouxe até aqui e como é que está o seu dia-a-dia?

Depois o último participante deverá devolver o novelo de lã para quem o entregou simbolizando com uma palavra o que deseja para essa pessoa, até que todos participem.

TERCEIRO MOMENTO: discussão da formação simbólica da teia.

(Tempo estimado: 10 minutos)

QUARTO MOMENTO: aliança e avaliação do dia.

(Tempo estimado: 10 minutos)

- ✓ Avaliar os temas e as formas de dinâmica que têm sido desenvolvidas no grupo;
- ✓ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- ✓ Agendar com o grupo o próximo encontro (dia, horário e local);
- ✓ Enfatizar o “compromisso” em participar, investindo em si mesma(o), fazendo novas amizades, cuidando de si mesma(o) e do(a) outro(a), trocando conhecimentos e experiências vividas.
- ✓ Dinâmica de alongamento final: fortalecimento do grupo.

Solicitar aos participantes que em círculo expresse, através de uma palavra, como se sentiu hoje. Para finalizar solicitar que todos dêem as mãos e aproximem-se com um grande abraço coletivo.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Crachás

Canetinhas

Papel A4

Aparelho de som

CD ambiente

Gravador

Fita cassete

Pilhas

Máquina fotográfica

Lanche

APÊNDICE III

Planejamento Segundo Encontro com Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
DOUTORADO EM ENFERMAGEM

PESQUISA: *SIGNIFICANDO A VIOLÊNCIA NO QUOTIDIANO FAMILIAL PARA
(RE)SIGNIFICAR UM QUOTIDIANO SEM VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA: o resgate da
potência familiar*

PLANEJANDO O SEGUNDO ENCONTRO

DATA: 08-09-05 (5ª feira)

HORÁRIO: 18:30 às 20:30 h

LOCAL: Núcleo de Educação Infantil Orisvaldina Silva

PRIMEIRO MOMENTO: preparação, organização do ambiente e técnica de alongamento.

(Tempo estimado: 20 minutos)

- ✓ Convidar os participantes para que se acomodem na sala do NEI de maneira confortável e agradável respeitando a sua condição física. Poderá sentar-se numa cadeira ou almofadas espalhadas pelo chão posicionando-se em forma de círculo.
- ✓ Distribuir o crachá para que cada participante possa escrever o seu “nome” (apelido ou qualquer nome de livre escolha) para facilitar a identificação dos sujeitos na pesquisa e ao mesmo tempo assegurar o anonimato dos participantes possibilitando a organização dos dados pelo pesquisador.
- ✓ Técnica de alongamento com música ambiente.

SEGUNDO MOMENTO: apresentação do grupo e expectativas dos participantes.

(Tempo estimado: 30 minutos)

- ✓ Estabelecer um contrato de pesquisa com os participantes representados pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Conselho Nacional de Saúde, 1996).
- ✓ Dinâmica do cofrinho: apresentação e expectativas dos participantes.

O pesquisador deverá iniciar a dinâmica distribuindo um **pedaço de papel** para cada participante pedindo para que o mesmo escreva **o que gostaria que fosse discutido no grupo**. A seguir o pesquisador passará no círculo um cofrinho para que cada participante deposite ali o papel com o(s) tema(s) e **se apresente para o grupo dizendo**: o seu **nome**, seu **vínculo com o NEI**, **o que lhe trouxe até este projeto e como está o seu dia-a-dia**.

Ou

- ✓ Dinâmica da flor: apresentação e expectativas dos participantes.

O pesquisador deverá iniciar a dinâmica passando uma flor para o participante que está ao seu lado direito e assim sucessivamente para que o mesmo se apresente no grupo dizendo: o seu nome, seu vínculo com o NEI, o que lhe trouxe até este projeto e o que gostaria que fosse discutido nesse espaço. A dinâmica será finalizada até que todos tenham participado.

TERCEIRO MOMENTO: resgate das potencialidades dos participantes.

(Tempo estimado: 45 minutos)

- ✓ Dinâmica do balão: que força eu tenho?

Ouvindo uma música ambiente, cada participante deverá pensar na sua vida, no seu dia-a-dia, em situações que estão vivenciando ou que já vivenciaram, nas suas forças e jeito de ser, para resolver os seus problemas ou conquistar as coisas que têm ou que tiveram.

Depois cada participante deverá encher o seu balão e compartilhar com o grupo o que mais considera forte em sua maneira de ser, que possibilite vencer os seus desafios ou adquirir as suas conquistas.

A seguir deverá estourar o seu balão, como representação da sua “força- poder”.

Cada participante dará continuidade à dinâmica até que todos estourem os seus balões.

Discussão no grupo dos aspectos mencionados.

QUARTO MOMENTO: aliança e avaliação do dia.

(Tempo estimado: 25 minutos)

- ✓ Avaliar os temas e as formas de dinâmica que têm sido desenvolvidas no grupo;
- ✓ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- ✓ Agendar com o grupo o próximo encontro (dia, horário e local);
- ✓ Enfatizar o “compromisso” em participar, investindo em si mesma(o), fazendo novas amizades, cuidando de si mesma(o) e do(a) outro(a), trocando conhecimentos e experiências vividas.
- ✓ Dinâmica do bombom: fortalecimento do grupo.

Cada participante receberá um bombom, mas que não será seu. Solicitar aos participantes que em círculo expresse, através de uma palavra, como se sentiu hoje e presenteie o colega com uma palavra e o bombom recebido. Para finalizar solicitar que todos dêem as mãos e aproximem-se com um grande abraço coletivo.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

- Crachás
- Canetinhas
- Papel A4
- Aparelho de som e cd ambiente
- Gravador
- Fita cassete
- Pilhas
- Máquina fotográfica
- Cofrinho ou flor artificial
- Balões de soprar
- Bombons
- Lanche

APÊNDICE IV

Planejamento Terceiro Encontro com Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
DOUTORADO EM ENFERMAGEM

PESQUISA: *SIGNIFICANDO A VIOLÊNCIA NO QUOTIDIANO FAMILIAL PARA
(RE)SIGNIFICAR UM QUOTIDIANO SEM VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA: o resgate da
potência familiar*

PLANEJANDO O TERCEIRO ENCONTRO

DATA: 22-09-05 (5ª feira)

HORÁRIO: 19:00 às 21:00 h

LOCAL: Núcleo de Educação Infantil Orisvaldina Silva

PRIMEIRO MOMENTO: preparação, organização do ambiente e técnica de alongamento.

(Tempo estimado: 15 minutos)

- ✓ Distribuir o crachá para que cada participante possa escrever o seu “nome” (apelido ou qualquer nome de livre escolha) para facilitar a identificação dos sujeitos na pesquisa e ao mesmo tempo assegurar o anonimato dos participantes possibilitando a organização dos dados pelo pesquisador.
- ✓ Convidar os participantes para que se acomodem na sala do NEI de maneira confortável e agradável respeitando a sua condição física. Poderá sentar-se numa cadeira ou almofadas espalhadas pelo chão posicionando-se em forma de círculo.
- ✓ **Técnica de alongamento com música ambiente.**

SEGUNDO MOMENTO: apresentação do grupo e relato do dia-a-dia dos participantes.

(Tempo estimado: 20 minutos)

✓ Estabelecer um contrato de pesquisa com os participantes representados pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Conselho Nacional de Saúde, 1996).

✓ **Dinâmica da bolinha colorida:** Como está o seu dia-a-dia?

O pesquisador deverá iniciar a dinâmica passando a “bolinha colorida” para um dos participantes pedindo para que o mesmo **se apresente para o grupo dizendo:** o seu **nome**, seu **vínculo com o NEI e como está o seu dia-a-dia?**

TERCEIRO MOMENTO: apresentação dos painéis LIMITES e FORÇA-POTÊNCIA com o resumo das falas dos participantes do encontro passado (08-09-05).

(Tempo estimado: 20 minutos)

QUARTO MOMENTO: resgate das forças- potencialidades dos participantes e limites que impedem o ser saudável no dia-a-dia.

(Tempo estimado: 45 minutos)

✓ **Dinâmica da Confecção de Painéis:** definição e listagem de força- potência e limite.

Ouvindo uma música ambiente, cada participante deverá pensar em sua vida, no seu dia-a-dia e tentar refletir sobre as seguintes questões:

- O que é força- potência?
- Quais as forças para um “ser saudável”?
- O que é um limite?
- Que limites interferem no “ser saudável”?

Depois a pesquisadora solicitará que se **formem trios**. Cada trio receberá: 01 folha de cartolina amarela, 01 folha de cartolina branca, 01 tesoura, 01 bisnaga de cola, canetas coloridas e revistas.

Na folha de **cartolina branca** o trio deverá confeccionar um painel respondendo a seguinte questão: **O que é força- potência? E quais as forças para**

um “ser saudável”?. Na folha de **cartolina amarela** o trio deverá confeccionar um painel respondendo a seguinte questão: **O que é um limite? E que limites interferem no “ser saudável”?**

Cada trio deverá usar a criatividade através da escrita, pinturas, desenhos e-ou colagens. Porém o conteúdo deverá expressar a opinião dos participantes que compõem o trio.

Após todos terem confeccionado os cartazes cada trio se apresentará ao grupo relatando o que foi discutido e o que foi construído pelos participantes.

Discussão no grupo dos aspectos mencionados.

QUINTO MOMENTO: aliança e avaliação do dia.

(Tempo estimado: 20 minutos)

- ✓ Avaliar os temas e as formas de dinâmica que foram desenvolvidas no grupo;
- ✓ Reafirmar a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- ✓ Agendar com o grupo o próximo encontro (dia, horário e local);
- ✓ Enfatizar o “compromisso” em participar, investindo em si mesma(o), fazendo novas amizades, cuidando de si mesma(o) e do(a) outro(a), trocando conhecimentos e experiências vividas.
- ✓ **Dinâmica da corrente:** fortalecimento do grupo.

No centro da sala será colocado um saco de balas sortidas. Cada participante deverá pegar uma bala e expressar através de uma palavra como se sentiu hoje permanecendo de pé. O próximo participante deverá pegar uma bala, expressar através de uma palavra como se sentiu e se posicionar ao lado do participante que estava de pé dando a mão para o mesmo. Todos deverão participar até que se forme uma corrente com todos os participantes de mãos dadas.

A seguir a pesquisadora distribuirá uma folha de papel para cada participante contendo a letra da música “Força Estranha” para que todos cantem juntos.

Para finalizar solicitar que todos se aproximem com um grande abraço coletivo.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

- Cópias do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”

- Crachás
- Canetinhas
- Papel A4
- Aparelho de som e cd ambiente
- Folha com a música “Força Estranha”
- Gravador
- Fita cassete
- Pilhas
- Máquina fotográfica
- Cartazes LIMITES e FORÇAS- POTÊNCIA
- Cartolina
- Fita adesiva
- Revistas
- Tesouras
- Colas
- Balas sortidas
- Lanche

MÚSICA

FORÇA ESTRANHA

(Música de Caetano Veloso. Voz de Roberto Carlos)

Eu ví o menino correndo, eu ví o tempo
Brincando ao redor do caminho daquele menino
Eu pus os meus pés no riacho
E acho que nunca os tirei
O sol ainda brilha na estrada
E eu nunca passei.

Eu ví a mulher preparando outra pessoa

O tempo parou pra eu olhar para aquela barriga
A vida é amiga da arte
É a parte que o sol me ensinou
O sol que atravessa essa estrada que nunca passou.

Por isso uma força me leva a cantar

Por isso essa força estranha no ar

Por isso é que eu canto

Não posso parar

Por isso essa voz tamanha.

Eu ví muitos cabelos brancos na frente do artista
O tempo não pára e, no entanto ele nunca envelhece
Aquele que conhece o jogo
Do fogo, das coisas que são
É o sol, é o tempo, é a estrada, é o pé, é o chão.

Eu ví muitos homens gritando, ouvi seus gritos
Estive no fundo de cada vontade encoberta
E a coisa mais certa de todas as coisas
Não vale um caminho sob o sol
E o sol sob a estrada, é o sol sob a estrada, é o sol.

APÊNDICE V

Planejamento Quarto Encontro com Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
DOUTORADO EM ENFERMAGEM

PESQUISA: *SIGNIFICANDO A VIOLÊNCIA NO QUOTIDIANO FAMILIAL PARA
(RE)SIGNIFICAR UM QUOTIDIANO SEM VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA: o resgate da
potência familiar*

PLANEJANDO O QUARTO ENCONTRO

DATA: 20-10-05 (5ª feira)

HORÁRIO: 19:00 às 21:00 h

LOCAL: Núcleo de Educação Infantil Orisvaldina Silva

PRIMEIRO MOMENTO: preparação, organização do ambiente e técnica de alongamento.

(Tempo estimado: 10 minutos)

✓ Distribuir o crachá para que cada participante possa escrever o seu “nome” (apelido ou qualquer nome de livre escolha) para facilitar a identificação dos sujeitos na pesquisa e ao mesmo tempo assegurar o anonimato dos participantes possibilitando a organização dos dados pelo pesquisador.

✓ Distribuir o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os participantes que estão vindo pela primeira vez.

- ✓ Convidar os participantes para que se acomodem na sala do NEI de maneira confortável e agradável respeitando a sua condição física. Poderá sentar-se numa cadeira ou almofadas espalhadas pelo chão posicionando-se em forma de círculo.
- ✓ **Técnica de alongamento com música ambiente.**

SEGUNDO MOMENTO: apresentação do grupo e relato do dia-a-dia dos participantes.

(Tempo estimado: 10 minutos)

- ✓ Estabelecer um contrato de pesquisa com os participantes representados pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Conselho Nacional de Saúde, 1996).
- ✓ **Dinâmica da flor**: Como está o seu dia-a-dia?

O pesquisador deverá iniciar a dinâmica passando uma flor para o participante que está ao seu lado direito e assim sucessivamente para que o mesmo **se apresente para o grupo dizendo**: o seu **nome**, seu **vínculo com o NEI** e **como está o seu dia-a-dia?**

TERCEIRO MOMENTO: apresentação resumida das falas dos participantes do encontro passado (22-09-05). Enfatizar a temática da Violência.

(Tempo estimado: 05 minutos)

QUARTO MOMENTO: Conhecendo sobre a violência.

(Tempo estimado: 35 minutos)

- ✓ **Dinâmica da Criatividade**: Ouvindo uma música ambiente, cada participante deverá pensar em sua vida, no seu dia-a-dia e tentar refletir sobre as seguintes questões:

- O que é violência para você?
- Como a violência se mostra para você no seu dia-a-dia?

Depois a pesquisadora solicitará que se **formem duplas**. Cada dupla receberá: folhas de papel A4 de cor branca, tesoura, bisnaga de cola, canetas coloridas e revistas.

Cada dupla deverá usar a criatividade através da escrita, pinturas, desenhos, colagens ou dramatizações respondendo às questões solicitadas. O conteúdo deverá expressar a opinião dos participantes que compõem a dupla.

Após todos terem respondido às questões cada dupla se apresentará ao grupo relatando o que foi discutido e o que foi construído pelos participantes.

Será fixado papel metro na parede da sala para que os participantes façam as colagens das suas produções.

Discussão no grupo dos aspectos mencionados.

QUINTO MOMENTO: aliança e avaliação do dia.

(Tempo estimado: 10 minutos)

- ✓ Avaliar os temas e as formas de dinâmica que foram desenvolvidas no grupo;
- ✓ Reafirmar a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- ✓ Agendar com o grupo o próximo encontro (dia, horário e local);
- ✓ Enfatizar o “compromisso” em participar, investindo em si mesma(o), fazendo novas amizades, cuidando de si mesma(o) e do(a) outro(a), trocando conhecimentos e experiências vividas.
- ✓ **Dinâmica do círculo musical:** fortalecimento do grupo.

Movimentando-se livremente cada participante receberá a letra da música “Palavras Repetidas” para que todos acompanhem o som da mesma. Após a escuta da música a pesquisadora solicitará para que o grupo através de uma palavra expresse como se sentiu hoje junto ao grupo.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

- Cópias do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”
- Aparelho de som e cd ambiente
- Folha com a música “Palavras Repetidas”
- Crachás
- Canetinhas
- Papel A4

- Pilhas
- Gravador
- Fita cassete
- Máquina fotográfica
- Colas
- Papel Metro
- Fita adesiva
- Revistas
- Tesouras
- Lanche

MÚSICA

Palavras Repetidas (Gabriel o Pensador - Aninha Lima - Legião Urbana)

A Terra tá soterrada de violência - de guerra, de sofrimento, de desespero - a gente tá vendo tudo, tá vendo a gente - tá vendo, no nosso espelho, na nossa frente - tá vendo, na nossa frente, aberração - tá vendo, tá sendo visto, querendo ou não - tá vendo, no fim do túnel, escuridão - tá vendo no fim do túnel escuridão - tá vendo a nossa morte anunciada - tá vendo a nossa vida valendo nada - tô vendo, chovendo sangue no meu jardim - tá lindo o sol caindo, que nem granada - tá vindo um carro-bomba na contramão - tá vindo um carro-bomba na contramão - tá vindo um carro-bomba na contramão - tá rindo o suicida na direção

“É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã porque se você parar pra pensar realmente não há”

A bomba tá explodindo na nossa mão - o medo tá estampado na nossa cara - o erro tá confirmado, tá tudo errado - o jogo dos sete erros, que nunca pára - 7, 8, 9, 10... cem - erros meus, erros seus e de Deus também - estupidez, um erro simplório - a bola da vez, enterro, velório - perda total, por todos os lados - do banco do ônibus ao carro importado - teu filho morreu? meu filho também - morreu assaltando, morreu assaltado - tristeza, saudade, por todos os lados - tortura covarde, humilha e destrói - eu vejo um Bin Laden em cada favela - herói da miséria, vilão exemplar - tortura

covarde, por todos os lados - tristeza, saudade, humilha e destrói - as balas invadem a minha janela - eu tava dormindo, tentando sonhar

“É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã porque se você parar pra pensar realmente não há”

Sou um grão de areia no olho do furacão - em meio a milhões de grãos - cada um na sua busca, cada bússola num coração - cada um lê de uma forma o mesmo ponto de interrogação - nem sempre se pode ter fé quando o chão desaparece embaixo do seu pé - acreditando na chance de ser feliz - eterna cicatriz - eterno aprendiz das escolhas que fiz - sem amor, eu nada seria - ainda que eu falasse a língua de todas as etnias - de todas as falanges, e facções - ainda que eu gritasse o grito de todas as Legiões - palavras repetidas - mas quais são as palavras que eu mais quero repetir na vida? - Felicidade, Paz, é... - Felicidade, Paz, Sorte - nem sempre se pode ter Fé, mas nem sempre - a fraqueza que se sente quer dizer que a gente não é forte.

APÊNDICE VI

Planejamento Quinto Encontro com Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
DOUTORADO EM ENFERMAGEM

PESQUISA: *SIGNIFICANDO A VIOLÊNCIA NO QUOTIDIANO FAMILIAL PARA (RE)SIGNIFICAR UM QUOTIDIANO SEM VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA: o resgate da potência familiar*

PLANEJANDO O QUINTO ENCONTRO

DATA: 10-11-05 (5ª feira)

HORÁRIO: 19:00 às 21:00 h

LOCAL: Núcleo de Educação Infantil Orisvaldina Silva

PRIMEIRO MOMENTO: organização do ambiente e técnica de alongamento.

(Tempo estimado: 05 minutos)

- ✓ Distribuir o crachá para que cada participante possa escrever o seu “nome” (apelido ou qualquer nome de livre escolha) para facilitar a identificação dos sujeitos na pesquisa e ao mesmo tempo assegurar o anonimato dos participantes possibilitando a organização dos dados pelo pesquisador.
- ✓ Distribuir o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os participantes que estão vindo pela primeira vez.
- ✓ Convidar os participantes para que se acomodem na sala do NEI de maneira confortável e agradável respeitando a sua condição física. Poderá sentar-se numa cadeira ou almofadas espalhadas pelo chão posicionando-se em forma de círculo.
- ✓ **Técnica de alongamento com música ambiente.**

SEGUNDO MOMENTO: apresentação do grupo e relato do dia-a-dia dos participantes.

(Tempo estimado: 10 minutos)

✓ Estabelecer um contrato de pesquisa com os participantes representados pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Conselho Nacional de Saúde, 1996).

✓ **Dinâmica da flor:** Como está o seu dia-a-dia?

O pesquisador deverá iniciar a dinâmica passando uma flor para o participante que está ao seu lado direito e assim sucessivamente para que o mesmo **se apresente para o grupo dizendo:** o seu **nome**, seu **vínculo com o NEI** e **como está o seu dia-a-dia?**

TERCEIRO MOMENTO: Trajetória Temática e Resgate da Violência.

(Tempo estimado: 15 minutos)

Fazer uma síntese da trajetória percorrida pelo grupo trazendo os temas que emergiram desde o primeiro encontro:

QUOTIDIANO:

LIMITES E FORÇAS PARA O SER SAUDÁVEL:

LIMITE	FORÇA- POTÊNCIA
“Meus problemas”.	“Meu problema em relação ao outro é pequeno”.
“Problemas pessoais”.	“Que a gente pense, que tenha o pensamento que o amanhã vai melhorar... só depende de mim e eu quero”.
“Sobrecarga de trabalho... pressão institucional... burocracia que impede da gente fazer o trabalho que gosta”.	“Vontade de romper com isso... minha força em acreditar que eu posso romper com isso”.
“Falta de respeito na relação patrão-empregado”.	“Com saúde a gente vai resolver... muita fé”.
“Colesterol alto”.	“Perder uns quilinhos”.
“Problema da mãe que é diabética, que se enche de bala... meu problema é ela”.	“Lutar pare ver se ela (mãe diabética) consegue parar de comer doces”.
“Falta de organização das coisas no dia-a-dia”.	“Força de vontade”.
“Tempo para me organizar para colocar as coisas no lugar (trabalho, casa, família)... falta de tempo para me cuidar”.	“Esperança para ser mais feliz e poder organizar tudo isso para poder cuidar de mim e dos outros”.
“É essa gravidez... ela foi totalmente indesejada... sou separada e aconteceu de vim mais uma... conflito de estar em casa dependendo do meu pai para tudo”.	“Força de vontade”.
“Problema de saúde do meu pai”.	“Está de novo no hospital (pai hospitalizado para resolver problema de saúde)”.

“Todo o momento que a gente está vivendo de desesperança”.	“Momentos como esse (Oficinas grupais)”.
“Minha doença... sou celíaca... como as coisas e passo mal”.	“Controlar aos poucos a vontade de comer as coisas”.
“Saudade... falta de tempo... de querer tentar, mas não conseguir alguma coisa”.	“Persistência”.
“Saudade... mudança de vida”.	“Força de vontade”.
“Dificuldades... problemas”.	“Querer é poder... eu quero, eu posso... só depende de mim”.

VIOLÊNCIA:

“A violência está presente no nosso dia-a-dia não só fisicamente, mas também nos gestos, nas palavras e nas atitudes”;

“A violência não é só quando ligamos a televisão e assistimos aos assaltos e os assassinatos, mas também na nossa própria casa quando batemos num filho ou até mesmo quando num momento de raiva falamos coisas que muitas vezes dói mais que uma agressão física”

“Violência é quando acusa a pessoa”;

“Tem gente que agride a pessoa por causa das drogas”;

“As drogas deixa as pessoas loucas, revoltadas, aí que elas começam agredir as pessoas”;

“Desrespeito ... não respeito com o outro e consigo”;

“Privação dos direitos”;

Como a violência se mostra:

“Violência: Oral, Mental (maus pensamentos), Física”

Violência física, doméstica e verbal

Como se apresenta:

- Através de crianças e idosos abandonadas;
- Violência doméstica;
- Jovens agressivos;
- Pessoas estressadas;
- Descaso de autoridades com o povo;
- Desigualdade social.

Violência Física;

Violência Urbana;

Violência Negligência;

Violência Camuflada;

Violência Política;

Violência Doméstica;

Violência do Trânsito.

✓ **Dinâmica do saquinho**: Resgate da Violência

A seguir a pesquisadora passará um saco com papéis coloridos para que cada participante retire um papel e guarde-o. Depois responda para o grupo:

- O que é violência para você?
- Como a violência se mostra para você no seu dia-a-dia?

QUARTO MOMENTO: Aprofundando os tipos de violência.

(Tempo estimado: 25 minutos)

✓ **Dinâmica “Varal dos Tipos de Violência”**:

Estender cordões na sala formando um grande varal com pregadores.

Solicitar para que os participantes **formem subgrupos de acordo com a cor do papel** (cada papel solicita a definição de um dos tipos de violência mencionado pelo grupo do encontro passado) que escolheu, cada qual leia o seu papel e responda a questão solicitada.

Cada subgrupo receberá: folhas de papel A4 da cor correspondente ao grupo (verde, amarela, azul, branca) e canetas coloridas.

Cada dupla deverá escrever no papel correspondente as questões solicitadas e depois prender no varal com pregadores. O conteúdo deverá expressar a opinião dos participantes que compõem o subgrupo.

Após todos terem respondido às questões cada subgrupo se apresentará ao grupo relatando o que foi discutido e o que foi construído pelos participantes.

Discussão no grupo dos aspectos mencionados.

QUINTO MOMENTO: aliança e avaliação do dia.

(Tempo estimado: 10 minutos)

- ✓ Avaliar os temas e as formas de dinâmica que foram desenvolvidas no grupo;

- ✓ Reafirmar a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- ✓ Agendar com o grupo o próximo encontro (dia, horário e local);
- ✓ Enfatizar o “compromisso” em participar, investindo em si mesma(o), fazendo novas amizades, cuidando de si mesma(o) e do(a) outro(a), trocando conhecimentos e experiências vividas.

- ✓ **Dinâmica do bombom**: fortalecimento do grupo.

Será passado no círculo um recipiente com bombons sortidos. Solicitar aos participantes que retire um bombom e expresse, se quiser, através de uma palavra como se sentiu hoje. Para finalizar solicitar que todos dêem as mãos e aproximem-se com um grande abraço coletivo.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

- Cópias do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”
- Aparelho de som e cd ambiente
- Crachás
- Canetinhas
- Papel A4 (branco, verde, amarelo e azul)
- Cordão
- Pregador
- Pilhas
- Gravador
- Fita cassete
- Máquina fotográfica
- Lanche

APÊNDICE VII

Planejamento Sexto Encontro com Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
DOUTORADO EM ENFERMAGEM

PESQUISA: *SIGNIFICANDO A VIOLÊNCIA NO QUOTIDIANO FAMILIAL PARA (RE)SIGNIFICAR UM QUOTIDIANO SEM VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA: o resgate da potência familiar*

PLANEJANDO O SEXTO ENCONTRO

DATA: 08-12-05 (5ª feira)

HORÁRIO: 19:00 às 21:00 h

LOCAL: Núcleo de Educação Infantil Orisvaldina Silva

PRIMEIRO MOMENTO: organização do ambiente e técnica de alongamento.

(Tempo estimado: 05 minutos)

- ✓ Distribuir o crachá para que cada participante possa escrever o seu “nome” (apelido ou qualquer nome de livre escolha) para facilitar a identificação dos sujeitos na pesquisa e ao mesmo tempo assegurar o anonimato dos participantes possibilitando a organização dos dados pelo pesquisador.
- ✓ Distribuir o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os participantes que estão vindo pela primeira vez.
- ✓ Convidar os participantes para que se acomodem na sala do NEI de maneira confortável e agradável respeitando a sua condição física. Poderá sentar-se numa cadeira ou almofadas espalhadas pelo chão posicionando-se em forma de círculo.
- ✓ **Técnica de alongamento com a música “Sal da Terra” CD de Ivete Sangalo.**

SEGUNDO MOMENTO: apresentação do grupo e relato do dia-a-dia dos participantes.

(Tempo estimado: 10 minutos)

✓ Estabelecer um contrato de pesquisa com os participantes representados pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Conselho Nacional de Saúde, 1996).

✓ **Dinâmica da cestinha do “Papai Noel”**: Como está o seu dia-a-dia?

O pesquisador deverá iniciar a dinâmica retirando um bombom da “cestinha do Papai Noel” e se apresentar **para o grupo dizendo**: o seu **nome**, seu **vínculo com o NEI e como está o seu dia-a-dia?** Depois passará a cestinha para o participante que está ao seu lado direito e assim sucessivamente para dar continuidade à dinâmica.

TERCEIRO MOMENTO: Síntese do encontro passado realizado em 10-11-05:

Resgate dos tipos de Violência.

(Tempo estimado: 05

minutos)

Fazer uma síntese dos tipos de violência definida pelos grupos.

QUARTO MOMENTO: Contorno da violência que se mostra no cotidiano

(Tempo estimado: 25 minutos)

✓ **Dinâmica “Quais as minhas forças para o contorno da violência?”**: Resgate das forças- potência para o contorno da violência que se mostra no cotidiano.

Ouvindo uma música ambiente, cada participante deverá pensar em sua vida, no seu dia-a-dia e em tudo que já foi compartilhado no grupo refletindo sobre a seguinte questão:

• **Diante dessa violência que se mostra, quais as minhas forças (potências) para enfrentar essa situação e tornar o meu dia-a-dia mais saudável?**

Depois a pesquisadora solicitará que cada participante responda numa folha de papel A4 a questão solicitada. Após todos terem escrito no papel, cada participante apresentará para o grupo as suas reflexões, até que todos tenham se apresentado.

Discussão no grupo dos aspectos mencionados.

QUINTO MOMENTO: avaliação do dia, aliança e confraternização de Natal.

(Tempo estimado: 15 minutos)

- ✓ Avaliar os temas e as formas de dinâmica que foram desenvolvidas no grupo;
- ✓ Reafirmar a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- ✓ Agendar com o grupo o próximo encontro (dia, horário e local);
- ✓ Enfatizar o “compromisso” em participar, investindo em si mesma(o), fazendo novas amizades, cuidando de si mesma(o) e do(a) outro(a), trocando conhecimentos e experiências vividas.
- ✓ **Dinâmica dos Desejos:** fortalecimento do grupo.

A pesquisadora presenteará cada participante com uma “Bota do Papai Noel” com uma mensagem de Natal dentro e solicitará para que cada participante avalie o encontro de hoje e através de uma palavra expresse o que gostaria que o Papai Noel “colocasse na bota que recebeu” para o “Natal e Novo Ano de 2006”. Depois que todos os participantes forem presenteados, cada um receberá a letra da música “É (Gonzaguinha)” para que todos cantem juntos e no final dêem um grande abraço coletivo.

- ✓ Colocar o Cd “Sambas de Natal”.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

- Cópias do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”
- Aparelho de som e cds (ambiente, Ivete Sangalo, Gonzaguinha, Sambas de Natal)
- Crachás
- Canetinhas
- Papel A4 (branco)
- “Meias de Papai Noel” com mensagens dentro
- Letra da música “É (Gonzaguinha)”
- Pilhas
- Gravador
- Fita cassete
- Máquina fotográfica

- Lanche

MÚSICA

OSAL DA TERRA (Roupa Nova)

Composição: Beto Guedes - Ronaldo Bastos

Anda, quero te dizer nenhum segredo
Falo nesse chão da nossa casa
Vem que tá na hora de arrumar
Tempo, quero viver mais duzentos anos
Quero não ferir meu semelhante
Nem por isso quero me ferir
Vamos precisar de todo mundo
Pra banir do mundo a opressão
Para construir a vida nova
Vamos precisar de muito amor
A felicidade mora ao lado
E quem não é tolo pode ver
A paz na Terra, amor
O pé na terra
A paz na Terra, amor
O sal da Terra
És o mais bonito dos planetas
Tão te maltratando por dinheiro
Tu que és a nave nossa irmã
Canta, leva tua vida em harmonia
E nos alimenta com teus frutos
Tu que és do homem a maçã
Vamos precisar de todo mundo
Um mais um é sempre mais que dois

Pra melhor juntar as nossas forças
É só repartir melhor o pão
Recriar o paraíso agora
Para merecer quem vem depois
Deixa nascer o amor
Deixa fluir o amor
Deixa crescer o amor
Deixa viver o amor
(O sal da terra)

MÚSICA

É (Gonzaguinha)

É...

A gente quer valer o nosso amor
A gente quer valer nosso suor
A gente quer valer o nosso humor
A gente quer do bom e do melhor
A gente quer carinho e atenção
A gente quer calor no coração
A gente quer suar, mas de prazer
A gente quer é ter muita saúde
A gente quer viver a liberdade
A gente quer viver felicidade

É...

A gente não tem cara de panaca
A gente não tem jeito de babaca
A gente não está com a bunda exposta na janela

Pra passar a mão nela

É...

A gente quer viver pleno direito

A gente quer viver todo respeito

A gente quer viver uma nação

A gente quer é ser um cidadão

A gente quer viver uma nação

APÊNDICE VIII

Modelo de Transcrição (parcial) de um dos encontros com Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

(MOMENTO DE ALONGAMENTO COM MÚSICA AMBIENTE)

Lorena: Vamos respirar um pouquinho, alongar esse corpo, vamos primeiro começar a respirar, pra lembrar da nossa respiração, do nosso dia-a-dia, mandar oxigênio para as nossas células pra que elas respirem bem e aí oxigenando o nosso organismo. Quando a gente inspirar que é puxar o ar, a gente vai oh estufar a barriga e quando a gente expirar que é colocar pra fora, a gente vai oh levar o abdome lá pra costela, para que o abdômen fique bem lisinho e poder ficar com um corpinho bem interessante. Jogar o ar pra dentro do organismo para atingir todas as células e estar irrigando todos os vasos. Agora a gente pode começar a alongar, tentar colocar a mão bem lá em cima para esticar bem o braço, tenta esticar o outro. Agora vamos flexionar, olhe pra trás, pra frente e estica bem, agora a gente vai descer até os pés, até onde a gente consegue, respeitando os nossos limites; por último a gente vai abaixando cabeça, fica lá um pouquinho, fica até onde conseguir, agora a gente vai subindo bem lentamente por último a cabeça, vamos desfazer vértebra por vértebra, agora vamos lá pro lado esquerdo, estica bem; agora direito, vamos puxar a cabeça, vamos encostar a cabeça lá no peito. Vamos girar a cabeça, depois para o lado inverso, agora só pra finalizar a gente vai inspirar bem forte e levantar os ombros até onde pudermos e depois vamos soltar esses ombros expirando bem forte até colocar para fora todo o ar que temos nos nossos pulmões. Ok! Já que a Guaxe e a Xexeu estavam lendo o termo, não entreguei pra Tangará, pra Canário pras meninas elas já tiveram acesso, já autorizaram, eu queria saber verbalmente já que por enquanto ainda não tive acesso a autorização escrita; se vocês autorizam a gravação e autorizam algumas fotografias. Vocês são contra?

Guaxe: Tem que participar sempre?

Lorena: Não! A gente até colocou uma notinha nisso, vocês participando hoje não significa que terão que participar todo o tempo. Seria interessante se pudesse, mas vai de acordo com a disponibilidade de vocês.

Xexeu: A fotografia é para que?

Lorena: Para estar registrando a dinâmica. Não vai servir como um registro de dados, por exemplo, de estar avaliando a fotografia como instrumento, com análise daquilo. Mas como registro das dinâmicas realizadas; acredito que seja como na própria dinâmica daqui do NEI, né? Quando vocês tiram fotos para estar registrando os eventos daqui, né?

Canário: as fotos que tiramos para registrar as nossas festas!

Xexeu: ah, então tudo bem!

Lorena: Então vocês autorizam?

Guaxe: Tudo bem

Xexeu: Tudo bem também! ...

(continuação ...)

APÊNDICE IX

Modelo de Transcrição das “Notas de Registro” de um dos encontros com Algumas Pessoas do NEI ACOLHEDOR

SEGUNDO ENCONTRO REALIZADO EM 08-09-05

“NOTAS DE REGISTRO” DO PESQUISADOR

Esse foi um dia de bastante ansiedade para mim, foi a primeira oficina em que eu coordenei neste estudo. Também juntou-se à isso aquela expectativa de sempre em saber quantas pessoas participariam.

O nosso “ponto de aquecimento”, ou seja, a nossa orientação ocorreu na livraria Convivência após o encerramento da reunião do NUPEQUIS- SC. Estava um pouco cansada, mesmo programando com antecedência as coisas sempre é um dia de bastante correria e expectativa, visto que são muitas as coisas para arrumar, comprar e levar. No dia fazia um pouco de frio, mas sem chuva. Estava ansiosa para saber se as mesmas pessoas que compareceram no encontro anterior retornariam ou se novas famílias apareceriam.

Ao chegar no NEI algumas famílias já estavam presentes e aos poucos outras foram chegando. Fiquei surpresa que metade dos participantes já havia vindo ao primeiro encontro e a outra metade estava vindo pela primeira vez. Isso para mim foi muito gratificante e interessante, por um lado pude conhecer novos familiares e por outro acredito que o retorno dos participantes que estavam no primeiro encontro pode demonstrar que as famílias precisam desse espaço de discussão e que a proposta metodológica vai de encontro com as suas necessidades.

Nesse dia trabalhamos com os limites e as potencialidades dos participantes. Foi muito rico e interessante, conforme resumo das falas no quadro a seguir:

Resumo das falas: **“Limites e Forças- Potência do Ser Saudável dos sujeitos do estudo”**

Nº	NOME	LIMITE	FORÇA- POTÊNCIA
01	Canário	“Meus problemas”.	“Meu problema em relação ao outro é pequeno”.
02	Tiziu	“Problemas pessoais”.	“Que a gente pense, que tenha o pensamento que o amanhã vai melhorar... só depende de mim e eu quero”.
03	Azulão	“Sobrecarga de trabalho... pressão institucional... burocracia que impede da gente fazer o trabalho que gosta”.	“Vontade de romper com isso... minha força em acreditar que eu posso romper com isso”.
04	Gaturamo	“Falta de respeito na relação patrão-empregado”.	“Com saúde a gente vai resolver... muita fé”.
05	Bigodinho	“Colesterol alto”.	“Perder uns quilinhos”.

06	Pichocho	“Problema da mãe que é diabética, que se enche de bala... meu problema é ela”.	“Lutar para ver se ela (mãe diabética) consegue parar de comer doces”.
08	Pula-Pula	“Tempo para me organizar para colocar as coisas no lugar (trabalho, casa, família)... falta de tempo para me cuidar”.	“Esperança para ser mais feliz e poder organizar tudo isso para poder cuidar de mim e dos outros”.
09	Risadinha	“É essa gravidez... ela foi totalmente indesejada... sou separada e aconteceu de vim mais uma... conflito de estar em casa dependendo do meu pai para tudo”.	“Força de vontade”.
10	Tangará	“Problema de saúde do meu pai”.	“Está de novo no hospital (pai hospitalizado para resolver problema de saúde)”.
11	Gaivota	“Todo o momento que a gente está vivendo de desesperança”.	“Momentos como esse (Oficinas grupais)”.
12	Corrupião	“Minha doença... sou celíaca... como as coisas e passo mal”.	“Controlar aos poucos a vontade de comer as coisas”.
13	Tico Tico	“Saudade... falta de tempo... de querer tentar, mas não conseguir alguma coisa”.	“Persistência”.
14	Brejal	“Saudade... mudança de vida”.	“Força de vontade”.
15	Trinca-Ferro	“Dificuldades... problemas”.	“Querer é poder... eu quero, eu posso... só depende de mim”.

Alguns familiares gostam de falar e outros são extremamente tímidos e envergonhados em se expor para o grupo. Mesmo respeitando a iniciativa de discurso de cada um, todos participaram registrando verbalmente e emocionalmente para o grupo os pontos que foram discutidos neste dia.

Alguns participantes ao exporem os seus limites se emocionaram, inclusive choraram. Percebo essa atitude como uma necessidade em compartilhar com o outro o seu “problema” e ao mesmo tempo percebo que este “espaço-oficina” cria um clima de confiança e interação que permite cada qual relatar a sua angústia ou vitória independente do vínculo emocional dos participantes. Em alguns momentos pude perceber e constatar que alguns participantes socializaram com o grupo o seu problema pela primeira vez, ou seja esse foi o momento em que eles falaram para alguém pela primeira vez o que sentiam.

Um dos relatos que mais me chamou a atenção foi de uma adolescente que referiu para o grupo que o seu problema atual é a sua gravidez indesejada. Mesmo tímida e com bastante vergonha de expor a sua opinião, como ela referiu,

ela conseguiu compartilhar com o grupo o seu limite. Isso reforça o clima de cumplicidade e simplicidade deste grupo. Percebo que essa adolescente pelas circunstâncias atuais precisa de uma atenção mais dirigida. Acho necessário conhecer um pouco mais sobre ela e sua família. Seria interessante sinalizar para a diretoria da escola que reforce com ela a nossa disponibilidade de entrevista individual.

Alguns participantes relataram problemas de saúde individual ou em um familiar solicitando um melhor conhecimento da doença. Outros participantes relataram “problemas familiares”, sem uma maior especificação. Apenas um participante referiu “falta de respeito na relação patrão-empregado”, porém não referiu o termo “violência” em nenhum momento. Mesmo questionando quais “problemas familiares”, não obtive êxito nas respostas. Será que não estavam à vontade ou não se sentiram confiantes no grupo? Mesmo percebendo subjetivamente a violência no relato dos limites de alguns participantes, nenhum deles mencionou o problema da violência. Lembro que no início da apresentação não falei diretamente que estudo sobre a temática da violência. Isso pode ter contribuído para que ninguém a mencionasse.

Em um momento da dinâmica da citação de uma palavra que identificasse a potência dos sujeitos acho que assumir uma postura incorreta enquanto pesquisadora ao tentar resumir para o participante o que ele (ela) havia expressado. Deveria ter pedido que a pessoa explicasse melhor o que havia dito e não induzido com as minhas palavras, apesar do(a) mesmo(a) ter validado o que eu disse.

Também pude perceber os gestos e palavras de solidariedade do grupo ao se sensibilizar com o problema do outro, ao tentar confortar o outro com gestos de carinho, experiências de vida ou palavras de incentivo para a resolução de problemas.

A dinâmica utilizada (balão que estoura) facilitou o movimento dos participantes e descontração do grupo. Percebo que oficinas dinâmicas facilitam a participação do grupo. Também a utilização de bombons agrada os participantes e suas crianças.

Alguns participantes levaram crianças ou companheiros, que não participaram diretamente das atividades ficando ao lado de fora da sala do NEI.

A oficina foi gravada (utilizei de dois gravadores) e fotografada, após consentimento dos participantes.

A oficina foi concluída no tempo previsto.

Acho interessante entregar o termo de consentimento livre e esclarecido no início do encontro.

Conseguir fazer alguns registros paralelamente com a discussão no grupo.

Devo referenciar ao me apresentar no próximo encontro que trabalho com a temática da violência e que me coloco a disposição para conversas individuais.

Apesar de o lanche estar disponível desde o início do encontro os participantes se serviram ao término do encontro. Acho que no próximo encontro devo colocar o lanche no meio do círculo para que os participantes se sirvam no decorrer da oficina.

Mantivemos encontros quinzenais. Penso em aprofundar os limites e as potencialidades dos sujeitos e trabalhar com dinâmicas em dupla ou trio no próximo encontro.

ANEXOS

ANEXO I

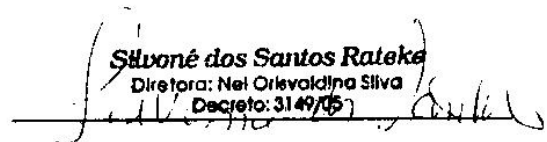
Declaração da Diretoria do “NEI ACOLHEDOR”



DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Instituição, tomei conhecimento do projeto de pesquisa “**Significando a Violência no Quotidiano Familiar para (Re) Significar um Quotidiano Sem Violência na Família**” e cumprirei os termos da Resolução CNS 196/96 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Florianópolis, 25/05/2005


Silvoné dos Santos Rateke
Diretora: Nei Orisvaldina Silva
Decreto: 3149/05

SILVONÉ DOS SANTOS RATEKE

ANEXO II

Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARNA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO - TRINDADE CEP: 88040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC
TELEFONE (048) 234-1755 - FAX (048) 234-4069

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS

Parecer Consubstanciado

Projeto nº: 185/2005

Título do Projeto: SIGNIFICANDO A VIOLÊNCIA NO QUOTIDIANO FAMILIAL PARA (RE)SIGNIFICAR UM QUOTIDIANO SEM VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA.

Pesquisador Responsável: Profa. Dra Rosane Gonçalves Nitschke, Professor Adjunto I do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina.

Pesquisador Principal: Sônia Lorena Soeiro Argôllo Fernandes

Instituição onde será realizado o estudo: Núcleo de Educação Infantil Orisvaldina Silva

Data de apresentação ao CEP SH: 09/06/05

Objetivo geral:

- Compreender o significado da violência, atribuído pelos sujeitos em seu cotidiano familiar para uma possível (re)significação de um cotidiano sem violência na família.

Sumário do Projeto:

Trata-se de um projeto de Tese do Programa de Pós-graduação em Enfermagem, que será desenvolvido pelo método qualitativo, utilizando entrevistas individuais, grupo focal (cujo roteiro não está descrito no projeto) e observação participante. Serão usados os subsídios de genograma e ecomapa. Os sujeitos pesquisados serão membros de famílias de crianças do Núcleo de Educação Infantil Orisvaldina Silva ou funcionários que trabalhem nesta instituição, que aceitem participar da pesquisa.

Comentários frente à Resolução CNS 196/96 e complementares:

O projeto justifica-se pela relevância do tema e vem ao encontro das necessidades da instituição no qual ele será realizado, pois, segundo descrito pela pesquisadora principal, é uma demanda da própria instituição (aliás, seria interessante que esta circunstância constasse na introdução).

Os outros documentos necessários também estão presentes, porém, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido solicita-se autorização para fotografar os participantes, o que não parece ser necessário nem justificado para fins desta pesquisa. Gostaríamos que as pesquisadoras justificassem de que forma a fotografia fornecerá subsídios para os dados da entrevista ou grupo focal.

Gostaríamos também de saber se haverá observação participante em outros momentos, além da entrevista e do grupo focal, visto que, parece que se ela for realizada apenas nestes momentos, os quais serão conduzidos pela pesquisadora, acreditamos que, no máximo, será possível fazer um diário de campo referente, enquanto entendemos que uma observação participante pressupõe maior tempo de observação, bem como maior possibilidade do pesquisador poder observar os sujeitos. Como a pesquisadora refere que a observação visa



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARNA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO - TRINDADE CEP: 88040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC
TELEFONE (048) 234-1755 - FAX (048) 234-4069

fornecer dados para as entrevistas e o grupo focal, seria interessante que fossem detalhados em que momentos ou durante quanto tempo esta observação será feita.

Lembramos ainda que a amostra será por conveniência e não aleatória como descrita no resumo do projeto enviado ao CEPSH.

Parecer do CEP:

(X) com pendência (detalhes pendência)*

Informamos que o parecer dos relatores foi aprovado por unanimidade, em reunião deste Comitê na data de 27 de junho de 2005.

Parecer Final: Aprovado

Justificativa: Todas as solicitações requeridas pelo CEP foram atendidas.

Informamos que o parecer dos relatores foi aprovado por unanimidade, em reunião deste Comitê na data de 08 de agosto de 2005.

Vera Lúcia Bosco

Vera Lúcia Bosco
Coordenadora do CEP